

# KRYON

<http://www.kryon.com>

LIVRO 5

# A Viagem para Casa

A História de Michael Thomas  
e os Sete Anjos

Lee Carroll

Os livros e outros textos de Kryon estão disponíveis em  
[www.velatropa.com](http://www.velatropa.com)

## QUEM É KRYON?

Kryon é uma entidade amorosa e gentil que está actualmente na Terra para nos ajudar na mudança para uma energia maior, a qual chamamos de Nova Energia. As palavras de Kryon mudaram a vida de várias pessoas e trouxeram amor e luz aos lugares mais escuros e recônditos do nosso ser interior. O enredo desta “parábola” foi inspirado por Kryon e escrito por Lee Carroll.

## INTRODUÇÃO

No dia 8 de Dezembro de 1996, Kryon manifestou-se diante de mais de 500 pessoas em Laguna Hills, Califórnia, durante o encerramento de um seminário. Numa sessão dedicada a contar histórias, de cerca de uma hora, o caminho de Michael Thomas foi apresentado – um caminho nascido do desejo de um ser humano, cansado da Terra, se juntar à sua família espiritual e retornar a Casa.

O próprio nome Michael Thomas representa os atributos sagrados e incríveis do Arcanjo Miguel (Michael) e as velhas energias de São Tomé (Thomas), o Incrédulo. Esta combinação representa muito do que nós sentimos como seres espirituais, embora sempre duvidando da capacidade de nos movermos para a frente em direcção a um novo milénio, que apresenta novas demandas espirituais de crescimento e desafios ameaçadores.

O caminho de Michael para Casa revela-nos, aos poucos, uma aventura através de Sete Moradas Coloridas, cada uma ocupada por um Grande Anjo. Cada Morada representa um atributo da Nova Era, que nela está inserido como sabedoria, ensinamento, bom humor e uma visão interior daquilo que Deus quer que saibamos sobre nós mesmos.

Com esta história ganhamos, também, uma visão da maneira como as coisas funcionam enquanto nos movemos através do novo paradigma da Nova Era.

Avançando para um movimentado e surpreendente final, o Caminho de Michael Thomas revela aos homens uma mensagem cheia de instruções de amor, vindas de uma fonte espiritual que, frequentemente, deseja “lavar os nossos pés”.

Se você já perguntou a Deus: “O que desejas que eu saiba?”, a resposta talvez esteja aqui!

Junte-se a Michael Thomas na sua excitante Viagem. Pode ser que ela o leve a lembrar-se do seu próprio caminho.

Este texto é dedicado àqueles que compreenderam  
que os seres humanos têm o poder de mudar as suas vidas,  
e que... as coisas nem sempre são o que parecem!

## 1 - Michael Thomas

Pedaços de acrílico preto voaram em todas as direcções quando Mike empurrou, com demasiada força, a caixa de “entrada de papéis” contra a parede do cubículo que era o seu escritório de vendas. Este era outro objecto inanimado que suportava o impacto da crescente sua raiva perante a situação em que vivia. De repente, uma cabeça levantou-se acima da planta artificial, empoeirada, à sua esquerda.

- Está tudo bem por aí? – perguntou o seu amigo John do cubículo anexo.

As paredes de cada cubículo tinham a altura suficiente para cada empregado julgar que tinha o seu próprio escritório. Mike colocara diversos objectos altos na secretária para disfarçar o facto de os colegas de trabalho estarem, permanentemente, a apenas um metro e meio de distância – todos eles fingindo estar sozinhos no seu “espaço”, e tendo conversas “particulares”.

O brilho da luz fluorescente, vinda do tecto acima dos cubículos, banhava-os com aquele tipo de falsa iluminação, típica de empresas e indústrias. Parecia absorver o vermelho do espectro visual, tornando todos pálidos... apesar de viverem na ensolarada Califórnia. Por ter passado anos sem apanhar sol, parecia ainda mais pálido. Mesmo assim respondeu, sem olhar para a planta de plástico, através da qual a cabeça de John tentava aparecer:

- Nada que uma viagem às Bahamas não cure.

Perante aquela resposta, o amigo encolheu os ombros e voltou a concentrar-se na papelada. Aquelas palavras tinham-lhe escapado dos lábios, mas ele sabia que jamais iria às Bahamas, ganhando o salário de vendedor nas “minas de carvão”, como os empregados chamavam ao local onde trabalhavam.

Começou a recolher os pedaços da bandeja de acrílico que estilhara e suspirou – coisa que fazia muito, ultimamente. Estava ali com que objectivo? Por que não sentia energia ou incentivo para melhorar a sua vida? Parou o olhar no ursinho de pelúcia, que oferecera a si próprio, e que dizia: “Abraça-me.” Ao lado do ursinho estava uma tira da sua banda desenhada preferida mostrando o “pássaro azul da felicidade”. Contudo, bem pelo contrário, lidava com a “galinha da depressão!” Não importando quantas caras sorridentes ou desenhos pregasse nas paredes daquele cubículo, continuava a sentir-se bloqueado. Levava uma existência parecida com o trabalho da fotocopiadora do escritório: todo dia duplicando tudo, sem nenhum propósito. A frustração e a impotência deixavam-no raivoso e deprimido, e os sinais começavam a aparecer. O seu supervisor já tinha reparado.

Michael Thomas tinha trinta e poucos anos. Tal como várias outras pessoas no escritório, “fazia o que era preciso para sobreviver”. Aquele era o único emprego que encontrara onde não tinha de se preocupar muito com o que fazia. Podia, simplesmente, desligar-se durante oito horas por dia, voltar para o apartamento, dormir, tentar pagar as contas pendentes durante fim-de-semana, e regressar ao trabalho na segunda-feira. Só sabia o nome de quatro pessoas das trinta que trabalhavam naquele escritório de Los Angeles, mas não se importava com isso. Ali estava há cerca de um ano, desde aquele problema emocional que lhe ferira o coração para sempre. Nunca compartilhara essas memórias com ninguém, embora lhe invadissem a cabeça quase todas as noites.

Vivia sozinho, se exceptuarmos o seu solitário peixe. Sempre quis ter um gato, mas o senhorio não permitia. Sentia-se no papel da “vítima” mas como a sua auto-estima estava sempre em baixa, continuava a “massajar a ferida” em que se tornara a sua vida, mantendo-a intencionalmente aberta e sangrando para se poder amparar nela. Nada mais podia fazer, e sabia não ter energia para mudar as coisas, mesmo que quisesse. Baptizou o peixe com o nome “Gato” por brincadeira, e conversava com ele quando chegava ao apartamento ou antes de sair para o trabalho.

- Mantém a fé, Gato – dizia-lhe, quando saía.

É claro que o peixe nunca respondeu.

Com cerca de um metro e noventa de altura, metia respeito. Por isso sorria. O seu sorriso largo tinha um charme que dissolvia todos os julgamentos que alguém pudesse fazer sobre a sua estatura. Não foi por acaso que se viu a trabalhar pelo telefone, onde os clientes não podiam vê-lo. Era uma forma de negar propositalmente o seu melhor atributo - quase uma prisão auto-imposta - o que lhe permitia mergulhar no melodrama da sua situação actual. Sobressaía devido às suas habilidades pessoais, mas raramente as usava, a não ser quando o trabalho lho exigia. Não cultivava amigos e, no actual estado de ânimo, o sexo oposto nem existia – apesar de as mulheres gostarem dele. Os seus colegas de trabalho diziam: “Mike, quando foi a última vez que tiveste uma namorada? Precisas de sair e encontrar uma boa moça. Muda essa mentalidade!”

Depois, todos voltavam para as suas casas, para as suas famílias, cachorros e filhos adoráveis... e, um ou outro, também para o seu peixe! Porém, não conseguia imaginar como poderia reconstruir a sua vida amorosa perdida. Decidiu que não valia a pena. Dizia para si mesmo:

- Encontrei a minha metade muito cedo, só que ela não sabia disso.

Nessa altura, estivera muito apaixonado, sentindo todas as expectativas que acompanham o amor. Ela, por outro lado, apenas se divertia. Quando, finalmente, disso se apercebeu, foi como se todo o seu futuro tivesse murchado e desaparecido. Amara-a com uma paixão singular, que, segundo acreditava, sentiria apenas uma vez na vida. Gastara todo o seu amor com ela... e ela rejeitara-o!

Fora criado pelos pais numa fazenda na pequena cidade de Blue Earth, no Minessota, mas tinha escapado de uma situação que considerava sem saída: cultivar produtos que, ou eram comprados por países estrangeiros ou armazenados indefinidamente em silos enormes, devido à superprodução. Desde muito cedo descobriu que a vida de fazendeiro não era para ele. O próprio país parecia não valorizar essa profissão. Que vantagem teria? Além disso, não aguentava o cheiro de tudo o que o rodeava. Queria trabalhar com pessoas, em vez de com animais e tractores. Tinha sido um bom aluno, e era absolutamente o melhor em qualquer coisa que envolvesse interacção com outras pessoas. Acabar por trabalhar em vendas fora algo natural para ele. Não teve, por isso, qualquer problema em encontrar um emprego como vendedor de uma série de produtos e serviços, que podia representar com honestidade. As pessoas adoravam comprar coisas a Michael Thomas.

Olhando para o passado, para o que os seus pais, agora mortos, tinham deixado, apercebeu-se que uma coisa ficara arreigada nele: a sua crença em Deus. "Ora! De que me serve isso agora!", pensava amargamente. Era filho único. Os seus amados pais tinham morrido num acidente de viação uns dias antes do seu 21º aniversário. Continuava a chorar a sua perda e mantinha à vista as fotos deles para se lembrar de como tinham vivido... e de como tinham morrido. Apesar de tudo, continuava a ir à igreja e a seguir o culto por mera formalidade. Quando o padre o questionava acerca do seu estado espiritual, admitia abertamente a fé e a crença na sua natureza espiritual. Estava certo que Deus era justo e amoroso, embora, de momento, não estivesse muito perto dele... pelo menos nos últimos anos, para dizer a verdade. Continuava a rezar por uma situação melhor, mas tinha pouca esperança que as coisas realmente mudassem.

Não era propriamente bonito, mas era bastante atractivo, pois herdara a postura altiva do pai. As mulheres achavam-no irresistível. O seu sorriso cintilante, o cabelo louro, o porte esbelto, o queixo quadrado e os profundos olhos azuis eram cativantes. Quem tivesse intuição percebia nele um homem íntegro. Por isso, confiavam nele imediatamente. Dispusera de diversas oportunidades para beneficiar indevidamente de várias situações – tanto nos negócios, quanto no romance – mas nunca se aproveitou. Era um produto da consciência firme dos fazendeiros – um dos únicos atributos valiosos da infância, passada na sua fria cidade natal. Era incapaz de mentir, e entendia intuitivamente quando outros precisavam de ajuda: abria as portas para as outras pessoas ao entrar e ao sair do supermercado, respeitava e conversava com os mais velhos, e sempre dava esmola aos pedintes, fossem homens ou mulheres, mesmo suspeitando que poderiam gastá-la em bebidas. Sentia que todos deveriam trabalhar em conjunto para melhorar as coisas. Nunca entendeu por que razão, na cidade que adoptara, as pessoas não conversavam nem se encontravam com os vizinhos. Talvez não precisassem de ajuda devido ao excelente clima. "Que irónico", pensou.

O seu único modelo feminino de mulher era a mãe; portanto, tratava as mulheres com o tipo de respeito que aprendera com aquela mulher, sensível e maravilhosa, de quem tanto sentia a falta. Parte daquela tristeza, agora, derivava do sentimento de ter sido traído no único relacionamento "real" que tivera. Mas, na verdade, aquela experiência fora apenas o resultado de um choque cultural: as expectativas não se tinham concretizado. A garota da Califórnia, que destroçara o seu coração, limitara-se a respeitar o seu conceito de amor. Ele, porém, não via as coisas assim. Recebera outro tipo de educação, e não tolerava opiniões diferentes sobre o assunto.

\* \* \*

E é assim que a nossa história realmente começa.

Ali estava Michael Thomas com a auto-estima em baixa, regressando a casa numa noite de sexta-feira, pronto para se fechar no seu apartamento, uma espécie de estúdio de duas assoalhadas... casa de banho

incluída. No caminho, parou na mercearia para comprar alguns suprimentos para sobreviver nos dias seguintes. Há muito tempo descobrira que podia fazer render o dinheiro se comprasse marcas genéricas e usasse sabiamente os vales de compras. Mas, qual era a verdadeira chave para a sua frugalidade? Não comer muito! Ao comprar comida enlatada, que não precisava de ser cozinhada, prescindia do fogão ou evitava pagar muito pelo consumo de energia eléctrica. Esta prática deixava-o desnutrido, com fome, e sem sobremesa... o que servia muito bem ao seu propósito de se sentir vítima. Além disso, descobriu que, se comesse todos os alimentos directamente da embalagem, junto do lava-loiça, não precisava de lavar qualquer prato, coisa que detestava. E gabava-se, junto de John, o seu colega de serviço e único amigo, da forma como tinha resolvido problema. Sabendo dos hábitos do amigo, John comentou, de brincadeira, que ele não tardaria a encontrar uma forma de não fazer nada – viver até sem apartamento – indo morar no abrigo mais próximo. Riu-se ao dizer isto e deu uma palmada nas costas do amigo. No entanto, pensou seriamente em considerar essa hipótese.

Quando saiu da mercearia e foi para o apartamento, já estava escuro. Uma neblina espessa ameaçava chuva, tornando tudo escorregadio e brilhante à luz artificial dos candeeiros da rua, reflectidos nos degraus da entrada do prédio. Feliz por viver no sul da Califórnia, sempre se lembrava dos Invernos rigorosos em Minnesota, onde crescera. Durante a juventude, sentira uma paixão pela Califórnia, e jurou a si mesmo que escaparia do castigo daquele clima que toda a gente aceitava. E perguntava à mãe:

- Como é possível alguém viver num lugar onde se pode morrer congelado em dez minutos?

A mãe, olhando-o, limitava-se a sorrir e a responder:

- As famílias ficam onde têm as suas raízes, sabes? Além disso, este lugar é seguro.

Aquele era o sermão habitual, acerca de como Los Angeles era uma cidade perigosa e de como Minnesota era agradável. Isto só fazia sentido se a pessoa não acrescentasse: “morte por congelamento”! Não conseguia convencer a mãe que o perigo dos terremotos da Califórnia era como a lotaria: poderia ocorrer durante a sua vida ou não. Os penosos Invernos em Minnesota, no entanto, todos os anos eram infalíveis – uma ocorrência cíclica, que se podia esperar com toda a certeza. É inútil dizer que saiu da sua cidade natal. Assim que terminou os estudos secundários mudou-se para uma faculdade na Califórnia, usando as suas capacidades de vendedor para se auto-financiar. Agora, porém, gostaria de ter ficado mais tempo em casa, junto da mãe e do pai, durante os anos que antecederam o acidente. Achava que, na sua necessidade de escapar ao frio, se privara do convívio com eles. Por isso se sentia egoísta e infeliz.

Na penumbra, subiu os degraus até ao andar do apartamento e procurou as chaves. Balançou o saco da mercearia e colocou a chave na fechadura. A chave entrou normalmente, mas...

Foi na noite daquela sexta-feira que o “normal” acabou para Michael Thomas. Do outro lado da porta tinha um “presente” – uma potencialidade do seu destino – que iria mudar a sua vida para sempre.

Devido à moldura deformada da porta, aprendera a usar o peso do corpo para ajudar a abrir a teimosa fechadura do apartamento. O resultado era abrir a porta sempre à força. Já tinha aperfeiçoado o método de segurar o saco da mercearia apoiado no quadril, meter a chave na fechadura, girando-a e empurrando com o pé ao mesmo tempo. Esta manobra exigia um certo balanço dos quadris e, embora desse resultado, John já comentara que era algo muito estranho de se ver!

A obstinada porta abriu com o habitual impacto dos quadris... assustando ladrão que estava dentro do apartamento às escuras. Com a rapidez de um gato e anos de experiência de lidar com o inesperado, o estranho, um palmo mais baixo, atirou-se instantaneamente para frente, agarrou-lhe o braço e puxou-o para dentro da sala. Como a inusitada forma de abrir a porta já o desequilibrava naturalmente, foi fácil ser derrubado, apesar da vantagem física. As compras voaram tanta força contra a parede oposta que as tampas das embalagens saltaram. Antes de alcançar o chão, surpreendido e com todos os sinais de alarme a soar no seu corpo, ouviu a porta a fechar-se... ficando o ladrão do lado de dentro! De relance, ao cair, reparou que a sua cara iria direito a um pedaço de vidro partido, resultado da janela estilhaçada por onde entrara o assaltante.

Este é um daqueles momentos que ficam gravados na mente, como se o tempo parasse ou andasse lentamente. Mas tal não foi o caso de Michael Thomas: os segundos voaram num tempo compacto, enevoado, criando grande pânico. O homem que arrombara o apartamento estava determinado em levar a TV e o hi-fi, sem se importar com a sua vítima. Portanto, assim que Mike caiu no chão, o ladrão, com as mãos suadas, já estava em cima dele. Parecia que um torno lhe apertava o pescoço. Os grandes olhos do assaltante estavam somente a alguns centímetros dos seus. Podia até sentir o hálito quente e pesado do ladrão batendo no seu rosto, e o peso dos seus quadris sobre o estômago. Reagiu instintivamente, como se estivesse para morrer,

tentando um golpe de filme de segunda classe. Apesar da desorientação, atirou a cabeça para frente, com toda a força, contra a do ladrão. Funcionou. O assaltante, surpreso com a força do movimento, relaxou um pouco as mãos, o que lhe permitiu rolar rapidamente para o lado para se levantar. Antes de se equilibrar, no entanto, o ladrão atacou novamente. Desta vez, aplicou-lhe um forte soco no estômago, que o projectou para trás. Cambaleando, foi bater brutalmente contra algo grande, que vagamente lhe pareceu ser o aquário. Com um barulho terrível, o móvel, o aquário e o solitário peixe misturaram-se com as compras, no chão da pequena sala.

Sentia muitas dores e estava sem fôlego. Ainda arfava – tinha os pulmões em fogo pela falta de oxigénio – quando, com olhos esbugalhados, viu uma bota, que parecia maior que o estado de Montana, vir na sua direcção. O assaltante, agora, sorria. Aconteceu muito depressa: a bota achou o alvo e Mike ouviu os ossos da garganta e do pescoço fazerem um barulho horrível. Engasgou-se com horror, sabendo que a passagem de ar se danificara, e até, talvez, a própria coluna vertebral. Todo o corpo reagia ao estalar e pulsar do pescoço mutilado. Entrou em choque ao sentir a realidade da situação. Era isso: a morte estava perto. Tentou gritar, mas a voz não saía. Não conseguia respirar, e a visão escureceu. Tudo ficou quieto. Apressava-se o ladrão a concluir a sua noite de trabalho, sem se preocupar com o homem imóvel no chão, quando foi novamente surpreendido por alguém que batia freneticamente na porta do apartamento.

- O que está a acontecer aí? Está tudo em ordem? - perguntava um vizinho.

O ladrão praguejou pela falta de sorte e dirigiu-se rapidamente em direcção à janela partida. Para desimpedir a saída partiu o resto do vidro da janela e saltou para fora do prédio.

O vizinho, que, na verdade, nunca se encontrara com Mike, ouviu o som de mais vidro a partir-se e decidiu rodar a maçaneta da porta e entrar. Encontrou o apartamento todo revolido, e um homem a fugir pela janela. Movendo-se cautelosamente no escuro para evitar a TV e o estéreo, estranhamente colocados no meio da sala, acendeu a luz de uma simples lâmpada pendurada no tecto.

- Oh meu Deus! – ouviu-se a dizer, com a voz embargada pela comoção, enquanto pegava no telefone para pedir ajuda. Michael Thomas, seriamente ferido e inconsciente, estava deitado no chão. Na sala reinava o sossego, agora. O único som era o barulho do peixe a debater-se, perto da sua cabeça. Gato contorcia-se entre os legumes e o monte de comida pré-cozinhada – uma mistura repugnante que começava a ficar vermelha ao misturar-se com o sangue que escorria dos ferimentos.

## 2 - A Visão

Mike acordou num lugar desconhecido. Então, um clarão na memória lembrou-lhe tudo. Os olhos, vagando ao acaso, descobriram que não estava no seu apartamento, nem sequer num hospital da cidade. Tudo estava calmo. De facto, o silêncio era tão constrangedor que começava a ficar nervoso. Não ouvia nenhum outro som excepto o da própria respiração. Nenhum carro passava na rua, nenhum barulho de ar condicionado – nada. Soergueu-se e conseguiu recostar-se na cama.

Olhou para baixo, e viu-se deitado numa estranha cama, pequena como uma marquesa. Não tinha pijama, e vestia exactamente a mesma roupa do dia em que fora atacado. Levantou a mão e tocou no pescoço. O seu último pensamento, ainda consciente, fora de que estava partido, mas, para seu alívio, não detectou nenhum sinal de fractura. Na verdade, sentia-se muito bem. Apalpou-se em diversos lugares mas, coisa estranha, não tinha nenhum ferimento ou inchaço no corpo. Mas... aquele silêncio. Estava a ficar louco por não ouvir nada. A luz era estranha, também. Parecia vir de lugar nenhum e de todos, ao mesmo tempo. Era de um branco brilhante – um branco tão vazio de cores que feria os olhos. Então, decidiu examinar melhor o lugar onde estava.

Era assombroso. Não estava num quarto, nem ao ar livre. Só havia ele, a cama e o chão branco, que se estendia até onde podia ver. Deitou-se novamente. Sabia o que acontecera: estava morto! Não era preciso ser cientista para reconhecer que o que via e sentia não correspondia ao mundo verdadeiro. Mas... por que conservava o corpo? Decidiu tentar algo absurdo: beliscou-se para ver se sentia dor... mas contraiu-se preferindo um forte ai!

- Como te sentes, Michael? - perguntou uma calma voz masculina.

Olhou imediatamente na direcção da voz e viu uma figura, da qual não se esqueceria para o resto da vida: era uma presença angélica, que transmitia uma sensação de grande amor.

Mike ganhara o hábito de começar por dar crédito ao que **sentia** e só depois ao que **via**. Assim descrevia as suas experiências quando era questionado. Assim, quando viu aquela figura de branco, ao mesmo tempo ameaçadora e esplendorosa, pensou: "São asas, o que estou a ver? Que banal!"... E sorriu para visão à sua frente, achando difícil de acreditar na sua realidade.

- Estou morto? - perguntou estoicamente, mas com respeito.

Aproximando-se, aparentemente sem andar, a figura respondeu:

- De modo algum. Isto é apenas um sonho, Michael Thomas.

Mike viu a face desfocada da entidade junto da cama, mas sentiu-se a salvo, seguro e protegido. Tudo o que podia fazer era continuar a conversa. Era uma sensação óptima!

A entidade, cuja face era indefinida, vestia de branco, mas não se podia falar de roupa; aquela espécie de túnica parecia estar viva, movendo-se como se fossem a sua pele. Não se distinguia qualquer prega, botão ou vinco e, apesar de folgada, era impossível perceber onde ela acabava e começava a pele. Era como renda flutuando. Por vezes, parecia brilhar vaga e indistintamente, misturando-se com a incrível brancura do lugar. Por isso, era difícil ver a linha que separava a figura angélica do cenário onde se encontrava.

Em voz baixa, perguntou:

- Onde estou eu? Parece uma coisa idiota, mas acho que tenho o direito de fazer esta pergunta.

- Estás num local sagrado. Um local cheio de amor, que tu mesmo construístes. É esse amor o que estás a sentir agora.

Inclinando-se, a angélica figura pareceu emitir ainda mais luz.

- Quem és tu? - perguntou respeitosamente, apenas com um fio de voz.

- Provavelmente adivinhaste. Eu sou um Anjo.

Mike nem pestanejou, pois sabia que aquela visão dizia a verdade. A situação, apesar de estranha, era extremamente real. Por isso, percebia tudo claramente. Aquele, era, obviamente, um dia muito especial. Se era um sonho, era tão real como nunca experimentara.

- Os Anjos são do sexo masculino?

Arrependeu-se imediatamente de ter feito a pergunta. Que parvoíces lhe dava para perguntar!

- Eu sou apenas **o que desejas ver**, Michael Thomas. **Não sou uma forma humana. O que estás ver é apresentado desta forma para te sentires confortável.** Mas, não – os Anjos não são do sexo masculino. Na verdade não temos sexo. **E também não temos asas.**

Mike sorriu novamente, pensando que talvez tudo aquilo fosse um produto da sua imaginação. Mas, sentindo-se mais solto para conversar normalmente com esta criatura amorosa, perguntou:

- Que aspecto tens realmente? E porque é que o teu rosto está velado?

Esta era uma pergunta válida, dentro das circunstâncias.

- A minha forma iria surpreender-te. Além disso, sentirias uma estranha lembrança ao vê-la, pois também é a tua forma quando não estás na Terra. Esta forma está para além de qualquer descrição. Portanto, continuarei assim, por agora. Quanto ao meu rosto, vê-lo-ás em breve.

- Quando não estou na Terra, disseste?

- A experiência na Terra é temporária. Mas isso já tu sabes, não é verdade? Eu sei quem tu és, Michael Thomas. És um ser espiritual que compreende a natureza eterna dos seres humanos. Já agradeceste uma infinidade de vezes a tua natureza espiritual... e os que estão ao meu lado ouviram o que disseste.

Mike ficou em silêncio. Sim, tinha rezado nas igrejas e em casa, mas era difícil acreditar que fora ouvido claramente. Esta entidade conhecia-o? Fez outra pergunta:

- De onde vens?

- De Casa.

A entidade amorosa, agora, parecia estar a brilhar directamente em frente da pequena cama. Inclinou a cabeça e esperou pacientemente que aquele Humano assimilasse o que acabara de lhe dizer; Mike, porém, sentiu um arrepio subir e descer pela coluna vertebral. Um forte sentimento dizia-lhe estar perante uma grande verdade e que um jorro de conhecimento lhe seria dado, se o pedisse.

- Tens razão! - respondeu o Anjo, lendo-lhe os pensamentos. - O que fizeres agora irá mudar o teu futuro. Sabes que é assim, não é verdade?

- Consegues ler os meus pensamentos?

- Não. Podemos senti-los. O teu coração está ligado a todos e nós respondemos quando tu precisas de nós. A situação mostrava-se cada vez mais misteriosa.

- Falas no plural. Mas eu só te vejo a ti.

O Anjo riu-se abertamente gerando um som espectacular! Que energia tinha aquele riso! Sentiu cada célula do corpo ressoar com o humor que o Anjo expressava. Tudo o que aquela entidade fazia era novo, maior do que a vida e, de alguma forma, acordava uma lembrança no seu subconsciente. Estava atordoado com aquela vibração, mas nada disse.

O Anjo levantou os braços, deixando a sua estranha veste flutuar e ondular com o movimento, e disse:

- Eu falo contigo com a voz de um, mas represento a voz de muitos outros. **Há muitos ao serviço de cada ser humano**, Michael. Isto tornar-se-á óbvio, caso faças essa escolha.

- É claro que faço essa escolha!

Como poderia aquele convite ser ignorado? Mas logo se sentiu embaraçado, como se estivesse a agir como uma criança perante um artista de cinema. Ficou em silêncio durante algum tempo e viu o Anjo mover-se para cima e para baixo, como se estivesse em cima de um monta-cargas. Reflectiu novamente se tudo aquilo poderia ser o resultado do desejo de perceber as coisas, por ter assistido a filmes, ido à igreja, ou contemplado grandes obras de arte. Estava tudo em silêncio novamente – e que silêncio! O Anjo, obviamente, não iria partilhar informações a menos que ele comesse a fazer perguntas:

- Posso saber qual é a minha situação? Isto é realmente um sonho? Parece tão real.

O Anjo aproximou-se e disse:

- O que é um sonho, Michael Thomas? Um sonho é uma visita à tua mente biológica e espiritual, que te permite receber informações sobre o meu lado do véu – algumas vezes metaforicamente. Sabias disto? Um sonho pode não ser igual à tua realidade, mas, na verdade, está mais perto da realidade de Deus do que qualquer outra experiência que tenhas regularmente. Como sentiste quando o teu pai e a tua mãe participaram nos teus sonhos? Não parecia real? Parecia... e era! Lembras-te da semana após o acidente, quando eles te visitaram? Tu, como resposta, choraste durante dias. Era a realidade **deles**. As suas mensagens para ti eram reais. Eles continuam a partilhar amor contigo, Michael, porque, tal como tu, são eternos. Quanto às perguntas sobre a tua situação, por que pensas que estás a ter este sonho? Este é o único propósito desta visita. É algo lícito, que ocorre no tempo certo.

Mike estava contente com a longa conversa deste maravilhoso ser, que lhe parecia cada vez mais familiar.

- Será que me sairei bem desta situação? Acho que estou seriamente ferido e inconsciente. Talvez até esteja a morrer.

- Depende - disse o Anjo.

- Depende de quê?

Então, o Anjo perguntou amorosamente:



- **O que é que realmente queres**, Michael? Diz-nos o que **realmente desejas**. Mas tem cuidado com o que vais dizer, pois a energia de Deus, geralmente, é literal. Além disso, nós sabemos o que tu sabes. Não podes enganar a tua própria natureza.

Mike desejava ser honesto na resposta. A situação cada vez era mais real. Lembrava-se dos sonhos nítidos com os pais, logo após o acidente. Eles apareceram juntos, nas poucas vezes em que conseguira dormir naquela semana terrível, e tinham-no abraçado e amado. Disseram-lhe que era o tempo certo para partirem – qualquer que fosse o significado, pois ele não aceitara o desfecho do acidente. E disseram que o evento, que culminara nas suas mortes, ocorrera para ele poder receber uma dádiva. Sempre se perguntara que tipo de dádiva seria... mas aquilo era apenas um sonho, ou não? O Anjo dissera ser real. A experiência parecia-lhe tão verdadeira que talvez as mensagens dos pais também o fossem... assim como era o Anjo. “Como é confuso”, pensou com frustração! “O que desejo eu?” perguntou-se. Considerou a sua vida e todas as ocorrências do último ano. Sabia o que queria, mas pareceu-lhe incorrecto pedir.

Lendo-lhe os pensamentos, o Anjo disse em tom de brincadeira:

- Michael, ocultar os desejos mais íntimos não respeita a tua magnificência.

“Que chatice! O Anjo apercebeu-se outra vez do que estou a pensar. Não há nada que possa esconder.”  
Então, indagou:

- Se já sabes o que eu quero, por que vieste perguntar-me? E que história é essa de eu ser magnífico?

Pela primeira vez, o Anjo mostrou algo diferente de um sorriso: um sentimento de honra e respeito.

- Tu não tens ideia **do que e de quem** és realmente, Michael Thomas. Achas-me maravilhoso? Pois deverias ver como **tu** és! Um dia verás. Quanto a conhecer os teus pensamentos e sentimentos, é claro que os conheço. Sou uma parte do apoio que recibes, portanto, estou contigo de muitas maneiras. É uma honra para mim aparecer junto de ti. Desta vez, porém, é a tua intenção que criará as mudanças. Tens agora a oportunidade de me dizer, ou não, qual é o teu maior desejo como ser humano. A resposta deve vir do teu próprio coração e ser dita em voz alta, para todos ouvirem – até tu! A tua decisão representará uma enorme diferença para muitos outros seres.

Mike deixou aquelas palavras penetrarem dentro dele. Teria de dizer a sua verdade, mesmo que não fosse exactamente o que o Anjo queria ouvir. Pensou por um momento, e disse:

- **Eu quero ir para Casa! Estou cansado desta vida de ser humano!**

Pronto! Queria ir-se embora. Mas ainda acrescentou, emocionado:

- Mas não quero evitar o que seja importante no plano de Deus. A vida parece não ter sentido, mas aprendi que fui feito à imagem de Deus, com um propósito. Portanto, o que posso fazer?

O Anjo moveu-se e Mike passou vê-lo melhor. Que espantosa era essa visão, esse sonho ou o que quer que fosse. Iria jurar que sentia o perfume de violetas – ou seriam lilases? Mas, porquê flores? O Anjo, naturalmente, tinha um perfume! E era ainda mais maravilhoso quando se aproximava. Sabia que o Anjo estava contente com o diálogo. Podia senti-lo, mesmo sem visualizar qualquer expressão no seu rosto angelical.

- Diz-me, Michael Thomas: É pura a tua intenção? Queres realmente o que Deus quer? Desejas ir para Casa, mas também estás ciente de um plano maior. Não queres desapontar-nos ou actuar de uma forma espiritualmente errada?

- Sim. É isso mesmo. Quero livrar-me desta situação, mas receio que o meu desejo seja uma contradição ou um acto de egoísmo.

- E se eu te disser que podes conseguir ambas as coisas? E se eu te disser que o teu desejo de ir para Casa não é egoísta, mas sim natural, e não está em conflito com o desejo de honrares o teu propósito enquanto ser humano?

Excitado, pediu:

- Por favor, diz-me como posso fazer isto.

O Anjo vira o coração daquele Humano e, agora, honrava-o espiritualmente pela primeira vez.

- Michael Thomas de Intenção Pura, a fim de determinar se é isto que queres, devo fazer-te mais uma pergunta, antes de continuar a falar sobre o assunto: o que esperas ganhar indo para Casa?

Mike meditou a fundo sobre isto. O seu silêncio teria sido incómodo numa conversa entre pessoas, mas o Anjo reconheceu que esta era uma hora sagrada para aquela alma. Pela medida do tempo na Terra, ficou em silêncio durante dez minutos ou mais. O Anjo, porém, não se moveu, não disse nada, nem teve qualquer demonstração de impaciência ou cansaço. Começava a perceber que aquele Anjo não tinha a percepção do tempo, e que a impaciência dos seres humanos se devia à sua realidade do tempo linear. Então, respondeu:

- Quero ser amado e estar perto do amor. Quero sentir-me pacífico durante a minha existência. Não quero estar sujeito às preocupações e às interacções triviais daqueles que me cercam. Não quero preocupar-me com dinheiro. Quero sentir-me solto! Estou cansado de estar sozinho. Quero sentir-me importante para outras entidades no Universo. Quero saber o propósito da minha existência, e que a minha parte no céu - seja qual for o seu nome - é útil ao plano de Deus. Não quero continuar a ser um ser humano como tenho sido. Quero ser como tu! É isto que "ir para Casa" significa para mim.

O Anjo deslocou-se outra vez para os pés da cama e comentou:

- Então, Michael Thomas de Intenção Pura, irás ter aquilo em que tanto te empenhaste!

O Anjo parecia estar ainda mais brilhante, como se tal fosse possível. Exibia uma incandescente luz branca, que, agora, começava a misturar-se com uma tom dourado. E continuou:

- Se seguires, voluntariamente, o caminho que está previsto, com intenção e por escolha própria, serás recompensado com a Viagem para Casa. Farás isso?

- Sim, farei - respondeu. E percebeu um sentimento incrível, que somente poderia ser descrito como um banho de amor. O ar começou a ficar denso e o brilho do Anjo começou a rodear-lhe os pés. Arrepios começaram a subir-lhe pela espinha e, involuntariamente, começou a tremer com uma vibração rápida, que nunca sentira antes. Essa vibração, tão rápida que parecia um zumbido, subiu pelo corpo até à cabeça. A visão começou a mudar, com flashes momentâneos de azul e violeta, fazendo grande contraste com o branco intenso que via desde que aquele sonho começara.

- O que está a acontecer? - perguntou, assustado.

- A intenção que manifestaste está a mudar a tua realidade.

- Não entendo - disse, já aterrorizado.

Compassivamente, o Anjo respondeu:

- Eu sei. Não tenhas medo da integração de Deus no teu ser. Requisitaste essa fusão, e é lícita para a tua Viagem para Casa.

O Anjo afastou-se da estreita cama, como se quisesse dar-lhe mais espaço.

- Não te vás embora, por favor!

- Calma. Estou apenas a ajustar-me ao teu novo tamanho - disse o Anjo, divertido. - Partirei apenas quando acabarmos o que temos de fazer.

- Continuo sem compreender, mas não estou com medo - mentiu.

Novamente o Anjo se riu, enchendo o espaço com uma ressonância, cuja alegria e intensidade de amor o surpreendeu. Como ali não havia espaço para segredos, Mike continuou a falar. Tinha de saber que sensação era aquela. O Anjo voltou a rir-se.

- O que acontece quando ris? De alguma forma, afecta-me internamente. É algo que nunca senti.

- O que ouves e sentes é um atributo da Fonte de Deus. O humor é uma das únicas qualidades que passam imutáveis do nosso lado para o teu lado do véu. Já reparaste que os Humanos são as únicas entidades biológicas da Terra capazes de rir? Podes acreditar que os animais riem, mas estão apenas a responder a estímulos. Vocês são os únicos seres com a chispa real da sabedoria espiritual, que sustenta esta propriedade, e podem criar humor a partir de um pensamento abstracto ou de uma ideia. Portanto, a tua consciência é a chave. Acredita, o humor é sagrado. Por isso, cura, Michael Thomas de Intenção Pura.

Esta era a explicação mais longa que o Anjo lhe dera até ao momento. Sentiu que podia extrair mais algumas jóias de verdade, antes daquele momento acabar. Tentou avidamente:

- Como te chamas?

- Eu não tenho nome.

E o silêncio regressou, numa longa pausa. "Ops!, pensou, voltamos às respostas curtas."

- Como és tu conhecido?

- Eu SOU conhecido por todos, Michael Thomas. E, porque SOU conhecido por todos, logo existo.

- Não entendo.

- Eu sei - disse o Anjo sorrindo em homenagem à inocência daquele Humano, que não podia saber mais sobre o assunto, tal como um pai consentiria que o filho lhe fizesse perguntas perspicazes sobre a vida. Havia amor em tudo que o Anjo dizia ou fazia. Sabia que devia deixar de pressionar e ir directamente ao centro da questão.

- Do que estás a falar, querido Anjo?

Sentiu desconforto por ter dito "querido", mas, de alguma forma, tal expressão aplicava-se àquela "personalidade". O Anjo era paternal, fraterno, amigo, e, simultaneamente, amante. Era um sentimento que não

esqueceria tão cedo. Queria permanecer nesta energia, e temia que ela pudesse terminar. O Anjo, então, respondeu:

- Quando voltares para a tua realidade, Michael, prepara-te para empreender uma aventura de vários dias. Quando estiveres pronto, o início do Caminho ser-te-á mostrado. Serás convidado a viajar pelas Sete Moradas do Espírito e, em cada uma delas, encontrarás uma entidade parecida comigo, mas com um propósito diferente. **O Caminho poderá ter surpresas e até perigos, mas poderás parar sempre que quiseres; não faremos qualquer julgamento sobre isso.** Vais transformar-te durante essa Viagem e aprenderás muitas coisas. Serás convidado a estudar os Atributos de Deus. Se visitares todas as Sete Moradas, a porta de Casa ser-te-á mostrada.

O Anjo fez uma pausa, sorriu e disse:

Então, Michael Thomas de Intenção Pura, haverá uma grande celebração quando abrires essa porta.

Mike não sabia o que dizer. Sentiu uma espécie de alívio, mas também nervosismo sobre a viagem para o desconhecido. O que iria encontrar? Deveria percorrer o Caminho? Talvez aquilo fosse apenas um sonho sem pés nem cabeça. O que era verdade em tudo isto?

O Anjo que, novamente, tinha lido estas emoções, acrescentou:

- O que tens à tua frente é real. Mas retornarás para uma realidade temporária, construída apenas para os Humanos fazerem a sua aprendizagem.

Bom, pelos vistos, bastava-lhe ter uma dúvida, o Anjo logo a esclarecia. Mais uma vez sentiu-se a ser violentado por este novo meio de comunicação... embora também estivesse a ser dignificado! Pensou: "Num sonho, estás em contacto com a tua mente. Portando, não pode haver segredos de ti para ti." Talvez por isso fosse correcto manter a conversa com esta entidade, que sabia o que ele pensava. Além disso, experimentava exactamente o que o Anjo dissera. Começava a sentir-se confortável nesta "realidade onírica", e não lhe apetecia voltar para nada menor do que isto. Hesitantemente, perguntou:

- E agora?

- Já manifestaste a intenção de percorrer o Caminho. Então, agora, vais regressar para a tua consciência humana. Entretanto, há que destacar alguns pontos: **as coisas nem sempre serão como parecem.** À medida que fores progredindo, ficarás cada vez mais perto da realidade que experimentas agora, aqui, comigo. Portanto, à medida que te fores aproximando da porta de Casa, talvez tenhas de desenvolver uma nova maneira de ser, talvez um pouco mais no presente.

Mike não entendeu, mesmo assim, continuou a ouvir atentamente.

- Existe outra pergunta que devo fazer-te já.

- Estou pronto - respondeu, pouco seguro de si, mas honestamente, pronto para seguir em frente. - Qual é a pergunta?

O Anjo moveu-se para mais perto dos pés da cama e disse:

- Michael Thomas de Intenção Pura, amas Deus?

Perplexo com a pergunta, pensou: "É claro que amo. Porquê esta pergunta?" Mas respondeu:

- Se podes ver o meu coração e conheces os meus sentimentos, deves saber que amo a Deus.

Fez-se um silêncio... E pareceu-lhe que o Anjo estava satisfeito.

- Claro que amas!

Foi a última frase que ouviu dos indistintos lábios desta maravilhosa criatura que, obviamente, o amava muito. O Anjo aproximou-se e moveu a mão de tal modo que lhe trespassou a garganta. Como conseguia fazer isto? Imediatamente sentiu como se centenas de pirilampos tivessem voado para o seu pescoço e estivessem a alterar a sua constituição. Não sentiu qualquer dor, mas, subitamente, vomitou.

### 3 - A Preparação

(Começa a Viagem)

- Inclina-lhe a cabeça para a esquerda, para a bandeja! - gritou a enfermeira. - Ele está a vomitar.

Nessa noite, a sala de emergência do hospital, como sempre às sextas-feiras, estava a abarrotar. Desta vez, a lua cheia voltou a complicar bastante. Embora não possuíssem conhecimentos sobre Astrologia ou outro assunto metafísico, a maioria dos hospitais tinha o hábito de colocar mais funcionários nas Urgências nessa época do mês. Dava a sensação que ocorriam coisas nesses períodos que não aconteciam noutras alturas. Dito isto, a enfermeira saiu e correu para atender outra chamada urgente.

- Ele está consciente? - perguntou o vizinho, que o acompanhara ao hospital. O enfermeiro de bata branca inclinou-se para examinar atentamente os olhos do paciente.

- Sim. Está a acordar. Quando falar com ele, não permita que se levante. Está com um corte muito feio na cabeça e levou alguns pontos. E o maxilar ainda vai doer por muito tempo. A radiografia mostrou uma fratura. Felizmente conseguimos corrigir o desvio do osso, enquanto estava inconsciente.

O enfermeiro também saiu do cubículo, uma área separada por uma cortina, presa numa armação semicircular. Ao sair fechou a cortina, para ambos ficarem sozinhos. Os sons daquela ala de emergência eram quase imperceptíveis, mas conseguia ouvir-se as pessoas e as actividades nos cubículos de ambos os lados. À esquerda, estava uma mulher, vítima de uma punhalada; do lado direito, estava um senhor idoso com falta de ar e um braço inchado. Estavam ali há tanto tempo quanto Mike – cerca de uma hora, aproximadamente.

Mike abriu os olhos e sentiu uma forte dor no maxilar inferior. Soube imediatamente que estava acordado. “Acabou-se o sonho com Anjo”, pensou, assim que a forte dor e toda a situação se transformaram lentamente em realidade. A luz fluorescente, que iluminava a sala com uma luz brilhante, fez-lhe crisar o rosto e fechar os olhos. Devido ao frio, sentiu necessidade de um cobertor. Mas ninguém lho deu.

- Você esteve inconsciente durante um bom bocado, companheiro - disse o vizinho, sentindo-se um pouco embaraçado por não saber o nome dele. - Eles cozeram-lhe a cabeça e puseram o maxilar no lugar. É melhor não falar.

Mike olhou agradecido ao vizinho, curvado sobre ele. Apesar de ainda estar um pouco atordoado, analisou-lhe as feições. Reconheceu-o como o morador do apartamento do lado. Sentiu-o a sentar-se junto da cama... e caiu num sono profundo.

\* \* \*

Quando acordou, apercebeu-se num local diferente. Estava deitado numa cama, num espaço tranquilo e silencioso. Assim que abriu os olhos e tentou clarear a mente enevoada, compreendeu que continuava no hospital, mas, desta vez, num quarto particular. “Que quarto mais acolhedor”, pensou. O seu olhar apático levou-o até os quadros na parede e à vistosa cadeira ao lado da cama. O material de isolamento acústico do tecto formava pequenos e elegantes quadrados, que a sua visão distorcida transformava em losangos. As lâmpadas fluorescentes continuavam lá, mas desligadas e semi-escondidas pela decoração. A claridade vinha principalmente de uma janela com vista para a baía e de um par de lâmpadas dentro do quarto. Em vez do suporte do aparelho de TV, que a maioria dos hospitais costuma ter na parede em frente da cama, havia um armário com um fino acabamento. As lâmpadas tinham vários tons, como num hotel de luxo, combinando com o papel de parede! Que espécie de lugar era este? Uma residência particular? Mas bastou examinar com mais cuidado para reparar que, em vários pontos do quarto, havia canalizações de ar condicionado, gás e electricidade, habituais em todos os hospitais. Adivinhou que, atrás dele, estariam diversos equipamentos de diagnóstico. Inclusive, um deles estava preso ao seu braço, com adesivo, emitindo um sinal intermitente e periódico. Aparentemente, não havia ninguém por ali, pelo que começou a analisar o que acontecera. Teria sido operado à garganta? Conseguiria falar? Levou a mão, bem devagar, até a garganta, esperando encontrar ligaduras e até mesmo um aparelho de gesso. Em vez disto, porém, encontrou uma pele macia! Apalpou-se em volta do pescoço e verificou que tudo estava bem. Gradualmente, tentou aclarar a garganta e logo se surpreendeu ao ouvir a sua própria voz. Foi só quando abriu a boca que descobriu qual era o problema. Uma dor violentíssima, capaz de causar náuseas, ferrou-se-lhe na boca e na base dos ouvidos. “Já sei onde me doeu,” pensou, enquanto decidia não abrir novamente a boca tão depressa.

Uma voz feminina, lamurieta mas gentil, vinda da porta do quarto, disse:

- Ah! Vejo que já acordámos! Posso dar-lhe algo para lhe tirar essa dor, Sr. Thomas? Mas recuperará mais depressa se conseguir aguentar sem analgésicos. Não tem nenhum osso partido; só precisa de exercitar a mandíbula.

A enfermeira, usando um uniforme padronizado, aproximou-se da cama. Para além desse uniforme, bem passado e perfeito, notava-se que era muito experiente. Acima do bolso, várias medalhas e distintivos demonstravam a sua capacidade.

Com a boca entreaberta para evitar as dores, movendo apenas a mandíbula para pronunciar as palavras, perguntou:

- Onde estou eu?

- Está num hospital privado de Beverly Hills. Passou aqui a noite, depois de o terem trazido dos Cuidados Intensivos das Urgências. Mas, em breve terá alta.

Surpreendido, abriu os olhos assumindo uma expressão de grande preocupação. Sabia de casos em que se pagava 2 e 3 mil dólares diários por estar internado num sítio assim. O seu coração palpitou aceleradamente ao pensar como iria pagar a factura.

- Não se preocupe, Sr. Thomas – disse a enfermeira tranquilizando-o. Tudo está solucionado. O seu pai tratou de tudo e já pagou a factura.

Mike permaneceu em silêncio por um momento, a pensar como é que o seu pai, já falecido, pudera pagar a factura. Talvez ela tivesse deduzido que era o pai, mas realmente era o vizinho. Recuperou as forças para dizer o seguinte:

- Você viu-o?

- Claro que o vi! É muito simpático, o seu pai. Alto e louro como você, e com uma voz de santo. Sabe? Teve muito êxito entre as enfermeiras.

Ao ouvir a enfermeira, reparou no seu sotaque de Minnesota, onde ele nascera. Naquela zona fala-se um pouco arrevesado, pondo o sujeito no final da frase: uma forma estranha de falar, que ele tivera de corrigir quando chegou à Califórnia. A forma de falar de Minnesota fazia lembrar Yoda<sup>1</sup>, uma das personagens da *Guerra das Estrelas*. A enfermeira continuou:

- E pagou em dinheiro. Não se preocupe, Sr. Thomas. Ele até deixou uma mensagem para si.

Mike sentiu o coração aos pulos, embora continuasse a suspeitar que o “pai” era o vizinho. Porém, a descrição não quadrava com nenhum dos dois. A enfermeira saiu do quarto e regressou, pouco depois, com um pedaço de papel com uma mensagem escrita à máquina.

- Ele ditou a mensagem - explicou a enfermeira, enquanto tirava a folha de papel de dentro de um sobrescrito timbrado com o logótipo do hospital. - Disse que não tinha boa letra, por isso o escrevemos à máquina. Mesmo assim é difícil de entender. O seu pai tratava-o por Pepe quando você era pequeno?

Ao pegar na folha de papel, leu o seguinte:

*Querido Michael – PePe:*

*Nem tudo é o que parece. A tua busca começa agora. Cura-te rapidamente e prepara as coisas para a Viagem. Preparei a tua rota para Casa. Aceita este presente e segue em frente. O Caminho ser-te-á mostrado.*

Sentiu um calafrio a percorrer-lhe a espinha. Olhou para enfermeira com gratidão e, colando o papel contra peito, fechou os olhos dando a entender que queria ficar sozinho. A enfermeira captou a mensagem e abandonou o quarto.

A sua mente processou várias possibilidades. A nota dizia: *Nem tudo é o que parece*. Mas era uma explicação insuficiente! Sabia perfeitamente que, na noite anterior, um facinora tinha pontapeado e ferido a sua garganta, deixando-o meio morto no chão do apartamento. Sentira como todos os ossos tinham chiado durante aquele horrível incidente. No entanto, nada sofrera excepto a mandíbula deslocada, que logo fora recolocada no lugar. Tinha ainda alguns arranhões e nódoas negras na cara e na cabeça, que doeriam durante algum tempo mas não o deixariam incapacitado. Era esse o “presente” que recebera?

A ideia de que a visão do Anjo fora algo verídico não fazia parte da sua realidade, até ler aquela mensagem. Se não era do Anjo... de quem era, então? Realmente, não conhecia ninguém com bastante dinheiro ou suficientemente conhecido para lhe dar fosse o que fosse... muito menos para pagar aquela conta de hospital. Que outra pessoa, para além do Anjo, sabia da Viagem que prometera fazer? O corpo vibrava com tanta pergunta. Continuava com dúvidas sobre a mensagem e o seu significado, quando, finalmente, recebeu o

---

1 - O bichinho pequenino e de orelhas grandes, instrutor de Luke, o herói da epopeia.

esclarecimento. Então sorriu: a enfermeira perguntara se lhe chamavam Pepe. Na nota estava escrito claramente PePe, como se fosse um nome. (Indubitavelmente, fora o Anjo que ditara a mensagem e pagara a factura). Mas não se tratava de um diminutivo ou de uma alcunha; aquelas letras - PP - eram iniciais de "Propósito Puro". Portanto, a saudação significava: *Querido Michael, de Propósito Puro!* O sorriso transformou-se em riso; estava dorido mas continuava a rir, e todo o seu corpo estremeceu com a alegria do momento, até que, por fim, se calou e derramou lágrimas de felicidade. Iria para Casa!

Os dias seguintes foram especiais. Recebeu alta e saiu do hospital, levando consigo uns quantos analgésicos, que o ajudariam a aliviar a dor. Mas descobriu que não precisava deles. O maxilar parecia recuperar a uma velocidade incrível, o que lhe permitia exercitá-lo com cuidado. Podia falar bem e, ao fim de dois dias, já conseguia comer com normalidade. No início custou-lhe um pouco, mas, ao longo do processo, apenas sentiu alguma dor. O maxilar estava um pouco rígido mas era suportável, dadas as circunstâncias. Recusou-se a tomar os analgésicos, para evitar perder a euforia que sentia ao pensar que iria realizar a sua busca espiritual. Em pouco tempo, os cortes e as nódoas negras foram desaparecendo progressivamente... embora se tenha admirado com a rapidez com que tal ocorreu.

Renunciou ao emprego pelo telefone. Imaginara muitas vezes como o faria e, de facto, saboreou o momento de cortar o vínculo com aquele trabalho horrível. Depois, telefonou ao seu amigo John explicando-lhe, o melhor que pôde, que ia tirar umas longas férias e que, possivelmente, não regressaria ao escritório. John desejou-lhe sorte, mas mostrou preocupação pelas reservas acerca do que o amigo tencionava fazer.

- Vamos! A mim podes dizer. Não direi a ninguém, nem farei nada. O que é que se está a passar?

Mike sabia muito bem que ele não entenderia se lhe falasse do Anjo que lhe aparecera e dera instruções. Assim, manteve a reserva.

- Tenho de fazer uma viagem muito pessoal, que significa muito para mim.

E não deu mais explicações.

Arrumou as suas coisas e despediu-se do apartamento. Separou cuidadosamente os pertences mais pessoais, da roupa e dos electrodomésticos. Não tinha grande coisa, mas guardou, em duas malas, o que mais gostava: as fotos e alguns livros. Como sabia que não podia levar muita roupa, seleccionou apenas a que precisaria se fosse fazer uma breve viagem, e guardou-a junto das fotos e dos livros. Finalmente, chamou o vizinho que lhe salvara a vida e ofereceu-lhe o resto da roupa, o televisor, a bicicleta que usava para ir trabalhar e grande parte dos escassos pertences, acumulados durante o ano anterior. Disse-lhe:

- Se não quiser, ofereça a uma instituição de beneficência.

O vizinho ficou comovido com o gesto e apertou-lhe efusivamente a mão, mostrando um aberto sorriso. Teve a sensação que aquele homem precisava de muitas daquelas coisas. E, já que o vizinho também salvara o Gato, depois de ter chamado a ambulância, era natural que ficasse com o peixe, que regressara ao seu aquário.

- Adeus, Gato, porta-te bem! – disse, com um sorriso, ao despedir-se dele no apartamento do vizinho.

Gato nem se dignou a olhar para ele.

Ao quinto dia, depois de ter saído do hospital, apercebeu-se que terminara os preparativos. Não sabia exactamente o que fazer nem onde ir. Era de noite e tudo estava silencioso. Tinha a certeza que o Anjo sabia que ele estava pronto para partir e que o dia seguinte seria o início de algo novo. Sentia a sua viagem como absolutamente real; estava convencido de que saberia o que fazer. Tudo quanto tinha acontecido naquela semana justificava a sua fé.

Então, decidiu rever o que guardara nas malas, para a sua viagem espiritual. Abriu-as e examinou o que julgava necessário levar consigo. Antes do mais, as fotos. O álbum estava a desfazer-se devido ao passar do tempo, e muitas das velhas fotos estavam seguras às folhas por aqueles antigos cantos autocolantes, que se usavam nos anos 50. Abriu o álbum com cuidado para não os descolar e, uma vez mais, sentiu a familiar melancolia ao deparar-se com a fotografia de casamento dos pais, a primeira do álbum. Encontrara-a depois do acidente, junto de outras fotos. Nesta, os pais sorriam para a câmara, sendo evidente que estavam muito apaixonados; começavam ali a sua vida em comum. Achava graça à roupa que usavam; se bem se lembrava, aquela fora a única vez que vira o pai de gravata. Mais tarde, numa arca, encontrara o velho vestido de noiva da mãe, mas teve de pedir a um vizinho que o embrulhasse e guardasse, pois, para ele, era muito doloroso. Quando tiraram aquela foto, ele era apenas um brilho de entusiasmo nas suas expressões, pois encaravam o futuro com muita esperança das coisas boas da vida. Contemplou a foto durante algum tempo e, finalmente, disse serenamente:

- Papá, mamá. Sou o vosso único filho. Espero que o que vou fazer não vos decepcione. Gosto muito dos dois e desejo vê-los em breve.

Passaram minutos preciosos, durante os quais folheou aquele álbum contendo a história da sua infância, o que lhe arrancou mais do que um sorriso. Ali estava a velha quinta e as fotos dos diversos amigos. Adorava a foto no tractor, quando tinha seis anos. Aquele álbum era um tesouro! Sentiu que Deus estava contente por ele respeitar os pais e a sua educação, e ao decidir levar aquelas fotos na sua viagem. Não sabia o que acabaria por fazer ao álbum mas, naquele momento, não podia deixá-lo para trás.

Depois, estavam os livros. Ah! Como os adorava! A sua *Bíblia*, gasta de tanto lê-la, tinha-o reconfortado em muitíssimas ocasiões. Embora não entendesse todo o conteúdo, sentia a sua energia espiritual. Tinha-a guardado cuidadosamente e era algo a que nunca renunciaria. Depois, os livros que lera na infância, aos quais atribuía grande significado. Eram apenas uns livritos de bolso, que relia periodicamente. Cada vez que os relia, recordava-se do que fizera nessa idade em que descobrira, pela primeira vez, essas histórias e personagens maravilhosas. Finalmente, estava a grande aventura de *Moby Dick*, que leu quando já era mais velho, a colecção de *Sherlock Holmes*, assim como os seus poemas favoritos, escritos por autores quase desconhecidos.

Tanto os livros quanto as fotos estavam cuidadosamente metidos em duas maletas, para poderem ser transportados mais facilmente. Isto permitia-lhe levar ainda uma bolsa de tamanho médio, capaz de guardar um par de sanduíches, para um momento de fome. Ao sentir-se preparado, sentou-se no chão do apartamento, agora vazio. Tinha uma almofada, o que lhe bastava para dormir. Estava preparado para se defrontar com o dia seguinte. A ansiedade gerada pela ideia de ir iniciar a sua busca espiritual quase o impediu de dormir, pois tinha a mente repleta com as imagens de tudo o que acontecera até ao momento. E outras coisas esperavam por emergir da memória! Era provável que, no dia seguinte, começasse a sua Viagem para Casa.

#### 4 - A Primeira Morada

O dia seguinte amanheceu um pouco cinzento, mas sentia-se animado. Com os escassos fundos que guardara, permitiu-se tomar um bom pequeno-almoço na esplanada de um café local. Sentia-se estranho por estar na rua a essa hora (habitualmente, estaria no escritório), por estar acostumado a trabalhar duramente durante todo o dia e por almoçar uma sandes, sentado em frente do escritório. Ao pôr-do-sol, ainda ele estava no interior do edifício.

Quando saiu da cafetaria, com as maletas nas mãos e a bolsa pendurada no ombro, perguntou-se que caminho deveria tomar exactamente. Sabia que não podia ir para Oeste, pois rapidamente chegaria ao oceano. Optou por ir para Este, pois não tinha alternativa. Naturalmente, sentia-se muito bem ao iniciar uma viagem baseada na fé... embora desejasse que o seu destino fosse mais claro! Então, enquanto atravessava lentamente os subúrbios de Los Angeles até aos limites de uns bairros aparentemente intermináveis, pensou: "Se ao menos tivesse algum indício do caminho a tomar! Talvez um mapa ou uma indicação da minha posição actual... Vou levar semanas a sair daqui!"

Verdadeiramente, não sabia para onde ia, mas continuou para Este. À hora do almoço, sentou-se na beira de uma vala e comeu as sobras que guardara do pequeno-almoço. Uma vez mais se perguntou se estaria no caminho correcto.

- Se estás aí, preciso de ti agora! Onde está a porta do Caminho? – exclamou em direcção ao céu.
- Terás um mapa actualizado!

Mike ouviu uma voz familiar que lhe falava ao ouvido. Levantou-se e olhou à volta. Não viu ninguém... mas reconheceu a voz do Anjo que conhecera.

- Ouvi isso realmente ou foi impressão minha? – murmurou, com uma sensação de alívio. Finalmente, havia comunicação. - Por que demoraste tanto a manifestar-te? – acrescentou com uma ponta de humor.

- Porque só agora pediste ajuda!

- Mas... Andei horas às voltas!

- Essa foi a tua escolha. Por que levaste tanto tempo a verbalizar o pedido?

Era evidente que a voz tinha um matiz divertido, ao responder à sua observação.

- Estás a dizer que só tenho ajuda quando a peço?

- Claro! És um espírito livre, respeitado e poderoso, capaz de escolher o teu próprio caminho, se assim o decidires. Aliás, é o que tens feito durante toda a vida. Nós sempre estivemos aqui, mas só actuamos quando pedes. Parece-te assim tão estranho?

Mike sentiu-se momentaneamente irritado com a lógica absoluta das palavras do Anjo.

- Bom, diz-me para onde devo ir? Já passa do meio-dia, e levei a manhã a adivinhar para onde tenho de ir.

- E adivinhaste bem. A porta do Caminho está precisamente na tua frente.

- Quer isso dizer que vim por bom caminho?

- Não te surpreendas demasiado por teres tomado a direcção correcta. Fazes parte do Todo, Michael Thomas de Propósito Puro. Com a prática, a tua intuição será muito eficaz. Hoje, estou aqui unicamente para te dar um pouco de orientação. Olha bem na tua frente... Sim, já estás no umbral!

Estava junto de uma sebe que ia dar a um barranco, ladeado por fileiras de casas.

- Não vejo nada.

- Olha outra vez, Michael Thomas.

Olhou para o arbusto e, pouco a pouco, foi-se apercebendo da silhueta de uma porta. Passava despercebida por estar completamente camuflada. Parecia fazer parte da estrutura da planta. Pensou que era impossível **não** ver a porta, mesmo querendo não ver. Era tão evidente! Desviou o olhar por um momento e voltou a olhar com uma nova percepção. Continuava ali, mais evidente do que antes.

- O que está a acontecer? – perguntou, consciente de que a sua percepção mudara

- Quando as coisas ocultas se tornam óbvias, já não podes regressar à ignorância. A partir de agora verás todas as portas com claridade, posto que exprimiste essa intenção.

Ainda que não pudesse compreender totalmente o que estava a receber, sentia-se preparado para tomar o caminho principal da Viagem. A sebe deixou de parecer uma porta para se converter, de facto, numa porta! Mesmo em frente dos olhos, estava a alterar-se e a definir-se.

- Isto é um milagre! – sussurrou, enquanto continuava a observar como a alta sebe se transformava numa porta tangível. Recuou um pouco para permitir que o fenómeno dispusesse de suficiente espaço.



- De facto, não é um milagre. Como o teu propósito espiritual te modificou um pouco, tudo o que vibra no teu novo nível entra no teu campo de visão. Isso não é um milagre; é assim que funciona.

- Estás dizer-me que a minha consciência pode transformar a realidade?

- Semântica! A realidade é a essência de Deus, e é constante. **A tua consciência humana só revela o que desejas experimentar. A medida que vais mudando, uma parte cada vez maior do Todo vai-se tornando evidente.** Então, podes experimentar numerosas revelações e utilizá-las como quiseres. No entanto, não poderás voltar para trás.

Começava a compreender. Mas, antes de iniciar o Caminho atravessando a porta que acabava de se revelar aos seus olhos, ainda queria fazer mais uma pergunta. Sempre tivera a tendência para analisar tudo em função da verdade, o que incluía a doce voz que, agora, ouvia na mente. Pensou um pouco e perguntou:

- Disseste que sou uma criatura de livre-arbítrio. Então, porque não posso voltar para trás, se assim decidir? O que acontece se preferir ignorar esta nova realidade e voltar para uma mais simples? Acaso não é isso livre-arbítrio?

- A Física da espiritualidade cria um axioma que estabelece que jamais poderás regressar para um estado de menor consciência. No entanto, se escolhes regredir, estarrás a negar a iluminação que te foi dada e irás desequilibrar-te. Mas podes, é claro, tentar retroceder. É o teu livre-arbítrio. É triste, porém, que haja Humanos que tentem ignorar o que sabem ser a verdade. De facto, vocês não continuarão a ter, durante muito mais tempo, um índice vibracional assente na dualidade.

Mike não compreendeu completamente esta nova informação espiritual que a voz lhe dera. Não obstante, recebera a resposta à sua pergunta. Sabia que podia dar meia volta e regressar à cidade. A escolha era sua. Mas, enquanto estivesse ali, continuaria a ver a porta. Se optasse por ignorá-la, apesar de a saber real, talvez se desequilibrasse e, sem dúvida, adoeceria. De algum modo, tudo isto fazia sentido, e o seu desejo era de avançar, não de retroceder. Assim sendo, pegou nas maletas e na bolsa, e cruzou a porta que significava o início da Viagem. O Caminho, ali, era um simples carreiro de terra, similar a qualquer vereda de qualquer barranco. Estava emocionado, e pôs-se em marcha, deixando para trás, rapidamente, a porta aberta.

Logo de seguida, uma figura esverdeada, sinistra e indefinida, deslizou atrás dele, passando igualmente pela porta. Assim que a passou, pisou um arbusto que definiu imediatamente. Se Mike tivesse parado ter-se-ia dado conta daquela presença e do fedor que desprendia. Rapidamente, a figura começou a segui-lo, mantendo-se fora da sua vista, mas acompanhando-lhe o passo impetuoso. Sendo um espectro astuto e veloz, Aquilo seguia-o ensombrando-lhe o ímpeto e a alegria com a mesma quantidade de ódio e propósitos obscuros. Mike não podia sequer imaginar que estava a ser perseguido.

Pouco depois de se ter posto a caminho, o panorama e, inclusive, a percepção do terreno, mudaram ostensivamente. Já não conseguia ver a gigantesca cidade de Los Angeles, nem a enorme quantidade de prédios da área suburbana. De facto, não havia qualquer indício de civilização, como, por exemplo, postes de telefone, aviões e auto-estradas. Tomara, com entusiasmo, aquela via não asfaltada que se abrira na sua frente, e avançara sem pensar, como uma criança abrindo os seus presentes de Natal. Então, apercebeu-se que, passo a passo, ia entrando profundamente noutra realidade. A Viagem levava-o para uma realidade diferente daquela que acabara de experimentar e ainda não esquecera. Perguntou-se se não se encontraria num lugar entre a Terra e o Céu, onde começaria a sua aprendizagem espiritual. Tinha dado como certo que esse processo não tardaria, e que o prepararia para a honra de regressar a Casa. O Caminho, parecido com um carreiro, começou a alargar-se gradualmente até que ficou da largura de uma estrada. Não apresentava quaisquer vestígios de pedregal, e era muito fácil de seguir.

Subitamente, olhou para trás. O que era aquilo? Os olhos tinham captado uma imagem esverdeada movendo-se com rapidez, algo que corra a apressadamente para a esquerda para se ocultar atrás de uma rocha, grande e redonda. Pensou: "Deve ser algum animal da fauna local".

O trajecto já percorrido era um reflexo exacto daquele por onde agora caminhava: uma estrada larga que se escondia e voltava a aparecer, desaparecendo no horizonte, colina após colina. Desenrolava-se num campo exuberante e magnífico, cheio de árvores, prados verdejantes e florações entre as rochas. As flores salpicavam a paisagem com infinitos pontos de cor luminescente, naquele tapete da Natureza.

Parou para descansar. Não trazia relógio mas, pela posição do Sol, devia ser hora de almoço. Sentou-se à beira do caminho e comeu os restos do substancial pequeno-almoço, que guardara para a próxima fome. Olhando à volta, apercebeu-se da tranquilidade. Pensou: "Não há pássaros" E olhando para o chão: "E também não há insectos! Este lugar é realmente estranho." Observava as redondezas quando sentiu uma ligeira

brisa no cabelo. “Bom, pelo menos, há ar!” Ao olhar para o céu, contemplou o azul nítido de um dia magnífico e renovador.

Apercebeu-se que a comida acabara, mas sabia que não estava sozinho. De um modo ou de outro, Deus dar-lhe-ia sustento. Recordando a história de Moisés, que percorreu o deserto durante 40 anos, juntamente com as tribos de Israel, lembrou-se que esses nômadas tinham recebido o alimento do céu. Perguntou-se se teria sido verdade: “Todas aquelas famílias que seguiram Moisés tinham adolescentes refilões, tal como temos hoje.” E imaginava-os a queixarem-se aos pais: “Eh! Já é a oitava vez que estamos na mesma rocha, desde que nascemos! Por que confiam neste Moisés? O homem só nos faz andar em círculos! Ele não pode ser assim tão sabedor! Será que ainda não percebem isso?” E riu-se, enquanto imaginava a cena. Então, perguntou-se se, dentro em pouco, também veria essa rocha... o que lhe indicaria que estava a andar em círculo! Não tinha a menor ideia para onde se dirigia, tal como os israelitas no deserto. E também eles não tinham que comer. A semelhança entre ambas as situações ainda lhe deu mais vontade de rir.

Talvez porque o riso tivesse sido respeitado ou, simplesmente, porque se tratava do momento propício, a verdade é que, ao sair da curva seguinte do caminho de terra, se deparou com a primeira Morada, cor azul brilhante. Pensou: “Céus! Se Frank Lloyd Wright visse isto, daria um grito!” E, rindo-se para dentro: “Espero não ter sido irreverente!” A verdade é que nunca tinha visto uma casa azul.

Como a estrada levava directamente à porta, reconheceu que chegara à sua primeira paragem. Além disso, era evidente que não havia qualquer outra edificação nos arredores.

À medida que se aproximava daquela pequena construção, pôde apreciar que era de um azul metálico e que, do seu interior, saía uma luz difusa. Enquanto se dirigia para a porta, reparou num pequeno letreiro que dizia **Morada dos Mapas**. Talvez o resto da Viagem não tivesse tantas incertezas. Um mapa actualizado podia ser um instrumento valioso nesta estranha terra.

A porta abriu-se subitamente para dar passagem a uma criatura alta e bonita... de um azul que se harmonizava perfeitamente com o azul da construção. Era, evidentemente, uma entidade angélica pois, tal como o Anjo da visão, ultrapassava a realidade e era maior do que um ser humano. A sua presença enchia o ar com uma sensação de esplendor e de essência floral. Uma vez mais, conseguia aperceber-se da fragrância que emanava da entidade. Então, o grande ser azul postou-se na sua frente e disse:

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! Estávamos à tua espera.

Diferentemente do Anjo da visão, a cara deste ser era perfeitamente visível, denotando uma sensação de bem-estar e alegria que parecia ser contínua, dissesse o que dissesse. Sentindo-se agradado pela companhia e mostrando-se respeitoso perante a situação. Saudou o Anjo:

- Bem-vindo, tu também, grande ser azul.

Engoliu em seco. E se o Anjo não gostasse que lhe chamassem “azul”? E se aquela cor azulada fosse somente um produto da mente humana e ele, de facto, não fosse azul? “Talvez até nem goste dessa cor!” Suspirou ante a lista de “E se...” que passava pela sua mente humana.

- Sou azul para todos os seres, Michael Thomas de Propósito Puro – disse, pensativo, o Anjo - e aceito as tuas boas-vindas com alegria. Por favor, entra na Morada dos Mapas e prepara-te para passares aqui a noite.

Desta vez, alegrou-se por o Anjo lhe ter lido os pensamentos. Mais do que lê-los podera senti-los, tal como lhe dissera o Anjo da visão! Em qualquer caso, alegrou-se por não ter ofendido o guardião da primeira Morada.

Mike e o Anjo, duas entidades diferentes reunidas, entraram na Morada Azul. Mas, enquanto a porta se fechava atrás deles, dois olhos descomunais, penetrantes, coléricos e vermelhos, que os espiavam atentamente, um pouco para a esquerda da entrada da Morada, demonstravam estar muito alerta. Não se cansavam, e eram muito pacientes e silenciosos. Não se mexerem nem pestanejavam até que Michael Thomas estivesse pronto para recomeçar a Viagem.

Ao entrar, assombrou-se com o que viu. O interior da estrutura era imenso. Parecia interminável, ainda que o seu exterior fosse modesto e humilde. Lembrou-se que o Anjo da visão lhe dissera que as coisas nem sempre eram o que pareciam, sendo evidente que isto fazia parte da nova e estranha realidade da sua consciência. E fez conjecturas acerca de esta nova percepção, perguntando-se se teria um significado mais amplo?

Seguindo o Anjo, percorreu os amplos vestíbulos da Morada dos Mapas. O interior lembrava uma biblioteca de primeira categoria, como algumas das ilustres bibliotecas europeias, onde estão classificados importantes livros históricos, de todos os tipos. No entanto, em lugar de estantes com livros, havia dezenas de milhar de cubículos, cada um dos quais parecia conter algo que identificou como um pergaminho. As paredes pareciam não ter fim, havendo cubículos em ambos os lados de cada sala que ia cruzando, com vários andares de altu-

ra. Embora não pudesse ver de perto os cubículos, era possível que contivessem mapas, já que o nome da Morada assim o indicava. Mas, porque havia tantos? O percurso pelas gigantescas salas parecia no ter fim. Pelo caminho, não se encontrou com qualquer ser vivo.

- Estamos sozinhos? - perguntou. O Anjo voltou-se para ele, sorriu e disse:

- Depende do que queres dizer com esse "sozinhos". Estás a ver os Contratos que cada ser humano estabelece com o planeta.

Dito isto, continuou a andar com naturalidade. Mike parou e olhou à sua volta, reagindo com assombro ao que o Anjo acabara de lhe dizer. A distância entre eles aumentou, dado que o Anjo continuou a andar. Ao ver que o visitante não o seguia, parou, voltou-se e esperou pacientemente, sem dizer nada. Viu escadas apoiadas contra as enormes paredes, com vários andares, cheias de intermináveis cubículos de madeira contendo pergaminhos, uns ao lado dos outros. O Anjo tinha-lhes chamado "Contratos". Mas, o que significava isso?

- Não percebi nada do que me disseste – disse, enquanto alcançava o Anjo, que respondeu gentilmente:

- Antes de terminares a Viagem, compreenderás. Aqui não há nada aterrador, Michael. Tudo está em ordem. A tua visita era esperada e respeitamo-la. O teu propósito é puro e todos podemos constatar isso. Relaxa e desfruta do nosso amor.

As palavras do Anjo Azul impressionaram-no verdadeiramente. Ninguém, em todo o Universo, poderia dizer algo melhor do que acabara de ouvir. Acaso começara a sentir mais intensamente? O Anjo da visão tinha-lhe dado um pouco das mesmas vibrações amorosas. Agora, porém, sentia uma reacção emocional que superava qualquer outra já experimentada.

- Ser amado é uma sensação maravilhosa, não é verdade, Michael?

O Anjo Azul caminhava novamente junto dele, e era, de facto, muito mais alto.

- O que é este sentimento - perguntou calmamente. - Estou quase a chorar.

- Estás a mudar para outra vibração, Michael.

- Não entendo o que isso quer dizer... Desculpe! O senhor tem nome?

Novamente se perguntou se teria ofendido aquele ser. E se fosse um Anjo feminino? Nada sabia acerca deste tipo de coisas, mas o porte e a aparência do Anjo poderiam ser perfeitamente femininos.

- Chama-me simplesmente Azul – respondeu o Anjo piscando o olho. Eu não tenho género, mas, pelo meu tamanho e voz, a tua mente deduz que sou do género masculino. Para mim, está bem que me trates assim.

Fez uma pausa para Mike captar o que fora dito, e continuou:

- A tua estrutura celular de ser humano pode existir em diversos índices vibratórios. O índice vibratório a que estás habituado é, digamos assim, o nível número um. Habitaste-te a ele, que te serviu dignamente. Todavia, nesta Viagem, poderes avançar até à tua meta, é preciso que vás mais longe, passando para um índice vibratório de valor seis ou sete. Neste momento, estás a mudar para o que poderíamos chamar o "índice dois", dado não termos uma designação melhor para lhe dar. Como já te disse, cada índice vibratório implica uma maior consciência da verdadeira realidade de Deus. O que estás a sentir agora é a consciência do amor. O amor é tangível, Michael. Tem propriedades físicas e é poderoso. O teu novo índice vibratório permite-te senti-lo muito mais, como nunca tinhas sentido. É a essência desta Morada, e irá intensificar-se à medida que fores visitando cada uma das outras.

Mike estava encantado por ouvir Azul. Esta fora a explicação mais longa e, também, a mais clara, que recebera até ao momento.

- És um mestre? – perguntou?

- Sim, cada um dos Anjos das Sete Moradas existe com essa finalidade, excepto o da última. Terei de te fazer várias revelações respeitantes à minha Morada, e os outros Anjos farão o mesmo. Quando tiveres terminado a Viagem, a tua visão de conjunto acerca de como funcionam as coisas no Universo será muito maior do que a que tens agora. A minha missão é proporcionar-te parte daquilo de que te tornaste merecedor por teres expressado o teu propósito. Estás aqui, na minha Morada, para receberes o mapa do teu Contrato. Amanhã cedo, antes de voltares ao Caminho, mostrar-to-ei e responderei a algumas perguntas. É muito importante que esta Morada seja a primeira, porque te ajudará na Viagem. De momento, convidado-te a desfrutares dos nossos presentes, que consistem em sustento e descanso.

De novo, seguiu o Anjo, a quem começava a sentir como um velho amigo... ainda que muito azul. Entraram num bonito jardim interior, onde todos os frutos e vegetais, todos os canteiros e hortas eram cultivados utilizando uma meticolosa agricultura. A luz, tal como em todas as outras salas, entrava a jorros pelas clarabóias do tecto, enchendo cada zona de uma essência exterior natural. Também se podia detectar o cheiro do pão cozendo no forno, que provinha de outra zona da construção. Perguntou:

- Quem se encarrega da manutenção desta Morada? Só te vejo a ti, aqui. Tu comes?

- Cada Morada tem espaços como este, Michael. E, não, eu não como. Este jardim existe exclusivamente para os Humanos que, como tu, estão a fazer o Caminho, que dedicam um tempo a esta experiência de aprendizagem e passam por aqui. O Jardim tem muitos zeladores, só que, agora, não podes vê-los. Enquanto percorreres o Caminho do Conhecimento, não te faltará sustento, saúde e alojamento. Esta é a nossa forma de te honrar e de respeitar o teu propósito.

Mike começou a sentir a agradável sensação de estar protegido, enquanto ia visitando outras sala, seguindo o Anjo Azul.

Finalmente, chegaram a uma zona de descanso, composta por dependências privadas, providas de uma fantástica cama de dossel e memoráveis lençóis brancos, que convidavam-no a deixar cair sobre eles o seu corpo fatigado. As fofas almofadas chamavam a atenção, oferecendo a comodidade e a segurança de um sono profundo. Estava espantado com o nível de organização daquela Morada. Então, perguntou:

- Tudo isto é para mim?

- Para ti e para todos os outros, Michael. Tudo foi preparado para qualquer um que tenha o teu propósito.

Na sala contígua havia um banquete tal que jamais conseguiria consumi-lo todo, por muito que tentasse. Era composto pela comida mais suculenta que jamais vira e em demasia para uma só pessoa.

- Come o que quiseres, Michael, que nada se desperdiçará. **Mas não guardes o que sobrar; resiste à tentação de levar.** Isso faz parte de uma prova do teu processo. É algo que entenderás mais tarde.

Dito isto, o Anjo Azul saiu da sala.

Mike pousou a sua bagagem, sentou-se e pôs-se a comer como raramente tinha comido. Cuidou de não cair na gulodice, mas comeu do delicioso manjar até estar satisfeito. As pálpebras começaram a fechar-se, e o ambiente proporcionava um grau de comodidade jamais experimentado desde o tempo de criança, quando estava ao cuidado dos carinhosos pais. Pensou: "Se pudesse conservar esta sensação!" Até o facto de ser Humano valera a pena. Levantou-se da mesa pensando que lavaria os pratos sujos na manhã do dia seguinte. Sentia-se tão cansado! Conseguiu tirar a roupa com dificuldade e pendurá-la nos cabides da parede. Caiu redondo na cama e rapidamente foi possuído pela cálida abrangência de um sono tranquilo.

Na quietude da manhã, levantou-se sentindo-se incrivelmente renovado. Lavou-se e dirigiu-se à zona do restaurante, onde constatou que já tinham levantado a mesa. No lugar dos pratos sujos do jantar, estava um fantástico pequeno-almoço. Em parte, tinha acordado com o cheiro das batatas fritas e dos ovos estrelados, e com o aroma delicioso de um pão acabadinho de cozer. Comeu sozinho, e naquele silêncio novamente se perguntou se a sua decisão de voltar para Casa fora correcta: "Será um erro querer sair da experiência terrena? O que acontecerá àqueles que deixamos para trás?" Eles não teriam a capacidade de experimentar os níveis de progresso vibratório que ele podia atingir. Seria justo? Começou a ser invadido por um sentimento de melancolia ao pensar nos amigos e companheiros de trabalho. Estava até preocupado com a ex-amada! E perguntou-se: "O que está a acontecer? Começo a sentir empatia com toda a gente. Isto não costumava acontecer-me. É verdadeiramente doloroso! Começo a lamentar o facto de possuir algo que os outros não têm. Quer isto dizer que estou errado? Deveria voltar para trás?"

Subitamente, o Anjo Azul apareceu no umbral da porta e disse:

- É inevitável que faças essa pergunta, Michael.

Uma vez mais, o Anjo sintonizara com os seus sentimentos. Embora se tivesse sobressaltado, adorou vê-lo e deu-lhe as boas-vindas com um aceno de cabeça.

- Fala-me dessas coisas, Azul. Com toda a honestidade, preciso de orientação. Começo a questionar se fiz o que deveria ter feito.

- O trabalho do Espírito é maravilhoso, Michael Thomas de Propósito Puro. E o postulado da iluminação é este: **primeiro, ocupa-te de ti mesmo. A dignidade da tua Viagem será transmitida sincronicamente a quem te rodeia, pois o propósito de um sempre afectará muitos outros.**

- Uma vez mais, tenho dificuldade em compreender totalmente o que dizes.

- Ainda que não compreendas neste momento, as tuas acções afectarão os outros, dando-lhes a oportunidade de tomarem as suas próprias decisões. Eles não teriam essas opções se tu não tivesses decidido estar aqui, agora. Confia na verdade destas coisas, e não te recrimines.

Sentiu que o seu espírito se libertava de um grande peso. Embora não tivesse compreendido como as coisas funcionam espiritualmente, a afirmação do Anjo reforçava a sua decisão para seguir em frente.

Recolhendo os seus pertences, saiu da zona do restaurante e dos dormitórios e entrou no enorme vestíbulo de entrada onde estava a porta por onde entrara no dia anterior. Enquanto se maravilhava com a imen-

sidade daquele ambiente, Azul seguia-o lentamente sem referir a sua bolsa... que mostrava as protuberâncias dos pães e dos bolos que guardara para o caminho!

Sabendo que tinha de receber o seu próprio mapa e pretendendo que Azul o levasse até ele, perguntou:

- Onde vamos agora?
- Espera aqui.

Pararam no centro de um enorme vestibulo azul, profusamente adornado. Dirigindo-se silenciosamente para uma parede afastada, perto de uma escada, o Anjo disse:

- Chega aqui, Michael.

Mike obedeceu e Azul fê-lo subir a escada até ao cubículo específico onde se encontrava o seu Contrato. À medida que ia subindo, agarrado ao corrimão, notou que havia um nome escrito em cada cubículo embutido na parede. Na verdade, havia dois nomes em cada compartimento: um deles parecia escrito em caracteres árabes e o outro em caracteres romanos. Em lugar de estarem ordenados alfabeticamente, os cubículos estavam dispostos segundo um sistema estranho, que, sem dúvida, era familiar ao Anjo Azul. Recebendo indicação onde procurar, aproximava-se do compartimento desejado. Finalmente, vi-o! Dizia: "Michael Thomas", mas, tal como em todos outros compartimentos, havia outro letrado escrito em estranhos caracteres. Pensou: "Provavelmente, estão escritos na linguagem angélica". Mas o Anjo dissera-lhe para não olhar para o que estava à sua volta; devia limitar-se a tirar o pergaminho do compartimento correspondente e descer para o examinar. Assim fez, mas, ao começar a descer a escada, não pôde deixar de reparar noutros nomes. Sentiu o coração parar. Os nomes dos pais também estavam ali! A disposição dos pergaminhos estava organizada por grupos familiares! Assim era o sistema espiritual utilizado na enorme sala. Sabia ser absolutamente proibido tocar no pergaminho de outra pessoa; no entanto, ficou ali uns momentos a examinar alguns dos nomes que desconhecia.

- Por que estão esses outros nomes, junto dos da minha família?
- Michael! – chamou Azul, de baixo.
- Vou já, senhor! – respondeu timidamente.

O Anjo sabia o que ele pensava, mas Mike não queria formular perguntas capazes de violar o protocolo daquele lugar sagrado. Pensativamente, desceu a longa escada azul e entregou o pergaminho ao Anjo. Azul olhou-o longamente; na sua serena expressão não havia segredos: transmitia a sua gratidão por ele ter respeitado a sacralidade do sistema. Mike sentiu o amor de Deus inundando todo o seu ser, e ambos sorriram amplamente em face daquela comunicação sem palavras. Começava a sentir que as palavras já não eram necessárias. Era como se conseguisse comunicar tudo quanto quisesse, sem emitir qualquer som. E pensou: "Isto é estranho!"

- Não tão estranho como aquilo que irás ver, em breve – disse Azul em resposta aos seus pensamentos.
- "Caramba! Aqui não tenho hipóteses!" pensou.

Azul ignorou este último pensamento. Colocou o pergaminho sobre uma mesa e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, este é o mapa da tua vida. De uma forma ou de outra, levá-lo-ás contigo a partir de agora. É-te dado com muito amor, e é uma das coisas mais valiosas que jamais possuirás.

Mike recordou-se das palavras do Anjo da visão no hospital a propósito de que a Nova Energia seria muito mais activa do que antes. Então, fez a pergunta inevitável:

- É um mapa actualizado?

- Mais actualizado do que poderias desejar – foi a fantástica resposta do alto Anjo Azul. Mike ficou até com a sensação de que ele se ria dissimuladamente.

Sem pronunciar uma palavra, o Anjo Azul entregou-lhe o mapa, convidando-o a examiná-lo. Mike pegou nele e apertou-o contra o peito, durante um momento, desfrutando daquele presente, como se fosse uma criança. Sentindo o carácter sagrado do momento, abriu o mapa com tal cerimónia que pôs o Anjo a sorrir... pois sabia o que ia acontecer.

A reacção de assombro e expectativa desapareceu, quando, desenrolando o pequeno pergaminho, verificou que **estava em branco!** Ou não estava? Precisamente no centro, visível apenas através de um cuidadoso exame, encontrava-se um grupo de símbolos e letras. inclinou-se e observou de perto: uma seta assinalava um pequeno ponto vermelho. Junto desse ponto estavam as palavras: **Estás aqui.** Ao lado, um pequeno símbolo representava uma construção, junto da qual se podia ler: Morada dos Mapas. Contíguo a este pequeno símbolo, havia uma pequena zona profusamente detalhada, de cerca de três centímetros, contendo o trajecto percorrido até ao momento. E acabava ali... sem mais! O mapa só mostrava onde ele estava naquele momento, e detalhava, unicamente, uma pequena zona que abrangia cerca de cem metros em cada direcção.

- O que é isto, Azul? – inquiriu, sem muito respeito. - Trata-se de alguma piada angélica? Percorri todo este trajecto até à Morada dos Mapas para receber um maravilhoso pergaminho sagrado que me diz que estou na Morada dos Mapas?

- As coisas nem sempre são o que parecem, Michael Thomas de Propósito Puro. Guarda este dom e leva-o contigo.

Na realidade, o Anjo Azul não respondera à pergunta. Apercebendo-se, intuitivamente, que seria errado voltar a fazê-la, enrolou o inútil mapa e guardou-o na bolsa. Estava claramente decepcionado. O Anjo dirigiu-se então para a porta principal e saiu para exterior.

- Devo fazer-te uma pergunta, antes de continuares a Viagem para Casa.

- Diz, meu amigo azul, qual é a pergunta?

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus?

Mike achou estranho que o Anjo da visão do hospital também lhe tivesse feito aquela pergunta, e quase no mesmo tom sério. Qual seria o significado desta repetição? Olhou de frente para o Anjo, e deu-lhe a sua sincera resposta:

- Querido e esplendoroso Mestre Azul, dado que podes ver o meu coração, sabes que amo Deus, sem qualquer dúvida.

- Que assim seja – disse Azul. E entrou na pequena Morada azul-cobalto, fechando a porta com firmeza.

Com uma sensação de repentina desconexão, perguntou-se: “Será que esta gente nunca diz adeus?”

\* \* \*

Com o tempo agradável e aromático, pegou nas malas e na bolsa com os bolos e o pão que guardara do pequeno-almoço, e regressou à estrada de terra, numa direcção que o conduziria a outra Morada de aprendizagem. Começou a relembrar os elementos humorísticos dos acontecimentos na Morada dos Mapas, e pensou: “Imagina! Um mapa que só te diz onde estás nesse preciso momento! Que inutilidade! É evidente que já sei onde estou. Que lugar mais estranho, aquele!”

Ecos dos risos soaram nas colinas, enquanto Michael Thomas de Propósito Puro fazia com que as árvores e as rochas participassem da alegria da sua situação, à medida que prosseguia a sua Viagem para Casa.

Os seus risos, porém, também chegaram às orelhas verdes, cobertas de verrugas, do ente tenebroso que o seguia, somente a duzentos metros de distância. Mike não tinha a menor ideia de que esta forma obscura esperara pacientemente que ele retomasse o Caminho. Uma vez mais, seguia-lhe os passos. Aquilo não projectava alegria, somente a decisão de que aquele viajante jamais chegaria à última Morada. Já tinha concebido uma estratégia, que consistia em reduzir a distância que os separava.

## 5 – A Segunda Morada

Não passou muito tempo até notar que se produzira uma mudança na sua maneira de ser. Avançava facilmente pelo Caminho sem pensar que poderia vir a enfrentar uma escolha quanto à direcção a tomar. Além disso estava perturbado, porque, intuitivamente, tinha a sensação de estar a ser observado. Apercebeu-se então claramente que, adiante, se apresentava uma situação problemática: havia uma bifurcação que o obrigaria a escolher entre dois rumos a seguir para chegar à Morada seguinte. Encolheu os ombros e deteve-se um pouco, observando o que tinha na sua frente. Pensou: “O que é isto? Como posso conhecer o Caminho nesta estranha terra de Anjos e Moradas coloridas?” Não esperava obter resposta, dado que as perguntas eram retóricas e tinha-as feito a si mesmo; não obstante, estava preocupado. Então, naquele preciso momento, recordou-se do mapa. Sentou-se numa pedra da berma para o tirar da bolsa, onde também guardara o pão e os bolos. Mas quase desmaiou com o mau cheiro. “O que é que está podre aqui dentro?” Cheirava tão mal que esteve quase a não querer averiguar qual era a causa de semelhante pestilência. Como, indiscutivelmente, era um odor orgânico, deduziu que se tratava do resto do pequeno-almoço; e não se enganou. Pegou no mapa com o cuidado adequado a um precioso presente e, esperando que o mau cheiro não tivesse danificado aquele objecto sagrado... e aparentemente inútil. O mapa estava inteiro, mas o pão e os bolos não. Despejou todo o conteúdo da mochila no chão e estremeceu com o que viu. Ali estavam as sobras do pão e dos bolos, completamente podres, como se tivessem sido expostas às intempéries de uma chuvosa selva tropical. Nos pútridos restos, cobertos de bolor, descobriu os primeiros e únicos insectos desta terra estranha. E havia-os aos milhares! Parecia um criador de minhocas. Deixou cair a bolsa e levantou-se num salto. “Nada consegue decompor-se de forma tão contundente. O que está a acontecer aqui?” Tapando o nariz, aproximou-se para observar com mais atenção. No chão, a massa negra fervia de minhocas e continuava a degradar-se perante o seu olhar. Observou como as pequenas e repugnantes criaturas devoravam os restos da asquerosa massa decomposta. E assim aconteceu com a totalidade dos restos! Perante o espectáculo, o estômago revolveu-se e virou a cabeça para evitar tão repugnante visão.

Nesse momento, algo atrás de si lhe chamou a atenção. “Sim, anda ali alguém!” Sabia que já tinha visto algo esverdeado e difuso, que desaparecera de vista e se camuflara entre a vegetação. Sentiu calafrios de alto a baixo da coluna. Mas ficou quieto pois, intuitivamente, tomou consciência do perigo a que se expunha se fosse observar do que se tratava. Estava perante uma bifurcação do Caminho; um animal ou criatura, ou o que quer que fosse, seguia-o. O que estava a acontecer neste lugar sagrado? O que acontecera ao pão e aos bolos? Voltou-se para rever a abominável asquerosidade que saíra da bolsa... mas só viu um monte de pó, que um suave vento começava a dispersar. Já não havia minhocas, nem pão, nem mau cheiro. Tudo voltara às suas origens básicas.

O que significava tudo aquilo? Lembrou-se que o Anjo Azul o advertira para não guardar alimentos. Mas jamais imaginara que isso se aplicaria a um pequeno lanche. Seria possível que os alimentos das Moradas fossem tão diferentes que não pudessem conservar-se durante umas horas? Olhou então para o mapa com preocupação e cuidado, receando tocar nalguma minhoca que tivesse ficado agarrada. Mas o mapa estava limpo, tal como o tinha guardado. Não conseguia entender como não se manchara com a comida podre. Então, decidiu fazer outra prova: pegou na bolsa e, com algum receio, cheirou-a. Não restava nada da horrível pestilência que lhe agredira o olfacto, minutos atrás. Não tinha a menor ideia do que acontecera, mas aprendeu uma valiosa lição: durante a Viagem, jamais voltaria a guardar comida.

De novo, viu que algo se movia atrás de si! Os alarmes começaram a tocar-lhe na cabeça. “Põe-te em marcha!” Sentiu-se desesperado e, instintivamente, desenrolou o mapa com a esperança de encontrar uma pista para a direcção a seguir na bifurcação. No mapa, lá estava outra vez o ponto vermelho com a inscrição “Estás aqui!”, mostrando simplesmente a sua posição actual, e nada mais. A bifurcação nem sequer aparecia no inútil objecto!

- Maldição! – exclamou em voz alta. Este império estava, é claro, completamente deslocado nesta terra, mas reflectia a frustração que sentia.

- Que raio de mapa me deste, Azul!

Uma vez mais, detectara movimento na retaguarda. Estaria essa coisa a aproximar-se? Por que não podia vê-la? Como se movia tão rapidamente? O que era? Dado que, nesse momento, os sensores de alarme do

cérebro assinalavam “pânico”, levantou-se num salto e dirigiu-se para a bifurcação, vigiando por cima do ombro. Mas a fugaz sombra não deu sinais de vida. Como podia ela saber com tal exactidão quando é que ele olhava por cima do ombro? Cada vez que o fazia, acelerava o passo e avançava a grande velocidade, mas a presença perseguidora sempre lhe acompanhava o ritmo. Cobriu os trezentos metros que o separavam da bifurcação com uma velocidade maior do que a usara desde o início da jornada nesta enigmática terra. Aterrizado, chegou à bifurcação ofegante, devido tanto ao esforço para manter o passo rápido como ao seu próprio medo. Não tinha qualquer indício sobre que direcção tomar, e sentia-se muito perturbado por essa indecisão. Cheio de pânico, parou e, desesperado, gritou para as nuvens.

- Azul! Que caminho tomo?

Como, na realidade, não esperava que Azul respondesse, ficou emocionado quando a suave voz, que parecia emanar de sua cabeça, lhe respondeu:

- Rápido, Michael. Usa o mapa!

Não estava com disposição para questionar se a resposta era certa ou não, pelo que fez o que já fizera: desenrolou o mapa tão rápido quanto pode. O ponto vermelho que dizia “Estás aqui” estava no mesmo lugar no centro do mapa. Mas... Um momento! O que estava ali? Examinou com mais detalhe, e varias gotas de suor caíram sobre o pergaminho. O ponto mostrava agora a bifurcação! Chegara à encruzilhada... e o mapa mostrava essa actualização! Olhou atentamente e, desta vez, viu que, junto da encruzilhada, uma seta assinalava claramente a direita! Nem vacilou: enrolou o mapa e tomou esse caminho, que subia por uma pequena colina. Continuou a olhar para atrás com frequência, sabendo que o seu perseguidor estava por ali escondido. A indefinida figura esverdeada saltava rapidamente entre rochas e arbustos, e acertava o passo com o seu, acelerando quando ele acelerava.

Respirou aliviado quando chegou ao alto da colina, porque avistou a Morada e sentiu que a salvação estava perto. Sem deixar de prestar atenção àquela coisa que o seguia, acelerou o passo e desceu, a correr, para o lugar onde sabia que encontraria segurança, refúgio e comida.

O perseguidor esverdeado, vil e sinistro, estava furioso! Se Mike tivesse hesitado um pouco mais, tê-lo-ia apanhado! Estava enfurecido porque desperdiçara uma boa oportunidade. Mas deixou-se ficar entre as árvores que rodeavam a Morada onde a sua presa acabava de entrar – uma Morada cor-de-laranja brilhante - e dispôs-se a esperar pacientemente. Seria uma longa espera, mas isso não o incomodava.

Um Anjo esperava o visitante à entrada, mas no interior da Morada. Mike quase se emocionou quando Laranja – assim decidiu chamar-lhe – lhe falou pela primeira vez.

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! Estávamos à tua espera.

- Também eu te dou as boas-vindas! - respondeu com voz trémula, mas esperando não denunciar o alívio e a falta de fôlego que sentia. Conteve a vontade de abraçar aquele enorme ser Laranja, e sentiu-se muito contente por estar novamente protegido.

- Vem comigo – pediu o anfitrião Laranja, enquanto o conduzia ao interior da “Morada dos Dons e dos Instrumentos”. Mike certificou-se de que a porta ficara fechada e seguiu o Anjo... ainda a tremer e assustado com a experiência que acabara de viver. Continuava com medo e fazia a si próprio muitas perguntas sobre esta terra de assombrosos contrastes.

O Anjo era esplendoroso como os seus antecessores. Uma vez mais, ficou impressionado com a elevada estatura e a grande bondade desta entidade, que o fazia sentir-se querido e acolhido, tal como acontecera com todas as outras que já encontrara. “Serão todos feitos do mesmo”, reflectiu.

- Na realidade, todos somos da mesma Família – comentou o Anjo.

Mike sentiu-se mortificado por se ter esquecido como funcionava a comunicação com essas criaturas espirituais. Só pôde dizer:

- Lamento.

Laranja virou-se, parou e abanou a cabeça de uma forma engraçada, enquanto Mike o olhava.

- Lamentas? Porquê? Por honrares a minha magnificência? Por te sentires amado? Por perguntares quem somos? Costumamos ter muitos hóspedes, Michael Thomas. De todos os que visitaram esta segunda Morada, tu és, até agora, aquele que fez o menor número de perguntas.

- O dia ainda é uma criança – disse, suspirando. Queria interrogar o Anjo sobre o medo e o posterior pânico que acabara de sentir. Quem o seguia? Mas o Anjo sabia que ele formularia essa pergunta.

- Não posso dizer-te o que desejas saber, Michael.

- Não podes ou não queres? Eu sei que tu sabes a resposta.

Apesar de tudo, duvidou e resolveu pôr o Anjo à prova bombardeando-o com uma série de perguntas:



- Porque não podes falar-me acerca disso?
- Tu sabes mais a esse respeito do que eu - respondeu o Anjo.
- Como é isso?
- Aqui, as coisas nem sempre são o que parecem.
- Aquela coisa estará lá fora quando eu sair?
- Sim.
- Ele é daqui? Parece estar deslocado neste ambiente espiritual.
- Tem o mesmo direito que tu de estar aqui.
- Pode fazer-me mal?
- Pode.
- Posso defender-me?
- Podes.
- Ajudas-me?
- Para isso estou aqui.

O Anjo permaneceu em silêncio quando as perguntas terminaram.

Como aquelas respostas confirmavam que Laranja sabia tudo, começou a relaxar. “Se ele sabe estas coisas, então, potencialmente, há outras que eu posso vir a saber. Serei paciente. Estou certo que tudo me será revelado à medida que for avançando. Parece ser assim que as coisas funcionam aqui.”

De repente, apercebeu-se que ainda nem tinha passado uma hora desde que julgara o mapa como um objecto inútil, e de como ele o tinha salvo no momento em que mais precisara.

- Deus é muito actual, sabes? – disse o Anjo quase a rir, pois, uma vez mais, sintonizara com os seus pensamentos.

O Anjo Laranja deu meia volta e começou a conduzi-lo pelas zonas interiores da Morada. Enquanto caminhava, Mike comentou:

- Começo a acostumar-me. Acaso se trata de obter o necessário apenas no momento em que se necessita?
- Assim é. O enquadramento temporal humano, de menor vibração, é linear, mas o tempo dos Anjos não é. Obviamente, este Anjo era outro mestre.
- Então, como é que vocês percebem o tempo?

Enquanto iam conversando, Laranja prosseguia através de um armazém. Um armazém? Tal como na Morada anterior, a área interior era enorme. Ficou boquiaberto ao ver dezenas de fileiras de caixas empilhadas dentro de um espaço, cujo tecto devia ter uns quinze metros de altura. O Anjo respondeu:

- Nós não temos passado nem futuro, Michael. O teu conceito de tempo desenvolve-se em linha recta. O nosso, porém, é uma plataforma giratória que se move no sentido dos ponteiros do relógio com o mecanismo em repouso. Nós conseguimos ver permanentemente toda a extensão do nosso tempo, porque está sempre debaixo de nós. Por isso encontramos-nos sempre no “agora” do nosso tempo. Sempre nos movemos em volta de um centro conhecido. Dado que o desenrolar do vosso tempo é recto e, invariavelmente, se movimentam para a frente, nunca chegam a experimentar plenamente o presente. Olham para trás e sabem onde estiveram; olham para a frente e sabem para onde vão. Mas não vos é permitido experimentar um tipo de existência de **ser**. Pelo contrário, experimentam uma existência de **fazer**. Faz parte da vossa vibração inferior, mas está correcto para a vossa dimensão.

- Este argumento poderia explicar como funciona o vosso mapa.

Mike recordou-se então que o ponto vermelho com a frase “Estás aqui” estava sempre no centro, e que os acontecimentos da sua nova existência pareciam entrar e sair de um ponto concreto. E pensou: “É exactamente o contrário de como funciona um mapa humano.”

- Exacto! – disse Laranja por cima do ombro, enquanto continuava a andar. No vosso sistema do tempo a estrutura do mapa é conhecida e é o ser humano que se move. Isto decorre de perceberem o tempo e a realidade como uma constante, e o ser humano como a variável. Mas, quando se aproximam da nossa estrutura temporal e da nossa vibração, o ser humano é a constante, e o mapa (a realidade) é a variável.

Mike tinha de reflectir sobre isto. Era difícil de entender mas, de certa maneira, era familiar. A experiência vivida na bifurcação, tinha mostrado o enorme valor do mapa espiritual... embora fosse diferente de tudo o que poderia esperar. Sabia que, da próxima vez que estivesse perante uma situação idêntica, não se preocuparia até se encontrar na bifurcação. Então, o mapa funcionaria.

Tal como Azul, o Anjo Laranja conduziu o visitante, através de zonas de grande beleza, até à área de hóspedes, alimentação e descanso. Mas esta esplêndida Morada continha caixotes identificados, em vez dos pequenos compartimentos da Morada dos Mapas. Também aqui os nomes estavam escritos com os mesmos

estranhos caracteres de aparência árabe, que achava ininteligíveis. Mas deduziu, acertadamente, que em algum ponto da sala estaria uma caixa com o seu nome e que, em breve, daria com ela. Mas ouviu Laranja a dizer:

- Estes são os teus aposentos. Começaremos amanhã. As tuas refeições serão servidas na sala da esquerda, e podes fazer a higiene na da direita. Agora espera-te a refeição que preparámos para ti.

Dito isto, abandonou os aposentos, fechando a porta.

Observando a porta fechada e reparando que Laranja nem sequer fizera um gesto de despedida, pensou: "Poderás ser um Anjo, mas os teus modos deixam muito a desejar! Ora, não posso esperar que eles compreendam profundamente a natureza humana!"

Tal como na outra Morada, comeu como um príncipe. Praticamente devorou a deliciosa comida, e ficou boquiaberto ao ver a grande beleza artesanal dos utensílios de madeira. Sentia-se pouco à vontade por deixar os pratos sujos para outros os lavarem... enquanto recordava o quanto odiava essa tarefa. Sabia que, embora não pudesse vê-los, devia haver outros seres que se encarregavam desses serviços. "Que combinação mais estranha! Um lugar angélico, que tem de atender quem está numa vibração humana mais baixa do que a sua." Então, começou a questionar-se sobre o sistema de esgotos... mas ficou atónito ao descobrir algo surpreendente: Há vários dias que não ia à casa de banho! Nem sequer havia um lavabo! A Morada tinha zonas para tomar banho, mas nada de sanitas! Apercebeu-se que, desde que passara pelo umbral que iniciava o Caminho, não experimentara "necessidades fisiológicas"! Algo estava a ocorrer no seu corpo, nesta terra cheia de surpresas. Não se preocupava com o sistema de eliminação... mas era, certamente, uma sensação estranha.

\* \* \*

Na manhã seguinte, sentiu-se cheio de energia. Tomou um pequeno-almoço de fruta fresca e diversos pães, saboreando o incrível sabor dos magníficos alimentos. Verificando que a comida era um tanto diferente, pensou que devia interrogar Laranja sobre esse assunto.

- Esta é a nossa estrutura temporal – disse o Anjo alegremente desde a porta da sala.

Acabava de chegar e captara os seus pensamentos. Continuou a explicar:

- Esta comida não pode existir numa vibração mais baixa e contém atributos espirituais interdimensionais. Por isso não deixa resíduos no organismo humano, Michael. É também por isso que não pode ser armazenada. Para ela não existe nem o futuro nem o passado. Foi criada momentos antes de a ingerires, e não se conservará se quiseres levá-la daqui.

- Já descobri essa particularidade – disse, recordando a repugnante massa podre, que quase lhe causara problemas.

O Anjo levou-o para fora da zona dos aposentos e encaminhou-o para uma enorme arena circular bem iluminada, onde havia várias caixas abertas e uns quantos bancos alaranjados distribuídos pelo espaço, para os Humanos se sentarem a descansar. Também havia uma espécie de altar, um pouco de incenso e alguns pacotes de estranha aparência. Então, disse:

- Bem-vindo à "Morada dos Dons e dos Instrumentos", Michael Thomas de Propósito Puro. Por favor, senta-te, porque passaremos aqui um bom bocado.

Este foi o início de uma larga série de sessões de ensinamento. Seguir-se-ia um período ainda maior, dedicado à prática e à avaliação do uso dos dons e dos instrumentos numa nova vibração espiritual. Foi assim que permaneceu mais três semanas na Morada Laranja.

Em repetidas ocasiões, durante todo o processo de aprendizagem, o Anjo Laranja disse:

- Pouco a pouco, estás a elevar a tua vibração, Michael Thomas. Estes são os dons e os instrumentos que te foram prometidos para te ajudarem a realizar essa tarefa. Pertencem-te, devido ao teu propósito expresso. Não poderás entrar nas Moradas que se seguem sem saberes como funcionam. Muito menos conseguirás chegar a Casa sem seres um perito no seu uso.

Mike prestou muita atenção. Sabia que se tratava de uma preparação para regressar a Casa e lembrou-se que lhe tinham dito que seria preparado para isso. Laranja deu-lhe muitos dons. Alguns deles, que pareciam ser feitos de um cristal extraordinário, foram-lhe colocados magicamente no corpo, com o fim de complementar o seu poder espiritual. Recebeu explicações muito completas sobre a função de cada um deles, mas necessitou de tempo para digerir e compreender o seu significado. Depois, foi-lhe pedido que explicasse a sua serventia. Não foi tarefa fácil, pois requeria conceitos e palavras totalmente novas.

O Anjo Laranja falou acerca de os Humanos chegarem ao planeta trazendo consigo determinadas qualidades, correspondentes a diferentes planos de existência: as vidas passadas. Tinha ouvido falar no assunto, mas não estava preparado para o ouvir da boca de um Anjo! Para ele, o normal seria ver um guru indiano, de longos cabelos, a tratar do tema, mas não um Anjo! Este, disse que as vidas passadas eram um elemento importante da condição humana e que as instruções provenientes de cada uma delas eram levadas de uma para a outra, como lições de nascimento. Estas lições eram conhecidas como “carma”, embora também se denominassem “reminiscências” ou “experiências”. O carma permitia a aprendizagem humana e, de certo modo, também ajudava o planeta. Assim funcionavam as coisas para os Humanos, vida após vida. E acrescentou que, **para aceder a uma nova vibração, ele tinha de eliminar algumas características antigas, entre as quais estavam essas lições cármicas com que nascera**. Na Viagem para Casa não havia lugar para elas... tal como não havia lugar para comida podre! Naquele instante, viu-se como um monte de carne podre caída na estrada, alguém que não prestava atenção ao mestre. Intensificou, pois, a sua atenção para não criar essa situação. Que asco!

Laranja captou estes pensamentos e riu-se às gargalhadas, transmitindo-lhe o seu regozijo. Mike ficou perplexo por se sentir tão próximo do Anjo. Era um maravilhoso mestre e um grande companheiro (embora não soubesse que, por educação, se devia dizer “Olá” e “Adeus”).

Mike apreendeu a dar forma a pensamentos que, verdadeiramente, criavam energia. Laranja explicou:

- É assim que controlas a realidade. Usa a tua compreensão e os teus sentimentos espirituais para te impulsionares até às situações que mereces e que planeaste.

Não fazia a menor ideia do que isso significava, mas seguiu todas as instruções e passou todas as provas. O dom do poder espiritual da co-criação foi introduzido no seu ser, assim como o dom para se desfazer de todos os seus atributos cármicos, provenientes de encarnações passadas. Cada dom foi festejado com uma cerimónia e com verbalizações. E cada um deles parecia transmutar-se do físico para o espiritual, enquanto o seu corpo o absorvia, tudo isto sobre a direcção do esmerado e grande Anjo Laranja.

Sentiu-se como se estivesse a estudar para algum sacerdócio sagrado! Cada vez que verbalizava o que Laranja lhe ensinava, constatava que o Anjo podia ver dentro do seu coração. Lia a sua alma ao prometer e verbalizar o propósito de obter os diversos dons, que, depois, seriam implantados no seu centro de poder espiritual. Ao princípio, achou a situação incómoda, mas logo se apercebeu que Laranja somente revia integralmente o que ele expressara em voz alta. Se tivesse fingido, o Anjo teria detectado imediatamente o embuste e impedido que o ensinamento continuasse.

Finalmente, após duas semanas, tudo o que estava dentro dos caixotes já tinha sido explicado e integrado no seu Eu Espiritual. Passara por todas as provas, entre as quais uma particularmente difícil: tinha medo de espaços pequenos e fechados! Não sabia porquê, desde criança, sempre sobrevinha um ataque de pânico quando se encontrava confinado a um espaço exíguo. Um dos dons que Laranja lhe outorgou foi o poder de superar essa fobia. Bastou expressar essa intenção e levar a cabo a cerimónia. Explicou-lhe que a sensação de pânico em espaços fechados não passava de um **resíduo cármico**. Abandoná-lo significava abandonar muitas outras experiências de vidas passadas, que trouxera para a sua actual encarnação. Assim, num dos dias de treino, ao aproximarem-se de um grande caixote vazio, Laranja pediu-lhe, muito carinhosamente, que entrasse lá para dentro! Obedeceu. Viu a tampa a ser colocada e ouviu as marteladas inquietantes ao ser pregada. Ali ficou, acororado no meio do silêncio e da escuridão. Podia ouvir claramente a sua própria respiração, sabendo que estava numa situação extremamente incómoda. Inclusive, ouvia as batidas do coração. Laranja nem sequer lhe deu qualquer explicação: era outra prova em que não podia fingir. Durante uns dez segundos, o coração acelerou ao recordar-se da sua claustrofobia. Então, no momento preciso em que o corpo deveria começar a tremer de pânico, a sensação desvaneceu-se completamente. Relaxou. Deu-se conta, com grande satisfação, que o dom tinha funcionado. Ao princípio, o corpo reagira como habitualmente, mas o seu novo dom tinha sustido a reacção. A paz invadiu-o... e cantou para si mesmo várias canções. Finalmente, adormeceu. Uma hora mais tarde, o Anjo Laranja, encantado, abriu a caixa e deixou-o sair.

- Foste extraordinário, Michael Thomas de Propósito Puro. Nem todos conseguem chegar até aqui – disse o angelical ser, cheio de orgulho e sorrindo de orelha a orelha.

Foi a primeira vez que teve a plena consciência de fazer parte de um grupo de pessoas que também tinham decidido fazer a Viagem para Casa. Isso já se tinha evidenciado várias vezes, mas ainda não assimilara o que isso implicava. Durante mais de uma noite reflectiu sobre isso, enquanto Laranja continuava a incorporar-lhe dons e começava a mostrar-lhe grandes ferramentas. Durante a terceira semana de preparação, o Anjo apontou para uma caixa enorme e disse:

- Eis os três os instrumentos de que precisas para a tua Viagem.

Dito isto, abriu-a. Cada vez que o Anjo abria um pacote ou uma caixa, esperava expectante, sentado no seu banco, perguntando-se qual seria o objecto mágico que o ajudaria a aumentar a sua sabedoria, o seu conhecimento ou o seu poder espiritual. Mas não estava preparado para ver do que de tratava. O Anjo estava de costas, de modo que foi impossível ver o tirara da caixa. Quando se voltou para mostrar a primeira ferramenta, só conseguiu ver um reflexo prateado. Não. Era incrível. O Anjo Laranja segurava uma imensa Espada!

- Aqui tens a Espada da Verdade!

Enquanto o Anjo a segurava nela parecia grande, mas, quando a empunhou parecia enorme, pesadíssima e difícil de manejar. Não podendo crer no que estava a acontecer, exclamou admirado:

- Esta Espada é real!

- Tão real como os outros dons. E é somente um dos três elementos externos que levarás contigo, quando retomares o Caminho para as quatro Moradas seguintes.

Mike segurou na Espada enquanto a examinava, admirado com a sua beleza. A arma estava profusamente adornada com elaborados desenhos em relevo, todos com um grande significado espiritual e o seu nome estava escrito nela, tal como imaginara. A lâmina era comprida e o punho estava talhado numa pedra azul-cobalto brilhante. Era um objecto magnífico... e muito afiado!

- Tenta esgrimi-la.

Mike assim fez, e viu que a Espada quase se movia sozinha! O inesperado poder da arma fez com que caísse desamparado para a frente. Sentiu-se embaraçado, enquanto se levantava para fazer outra tentativa. Laranja, com um gesto, pediu-lhe para parar.

- Vamos ver se isto te ajuda.

Regressou à caixa e tirou de lá outro objecto, que também emitiu um reflexo prateado. Era um enorme Escudo! Abanou a cabeça com incredulidade. E pensou: "O que significa isto? É verdadeiramente estranho. Dons espirituais, essas armas de guerra? Acaso vou ser preparado para viver em Camelot?"

Segurando o Escudo entre as mãos, Laranja disse:

- As coisas não são o que parecem ser, Michael Thomas de Propósito Puro. Experimenta este Escudo.

Ensinou-lhe a colocar o Escudo no braço utilizando uma braçadeira, e deu-lhe algumas indicações sobre como equilibrar o peso da Espada e do Escudo. Dado que o peso de cada um era complementar do peso do outro, tornava-se possível movimentar a Espada sem cair. Era fundamental aprender a manejar aquelas duas ferramentas.

- Michael, o Escudo representa o Conhecimento do Espírito. Se o juntas com a Verdade, o equilíbrio é todopoderoso! A escuridão não pode existir onde há Conhecimento. Os segredos não podem sobreviver na Luz, que surgirá quando a Verdade for revelada através do exame do Conhecimento. Não existe uma combinação mais poderosa do que esta. E ambos devem usar-se juntos.

- Há mais alguma coisa na caixa? – perguntou, cambaleando com o peso do Escudo e da Espada.

- É estranho que o perguntes! – comentou Laranja.

Enquanto Mike o observa incrédulo, novamente se dirigiu à caixa para retirar um objecto ainda maior do que os outros dois, também prateado.

- Aqui tens a Armadura! – exclamou, muito divertido e quase a rir-se ao ver o espanto do seu instruendo.

- Não entendo! Como esperas que eu carregue com tudo isto ao mesmo tempo?

- Com a prática. Deixa-me fazer uma demonstração.

Laranja pegou na Espada e no Escudo, e ajudou-o a vestir a Armadura, pesada e muito ornamentada: uma espécie de vestimenta cerimonial que o cobria e se adaptava ao corpo como se tivesse sido moldada para ele. A sua confecção era perfeita. Laranja apertou as fivelas e colocou uma bandoleira com uma bainha especial para a Espada da Verdade. Depois, ensinou-lhe como usar o pesado Escudo preso às costas por um suporte, para poder ser transportado enquanto viajava. Quando tudo estava pronto, o Anjo voltou a colocar-se a uma certa distância.

- Michael Thomas de Propósito Puro, agora possuis a tríade de ferramentas que te permite ascender a uma nova vibração. Já tens a **Espada da Verdade**, o **Escudo do Conhecimento** e, finalmente, a **Armadura do Espírito**. Esse "manto de Deus" representa a sabedoria necessária para poderes utilizar adequadamente os outros dois instrumentos. Em breve retomarás a tua Viagem transformado num Guerreiro de Luz. Nesta tríade reside um grande poder. Nunca uses os seus elementos separadamente.

Laranja ajudou-o a tirar armas e reconduziu-o aos seus aposentos. Uma vez ali, lavou-se, comeu e foi dormir. Já na cama, permaneceu bastante tempo questionando todas as incongruências que detectara nesta terra. Sossegou e dormiu, com muitos pensamentos contraditórios na mente.

Pela manhã, já estava outra vez na sala de instrução. Durante vários dias, Laranja treinou-o, ensinando-lhe a usar as armas com destreza. A primeira aula foi sobre o equilíbrio. Pediu-lhe que subisse e descesse a escada a correr, rapidamente, como se fosse travar um combate, com a Espada desembainhada e brandindo o Escudo. Também lhe ensinou a cair e a levantar-se rapidamente, usando o Escudo como contrapeso. Ao longo do treino, notou que os instrumentos não se sujavam nem mostravam manchas ou amolgadelas, apesar de estarem a ser utilizados. Com a Armadura posta e empunhando as armas, correu, andou, deu voltas e realizou todo o tipo de acções e movimentos, excepto praticar o combate. Gradualmente, foi adquirindo uma sensação de equilíbrio e, à medida que o tempo foi passando, repetiu-se uma estranha situação: à noite, quando se libertava dos instrumentos de combate, não sentia a falta do seu peso; pelo contrário, sentia-se pequeno, indefeso... e demasiado leve.

Vários dias depois, começou a receber o treino final, que consistia em aprender a utilizar a Espada da Verdade. Para ele, Laranja transformara-se numa espécie de mestre samurai, que lhe ensinava a combater. Mas recebera um tipo de treino que nada tinha a ver com o que imaginara.

- Agora, já estás preparado para aprender a utilizar as armas, Michael Thomas. Desembainha a Espada.

Assim fez, mostrando a destreza e o vigor de um orgulhoso cavaleiro medieval. O Anjo olhou com aprovação, e pediu-lhe:

- Agora, levanta-a para a Deus... Sente a Espada antes de expressares a tua verdade.

Mike não entendia o que Laranja queria dizer com aquilo. Sentir a Espada? Como não senti-la se estava a pegar nela?

- Michael Thomas de Propósito Puro, levanta a Espada tão alto quanto poderes e expressa a tua verdade: Amas Deus?

Mike já imaginava: outra vez a mesma pergunta! Só que, desta vez, encontrava-se empunhando uma robusta arma espiritual que apontava para o céu. Acaso era esperado algum tipo de discurso? Começou a verbalizar a sua já estereotipada resposta:

- Sim, Laranja, amo-o. Dado que podes ler no meu coração...

Mas, nesse preciso momento, ficou perplexo, sem poder acabar a frase. A Espada tinha começado a vibrar! Era como se cantasse. Percebeu uma intensa calidez vibratória, que lhe percorria o braço e descia até ao peito. Como resposta a esta situação, o Escudo começou a zunir, e a Armadura começou a aquecer!

Fora treinado para usar facilmente aqueles utensílios e, agora, de algum modo, eles tinham adquirido vida devido ao propósito que expressara. Sentiu-se invadido pela sensação do poder destes elementos que manejava. Então, lembrou-se que estava a discursar. Empunhou a Espada, levantou-a para o céu, e disse:

- Pois claro que amo Deus!

Então, **sentiu** a Espada a vibrar com o seu propósito, pleno de Verdade. Sentiu-se poderoso. Sentiu-se iluminado. Sentiu-se capaz de permanecer ali mais uma hora, empunhando a pesada e vibrante arma e mantendo o seu propósito de regressar a Casa, onde pertencia. **Sentiu** os três elementos a vibrar na nota musical Fá, que ressoava dentro do coração. As lágrimas começaram a correr-lhe pela face, à medida que ia sentindo e vendo a importância da cerimónia. Aqueles artefactos estavam a aceitar o seu organismo e a integrar-se no seu Espírito. E o seu propósito, tão verdadeiro, era o catalizador da cerimónia! Assim, era esta a razão de ser da Espada, do Escudo e da Armadura? Era uma metáfora. Que outra coisa podia ser senão uma metáfora? Esta explicação era muito válida porque o levava a um novo nível de compromisso e consciência.

Nessa noite, o Anjo Laranja e Michael Thomas trocaram sentimentos afectuosos, pois Mike sabia que faltava pouco para partir. Laranja não lhe ensinara a combater, porque as armas eram unicamente símbolos. Mas fez perguntas sobre a Casa e o Caminho, pois pretendia saber porque é que, nesta terra sagrada e espiritual, se ensinava a manejar armas de guerra da Terra. Laranja contornou habilmente todas as perguntas, excepto aquelas cujas respostas Mike estava em condições de assimilar; contudo, essas respostas foram imprecisas.

- Laranja, na Terra, terias sido um magnífico político – disse, brincando.

- O que te fiz eu para me insultares desse modo? – respondeu o Anjo, devolvendo a brincadeira.

- Sinto que me une a ti um vínculo muito autêntico... - começou a dizer, mas depressa se apercebeu que ficou sem palavras. Realmente, não queria deixar este grande mestre angélico.

- Não digas mais nada, Michael Thomas de Propósito Puro. Compartilharei contigo um segredo dos Anjos.

Laranja tinha idealizado uma revelação exclusiva para ele; inclinou-se até que os olhos de ambos ficassem à mesma altura, e continuou:

- Tu e eu somos da mesma Família. **Não podemos dizer adeus porque, na realidade, um jamais deixará o outro.** Eu sempre estou contigo e à tua disposição. Já verás que assim é. E, agora, está na hora de voltares para os teus aposentos.

Mike estava emocionado pela natureza franca da comunicação que estabelecera com Laranja. Afinal, eram da mesma Família? Como era possível? Nesse momento, sentiu-se ridículo pois compreendeu que Laranja o ouvira a queixar-se que os Anjos nunca se despediam. Que resposta tinha recebido! Que grande revelação! Que pensamento! “Quer dizer que os Anjos nunca me deixarão?”. E lembrou-se, pela primeira vez desde que chegara à Morada Laranja três semanas antes, que, na bifurcação do caminho, o Anjo Azul lhe indicara como usar o mapa. De facto, tinha ouvido a sua voz dentro da cabeça. Então, perguntou:

- Conheces Azul?

- Tanto como a mim mesmo.

Mike ficou calado e retirou-se para onde cada vez gostava mais de estar: o lugar onde comia e dormia. Embora nada de concreto ainda lhe tivesse sido dito acerca de sua partida, guardou as suas coisas nas bolsas e na mochila (quase se esquecia delas), e preparou-se para continuar a Viagem pela manhã. Deu uma olhadela aos livros e às fotos, suspirou de novo pelas experiências na Terra e pelos seus valiosos pertences... embora, de algum modo, começassem a ficar deslocados.

De manhã, depois do pequeno-almoço, um pensativo Michael Thomas chegou à porta da Morada Laranja, onde o Anjo da mesma cor o tinha conduzido em silêncio. No entanto, desta vez, ia mais carregado; para além das malas com os livros e as fotos, e da bolsa com o mapa, levava os novos instrumentos, que chocavam com um som metálico quando caminhava.

- Michael, tens a certeza que queres levar todas essas coisas na tua Viagem? Talvez fosse melhor não as levares contigo.

- Representam todos os meus bens terrenos. Necesito deles.

- Para quê?

- Para recordar e honrar minha vida anterior.

- Para continuares ligado ao estilo de vida precedente, Michael?

Mike começava a ficar irritado pelo cariz de perguntas. O Anjo insistiu:

- Por que não deixas as bolsas aqui? Já sabes que te quero bem e que as guardarei para o caso de algum dia voltares.

- Não!

Não queria ouvir nem mais um comentário sobre a bagagem. Eram os seus pertences e queria mantê-los tanto quanto possível. Neste estranho lugar necessitava de algo que lhe recordasse quem realmente era. O Anjo fez uma inclinação de cabeça, concordando. Mike apercebeu-se que sempre fora tratado assim, que todos os Anjos que conhecera honravam as suas decisões e jamais contestavam as suas resoluções finais.

Nessa manhã, não se despediu do Anjo Laranja. De pés nos degraus, frente a esse ser com quem tinha convivido várias semanas, recordou o que lhe dissera sobre serem da mesma Família. E, sem crer no que dizia, proferiu:

- Ver-te-ei em breve.

O Anjo Laranja simplesmente entrou na Morada e fechou a porta.

“Não sei como podem fazer isto. Nunca há despedidas; só portas que se fecham!”

Mike iniciou o seu Caminho numa direcção que não tinha tomado antes. Fazia o que podia para manter as coisas que levava, dada a pesada carga. Era demasiado: além das malas e da bolsa com o mapa, carregava a Espada, o Escudo e a Armadura. Lamentava ter de suportar fisicamente esses símbolos da Nova Era! E como pesavam! Pensou: “Que coisa mais parva! Devo ter um aspecto muito ridículo. Serão realmente necessárias estas armas? Nunca as usarei para combater em nenhuma batalha. Na realidade, não saberia utilizá-las! Laranja não me ensinou. São apenas uma parte da cerimónia e somente conferem aparência. Não será suficiente reconhecê-las como símbolos?”

Como estava muito ocupado tratando de se equilibrar enquanto caminhava, carregado com o seu novo equipamento e a sua bagagem, esquecera-se por completo de quem o esperava no Caminho. Já não se lembrava que havia algo à sua espera. Então, enquanto caminhava chocalhando involuntariamente o seu equipamento metálico, a força sinistra e esverdeada observava por detrás das árvores.

Aquilo examinou-o com interesse renovado. Ah! Não era o mesmo Mike. Fora trocado por outro, com armas e poder! Bom... deixara de ser fácil. Tinha de inventar uma nova estratégia para fazer frente a um Michael Thomas que, agora, detinha um grande poder. O tempo se encarregaria de fazer o resto. Mas, por enquanto, continuaria a segui-lo à distância, mantendo-se oculto para não ser detectado, enquanto esperava uma oportunidade para atacar. Estava convencido de que ele nunca chegaria à porta final, que ostentava um dístico que dizia: CASA.

## 6 - A grande tempestade

Ainda não tinham passado duas horas desde que começara a caminhar, quando notou que o vento soprava com maior intensidade e o céu começava a escurecer. “Ena! Incrível! Tempestades no paraíso!”

Durante a última hora, mais ou menos, esforçara-se por levar a sua carga, parando para descansar a intervalos cada vez mais frequentes. Para além de ser pesada, era incómoda de carregar e desequilibrava-o, o que o irritava profundamente. E, ainda por cima, aproximava-se uma tempestade! Precisava de se abrigar o mais rapidamente possível, pois ia chover. Não queria que as bolsas se molhassem... e desconhecia se o equipamento novo era inoxidável!

Parou novamente e, pela primeira vez, olhou para trás. Aquilo estava ali! A forma imprecisa e verde-escura saiu disparada para se esconder atrás de umas rochas grandes. Desta vez. Mike vira. Era grande e real! Um sentimento de apreensão invadiu-lhe o corpo cansado, enquanto se apercebia que Aquilo não tinha deixado de o seguir desde que saíra da última Morada. Lembrou-se que Laranja lhe dissera que Aquilo era perigoso e que o podia ferir. Enquanto descansava, colocou-se de frente para o trajecto que percorrera, para poder vigiar abertamente. Sabia que devia permanecer alerta... mas não tinha a menor ideia de como fazê-lo.

O vento intensificou-se, dificultando o andamento. Sem aquela carga a estorvar não teria tido nenhum problema, mas, o Escudo, agarrado às suas costas, actuava como uma vela de barco. Sem toda aquela bagagem, facilmente teria adoptado uma posição de equilíbrio e decerto se teria movido muito mais depressa, pondo o Escudo contra o vento para se estabilizar. Mas isto seria impossível enquanto carregasse aquele equipamento. Sabia que devia encontrar rapidamente um lugar onde se refugiar, até cessar a inusitada alteração climática e restabelecerem-se as tranquilas condições atmosféricas existentes até àquele momento.

Nunca tinha vira nada parecido. O tempo transformava-se drasticamente em questão de minutos! Em alerta constante por causa do seu perseguidor, viu, horrorizado, que Aquilo se aproximava apesar do vento e da chuva torrencial. Era rápida, a criatura! Como podia mover-se assim com aquele vento?

O tempo, que piorava de forma implacável, obrigou-o a tomar medidas. Tudo estava a mudar demasiado rápido! Avançou com dificuldade, agachando-se e tentando criar a menor resistência possível ao vento. Mas viu-se obrigado a parar e a acocorar-se, pois era completamente impossível avançar.

A tempestade começara a apresentar personalidade própria, enquanto ululava devido ao aumento da velocidade do vento. A chuva, propagando-se horizontalmente com força tempestuosa, molhava as partes do corpo não protegidas pela Armadura, como se tivesse a ser atingido por centenas de agulhas. Sabendo estar perante um problema grave, lançou uma olhadela furtiva à retaguarda do Caminho, escurecido pela chuva torrencial e pelo nevoeiro. Mesmo assim, conseguiu descortinar a sinistra figura esverdeada, de pé e com os olhos a brilharem como brasas vermelhas. Nesse momento, Aquilo começou a avançar para ele! A tempestade não o afectava. Como era possível? Estava aterrorizado.

Mais uma vez, a inconfundível voz do Anjo Azul estimulou-o a passar à acção: **usa o mapa!** “A voz é tão clara! Sem dúvida está dentro de mim!”, pensou.

A fúria daquela tempestade começava a superar a de qualquer outra que presenciara antes. Sentia como se estivesse dentro do olho de um tornado. Agora, já deitado no chão, tentava, com todas as forças, não ser arrastado pela incrível força da ventania. Quanto mais colado ao chão estivesse, melhor. O ruidoso ataque dos elementos aumentara; era ensurdecedor, agora! O medo que sentia poderia tê-lo destabilizado e ter-se convertido em terror, mas algo parecia fazer sentido naquela situação. Se, pelo menos, conseguisse alcançar o mapa! Infelizmente, naquele momento, não podia consultá-lo, pois estava demasiado ocupado em sobreviver. A fúria dos elementos parecia um ataque à sua pessoa; com uma mão agarrava-se às plantas à sua volta, enquanto que, com a outra, segurava a preciosa carga de fotos e livros. A bolsa com o mapa, que trazia ao pescoço, estava comprimida debaixo do corpo: bem guardado, mas completamente fora do alcance.

De repente, sentiu que o tormentoso e ululante vento o levantava do chão, potenciado pelo Escudo, feito uma vela, que levava às costas. Mas a fúria da tempestade, qual personalidade tirânica, impulsionou-o à acção. Forçou o corpo a colar-se ao chão tanto quanto lhe era possível e, usando a força de vontade, ancorou-se à terra afundando os pés na lama, enquanto se agarrava a uns arbustos resistentes.

Agora tudo estava escuro. As nuvens negras que cobriam o céu tinham descido até à zona onde se encontrava, impedindo-o de ver. Tentava olhar à volta, com os olhos semicerrados para os proteger do ataque da



chuva e do vento, mas não via nada. Inclusivamente, tinha dificuldades em ver o chão onde estava deitado! Onde estaria a coisa sinistra? Ter-se-ia aproximado para o atacar? Atrever-se-ia a mover-se ou a tempestade iria arrastá-lo até à morte? Todas as suas células vibravam, quais alarmes de incêndio, experimentando um estado de alerta mais intenso do que nunca. Medo? Não! Prevalencia a sua vontade de sobreviver e de lutar contra a situação. Estava numa condição comprometida, e tinha que encontrar maneira de consultar o mapa.

A voz de Laranja ressoou-lhe dentro da cabeça... um som incrivelmente bem-vindo. "Como é possível que um som tão subtil se ouça no meio de tanto barulho?"

– Michael Thomas, desfaz-te da bagagem!

Sabia não ter alternativa: ou se desfazia dela ou morreria. Tinha a roupa ensopada, mesmo a que estava debaixo da Armadura, e já começava a tremer de frio. Através do ulular do vento, ouviu e sentiu uma pancada tremenda e retumbante. Que ruído era aquele? Podia sentir-se a sua vibração no solo. Estava a aproximar-se? Devia fazer o que Laranja lhe indicara. Sabia que Aquilo se aproximava!

Uma a uma, lenta mas metodicamente, soltou as malas onde guardara a sua preciosa bagagem de recordações. Primeiro foram os livros: esticou os dedos para soltar a asa da maleta, que foi engolida pela ventania, como se a tempestade fosse uma trituradora implacável. Ao soltá-la, e sentindo a força com que lhe fora arrancada, perguntou-se se não teria partido um dedo. Pôde ouvir claramente como lhe rebentavam as costuras, e o som exasperante – que lhe apertava o coração – das centenas de páginas, agora convertidas em pedacitos de papel, que permaneceriam apenas enraizadas na sua mente. Era o som mais horrível que alguma vez ouvira. Os seus preciosos livros!

Sem se deter demasiado a pensar no assunto, livrou-se da maleta que faltava. Isto foi ainda pior! A tempestade tinha a força de um lutador desejoso de ganhar um troféu e, empurrando-o contra o chão, arrebatou-lhe o que queria largar. Nesse momento, perguntou-se se Aquilo já o teria alcançado e começado a espancá-lo, a despedaçá-lo. A chuva embravecida descarregava-se sobre ele como uma chuva de brocas, que lhe perfuravam as costas!

Ao contrário dos livros, as fotos desapareceram sem fazer barulho. Esfumaram-se, simplesmente, num instante, o que o aborreceu. Toda a sua árvore genealógica, mais as recordações queridas dos pais mortos, estavam a ser espalhadas por uma força tosca da natureza, enquanto ele próprio era espancado pela mesma força colérica.

O caos à sua volta era total. Mesmo assim, tentou deslizar a mão, agora livre, por debaixo do corpo para agarrar o mapa. O vento voltou a levantá-lo do chão e esteve prestes a soltar-se devido à força potenciada pelo Escudo que trazia às costas. Mas reagiu no momento certo, conseguindo agarrar o pergaminho. Valendo-se do indicador e do polegar, foi desdobrando o mapa até ver onde estava o ponto vermelho. Actuando por instinto, foi subindo o pergaminho pouco a pouco até ao peito, arrastando a lama que se acumulara entre o metal da Armadura e o solo encharcado. Conseguira manter o equilíbrio pressionando, com todas as suas forças, o corpo contra a lama. Então, agarrando-se a uma pequena rocha com a outra mão, tentou levar o mapa à altura dos olhos. Mas como iria consultá-lo, se estava escuro e não via nada? Mesmo que pudesse ver, acaso não se teria esborratado o que estava escrito? A mão que estava desesperadamente agarrada à rocha começava a desfalecer, devido à força da chuva e do vento; tinha o braço cada vez mais dormente, e a capacidade de se manter agarrado começava a fraquejar.

A tempestade não afectava Aquilo. Como era um visitante de vibração baixa numa terra de alta vibração, o vento, a chuva e a confusão que reinava à sua volta não afectava a infeliz criatura. Pôs-se de pé sem problema e, lentamente, abriu caminho até ao meio do trilho, dirigindo-se a passos largos para onde a sua presa jazia prostrado, mal podendo aguentar o ataque dos elementos. Aquilo nem sequer cambaleava, apesar da forte investida da ventania. Nenhum elemento climático parecia afectar a sua sinistra figura, excepto a falta de visibilidade. Aproximava-se com a desenvoltura de quem dá um passeio no parque. Aquilo começou a perceber que o destino lhe preparara um presente para aquele dia. Mas a escuridão da tempestade começou a afectá-lo, e logo deixou de distinguir fosse o que fosse, nem sequer a sua presa. Mas estava cada vez mais próximo... e sentia-se pronto para concluir o que a estranha tempestade iniciara: disseminar os pedaços do seu corpo pelos confins mais longínquos desta absurda terra de sonho, que tanto lhe desagradava.

A intuição estava certa, porque Aquilo estava muito perto. A escuridão alastrara-se rapidamente, como se os entes daquela terra tivessem aplicado uma venda nos olhos de cada um. Aquilo movia-se instintivamente, procurando junto ao chão o lugar onde ele jazia estendido. De repente, atacou com grande violência... mas apercebeu-se que atacava o chão, perto do ponto onde a presa se encontrava. Mas, logo de seguida, ouviu o

barulho dos livros a desfazerem-se. Virou a cara rapidamente na direcção do som que acabara de ouvir. Agora, tinha a certeza de onde estava a presa! E sentiu-se muito contente. Aproximou-se um pouco mais e, finalmente, no meio da turbulência da colossal tempestade, conseguiu distinguir a silhueta do indefeso Michael Thomas, estendido no chão com uma mão debaixo do corpo e a outra agarrada a uma pequena rocha. Se tivesse a capacidade de sorrir, tê-lo-ia feito naquele instante. Com a força de uma dúzia de homens musculados, lançou-se impetuosamente sobre as suas costas... mas imediatamente sentiu como se um milhão de dardos tivesse atravessado o seu corpo coberto de verrugas. Foi encandeado por um feixe de luz branca, pura, de brilho prateado, e repellido por uma força tremenda. Como que disparado por um canhão, percorreu uma trajectória longa e aterrou quase no ponto de partida do ataque, com a sua cobertura exterior fumegando por causa do contacto com algo extremamente quente. Atordoado e debilitado pela força que o derrotara com tanto ímpeto, tentou perceber que sucedera.

A verdade é que o Escudo tinha permanecido agarrado às suas costas, cobrindo quase todo o corpo. O objecto que ele julgara que viria a ser a sua perdição, tinha-se convertido na sua protecção. Inclusivamente, actuara sem a sua intervenção: sim, era uma parte dele. A relação entre a baixa vibração da sinistra criatura e o alto índice vibratório do Escudo provocara uma reacção física imediata e poderosa. Perante duas potentes forças de polaridades opostas, o Escudo do Conhecimento tinha repellido o ataque.

Mike arranjava maneira de puxar o mapa à altura da garganta e espreitou para dentro da escuridão da pequena bolsa na esperança de conseguir ver alguma coisa. De repente fez-se luz! Teve a impressão que uma rabanada de vento especialmente violenta o atingira, mas, na realidade, trazia consigo um milagre: uma luz muito intensa, que iluminou tudo em redor durante o tempo suficiente para ver claramente, apesar de ter as pálpebras semicerradas. A secção do mapa que desenrolara cuidadosamente, enquanto a tempestade piorava, estava perante os seus olhos que logo encontraram o ponto com o famigerado “Estás aqui”. Ignorou o súbito cheiro a queimado que o rodeava, pois o mapa mostrava uma gruta perto da curva. Se percorresse alguns metros nessa direcção estaria salvo! Analisando o que se passara, pensou que Deus lhe proporcionara um relâmpago no momento em que mais necessitava. Nunca compreendeu que se tratava de uma força negativa que estava decidida a anulá-lo e que, sincronicamente, era responsável pelo milagre de iluminação, precisamente no momento de maior necessidade. **Sem se aperceber, Michael Thomas de Propósito Puro experimentara a sua primeira co-criação!** O Anjo Laranja ensinara-lhe o uso desse dom que poderia ajudá-lo a estar “no sítio certo no momento certo”, mas nunca imaginou que, naquele dia, aquele lugar era o “sítio certo”.

Foi um acto de indiscutível força e vontade o que o fez avançar a passo de tartaruga, indo de arbusto em arbusto e de rocha em rocha, cravando firmemente os dedos dos pés a cada passo, para manter a estabilidade e a direcção. Demorou quase vinte minutos a fazer o percurso agarrando-se à terra encharcada, porque a fúria da tempestade o abatia contra o chão. Todo aquele esforço para avançar apenas uns quantos metros! Mas tinha que o fazer. Apesar de se encontrar numa escuridão quase absoluta, conseguiu aperceber-se da entrada da pequena gruta, que representava uma trégua e o salvava de uma morte certa, livrando-o da exposição à fúria dos elementos. A cada penoso avanço, arrastando-se pelo chão, dava graças a Deus porque a entidade obscura que o perseguia não se aproximara mais. Enquanto se impulsionava custosamente através da entrada da gruta, notou que a tempestade piorava. Atónito perante o que acontecia à sua volta, pensou: “Esta terra mágica não é imune a problemas”.

Dentro da gruta tudo parecia calmo, mas Mike sentia-se em mau estado: a mão sangrava por se ter agarrado às rochas; tinha a roupa ensopada, cheia de lama e sujidade, mas estava demasiado frio na gruta para tirá-la. Pôs-se de pé lentamente e avaliou a situação. Poder-se-ia pensar que estava cheio de gratidão por ter escapado tanto da tempestade como do misterioso inimigo. Mas não era assim. Estava furioso! Tremia mas não de frio, antes da cólera e da fúria súbitas que sentia perante a situação. Tinham-lhe arrancado os seus preciosos bens. Sabia quem controlava os elementos e desabafou a sua ira impulsivamente, dirigindo-se a qualquer um capaz de o ouvir. À entrada da gruta, pôs-se a vociferar ao vento, que ainda ululava:

– Enganaste-me! Estás a ouvir-me?

Com a cara contraída pela ira, a indignação ocupava um espaço primordial na sua mente. Tinham-no forçado a abandonar os seus inestimáveis pertences. Fora tratado injustamente por quem controlava aquela terra, aparentemente sagrada. E continuou a gritar furiosamente para quem o pudesse ouvir:

– Agora sei como funciona! Se não aceito uma sugestão feita por algum dos Anjos, **eles fazem com que aconteça de qualquer maneira!**

Tremia incontavelmente por causa da ira e do frio, enquanto permanecia à entrada da gruta. Apunhalava-o a aflição pela perda das fotos dos pais. Sem conseguir conter-se, começou a soluçar atormentado pela dor emocional, e chorou até se esgotarem as lágrimas. Sentia que o tinham desrespeitado e roubado.

De repente sentiu uma sensação de calor nas costas e viu o súbito brilho que se reflectia nas paredes da gruta. Voltou-se para o lugar de onde vinha a voz amável, que começou a falar-lhe.

– Dei-te um bom conselho, Michael Thomas de Propósito Puro.

O Anjo Laranja estava sentado no fundo da gruta e, à sua frente, brilhava uma pequena fogueira que convidava ao aquecimento. Acalmou-se um pouco, dirigiu-se lentamente para o fogo e sentou-se defronte do Anjo, baixando a cabeça com desolação. Passou algum tempo. Ainda com lágrimas nos olhos, olhou para o Anjo e fez-lhe algumas perguntas.

– Tudo isto era necessário?

– Não. Essa é a questão.

– Porque me despojaste das minhas coisas?

– Esta terra continua a ser um lugar de livre-arbítrio, Michael Thomas. Apesar do que possas pensar, o ser humano é o ponto focal deste lugar. Aqui é honrado acima de todas as outras criaturas.

– Livre arbitrio! Se não me desfizesse da minha bagagem tinha morrido!

– De facto. Escolheste não renunciar às tuas malas quando tiveste oportunidade de o fazer. Se tivesses considerado a minha sugestão, terias aprendido mais sobre estas questões. Elas ficariam bem guardadas. Não podes compreender a perspectiva geral deste lugar. Por isso estás aqui e recebeste novos dons e instrumentos.

– Continuo sem entender por que não posso conservar as poucas coisas que aprecio? Eram inofensivas e significavam tanto para mim!

O Anjo Laranja sentou-se numa rocha do outro lado da fogueira e disse:

– Não eram adequadas para a tua Viagem, Michael. Essas coisas representavam a tua parte terrena. Instigavam-te na direcção do teu antigo eu e mantinham-te num lugar incompatível com a nova vibração que, actualmente, estás a estudar e a aceitar. Tudo em ti está a mudar, e sabemos que te apercebes.

Mike pousou a vista na mão que sangrava e na roupa feita em farrapos, e protestou:

– Porque não me deste simplesmente esta explicação antes? Ter-me-ias evitado muitos problemas.

– Recusaste a oportunidade, Michael Thomas, e a tua escolha devia ser pessoal.

Mike captou a sabedoria implícita no que o Anjo dizia e acabou por perguntar:

– O que teria acontecido se não me desfizesse da minha bagagem?

– Se tivesses conservado esses objectos, carregados com a velha energia, não poderias ter seguido em frente. O vento ter-te-ia levado de volta a um lugar pertencente à tua consciência anterior. Embora acabasses por ficar a salvo, terias perdido tudo quanto tens aprendido e conseguido neste percurso sagrado. Isso significaria a morte do novo Michael Thomas; por conseguinte, terias de abandonar este sítio.

O Anjo Laranja fez uma pausa para sublinhar o que acabara de dizer e prosseguiu com a sua explicação:

Isto é importante, Michael Thomas de Propósito Puro. **Não podes aferrar-te a nada que faça parte da velha energia, nem sequer às coisas aparentemente insubstituíveis, e avançar para a Nova Energia.** Ambas são incompatíveis. Realmente, estás a dirigir-te para uma nova dimensão, e a Física da velha energia não se pode misturar com a da Nova. Deixa-me perguntar-te: continuas a amar e a recordar os teus pais, apesar de teres perdido as fotografias? Ou também perdeste isso com a tempestade?

– Continuo a amá-los e a recordá-los – respondeu, sabendo onde o Anjo queria chegar.

– Então, onde está a perda?

Mike guardou silêncio. Percebia que lhe tinham dado uma lição. O Anjo Laranja continuou a falar como se fosse um pai que demonstra o conhecimento mais elementar a um filho curioso:

– A recordação de seres queridos reside na energia da tua experiência vital; não provém de nenhum objecto antigo. Quando desejares recordá-los utiliza a consciência amorosa e os dons do novo Michael Thomas. Quando começares a fazê-lo descobrirás que até as tuas percepções do passado são distintas do que pensavas. Estás a adquirir uma nova sabedoria acerca de quem eram os teus pais e, também, a respeito de quem eras tu. Os novos dons e instrumentos potenciam a recordação que tens dessas coisas. Os velhos objectos de interesse só te arrastam até ao passado, a um período em que eras incapaz de compreender a perspectiva geral.

Mike continuava sem entender a nova linguagem e a conversa dos Anjos. Laranja, sentindo os seus pensamentos, acrescentou:

– Quando finalizares esta estadia na sétima Morada – e ao dizer isto sorriu – terás uma compreensão absoluta.

Mike só entendeu parte do que o Anjo Laranja dissera, mas começava a entender a essência da questão. A situação era similar ao episódio da comida podre: **não podia levar para Casa nada que tivesse pertencido ao anterior Mike**. Mas lamentava a perda e, de alguma maneira, continuava a sentir-se traído pelos seus amigos Anjos não terem sido mais específicos. Contudo, começava a notar a metamorfose que lhe tinham vaticinado. Também se apercebeu que, até àquele ponto da Viagem, lhe tinham feito duas sugestões: a primeira, feita pelo Anjo Azul, para não levar comida; a segunda, feita pelo Anjo Laranja, para deixar a bagagem. Em ambos os casos ignorara a recomendação e, das duas vezes, tivera problemas. Assim, prometeu a si mesmo passar a considerar o que os Anjos lhe dissessem ao longo da Viagem.

Encontrava-se num lugar estranho com facetas multidimensionais. E apercebeu-se que **ele** possuía a informação biológica e os Anjos possuíam a informação espiritual. Portanto, se ouvisse mais e supusesse menos, a Viagem poderia ser mais tranquila. Apesar de ter sido incapaz de entender plenamente a linguagem e muitos dos conceitos, tinha de continuar a confiar no ponto de vista dos Anjos, dado estar numa terra que eles conheciam bem e ainda ter pela frente a missão de percorrer o Caminho por si mesmo.

– Laranja! Porque há tempestades aqui?

O Anjo foi até à entrada da gruta e respondeu:

– Michael Thomas de Propósito Puro, vou dar-te uma resposta verdadeira, mas que não compreenderás: Quando o ser humano não se encontra aqui, não há tempestades!

Tinha razão, embora não percebesse por que assim era. Quando se pôs de pé para perguntar sobre a coisa sinistra que o perseguira... o Anjo desaparecera!

– Adeus, uma vez mais, camarada de cor-de-laranja brilhante – disse, falando para o espaço vazio onde o Anjo estivera. E, pela primeira vez, obteve uma resposta à sua despedida. Na mente, ouviu com clareza uma voz tranquila, carinhosa e sábia dizendo:

– Quando estiveres consciente da razão pela qual nunca dizemos adeus, saberás que fazes parte da nossa dimensão.

“Esta é uma explicação ainda mais confusa – pensou – mas é reconfortante.”

Aproveitou o fogo que o Anjo Laranja – não sabia como – lhe tinha proporcionado para se aquecer e secar a roupa, a qual tirou e estendeu sobre as rochas próximas das chamas quentes. Enquanto deixava cuidadosamente as peças do seu equipamento de combate junto à rocha, notou que nem a Armadura nem o Escudo se tinham estragado. Foi-se deixando dormir paulatinamente, sem saber se, no exterior, era de noite ou de dia. Dormiu várias horas. A tempestade perdurou durante mais algum tempo, mas, quando acordou, já tinha cessado completamente.

Aproximou-se da entrada da gruta para observar os arredores e viu o crepúsculo desse mesmo dia. Dormira toda a tarde e, agora, sentia-se cheio de energia. Com cautela, reuniu o equipamento de combate, colocou-o tal como lhe tinham dito, pendurou ao pescoço a bolsa com o mapa e retomou o caminho. Tudo parecia muito tranquilo. Ao olhar para trás não detectou nenhum perigo, nem viu vestígios da sinistra forma que o perseguia e corria a esconder-se atrás das árvores ou das rochas. Sentia-se estupendamente!

Apesar de ser quase noite, sentiu que em breve avistaria a Morada seguinte. E assim foi. Percorreu o caminho rapidamente e encontrou-a bastante escondida, sobre uma colina. Sentia-se imensamente leve! Tinha as mãos livres e, como não levava as malas, o equipamento de combate já não fazia o incómodo ruído metálico, pelo que quase se esqueceu que o levava às costas. Caminhando agilmente, aceitara a perda dos bens materiais como um facto positivo da Viagem, e conseguira assimilar a experiência. Praticou a visualização mental das fotos dos pais e conseguiu recordá-las nitidamente. Continuava a sentir amor, e experimentava todas as sensações que costumava ter quando olhava aquelas fotografias. O Anjo Laranja tinha razão. O que era autenticamente seu encontrava-se na sua mente. No fundo, isso era tudo o que necessitava.

Várias centenas de metros atrás, porém, uma repugnante figura esverdeada recuperava de uma experiência dolorosa. Cada vez que se movia experimentava uma penetrante lembrança da queimadura que sofrera. Não sabia, mas essa ferida nunca se curaria. Apesar de desconcertado, Aquilo continuava decidido a frustrar a Viagem de Michael Thomas. Estava convencido que não tardaria o momento em que veria aqueles olhos vermelhos como brasas, sentiria aquele hálito abrasador e, finalmente, conheceria o medo absoluto antes de conseguir dar mais um passo em direcção a Casa. Estava disposto a consegui-lo, mesmo que tal implicasse o sacrifício de si mesmo, no combate.

## 7 - A Terceira Morada

Antes de entrar, parou para ler um letreiro cravado na relva que dizia: “Morada da Biologia”. A construção, de estilo campestre como as anteriores, era de uma só cor, um belo tom verde brilhante, que parecia fundir-se com as tonalidades das árvores e da relva, matizada pela ténue luz do crepúsculo. Sabia estar prestes a conhecer outro Anjo que, sem dúvida, se tornaria seu amigo. Fez um balanço do que se passara nas duas Moradas anteriores e calculou, acertadamente, que ambas as visitas tinham sido orientadas para a sua instrução, ajudando-o a preparar-se para a Viagem. Encontrava-se no início da preparação. “Depois de tudo o que passei, isto parece ser mais fácil”, pensou.

Quando se aproximou, um enorme Anjo Verde apareceu no alpendre a recebê-lo. Olhou-o e saudou-o com a invariável frase:

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro!

Este Anjo, a quem chamou automaticamente Verde, parecia ser muito alegre e especialmente bondoso. Intuía que todos os Anjos tinham uma forte veia humorística. Em Verde, porém, parecia ressaltar de modo especial, pois sorria constantemente. O Anjo olhou-o e piscou-lhe um olho enquanto dizia:

- Que linda Espada!

- Boa noite, Verde – saudou Mike, ignorando o comentário acerca da Espada, enquanto pensava: “Aposto que disse aquilo para eu me sentir melhor, por andar a carregar uma coisa que creio ser despropositada nesta busca espiritual”.

- Nã-nã! Nem todas as espadas são tão esplêndidas como a que levas aí. Sei o que estou a dizer, pois já vi muitas.

- E o que é que faz esta Espada diferente?

- Nós demos-te uma Espada especial por uma razão: o teu propósito é, de facto, puro e o teu coração ressoa literalmente a compasso com a tua busca. Portanto, os teus instrumentos reflectem algo que aqueles como eu podem ver. Entra, por favor.

Mike seguiu atrás do Anjo Verde e entrou na Morada, continuando a falar.

- E isso torna-me diferente... especial... melhor?

- Faz com que o teu potencial seja enorme, Michael! Lembra-te que, como ser humano, tens escolha. **Nós nunca classificamos os seres humanos, nem os dividimos em categorias. O que fazemos é ver cada um como um nível de potencial energético.**

- Potencial para quê?

- Para a mudança!

- Porquê?

O Anjo Verde parou e voltou-se. Acabavam de passar por vários quartos verdes, pequenos, e encontravam-se à entrada do que parecia corresponder aos seus aposentos temporários. O Anjo falou em tom suave, com um enorme sentido de paciência e respeito para com o ser humano que tinha à sua frente:

- Por que razão estás aqui, Michael Thomas?

- Para tornar possível o meu regresso a Casa – respondeu imediatamente, com franqueza.

- E o que deves fazer para isso ser possível?

O Anjo proporcionava-lhe uma oportunidade para definir a sua situação actual.

- Percorrer o Caminho das sete Moradas?

- E... – disse Verde, pressionando-o mais.

- Converter-me num ser dimensional diferente.

Com esta resposta, repetira timidamente, como um papagaio, o que se lembrava da explicação dada pelo Anjo Laranja. Verde sorriu abertamente e disse:

- No final, Michael Thomas de Propósito Puro, compreenderás realmente algumas das palavras e conceitos de que agora fazes eco. Laranja explicou-te o que acabas de me dizer, não é verdade?

Mike sentiu-se descoberto.

- Sim, foi o que ele me disse. E, para ser sincero, ainda não sei o que significa.

- Eu sei... E volto a perguntar-te: O que vais fazer para chegar a Casa?

- Mudar! – afirmou, triunfalmente.

- Porquê?

Como esta pergunta do Anjo fechava um círculo, percebeu que tinha de responder à sua própria pergunta:

- Porque é que não posso chegar lá, a menos que mude? - perguntou astuciosamente.

- Exacto! A Viagem de regresso a Casa consta de várias etapas, meu amigo humano. Primeiro, está o **propósito** de ir. A seguir vem a **preparação**, o que sempre implica a descoberta de si mesmo, e a compreensão de que as alterações que deves experimentar são necessárias para conseguires chegar ao teu objectivo. Já estás a sentir isso. Finalmente, vem o **estudo** de como funcionam as coisas para seres capaz de te sentires à vontade com a perspectiva do conjunto. Abrir a porta final, que tem a inscrição "Casa", é como uma graduação, Michael. Não existe nada parecido!

Esta era realmente a primeira vez que um Anjo falava sobre o término da Viagem e a porta final. Isto era o que mais lhe interessava: o objectivo final e o que o esperava quando abrisse essa porta. Por isso, pediu:

- Explica-me mais sobre o que posso esperar.
- Tu mesmo definiste essas coisas quando fizeste a petição inicial.

De repente, lembrou-se do que desencadeara todo o processo, a conversa, no hospital, com aquela personagem enorme, branca e sem rosto, que lhe pediu uma descrição do lugar que ele chamava "Casa".

- Sabias dessa conversa? – perguntou, emocionado.

O Anjo Verde deslizou para dentro do quarto onde ele se ia hospedar, e comentou:

- Todos nós somos uma Família. Tudo isto deve ser familiar para ti.

Mike olhou à sua volta. O ambiente era muito parecido com o das outras Moradas, além de ser extremamente favorável ao sono e ao descanso. Apercebeu-se do cheiro da comida, que já estava preparada no quarto ao lado. O Anjo apontou o armário e disse.

- Desta vez também podes contar com roupas para ti, Michael.

De imediato, percebeu quão horrível devia ser o seu aspecto: as roupas estavam rotas, cheias de sangue e de lama seca, consequência da tempestade que, há pouco, ameaçara a sua vida. Olhou para a zona que o Anjo Verde mostrara e, de facto, ali estava a roupa. Olhou com mais atenção e viu que era roupa de boa qualidade, exactamente da sua medida. Também havia uma lindíssima túnica verde. Voltou-se para perguntar como soubera a medida que usava... mas não viu o Anjo em lado nenhum. Sorriu para si mesmo e falou em voz alta, sabendo que Verde o ouviria:

- Boas noites, meu angélico e verde amigo. Ver-te-ei amanhã.

Jantou e dormiu profundamente nessa noite, até às cinco da manhã. A essa hora teve um pesadelo: voltou a ver a horrível e sinistra coisa, que se aproximou dele durante o lapso de tempo em que esteve indefeso e exposto, por causa da tempestade. Voltou a sentir a advertência de que essa coisa ameaçava a sua vida. Isso aterrorizou-o. Despertou sobressaltado e alagado em suor. Verde estava junto da cama.

- Estás preparado?
- Vocês nunca dormem? – perguntou, esfregando os olhos.
- Claro que não!
- Mas ainda está escuro lá fora!

Sentia-se cansado por causa do pesadelo horrível e porque, segundo lhe parecia, dormira pouco.

- Na Morada da Biologia temos este costume, Michael Thomas. – Verde sorriu de novo e permaneceu de pé. – Estarei aqui todas as manhãs, às cinco e meia, para começar as lições. Antes de terminarmos a instrução terás compreendido tudo o que se refere aos padrões de sono, à energia biológica... e aos pesadelos.

- Conheces os meus sonhos?

- Michael, continuas a não perceber a nossa ligação contigo. Sabemos tudo acerca de ti, e honramos enormemente o teu processo.

O Anjo Verde retrocedeu alguns passos para se afastar da cama, fazendo-lhe sinais enérgicos para se pôr em marcha... o que deixou um tanto incomodado.

- Mas... Verde, estou nu!
- É mesmo assim que vais começar as lições. Não sejas tímido. Veste a túnica verde que está no armário.

Vestiu a túnica e dirigiu-se imediatamente à sala contígua para desfrutar do pequeno-almoço. O Anjo Verde comportou-se como um cachorrinho submisso: sentou-se junto dele e observou tudo o que ia comendo, sem dizer nada. Era a primeira vez que um mestre angélico tinha para com ele este tipo de atenção. Havia algo aqui que era diferente das outras Moradas.

Depois de comer, Verde conduziu-o para uma zona especial de ensino. As outras Moradas onde estivera eram enormes, com grandes salas e altos tectos. Nesta, ao invés, todas eram pequenas. A maior parte dos ensinamentos ocorreria numa só sala.

O Anjo começou a instrução nesse instante, pedindo-lhe para tirar a túnica. Depois, perguntou:

- Michael Thomas de Propósito Puro, assinala o lugar da tua iluminação.

- Não percebi.  
- Onde está o teu Propósito Puro? Onde está o teu amor? Onde está essa parte de ti que conhece Deus? Chega-te um pouco para a frente e assinala a parte do teu organismo onde residem tais atributos.

Mike não teve de pensar muito. Agora compreendia que o Anjo Verde, não sendo humano, queria que ele lhe mostrasse onde residiam esses valores.

- Alguns estão aqui... – disse, assinalando a testa - e outros estão aqui – disse, pondo a mão sobre o peito. Estes são os sítios onde sinto que está aquilo que me perguntas.

- Incorrecto! - afirmou o Anjo em voz alta, sobressaltando-o. – Queres tentar de novo?

Pausadamente, começou a fazer um percurso pelo seu corpo, perguntando ao Anjo se o que ele procurava poderia estar nesta ou naquela parte, enquanto ia assinalando. De todas as vezes, Verde dava uma resposta negativa.

- Verde, dou-me por vencido – disse, exasperado, depois de ter assinalado quase todas as partes do corpo. - Onde está o que pretendes?

- Deixa-me contar-te uma anedota, Michael Thomas. Depois tentas outra vez.

Mike notou como aquela situação era singular: ali estava ele, vestido só com uma túnica, junto de um Anjo verde, numa terra que realmente não existia na vida que levava antes, e, ainda por cima, o Anjo ia contar-lhe uma anedota! Quem diria?! Aquela Morada não devia ser um sítio sério? O que acontecia ali?

Desfrutando de cada momento da experiência de contar uma história divertida, o Anjo Verde disse:

- Era uma vez um homem que se sentia muito iluminado. Quando sentiu que alcançara um bom nível de iluminação para continuar a sua Viagem, chamou um táxi.

Verde, sorrindo de orelha a orelha, fez uma pausa, observando a reacção daquele Humano ao ver que um Anjo conhecia a palavra “táxi”. Mike não lhe deu a satisfação de expressar a surpresa que o Anjo procurava obter, e reprimiu a vontade de rir. Limitou-se a esboçar um leve sorriso afectado. Não obstante, Verde continuou a sua narrativa:

- Quando o táxi parou, o homem meteu a cabeça pela janela e disse ao condutor: “Estou pronto, vamos!” O condutor, reagindo à ordem dada, arrancou imediatamente levando unicamente a cabeça do homem!

Verde divertia-se muito com a história e novamente olhou para o seu amigo, observando como ele reagia. Mike não mostrou qualquer expressão. Olhou para Verde, meneou a cabeça e fez um trejeito em que se lia: “Sim, e depois?”

- Bendito seja aquele que coloca todo o corpo no táxi, antes de anunciar que está pronto para partir!

Verde estava muito satisfeito com a sua história, apesar da reacção contida do seu aluno, e regozijou-se, encantado, com o silêncio que se seguiu à sua narrativa. Contendo a custo o desejo de rir às gargalhadas com os modos do gracioso Anjo, disse:

- Continua! O que queres dar a entender exactamente com a tua história?

- Michael Thomas de Propósito Puro, **cada uma das células do teu corpo humano guardam uma consciência que conhece Deus**. Portanto, cada célula tem um potencial para a iluminação, o amor e a busca da mudança vibratória. Permite-me que to demonstre aqui mesmo.

Dizendo isto, o Anjo Verde fez algo que o perturbou. Aproximou-se rapidamente e, com um movimento ágil, deu-lhe uma tremenda pisadela num dedo do pé!

- Ai!... O que é isso???

Indignado por semelhante abuso de confiança, agarrou-se ao dedo dolorosamente latejante e tentou aliviar a dor pondo-se a saltitar, como faria qualquer outro ser humano naquela situação. Enquanto o dedo se tornava vermelho e logo a seguir arroxeadado, lamentou-se:

- Isso doeu! Doeu-me muito! Acho que me partiste o dedo!

Despreocupadamente, vendo os esgares de dor a cada salto que dava à volta do quarto, perguntou:

- O que é que te dói, Michael?

- O dedo! És um sádico verde-limão!

Não sabia o que dizia, mas estava furioso. O Anjo não se deixou perturbar por aquele ataque de cólera e aproximou-se. Estendendo os braços em atitude defensiva, gritou:

- Não te aproximes! Não quero outra demonstração de massagem aos pés ao estilo angélico, nem quero conhecer o teu conceito de terapia podálica! Nem penses em te aproximar!

- O que é que eu magoei, Michael? Não foi o teu dedo.

- Como não???! – exclamou, incrédulo, enquanto se sentava no chão, em postura de lótus, tratando de equilibrar-se enquanto soprava no dedo. E acrescentou mordazmente:

– Então, diga-me lá, sua graciosa Majestade Verdosa, o que é que me magoou?

Sem considerar a mordacidade, o Anjo Verde declarou:

- A nós, Michael, a **nós!** Neste momento, cada célula do teu corpo está a sentir o teu mal-estar. Michael, diz: "Magoaram-nos".

Mike repetiu sem muito entusiasmo:

- Magoaram-nos.
- Dás-me permissão para fazer uma cura? – perguntou Verde.
- Sim - respondeu, mostrando verdadeiro interesse.
- Então, **declara** o consentimento.
- Dou-te autorização para me curares o dedo.
- Incorrecto!

Desta vez, não necessitava do mapa para não se enganar, e tentou de novo:

- Dou-te permissão para que... **nos** cures.

Verde não ficou satisfeito com a resposta e insistiu:

- Michael, dá-**nos** permissão para realizar a acção; não me dês permissão **a mim** para o fazer.

Mike reflectiu e voltou a formular a frase:

- Dou-vos a minha permissão para esta cura. Magoaram-nos e todos nós beneficiaremos desta cura.
- É assim mesmo! – gritou Verde entusiasmado, enquanto aplaudia com regozijo. - Corrigiste, Michael Thomas de Propósito Puro! Acabas de curar o teu dedo!

O dedo deixou de latejar quase instantaneamente. A cor mudou de roxo para um saudável rosado, e todo o corpo sentiu o alívio da dor. O Anjo Verde aproximou-se mas, desta vez, Mike não o impediu. Com uma voz suave e amável, perguntou:

- Sabes o que acaba de acontecer?

Mike sentia-se fatigado com a lição que acabara de receber. A dor deixara-o exausto:

- Creio que sim, mas necessito que mo expliques.
- Nunca mais te causarei dor, meu querido amigo. Prometo-te. De agora em diante aprenderás a partir de outras experiências e não a partir da dor. O que acabas de aprender é que **a dor de uma das partes, afecta todas as outras**. É uma experiência comunitária. Não é verdade que agora te sentes cansado? Se esta experiência dissesse respeito apenas ao teu dedo, como é que a tua expressão poderia reflectir o efeito global? Porque é que a cólera se manifestava nela? Foi o teu dedo que me gritou? Não. Foi todo o teu corpo. O teu dedo sentiu a dor, mas todas as tuas partes participaram. O dedo foi a fonte do problema, mas asseguro-te que todas as tuas células sabiam o que estava a acontecer. O mesmo sucede com a alegria, o prazer, a paixão e o orgulho interno da verdade. Cada célula sente tudo e possui o conhecimento da totalidade.
- Verde fez uma pausa para dar realce à sua exposição. - Isto também acontece com a iluminação e a busca espiritual.

- Diz-me, então, onde se encontra exactamente a minha iluminação?

Desta vez, procurava uma resposta directa, sem piadas nem pisadelas nos dedos.

- **Reside equitativamente em cada uma das células do teu corpo**, Michael Thomas. Cada célula possui uma consciência da Totalidade. Cada célula sabe absolutamente tudo acerca das outras. Cada uma delas participa, por completo, na vibração do ser humano.

O Anjo calou-se por um momento. Sentando-se na sua frente, enfatizou:

- O tempo que passares aqui será destinado à aprendizagem das características do aumento de vibração. Antes de começares, deves aceitar-te a ti mesmo como um conjunto de células que sabem tudo, e não como um conjunto de partes.

- Creio que consigo fazer isso.

- Eu também creio. - Verde sorriu de orelha a orelha e pôs-se de pé. – Estás pronto?

Ainda ressentido pela experiência do dedo, sentiu que se punha de pé involuntariamente, enquanto replicava:

- Sim, senhor.

Dedicaram as horas seguintes ao ensino de anatomia humana e da saúde. Não era uma aula de medicina, mas de recomendações para um estilo de vida natural, assim como aplicações práticas para ter boa saúde. Parecia uma torrente contínua de profunda informação sobre cada tema: o que comer, como ter energia, quando fazer exercício e porquê, e, também, como saber qual o momento adequado para fazê-lo. Ao longo de todas as lições, o Anjo Verde empenhou-se para que ele entendesse o conceito de "nós" como um Ser que começa a sentir como se não fosse feito de partes.



Mike dormiu maravilhosamente bem nessa noite, e não teve mais pesadelos. Pela manhã, Verde estava de novo junto à sua cama; depois, acompanhou-o ao pequeno-almoço, sem deixar de o observar. Desta vez o Anjo começou a explicar-lhe cada um dos tipos de alimento que ele estava a comer. Parecia não se importar com o que ele ingeria daquela magnífica selecção de alimentos, mas passou em revista cada grupo deles. Mike mastigava, tentando memorizar tudo o que o Anjo ia dizendo.

Nos dias seguintes, iniciou um programa de exercícios. Em determinados dias, Verde pedia-lhe para vestir o seu traje de combate, para não se esquecer de como se sentia ao usá-lo. Para Mike, esses foram os dias mais divertidos. Até àquele momento não tivera consciência da falta que lhe faziam a Espada, o Escudo e a Armadura. Cingiu-os e novamente se maravilhou com a excelente forma como eles se moldavam à sua pessoa.

O Anjo Verde instruiu-o sobre nutrição, plantas, ervas medicinais e de como se equilibra o corpo de uma forma natural. Ficou maravilhado ao saber como as células trabalham unidas, como se “soubessem” algo que ele ignorava. Tudo era muito fascinante! O Anjo também lhe explicou que havia uma subtil polaridade magnética para cada órgão e para cada célula. Todas as células sabiam o que isso era, e trabalhavam por si mesmas para conseguir o equilíbrio perfeito. Ao atingir o equilíbrio, cada célula podia rejuvenescer-se a si mesma perfeitamente. Aprendeu, pois, como o corpo se renova constantemente. No fim, fez uma estranha pergunta:

- Ao que parece, as minhas células... Quer dizer, nós somos muito inteligentes quando se trata de equilibrar a biologia. Se assim é, como é que eu não sei absolutamente nada deste processo? Posso contribuir de algum modo para a situação? A minha mente não tem o conhecimento que as células possuem a respeito de tudo isto. Onde é que eu entro, enquanto Mike?

- É estranho que me perguntes isso, Michael Thomas de Propósito Puro! O teu corpo só tem necessidade que o honres com uma alimentação adequada e com um bom conhecimento do meio ambiente. Também requer que lhe proporciones uma boa manutenção. Ele fará o resto. Até agora, aprendeste como fazer para ele se sentir confortável, como alimentá-lo adequadamente e exercitá-lo fisicamente. Os teus sistemas estão satisfeitos e ocupados sem que tenhas de fazer mais nada. Mas chegou o momento de compreenderes a prova do Espírito, porque tens de proporcionar ao teu corpo algo que ele nunca poderá obter por si próprio. Sabes a que me refiro?

- Sim, sei.

Sentia-se mais sã do que nunca. Já não se envergonhava da nudez, especialmente quando estava com Verde, que admirava as alterações operadas gradualmente no seu aspecto. E assim lho fez saber. Verde era como um pai amoroso e, ao mesmo tempo, como um treinador de categoria internacional. Por isso, disse-lhe:

- É chegado o momento de fazer uma escolha.

Verde quase explodiu de alegria:

- Nunca antes um ser humano se deu conta disso em tão pouco tempo!

Mike compreendeu que, finalmente, tinha dito algo acertado, e ficou assombrado com a reacção do Anjo. A angélica presença saiu disparada e percorreu a sala, mostrando pela primeira vez a sua habilidade para desafiar a gravidade e mudar de forma. Podia ter-se assustado se não tivesse percebido que a exibição era exclusivamente em sua honra. Quando o Anjo se acalmou, aproximou-se. Adoptara novamente o seu aspecto angélico verde, embora continuasse com os olhos dilatados pela alegria. Sorriu e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, qual é a tua escolha?

- Decidi usar os novos dons do espírito para aumentar a minha vibração.

Mais uma vez, soube que falara acertadamente. Verde retrocedeu uns passos, como se quisesse dar espaço àquela crescente sabedoria para poder aumentar, envolvendo-o. Estava visivelmente impressionado.

- Assim se faça a partir deste dia, Michael Thomas! Acertaste. **O que as tuas células não podem fazer é usar a parte de Deus que tens dentro de ti, que tem o poder de optar por se iluminar a si mesma.** Somente o teu espírito pode fazer isso... mas cada célula saberá que deste permissão. Tal como o teu espírito soube quando te magoei o dedo, o teu dedo também saberá quando solicitares uma vibração mais elevada. Neste preciso momento está a manifestar-se em ti a consciência de **nós**, Michael. Todas as células sabem qual é a tua intenção... Está na hora de descansar.

Fora um grande dia. Começava a entender mais sobre temas espirituais. Evidentemente, tinha feito algo muito especial. A caminho do quarto de dormir, o Anjo Verde comentou que ele expressara a intenção de

alcançar um propósito sagrado: o primeiro de muitos que teria de pedir. **Cada vez que fosse apropriado passar para outro nível, a biologia teria de estar equilibrada, além de que devia contar com a permissão para o fazer.**

O Anjo estava orgulhoso dele, e tratava-o com mais respeito do que o habitual. Quando chegou à porta do quarto de dormir, disse-lhe:

- Michael Thomas de Propósito Puro! O habitual é que eu desapareça agora e só volte de manhã. Já conheces a rotina. Estou aqui para te dizer que te amo muitíssimo. Os atributos de uma mudança de vibração têm consequências que deves conhecer, e às quais terás de te acostumar. Disse-te que nunca mais te magoaria e cumpri-lo-ei. Tudo o que te acontecer a partir de agora, desenvolver-se-á a um ritmo que poderás controlar. Qualquer dor que sintas virá de ti. Nada voltará a ser o mesmo. Esta noite, irás meter-te na cama como um ser humano de um determinado tipo; amanhã, porém, serás outro, com todas as provas e propriedades que acarreta uma mudança vibratória.

Olhou-o durante um longo momento, e Mike sentiu o extraordinário sentimento de honra que o Anjo sentia por ele. Sabia que isto era diferente. Ansiava por pedir que lhe explicassem tudo. “Qual era a diferença? Sabê-lo-ei amanhã? Explica-me agora!” Não verbalizou, porém, nenhuma destas perguntas, e o Anjo Verde fingiu não ter ouvido aqueles pensamentos. Deu meia volta e saiu lentamente do quarto. Este era um procedimento pouco habitual nele. Notava-se que algo estava a mudar e Mike percebia uma ameaça em tudo isso. Falou em voz alta, dirigindo-se às paredes:

- Suponho que devo esperar por alguma coisa drástica, para poder atravessar o véu que conduz a Casa.

Sentou-se na cama. “Talvez tenha de me converter em Anjo antes de chegar lá. Poderia ficar com uma cor especial!”. Quase desatou a rir ao imaginar isto, e, como das outras vezes, esperou uma réplica de algum dos Anjos que o estavam a ouvir. Mas só houve silêncio. Alguma coisa no seu interior já estava a alterar-se. Sentiu uma vibração na boca do estômago, e também calafrios. Sabia que devia meter-se na cama.

Não dormiu bem nessa noite. Passou-a quase desperto, desejando que fossem cinco e meia, pois apercebeu-se que necessitava do Anjo Verde. Sentia a sua falta. De súbito, sentiu-se inseguro. De cada vez que adormecia tinha o mesmo sonho: Aquilo estava ali, olhando-o ferozmente. E, de cada vez, essa coisa horrível apanhava-o e destruía-o. Quando Aquilo o esquartejava, acordava banhado em suor e cheio de ansiedade, escutando os próprios gritos, que, ao despertar, cessavam bruscamente. A seguir reinava o mais absoluto silêncio. Quando tornava a adormecer, tinha o mesmo sonho. Quantas vezes podiam matá-lo? Cinco? Seis? A situação parecia interminável. A sua morte repetia-se, cada uma delas com uma ligeira variante. A cada ocasião, o sonho tornava-se mais real. Finalmente, não conseguiu aguentar mais e começou a soluçar, consciente de que esvaziava toda a sua alma na almofada. Não se lembrava de ter experimentado, em toda a sua vida, uma aflição tão profunda. Nem sequer a morte dos pais lhe provocara tal descarga emocional. Chorou ruidosamente e o pranto converteu-se em lamentos. Tinha perdido o controle. Chorou por si mesmo e pelos pais, chorou também pelo amor perdido e por todas as oportunidades desperdiçadas. Sentia que Aquilo o matara e, assim, chorou pela sua própria morte. Estava transtornado pelo pesar, incapaz de controlar os estremecimentos do corpo, tratando de detectar novas zonas de dor para mergulhar nelas e poder reagir. Por fim, completamente exausto, conseguiu dormir algumas horas.

Mas algo estava mal. Quase não havia luz. Onde estava Verde? Porque o tinham deixado dormir tanto? Levantou-se e sentiu imediatamente uma dor nos músculos abdominais, devida à crispação dos intestinos causada pelo choro convulsivo da noite anterior. Levou as mãos às costas:

- Caramba! Estamos a sentir-nos muito mal! – ouviu-se a dizer ao corpo.

Foi ao quarto que fazia de sala de jantar, mas não havia vestígios de comida. Vestiu a túnica verde e pôs-se a procurar o Anjo. Notou que os quartos, que lhe eram tão familiares, tinham começado a adquirir um tom verde acastanhado. Tratar-se-ia, simplesmente, de um efeito da luz? E, falando de luz, parecia ter havido uma falha de corrente. Onde estava o Anjo Verde? Que se passava?

- Verde! Onde estás?

Não houve resposta. Percorreu as instalações mas não o encontrou em lado nenhum. Finalmente, esfoameado e cansado, foi ao quarto onde Verde lhe dera lições, e sentou-se. Estava perplexo e sentia que começava a ser invadido por um negrume, inaudito nesta Viagem. Reconheceu-o: era a mesma depressão que experimentara, durante muito tempo em Los Angeles, antes de toda esta história ter começado.

- O que se passa? Onde estão todos? Azul? Laranja? Verde? Eh, rapazes, preciso de vocês!

Silêncio. Apercebeu-se que a depressão começara a tomar conta da sua personalidade. Não passaria muito tempo antes de cair no mesmo buraco, onde não lhe importava nada nem ninguém. Mas negou-se a permitir que isso voltasse a ocorrer.

- Muito bem, amigos, se não querem ajudar-me, irei pela via difícil, seja lá o que for que isso implique!

Agarrava-se desesperadamente à esperança de obter alguma reacção por parte de alguém! Voltou ao quarto de dormir e observou o que havia ao seu redor. Depois, foi ao armário. Ao abri-lo, recordou-se do mapa. Talvez este lhe fizesse alguma revelação. Sempre o fizera quando as coisas corriam mal, nessa estranha terra do “eterno presente”. Encontrou facilmente o pergaminho e desenrolou-o. Mas não estava preparado para o que ia ver. Ficou a olhá-lo fixamente, incrédulo, para logo o guardar parcimoniosamente. Tornou a meter-se na cama, sem tirar a túnica, e tapou-se com a manta. Era já uma da tarde, mas não se importou. Ficou ali a olhar para a parede.

Com respeito ao mapa, no lugar do indicador “Estás Aqui”, havia apenas uma mancha negra: nenhuma palavra. Não havia sinais. Deixara de funcionar. Perdera a sua magia. Seria possível que Aquilo tivesse entrado na Morada Verde durante a noite e o tivesse assassinado? O que experimentara ele enquanto dormia? Sonhos ou realidade? Aquilo teria também morto os Anjos? Como era possível? Estava a lutar contra a depressão e o negrume. Tentou compreender tudo e forçou a mente, tratando de recordar qualquer coisa, dita por Verde, que pudesse explicar a situação. Por entre a névoa escura que lhe invadia a consciência, recordou o que o Anjo garantira: “Qualquer dor que sintas, provirá de ti mesmo. Nada voltará a ser o mesmo. Amo-te muitíssimo”. Tratar-se-ia de uma despedida? Lembrou-se do que o grande Anjo Branco lhe dissera ao princípio: “As coisas não são o que parecem.”

Tinha de resistir. Acreditava em Deus e tudo aquilo era um estratagema. Uma prova!

Fez, então, a única coisa que lhe ocorreu: levantou-se e colocou a Armadura. Não a sentia muito cómoda, pois pesava mais do que antes, e a Espada parecia-lhe uma estupidez. Não se importou. Segurou-a com orgulho e falou em voz alta:

- Nada vencerá o meu espírito! Proclamo a vitória sobre a minha depressão!

Não houve resposta, apenas silêncio. Palavras vãs. Não houve manifestação de amor ou de respeito. Sentiu que nada nem ninguém se importava com ele. Esta terra estava completamente vazia. Era o único que estava ali. Lutava pela sua sanidade, mas não se daria por vencido. Dirigiu-se à sala de aprendizagem e ocupou o seu lugar na carteira, completamente ataviado para o combate. Permaneceu ali até ao pôr-do-sol, esperando e vigiando, no meio do absoluto silêncio de uma terra carente de sons. Contudo, continuou ali sentado, alerta. Não sabia o que o esperava, mas negava-se a abandonar-se à escuridão da depressão a que aderira, tão convincentemente, antes de se internar naquela terra formosa. Por fim, adormeceu na penumbra da sala. Mas, desta vez, o seu sonho não foi conturbado. **Começava a criar-se paz, ali, onde dantes não havia.** O seu poder para fazê-lo tornava-se cada vez mais evidente. Enquanto dormia, a Espada oscilava e “cantava” para si, respondendo ao novo índice vibratório do valioso ser humano a que pertencia; mas não estava consciente disso. O Escudo resplandecia ligeiramente, reagindo às novas instruções de uma biologia que se transformava; mas não estava consciente disso. A Armadura mantinha-o a uma temperatura agradável, respondendo ao novo conjunto de instruções espirituais, provenientes de uma fonte de sabedoria, que acabava de despertar no seu ADN; mas não estava consciente disso. Todas as células do corpo estavam a sofrer uma transformação, e essa **metamorfose** estava quase terminada. Dormiu verdadeiramente bem.

\* \* \*

Na manhã seguinte, quando despertou, a situação alterara-se. Continuava sentado na carteira onde passara a noite, mas o salão estava mais alegre e mais luminoso. Levantou-se e pôs a sua mente à prova. É estranho, mas aquilo em que pensou primeiro não foi se continuava sozinho ou não, mas se se sentia bem. A depressão desaparecera! Apercebeu-se que trazia vestido o traje de combate, mas, de certo modo, já não o notava. Enquanto caminhava energicamente para a sala de jantar, a ver se ia passar mais um dia de fome, notou o delicioso aroma de um bom pequeno-almoço. Soube, então, que tudo estava bem, de novo. Comeu como nunca! Dado estar esfomeado, quase faminto, devorou a comida que lhe tinham preparado. Desfrutou imenso da sensação de bem-estar. De repente, viu-se a cantar a plenos pulmões, com a boca cheia.

- Oxalá a minha mãe pudesse ver-me agora! – disse, verbalizando os pensamentos em voz alta, enquanto mastigava alegremente. Tinha as comissuras dos lábios besuntadas de gema de ovo. – Também se envergonharia das minhas maneiras...

- Pois acredita que ela está muito orgulhosa de ti - afirmou o Anjo Verde, mostrando-se pela fresta da porta. - Todos estamos!

Mike levantou-se para mostrar respeito pelo seu amigo. Encantado por tornar a vê-lo, gritou de alegria:

- Verde! Não sabia se voltaria a ver-te! Por favor, senta-te aqui comigo!

Voltou a sentar-se e continuou a comer. O enorme Anjo dirigiu-se à mesa, sentou-se na sua frente e esperou que ele iniciasse a conversa. Sabia que aquele amigo humano tinha dúzias de perguntas a fazer sobre o que ocorrera no dia anterior, mas queria saber quanto tempo demoraria até começar a fazê-las. Houve um silêncio, enquanto Mike cantarolava e comia ao mesmo tempo, olhando-o com olhos brilhantes e sorrindo como um tonto. Verde observava aquele comportamento e examinava-lhe o corpo com o olhar, reparando no traje de combate. Sem se poder conter mais, comentou sorrindo:

- Que linda Espada!

Mike riu às gargalhadas com a observação, lembrando-se que esse fora o primeiro comentário que Verde fizera à sua chegada. A comida que mastigava saiu-lhe disparada da boca, qual metralha, espalhando-se por todo o lado. Ao ver isto, o grande Anjo Verde também começou a rir. Então, abraçaram-se afectuosamente. Era a primeira vez que lhe era permitido tocar num Anjo daquela terra e, intuitivamente, sabia que, agora, era apropriado fazê-lo. Nenhum dos dois conseguia parar de rir. Nesse momento, apercebeu-se que dançava com o grande Anjo Verde, ao ritmo da música do seu espírito, pisando os deliciosos pães que, com a excitação, tinham caído da mesa.

De repente, apercebeu-se de pedaços de bolo de amora entre os dedos dos pés. A sala estava numa barafunda, mas não se importava. Voltou a sentar-se e sentiu uma opressão no peito por causa da agitação e da euforia. Teve de fazer um esforço para se recuperar do efeito das manifestações de júbilo. Finalmente, disse a Verde, que se encontrava à sua frente:

- Sabes uma coisa? Tinha a certeza que ias voltar!

- Como é que estavas tão seguro disso?

- Porque me disseste que gostas de mim.

- E gosto muito – reiterou Verde, sorrindo de novo. Mike deu um piparote num dos inúmeros fragmentos de comida, espalhada por todos os lados. E, após uma pausa:

- Verde, é verdade que o meu pai e a minha mãe me podem ver? - Esta era a pergunta mais importante para ele, considerando o comentário que o Anjo fizera ao entrar na sala, momentos antes.

- Que essa seja a tua primeira pergunta, mostra apenas a tua nova consciência, Michael Thomas de Propósito Puro. Às vezes, nós, os Anjos desta terra, fazemos apostas sobre qual será a primeira pergunta que a pessoa fará, depois de enfrentar o desafio do Caminho. Mas tu ainda não fizeste aquela que os outros costumam fazer. Apesar de já estarmos aqui há um bom pedaço de tempo, ainda não fizeste a tal pergunta e, em vez disso, perguntaste pelos teus pais. Na verdade, estou perante um ser humano muito especial!

Mike não podia afirmar com segurança, mas acreditava que o Anjo Verde estava um pouco emocionado, se é possível que tal coisa suceda a um Anjo. Depois de uma pausa, continuou:

- Sim, Michael Thomas, os teus pais podem ver-te, e estão muitíssimo orgulhosos de ti. – E esperou que por mais perguntas. Mas Mike reflectiu sobre o que ouvira e comentou:

- Creio que sei, exactamente, o que aconteceu ontem.

O Anjo Verde meneou a cabeça e disse:

- De verdade? Então, explica-me.

Normalmente, nesta altura do processo de ensino de um ser humano na Morada da Biologia, a entidade dedicava tratava de explicar ao perplexo discípulo para onde tinham ido todos no decurso do dia anterior, assim como o motivo da horrível e solitária jornada, em aparente escuridão espiritual.

- Eu mudei, Verde, tal como vaticinaste. Sinto-me diferente, sinto-me... – fez uma pausa momentânea e continuou - sentimo-nos vestidos de poder. Tenho um conhecimento sobre ti que antes não possuía. De algum modo, passaste a ser o meu mestre e a exercer o papel de... - procurou a palavra adequada, mas a pausa alongou-se demasiado. O Anjo interveio:

- ... de Família?

- Sim! – assentiu, rapidamente. Começava a sentir-se introspectivo, mas continuou - Pensei que o sucedido ontem era uma prova, mas não era.

Verde continuava à escuta, permitindo-lhe que expressasse as ideias a respeito do que se passara.

- Sei que, no fim, me darás os detalhes do que aconteceu, e creio saber por que aconteceu – Mike falava lentamente, e com intenção, como o faria um instrutor. – Verde, cada uma das células do meu corpo sentiu um abandono. Foi como se eu me tivesse apagado e morrido. Não havia consolo em parte alguma. Nem se-

quer a minha própria mente era capaz de me dar uma só razão para existir. De algum modo, eu era um ser humano neutro. Quando olhei para o mapa foi quando percebi o que se passava. Tratava-se de um sinal para a minha mente, e dei-me conta do que acontecia.

Verde estava impressionado. Nunca antes um estudante da Morada Verde fora tão preciso e consciente das características da mudança vibracional. Habitualmente, era preciso muito tempo para as poder explicar. Sabia que estava perante um ser especial: Michael Thomas. Sentiu-se orgulhoso do seu aluno e amou-o ainda mais. Mike continuou:

- O mapa também estava morto. Eu encontrava-me no limbo. Então, soube o que estava a acontecer. Para receber o dom espiritual do propósito, tinha de passar por uma espécie de renascimento. Foi como se a energia se tivesse apagado da minha existência durante um dia inteiro, para ser restabelecida, depois, num novo circuito. **Senti que, se fosse capaz de conservar a postura nesse transe, no fim, ficaria bem.** Para conseguir isso, vali-me de uma visualização em que tu aparecias a dizer que me amas. Foi a única coisa que funcionou. Quando pensava em ti, conseguia concentrar-me na razão por que estou aqui. – Olhou para Verde e sorriu, tentando ocultar os seus olhos cheios de lágrimas. - Tenho razão?

- Praticamente não me sobra nada para acrescentar, Michael Thomas de Propósito Puro. - Verde pôs-se de pé para enfatizar o que dizia. – Dir-te-ei o seguinte: quando pensavas no meu amor por ti, não era somente em mim que pensavas. Eu faço parte de um colectivo, Michael. **Quando falas comigo, estás a falar com a Totalidade.** Tu também és parte dela, mas não a percebes como tal. À medida que a vibração for subindo de nível, compreenderás todas estas coisas. Quando sentias o amor daquele a quem chamas Verde, também estavas a sentir o amor de Azul, o de Laranja, o amor dos teus pais, assim como o de todos aqueles que vais encontrar ao longo do caminho. Ainda não os conheces, mas eles conhecem-te. Todos somos UM, Michael, e tu percebeste isso no momento de maior necessidade. A tua intuição impôs-se. Que dom possuis, já!

Mike sabia que ainda havia mais, de modo que permaneceu em silêncio, esperando que Verde ordenasse os seus pensamentos e continuasse a falar:

- Tudo o que expressaste é correcto, meu sábio amigo humano. **Para poderes passar para um nível superior, há um período de desafios. É um lapso de tempo no qual todos nós, os que integramos o colectivo, nos devemos afastar para permitir que mudes. Não podemos fazer nada por ti durante esse período, já que a nossa energia interferiria no processo.** Tu estás espiritualmente capacitado para concretizares esse processo. Sentiste a perda da tua família, Michael. Também sentiste desamparo e vazio durante o breve lapso de tempo em que tiveste de ficar só. A única coisa que te manteve centrado foi o amor. E eu, como instrutor desta Morada, não poderia dar-te a solução que encontraste por ti mesmo, na escuridão. Felicito-te pela percepção e maturidade que demonstraste neste sítio. – Fez uma nova pausa para Mike assimilar o conteúdo e concluiu. - Tens agora outra pergunta?

- Sim. Isto vai acontecer de novo?

- Sim, voltará a acontecer de cada vez que passes para um novo estado vibratório.

- E o que posso fazer para resolver isto melhor, para a próxima vez?

O Anjo Verde olhou-o de frente e falou seriamente:

- **Terás de reconhecer que isso está a ocorrer e manteres-te ocupado com outras coisas. Não debes prender-te à situação, lembrando que é passageira. É necessário dar-lhe um carácter cerimonial! É preciso honrar o processo, mesmo que nesse momento estejas imerso na escuridão. Faz exactamente o que fizeste, Michael Thomas de Propósito Puro. Sente o amor que está implícito no dom!**

Mike compreendeu tudo isto e assimilou-o.

\* \* \*

As lições continuaram a ritmo lento, nos dias seguintes. Havia mais ensinamentos a partilhar, por causa do seu novo índice vibratório. Foram-lhe transmitidos conhecimentos subtis respeitantes ao corpo, e mostradas diversas maneiras de saber se havia algum desequilíbrio. Verde explicou em que consistiam os novos padrões de sono, assim como as novas preferências alimentares que podiam acompanhar cada mudança vibratória. Era preciso memorizar imensas coisas!

Ao aproximarem-se os últimos dias na Morada Verde, o Anjo abordou um novo tema, nunca antes tratado.

- Estás preparado para falar de sexo?

Mike quase caiu da cadeira com a impressão sofrida. Olhou para o seu enorme amigo verde, para ver se estava a gozá-lo. Perturbado, comentou:

- Deves estar a brincar!

- Não, não estou!

Falando em voz baixa, como se alguém mais pudesse ouvir, acrescentou:

- Verde, esse não é um tema próprio para Anjos. Trata-se de algo que os Humanos fazem no escuro. Tem a ver com a luxúria. E mais: admira-me muito que utilizes essa palavra! – Depois, desviando o olhar para um canto da sala, acrescentou – Não creio que devamos tratar deste tema neste lugar tão sagrado.

O Anjo Verde mostrou-se inflexível.

- Não é o que pensas, Michael. A tua reacção ante este tema é, unicamente, a percepção que vocês, Humanos, têm a respeito dele. Trata-se de uma questão biológica, e Por isso estás aqui.

E calou-se, permitindo que o seu pupilo pensasse no que acabara de ouvir. Mike resignou-se, pois sabia que não podia escapar a nada do que Verde tivesse para lhe ensinar. Vieram à sua mente imagens de uma aula de educação sexual na Faculdade, na qual um infeliz professor teve a difícil tarefa de explicar, a um grupo de rapazes, aquilo que, na realidade, eles já sabiam. Durante todo o tempo que durou a exposição do tema, os alunos não pararam de rir à socapa, ao estilo das meninas, olhando uns para os outros com complacência. A maioria teria preferido estar noutro lugar. Era um tema demasiado íntimo.

- Verde, temos de tratar desse tema?

- Sim.

O que aconteceu em seguida, mudaria para sempre a visão de Michael Thomas a respeito das relações físicas entre seres humanos. O Anjo Verde falou com eloquência, como se estivesse a basear-se na sua experiência pessoal... apesar de ser assexuado! Explicou que o sexo era um dos aspectos espirituais da biologia. Descreveu, perante um Mike atónito, qual era o verdadeiro propósito da sexualidade, e o que os homens e as mulheres deviam obter dessa experiência, aparte dos filhos. Falou sobre a elegância que implicava elevar, simultaneamente, a consciência de dois indivíduos, atingindo conjuntamente o clímax de uma emoção, de determinada forma. Deu exemplos de como funcionam as coisas no plano espiritual do corpo, quando a paixão era controlada e canalizada de modo específico. O sexo era um verdadeiro catalizador da iluminação!

Durante a explicação, Mike permaneceu calado, mas, por fim, apoiando a cabeça entre as mãos, disse:

- Nem posso crer! Sempre acreditei que era um tema sujo, algo que não se podia referir. Caramba! Isso é que é um conceito! Espera até que os padres se inteirem disso!

Estava a dizer piadas, mas, na verdade, o conceito ultrapassava aquele jovem camponês, que aprendera sobre o tema limitando-se a observar o comportamento animal, quando era criança e, anos mais tarde, através dos fragmentos de informação distorcida recebidos dos amigos, adolescentes como ele. Captou imediatamente o assunto e levantou a cabeça, exclamando:

- Verde, quanta coisa perdi! Podia ter vivido essa experiência com uma mulher que amei. Agora é demasiado tarde...

- Não sejas severo com a tua conduta, Michael. As coisas não são o que parecem. Embora tenhas recebido esta informação um pouco tarde, ela terá o seu propósito enquanto segues o teu caminho. O importante é a informação em si mesma, embora a aplicação dela te possa parecer deslocada nesta Viagem. A chave está em mudares de atitude e olhares para o processo como algo sagrado. Isso ajudar-te-á a honrar a tua biologia, mais do que já honras.

Verde tinha razão. Mike era um ser humano do sexo masculino que continuava a ter as suas fantasias e os seus sonhos, inclusive num sítio como aquele. Chegara o momento de começar a honrá-los, em lugar de os perceber como algo mau ou sórdido. Por serem significativos, compreendeu como tudo aquilo se encaixava na perspectiva de conjunto, e sentiu-se mais completo. Agora, essas partes do seu corpo consideradas íntimas, podiam integrar-se no **Nós** com mais respeito. Riu ao pensar nisso. Verde observou e, como resposta, limitou-se a sorrir.

No dia seguinte chegou o momento de partir. Vestiu a roupa nova, que lhe fora proporcionada magicamente na Morada Verde. A experiência da estadia ali tinha sido a mais profunda de toda a sua vida. Não soube o que dizer quando parou no umbral da porta, recebendo o cálido sol, acompanhado pelo Anjo Verde. Sentia-se muito bem. O seu traje de combate luzia esplendidamente sobre a roupa nova, cujos materiais tinham sido seleccionados para lhe proporcionarem uma agradável sensação de conforto. Tanto as roupas como o equipamento moldavam-se perfeitamente ao corpo. Sentia-se maravilhado porque quem confeccionara a sua roupa conhecia a sua nova medida, adquirida através do exercício físico praticado durante as semanas que ali passara.

O Anjo Verde olhou para ele detalhadamente e, por um momento, pousou a vista na espada. Estava prestes a dizer algo, quando Mike o interrompeu:

- Já sei: "Que linda Espada!"

Desta vez foi o Anjo que soltou uma gargalhada.

- Tiraste as palavras exactas da minha angelical e verde boca...

Fez-se um incómodo silêncio, enquanto os dois permaneciam sob os cálidos raios de sol. Mike foi o primeiro a falar novamente:

- Promete-me que nos tornaremos a ver.
- Prometo-te – afirmou Verde no mesmo instante e sem reservas.
- Queres perguntar-me alguma coisa?

Mike pronunciou estas palavras recordando o protocolo das duas Moradas anteriores: antes de partir, tinham-lhe perguntado se amava a Deus.

- Sim, tenho de te perguntar uma coisa que já sabes o que é. – Verde olhou intensamente para Michael Thomas – Queres responder sem que te faça a pergunta?

- Sim. – disse, cerimonioso. - Amo a Deus com todo o meu coração. O meu propósito é puro e o meu corpo é uno com o vosso Espírito. Estou mais perto da vossa vibração do que dantes, e essa proximidade tem um sentimento de propósito, sacralidade e pertença. Estou a caminho de Casa.

Não havia nada que o Anjo Verde pudesse acrescentar. Diferentemente das vezes anteriores, nas quais o Anjo simplesmente se recolhia sem dizer mais palavra, desta vez foi Mike quem se pôs em marcha sem dizer adeus. Cheio de confiança, tomou o Caminho e dirigiu-se para norte, rumo às colinas, onde se encontrava a próxima Morada. O Anjo Verde permaneceu no alpendre até o amigo sair do seu campo visual e do seu ouvido. Então, falou em voz alta, aparentemente para si mesmo:

- Michael Thomas de Propósito Puro, se sobreviveres à próxima Morada, realmente serás o guerreiro que eu acredito que és.

E ficou no alpendre, à espera.

\* \* \*

Não se passou muito tempo antes que a detestável e feia criatura, verde-escuro, passasse silenciosamente diante da Morada Verde, arquitetando a sua sinistra perseguição. Passou olhando de frente para o Anjo Verde, mas este não disse nada, nem lhe deu nenhum reconhecimento ou resposta. Sabia tudo acerca de Aquilo, e sabia que, em breve, também Mike o saberia. E sorriu ao pensar nisso.

- Será um grande encontro! – exclamou.

A seguir deu meia volta, entrou e fechou a porta.

## 8 - A Quarta Morada

Mike ia andando despreocupadamente pelo Caminho, sentindo-se melhor que nunca. A sua roupa nova, feita à sua medida, e o seu equipamento de combate complementavam-se perfeitamente, formando um conjunto que parecia intrínseco a essa grandiosa terra. Tinha uma estranha sensação de familiaridade em relação ao que o rodeava. Apesar de ter passado grande parte do tempo da viagem dentro das diversas Moradas, o Caminho de algum modo era-lhe familiar. Tinha começado a reconhecer o cheiro e o aspecto das coisas que o cercavam. Era como se as recordações da vida anterior estivessem a esfumar-se e as insólitas características dessa nova terra as substituíssem. Tinha a sensação de “recordar” todas essas coisas, apesar de saber que nunca tinha estado ali. Também experimentava uma intensa sensação de novo poder. Sentia como se realmente pertencesse àquela terra. Sabia que uma boa parte dessa percepção se devia aos recentes acontecimentos que vivera na Morada da Biologia. Cada vez que recordava o Anjo Verde sorria abertamente. Enquanto ia andando, reflectia sobre o facto de que, realmente, tinha passado para um novo nível durante a sua estada na Morada Verde. Que mais iria encontrar? Só tinha estado em três das sete Moradas, e perguntava-se que outras lições o esperavam.

Subitamente, ouviu um ruído atrás de si. Virou-se automaticamente com a rapidez de uma chispa, adoptando uma posição de alerta defensivo. Ele mesmo se surpreendeu por quão instintiva fora aquela reacção. Inclinado para a frente, segurava com força o ornado punho da magnífica Espada da Verdade. Era imaginação sua ou o punho vibrava? Toda a atenção se concentrou nos ouvidos, enquanto permanecia imóvel como uma estátua, esperando passar rapidamente a uma acção desconhecida, ainda que perfeita. Mas não havia nada nas redondezas. Podia ter sido o vento, embora tivesse notado que os ramos das árvores não se mexiam. Movendo unicamente os olhos e mantendo o resto do corpo completamente imóvel, Michael examinou detalhadamente a zona. Que precisão tinha adquirido a sua visão! Desde que iniciara a viagem não se recordava de ter tido aquela maravilhosa precisão visual. Era como se alguém tivesse acendido uma luz brilhante onde antes não existia. Mudou o foco da atenção dos ouvidos para os olhos, e observou atentamente cada grande rocha e cada elemento do seu campo visual. Mas não havia nada nas redondezas. Começou a aperceber-se que, embora se sentisse cómodo, esta terra recém descoberta de Moradas coloridas escondia perigos. Seria possível que continuasse ali a sinistra aparição, que estivera tão presente nos sonhos da Morada da Biologia? Devia ter cuidado. E, embora possa parecer estranho, não teve medo. Permaneceu imóvel, atento, forçando os sentidos até ao limite. Nesse estado de elevada consciência, descobria algo novo sobre as suas capacidades. Embora não visse nem ouvisse nada anormal, **sentia** haver ali algo de anormal. Experimentava uma profunda inquietude no fundo da alma, uma sensação de perigo e de aviso para todo o seu ser, ainda que... Mas ali não havia nada.

Lentamente, deu meia volta e continuou a andar pelo caminho ensolarado, virando levemente a cabeça de um lado para outro, tentando ouvir qualquer ruído gerado atrás de si, num esforço por detectar antecipadamente qualquer anomalia. Enquanto ia andando conjecturava sobre o enigma: “O que poderia ser? Como era possível que existisse uma entidade tão obscura numa terra que transpirava tanto amor e descobertas espirituais? Por que o perseguiam? Porque é que nenhum dos Anjos quis falar deste assunto?” Era tudo um mistério. Mas sentia-se prevenido e não permitiria que essa coisa abjecta e maligna lhe saltasse em cima de repente, como já o fizera antes. Permaneceu alerta, com uma constante sensação de perigo.

Caminhou até ao final da tarde. A noite começou a cair e a Morada seguinte ainda não se vislumbrava. Deteve a sua enérgica marcha e virou-se para ver o percurso que acabara de percorrer. Tirou o mapa lentamente, sem abrandar a vigilância sobre movimentos ou sons suspeitos. Tranquilizou-se ao verificar que o seu valioso mapa estava novamente a funcionar mostrando-lhe o “momento presente”. Ali estava, como antes, o ponto com a inscrição “Estás aqui”. E, exactamente à saída da curva, junto ao limite da pequena área que o rodeava, encontrava-se a Morada seguinte. Sorriu, guardou o mapa e retomou o Caminho. Chegar até lá ocupou-o até ao fim do dia. Apercebeu-se que estas edificações se situavam em lugares afastados. Os visitantes tinham de se esforçar, embora sem necessidade de passarem uma noite ao relento. Alegrou-se. Sentia-se estafado mas sabia que nem todo aquele cansaço era físico. O estado de alerta em que se mantivera durante horas cobrara a sua quota de energia.

Durante o misterioso lapso de tempo em que ocorre o ocaso do sol, tudo parece adquirir um tom claro; e, nesse preciso momento, enquanto fazia uma curva do Caminho, avistou a Morada seguinte. Embora o ambiente reflectisse os tons laranja e vermelho do dia minguante, a construção, de estilo campestre, parecia



brilhar com uma cor violeta pura, sem ser afectada pelas tonalidades adjacentes. Deteve-se boquiaberto, pois jamais vira uma cor tão bonita! O violeta era simultaneamente intenso, sereno e vigoroso. Teve a sensação de que toda a estrutura era translúcida e, de algum modo, estava iluminada desde o interior. Continuou a andar. Embora estivesse relativamente perto do objectivo, não era prudente deter-se muito tempo.

A visão do formoso edifício foi só um preâmbulo do que estava por acontecer, porque, quando o Anjo apareceu na porta para lhe dar as boas-vindas, ficou sem fala. Nunca tinha visto uma criatura tão bela! Sentiu que talvez devesse ajoelhar-se, por respeito à visão que estava diante si. O que estava a acontecer? Alguém aumentara a percepção das cores nos seus olhos? Não se lembrava de ter visto uma cor assim! Guardou um respeitoso silêncio ante a visão, como um menino que contempla um pôr-do-sol pela primeira vez na sua vida, perguntando-se se havia magia naquilo. E então ouviu a voz. E que voz! Era suave, acariciadora e parecia vir das entranhas da tranquilidade, trazendo serenidade até ao ar que transportava a sua vibração. E era uma voz inequivocamente feminina!

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! - disse a serena voz. Estávamos à tua espera.

Mike, atordoado, não disse nada. Nem sequer podia pensar com coerência para o Anjo ler o seu pensamento! Estava mudo de assombro. Apercebeu-se que até deixara de respirar. Ela sorriu e continuou:

- Sou tão feminina como o Anjo Verde, Michael. Nós, os Anjos, não temos sexo, mas possuímos todos os atributos dos vossos dois sexos biológicos. A minha voz e o meu aspecto visam a tua comodidade nesta Morada.

Mike não entendeu quase nada do que Violeta dissera. Voltara a respirar com normalidade, mas não sabia o que dizer. Mas tentou, perturbado pelo som gransante que acompanhou as palavras.

- Que bonita que tu és!

Sabia que a sua saudação, além de soar distorcida, era incrivelmente estúpida. Imagine-se! Dizer aquela parvoíce a uma entidade tão bonita! Sentiu-se tão pateta como quando, ainda criança, pela primeira vez se viu na situação em que era necessário dizer algo inteligente a um adulto e foi incapaz de o fazer. Aquele atordoamento devia-se, em parte, à incongruência do que estava a admirar: diante dele estava um enorme ser angélico e todo ele parecia um compêndio de delicadeza feminina. Mas também se apercebia que, na realidade, não havia nenhuma diferença corporal entre Violeta e qualquer um dos outros Anjos. Todos eram enormes, e usavam roupas difusas e ondulantes – exactamente da cor das suas respectivas Moradas – que ocultavam e disfarçavam todos os seus caracteres. Mas... aquele rosto! A cara de Violeta era indubitavelmente feminina. Tinha a mesma delicadeza dos rostos da sua avó e da mãe, a beleza de uma santa. Suspirou e tentou novamente:

- Perdoa-me... hum... Violeta.

Nesse momento, pensou que infringia as normas da cortesia, ao dirigir-se a ela usando o nome da sua cor, uma vez que também era o nome de uma mulher. Tentou explicar-se:

- Não esperava... Quero dizer... Não sabia que havia Anjos do sexo feminino.

De novo se arrependeu de ter aberto a boca. Que raio de estupidez dissera? Claro que havia Anjos do sexo feminino! Em quase todas as pinturas de Anjos que vira, o Anjo protagonista era do sexo feminino. Mas, dado que Violeta continuava ali, voltou a tentar:

- O que quero dizer é que... Nenhum dos outros Anjos... O que pretendo dizer é que... eles pareciam bonitos... Isto é, homens... do sexo masculino.

Mike gostaria de ter rebobinado o episódio e começar do princípio. Momentaneamente, tinha perdido a capacidade de se comunicar e a eloquência. Fracassara rotundamente na intenção de saudar correctamente aquele ser. Suspirou novamente e limitou-se a encolher os ombros. O Anjo Violeta sorriu.

- Percebo-te perfeitamente, Michael Thomas.

O olhar que lançou poderia ter-lhe derretido a Armadura. Mas não se tratava de erotismo; era um sentimento de incrível amor, de essência pura e maternal. Fora isso que o apanhara de surpresa. Era como se, subitamente, tivesse encontrado novamente a sua mãe; tinha a sensação de estar a reunir-se com a família, desaparecida há bastantes anos, tudo isso acompanhado de uma impressão de alegria e incredulidade. Ah! Como já passara tanto tempo desde a última vez que o tinham fitado daquela maneira! Teve vontade de ser abraçado carinhosamente, ainda que, logo de seguida, se tenha sentido a corar por ter tido tais pensamentos, pois sabia que Violeta poderia captá-los. Ela continuou:

- Depressa te acostumarás, Michael. Há motivos para eu aparecer diante de ti com este aspecto. Não é o que costumo adoptar para os outros que percorrem este Caminho mas, desta vez, o meu aspecto mudou por tua causa.

Mike entendeu: o aspecto e o comportamento de Violeta eram para o beneficiar. Aceitou o facto mas ainda se perguntou qual a necessidade de “ver” um Anjo maternal.

- Porque ganhaste essa dádiva. Nem tudo o que existe aqui é uma lição, Michael. Muito te é proporcionado na forma de dons para a tua evolução. Embora ainda só tenhas passado por três Moradas, já te destacaste como um dos seres humanos mais especiais entre todos os que vieram visitar-nos.

Mike assimilou aquelas palavras e, antes que pudesse pensar na resposta, o Anjo Violeta, suavemente, pediu-lhe algo que jamais esqueceria.

- Michael Thomas de Propósito Puro, por favor, tira os sapatos.

Fez o que o Anjo pediu e deixou-os junto da porta, num espaço destinado a essa função. Encaixaram perfeitamente.

- Michael. Queres saber por que te pedi para tirares os sapatos?

- Será porque o chão do interior da Morada é sagrado? – respondeu, lembrando-se do diálogo de Moisés com a Sarça Ardente.

- Se fosse por isso, porque é que os outros Anjos não te pediram o mesmo?

Mike voltou a reflectir sobre o tema e fez outra tentativa:

- Será porque tu és um Anjo muito especial?

Violeta divertia-se com o jogo e começou a emitir pequenos risos sufocados. Mike, perplexo, percebeu que a sua resposta não era a correcta.

- Entra, por favor - disse o Anjo, dando meia volta e entrando na Morada Verde. Mike seguiu-o, um pouco contrariado porque a conversa ficara a meio:

- Violeta, explica-me: por que me pediste para tirar os sapatos?

- Serás tu que o explicarás a **mim**, antes de partires daqui.

Mike não gostava quando os Anjos adiam as respostas, e especialmente quando lhe pediam que as encontrasse por si mesmo. “Demasiado trabalho”, pensou.

- Essa é a razão por que estás aqui - disse Violeta enquanto se dirigia para o interior da Morada Violeta.

E, de novo, se sentiu pateta por ter tido aqueles pensamentos.

Aquele local era muito simples, ao contrário da sua anfitriã. Apercebeu-se que, devido ao assombro que a aparência do novo Anjo lhe causara, se distraíra e não lera o letreiro que definia a Morada.

- Violeta, como se chama esta Morada?

O Anjo Violeta parou e respondeu:

- Esta é a Morada da Responsabilidade, Michael Thomas.

Violeta esperou pela reacção com uma bela expressão de expectativa. Naquele instante, Mike ficou a saber que ia ter problemas. Mas, quase inexpressivamente, sem reagir como Violeta esperava, disse:

- Ah!

Violeta deu meia volta e continuou a andar.

Mike começou a preocupar-se a partir do momento em que ficou a saber o nome da Morada. Mentalmente, imaginou vários guiões acerca do que aconteceria durante a sua estadia ali. A palavra “responsabilidade” sempre lhe fora desagradável, em grande parte porque os seus pais insistiam muito no tema, por uma coisa ou por outra. Sobretudo, empregavam a palavra num tom crítico. Anos mais tarde ouviu a mesma cantilena da boca das mulheres com quem saía, acompanhada habitualmente por algum tipo de queixa sobre a sua educação. “Por que será que as mulheres tentam sempre corrigir-me?”, pensou. Nesse momento teve um pensamento horrível: talvez a aparência feminina de Violeta tivesse o mesmo propósito. “Deus envia-me outra mulher para me fazer mudar? E se Deus fosse uma mulher? Essa seria uma piada sumamente perversa!” E sorriu ao pensar nestes pensamentos criados pela sua masculinidade humana. Mas sabia, com toda a certeza, que aquelas especulações não eram verdade. Deus não era nem masculino nem feminino. Contudo, divertia-se a criar estas complicações mentais. Mas... do que trataria a Morada da Responsabilidade?

Violeta conduzia-o através de um labirinto de salas bem mais pequenas, enquanto se dirigiam ao lugar onde iria jantar.

- O que há aqui dentro? – perguntou, ao passar por uma grande porta dupla.

- Um auditório - respondeu Violeta sem abrandar o passo.

“Um auditório?”. Os pensamentos corriam depressa, enquanto seguia o Anjo. “Para que existirá um teatro num lugar angélico? Vai haver alguma representação?” E teve outra ideia, ainda mais estranha: “Talvez passem um filme!” Pensou então que seria muito divertido se ele e Violeta fossem ao cinema no dia seguinte. Iriam ver um dos muitos filmes populares sobre Anjos? Perante esta ideia quase se pôs a rir em voz alta. Violeta, que sabia exactamente o que Mike pensava, também se divertiu... ainda que por outras razões.

Finalmente, chegaram ao destino. O restaurante e as zonas de alojamento tinham um aspecto muito similar aos das outras Moradas. No armário havia umas sapatilhas, assim como bonita roupa, de cor violeta evidentemente, confeccionada para ser usada durante a sua estância ali.

Mike apercebeu-se do odor a comida e, uma vez mais, foi conduzido a um restaurante onde havia uma apetitosa selecção de alimentos. Como poderiam eles saber, tão precisamente, quando iria ele chegar? E por falar nisso... nunca vira ninguém que preparasse a comida ou fizesse as limpezas. Lembrou-se da balbúrdia que ele e o Anjo Verde tinham deixado, depois daquele episódio tão engraçado em que a pele dos dedos tinha ficado manchada e as manchas tinham levado dias a desaparecer. Como se de duendes se tratasse, alguém chegava, preparava a comida e ia-se embora, tudo isto sem que ninguém se apercebesse. Que lugar este! Virou a cabeça julgando que Violeta já saíra, tal como tinham feito os Anjos das outras Moradas. Mas ela continuava ali.

- Está tudo a teu gosto, Michael? - perguntou. Violeta era uma criatura verdadeiramente bela e ele sentia-se reconfortado pelas suas qualidades maternais.

- Sim, obrigado - respondeu, sentindo vontade de lhe fazer uma reverência.

- Começamos pela manhã. Boa noite, Michael Thomas de Propósito Puro.

E depois de assim ter falado, saiu da sala.

Algo estava diferente. O Anjo Verde alterara o protocolo permanecendo no alpendre, quando ele se afastara da Morada da Biologia; agora, o Anjo Violeta também tinha mudado as coisas. Estariam os Anjos a tornar-se mais educados? Estariam a adoptar as regras da etiqueta dos Humanos? Embora tivesse notado a diferença, optou por não fazer perguntas sobre o assunto. Comeu, meteu-se na cama e adormeceu num instante. Sentia-se a salvo, aconchegado e amado. No dia seguinte começaria outra aventura e sabia que faria diversas descobertas através das lições que Violeta iria ministrar-lhe. Sonhou com a sua infância e com os seus pais, e sentiu-se bem.

\* \* \*

No exterior, a sinistra, vil e escorregadia forma já estabelecera um posto de vigilância. Estava observadora e, simultaneamente, indignada. Quando Mike saíra da Morada Verde e tomara o caminho para a seguinte, Aquilo ficara atónito ao verificar as mudanças que se tinham produzido nele. O seu poder aumentara... e mais, usava aquelas malditas armas! Inesperadamente, estava tão preparado como um verdadeiro guerreiro! E, além disso, não tinha medo! O que sucedera naquela Morada que o transformara daquela maneira? Aquilo estava furioso, porque a oportunidade que tivera de o enfrentar durante a tempestade acabara num rotundo fracasso. Começou, então, a urdir um plano melhor para emboscar o humano. Conjecturou que, se Mike pretendia ser um guerreiro hábil, deveria ter escolhido uma rota secundária, em vez de ir por um caminho mais conhecido. Concluiu assim que ele continuaria a seguir pelo trilho principal. Aliás, tinha de o fazer pois não sabia onde ficava a Morada seguinte. Por conseguinte, deduziu, a solução era adiantar-se à sua presa e esperar, fazendo com que caísse numa emboscada. Se Aquilo dispusesse da capacidade de sorrir, decerto o teria feito naquele momento. Não dormia, embora tivesse visões da morte iminente de Michael Thomas de Propósito Puro.

\* \* \*

A manhã do dia seguinte foi como todas as outras: esplêndida! O pequeno-almoço foi excelente e Mike encerrou-o com um bolo de amoras, movendo a cabeça de incredulidade ante a frescura e o maravilhoso sabor da comida.

"A comida não sabia tão bem quando estava entre os dedos dos meus pés!" E riu-se às gargalhadas ao lembrar-se da situação anárquica e foliona, na qual o Anjo Verde e ele se tinham divertido na sala de jantar da última Morada. Precisamente no momento em que acabou de se vestir com a roupa nova que lhe fora proporcionada, bateram à porta. "Estão a bater à porta! Desde quando os Anjos batem à porta?"

- Entra, por favor - disse educadamente. Violeta parecia estar a flutuar. Mike sorriu. - Por favor agradece por mim ao responsável por este delicioso pequeno-almoço humano.

- De nada.

- Foste tu que o preparaste?

- Todos nós o fizemos - replicou - não existimos separadamente.

- Já ouvi isso antes. Algum dia entenderei o que isso quer dizer. Bom, mas até esse momento, obrigado a todos vós.

- Estás pronto? - perguntou Violeta.

- Sim.

Violeta conduziu-o pelo mesmo percurso do dia anterior mas no sentido inverso. Desta vez, a porta dupla do auditório estava aberta e entraram para um sala de cinema de cor violeta, elegantemente mobilada. Deteve-se no meio da sala, sem poder acreditar no que via. Ficou pasmado. Violeta deixou escapar uma risadinha. Ali estava um ecrã gigantesco de cinema panorâmico, frente a um moderno projector, sitiado na parte superior da sala, assim como uma enorme quantidade de rolos de película guardados em enormes caixas metálicas<sup>2</sup>. Havia centenas delas! E, segundo parecia, tudo estava pronto para a qualquer momento começar a projecção. O Anjo Violeta perguntou:

- Não adivinhas, Michael Thomas? Vamos ver filmes, juntos!

- É incrível! Trata-se de uma brincadeira, não é verdade?

Ao ouvir esse comentário, Violeta deixou de sorrir e olhou-o seriamente.

- Nada disso, Michael. Nada disso. Por favor, senta-te na primeira fila.

Violeta dirigiu-se à parte superior da sala e começou a manipular os aparelhos, enquanto Mike continuava desconcertado ante a dicotomia que observava. Pensou: "Os Anjos não lidam com projectores de cinema, nem têm teatros ou cinemas nos lugares sagrados. Que estranho tudo isto!". Não obstante, fez o que lhe foi pedido e sentou-se no lugar central da primeira fila. Diferentemente das salas de cinema do mundo de onde vinha, a primeira fila daquele auditório estava precisamente no meio da sala. Também notou outra coisa estranha: a cadeira central da primeira fila era forrada e acolchoada, ao contrário das outras. Era como se a tivessem posto ali para impressionar. Sentou-se naquela fofa poltrona, olhando para o gigantesco ecrã branco. Perguntou um tanto inquieto:

- Violeta, que filme vamos ver?

- Vamos ver filmes caseiros, Michael - respondeu ela, preparando o primeiro rolo de película sem levantar o olhar.

Mike não gostou nada da forma como aquela resposta lhe soara, e sentiu o estômago a colar-se às costas. Estava novamente a experimentar aquela sensação! A sua nova intuição fazia horas extraordinárias, indicando-lhe que o que se avizinhava poderia ser desagradável. Pensou que devia levar as coisas com humor. Perguntar, por exemplo, se havia pipocas. Mas não teve oportunidade pois as luzes decresceram de intensidade, de uma forma muito profissional, e começou a ouvir-se o ruído do projector. O ecrã iluminou-se e os seus olhos ficaram presos no que viu. O coração subiu-lhe à garganta desde a primeira imagem.

O filme inicial desse dia, tal como aconteceria com os dos dias seguintes, tinha a qualidade de reprodução mais perfeita que jamais vira na sua vida. Não mostrava a mínima distorção e a imagem estava projectada em três dimensões... sem necessidade de ter de pôr aqueles ridículos óculos especiais! O som era natural e provinha do lugar correspondente no enorme ecrã, até quando as personagens de moviam de um lado para o outro. Naquele momento, desejou que o filme não fosse tão real. Estava demasiado próximo e cada cena que via no ecrã panorâmico perturbava-o imensamente. Pretendeu mudar para um lugar mais recuado, mas não pôde.

Naquele ecrã, perante Michael Thomas, estava... Michael Thomas! Se fosse preciso dar um título a esse filme caseiro, teria sido: "Todas as coisas erradas que ocorreram na minha vida".

O filme começava com o menino Michael - e como era real! A sua mãe era muito jovem e o seu pai muito bonito. Sentiu-se profundamente comovido pela recordação desses seres tão queridos. A projecção a que assistia naquele auditório fazia com que as imagens recobrassem vida no seu bondoso coração. Era como se, realmente, estivesse a revivê-las. Cada acontecimento ocupava um rolo de fita completo e era apresentado sem edição, em tempo real, tal como ocorrera na sua vida, apenas saltando de uma forte experiência negativa para outra.

Os primeiros rolos, na realidade, foram muito divertidos: via-se com três anos, loiro e bonito, descobrindo a maquilhagem da mãe. Noutro, deixara a casa de banho numa barafunda; a mãe, que o apanhara, zangara-se e, pela primeira vez, dera-lhe uma surra.

Mike, o adulto sentado na poltrona, sentiu-se emocionado ao ver que experimentava, outra vez, esse momento, a dolorosa sensação de dor que aquela primeira tarefa lhe causara. Estavam a forçá-lo a viver, de novo, as emoções de cada episódio! Qual filmes caseiros, qual o quê! A projecção estava prestes a transfor-

---

2 - Presentemente, as salas de cinema do céu já devem estar apetrechadas com DVD! (Nota da tradução portuguesa).

mar-se num filme de terror, à medida que ia entrando nela. Sentia-se como se o tivessem atado ao carris e um comboio de alta velocidade estivesse a aproximar-se na máxima potência.

Projectaram muitos acontecimentos da infância e cada um deles envolveu-o numa realidade em que não voltara a pensar há imensos anos. Por exemplo, num dos episódios via-se fechado na casa de banho quando tinha seis anos. Lembrou-se perfeitamente de como se sentira. Tinha ficado fechado... mas não por culpa sua! Sem saber como, a maçaneta encravara-se. O pai foi obrigado a largar a terra onde trabalhava e vir desencravar a porta, o que muito o aborreceu. De forma que recebeu outra sova. E novamente sentiu a violação da sua confiança nesse acontecimento já remoto. Nada fizera de errado! O pai ficara muito chateado e batera-lhe com o cinto mais longo que encontrou. O incidente fizera-lhe perder um dia de trabalho no campo, interrompendo a colheita. Mike, o adulto, começou a sentir-se deprimido.

Os rolos de filmes foram passando, um após outro. Noutro episódio, tinha 10 anos e ia no autocarro para a escola, que ficava na cidade. Lembrou-se da cara de Henry, o fanfarrão da escola que vinha implicando com ele, anos após ano. Todas as crianças pareciam odiar aquele matulão, mas não reagiam por medo. Por Mike ser camponês, vindo de uma terra que ostentava o curioso de nome de Terra Azul, os outros rapazes gozavam com ele. Mas o matulão era implacável. A escola tinha muitos alunos, provenientes de todos os tipos de famílias, mas nesses dias em que a modernidade já se instalara, os filhos dos fazendeiros já eram uma minoria. A sua roupa denunciava-o por ter sido confeccionada pela sua mãe. Não tinha o mesmo aspecto do que a das outras crianças... e o abusador mais crescido estava sempre pronto para lho recordar. Ele e as outras crianças passavam a vida a achincalhar a sua roupa, o seu cheiro e o estilo de vida dos pais.

Como o projector continuasse a funcionar, viu um grupo de crianças que estavam a chamá-lo para brincar. Ele estava contente. Ah! Como desejava a sua companhia! Então apercebeu-se, angustiado, que o pedido era uma armadilha: em lugar de o integrarem na brincadeira, **ele** é que se converteu na brincadeira. A certa altura vários deles agarraram-no, enquanto outro se agachava atrás dele, depois empurraram-no. caiu para trás sobre o jovem que estava de gatas. Todos se riram às gargalhadas à sua custa. Ele também se riu, tentando integrar-se na brincadeira, mas eles rejeitaram-no e foram-se embora, deixando-o sozinho. Foi doloroso, que não gostou de ver. Que raio de propósito positivo poderia ter? Começava a chatear-se por ver que estavam a exhibir a sua vida privada e a apresentá-la daquela forma. Além disso, havia ainda o facto de ter de voltar a viver aqueles acontecimentos já tão antigos. Não era suficiente tê-los vivido uma vez?

Mais filmes foram projectados. Agora tinha catorze anos e, no episódio apresentado, revivia o funesto dia escolar em que fora acusado de ter copiado, quando tal não acontecera. Um aluno surripiara uns papéis do escritório do professor e voltara a pô-los no seu lugar, mas tão desastrosamente que o professor se apercebeu. O responsável pela falta acusou-o, afirmando tê-lo visto a tirar os papéis. O professor acreditou pois, afinal, ele era apenas um pobre camponês, que continuava a vestir roupa estranha, ainda que as notas fossem excelentes. Expulsaram-no por esse dia e mandaram-no para casa com uma reprimenda. No regresso, num autocarro especial, pensava em como iria explicar o assunto aos pais. Relaxou-se um pouco, acreditando que acreditariam nele. Mas não foi assim e, de novo, se sentiu sozinho na vida. Sabia que os pais o amavam, mas gostava que lhe tivessem concedido o benefício da dúvida no momento em que mais precisava. Sentiu-se muito só.

Estava sentado há horas, mas o Mike do filme ainda não tinha chegado à idade adulta. Perguntou-se quanto tempo mais teria de suportar aquele castigo. Estava longe de sentir a espiritualidade que sentia antes. O que experimentava ali era parecido com uma tortura! Os filmes eram convincentemente exactos, e ele não podia afastar deles nem os olhos nem a mente. Cada detalhe, cada pessoa, cada voz eram exactamente como tinham sido. O processo era surpreendente, mas o tema que tratava era nefasto! Havia muito para ver.

Agora o filme reproduzia a época em que começava a sair com raparigas. Apesar de, nesse tempo, já lhe comprarem a roupa nas lojas, a mãe nada entendia de moda e adquiria as peças ao desbarato fazendo combinações desastrosas. Mas as raparigas, tanto da escola como da igreja, achavam-no simpático. Um dia, porém, casualmente, ouviu-as a gozar com o seu aspecto. Sentiu-se muito abatido. A partir desta experiência, tinha ele dezasseis anos, começou a juntar a sua mesada e a comprar, ele mesmo, a sua própria roupa. Esta decisão teve como consequência o aumento da auto-estima, pois sabia que a roupa que comprava lhe ficava muito bem. Dedicou-se conscientemente a tirar partido do seu aspecto. Sempre que comprava roupa fazia-se acompanhar de uma rapariga conhecida, ou duas, para o ajudarem a escolher. Elas ficavam encantadas com a coisa! Imagine-se! Um rapaz que gosta de andar em lojas de roupa! Esse foi o começo da grande metamorfose: passou de um adolescente algo carnavalesco para um jovem bonito e atractivo. Isto, claro, implicou uma mudança na personalidade, que lhe deu uma maior segurança em si mesmo. Continuava a ter boas notas e participava em muitas actividades escolares.

Mas então aconteceu: alguém, invejoso do seu êxito, orquestrou contra ele uma campanha de desprestígio que lhe fez perder as eleições do colégio, durante o ano pré-universitário. Fizeram correr o boato que fora apanhado nos lavabos femininos a praticar obscenidades. Todos acreditaram na calúnia... que era muito sensacionalista mas totalmente falsa. Teria ganho as eleições muito facilmente, pois já fora presidente dos alunos no período básico e no secundário. Mas o rumor foi devastador, pelo que acabou por perder estrondosamente. Isto também lhe custou o carinho de Carol, a primeira rapariga que iluminara a sua vida. Ela não voltou a dirigir-lhe a palavra. Lamentou o sucedido durante semanas e desistiu de todas as actividades escolares. Mais uma vez fora tratado injustamente.

Tudo isto estava a ser projectado, com pormenores e detalhes, no ecrã. Tal como os episódios que tinham passado antes, aquele desenrolava-se em tempo real, mostrando cada um dos terríveis aspectos dessa parte da sua vida. Esse incidente fizera com que, na altura, se tivesse transformado... e continuava a pesar-lhe agora, que estava sentado perante o ecrã revivendo o passado.

Os filmes continuaram a ser projectados, um após outro. Chegou a hora de comer mas o convite não surgiu porque o grande Anjo, no fundo da sala, sabia que Mike não teria apetite. E tinha razão. Cada vez que terminava um filme ouvia-se, durante um breve período, um som intermitente enquanto a sala ficava às escuras e caía um incómodo silêncio, quebrado apenas pelo ruído da aparelhagem de projecção, quando se accionavam os bobines e se ligavam os interruptores. Nem Mike nem Violeta falavam. Depois, o ecrã voltava a ganhar vida mostrando as piores situações da sua vida. Enquanto as películas iam sendo projectadas, ele sabia que se aproximava o "acontecimento crucial". Por fim, ele apareceu: o dia em que os seus pais faleceram.

Sabia que não era obrigado a ficar ali. Todos os Anjos lhe tinham dito que podia escolher. Naquele preciso momento queria sair dali a correr. Mentalmente, expressou um pedido suficientemente "alto" para os Anjos poderem ouvir: "Meu Deus, por favor... Não quero voltar a viver isto! Já chega!" Mesmo assim, o filme começou, e sentiu como se um camião lhe tivesse passado por cima. Sentado na poltrona, porém, não perdeu o controlo nem começou a chorar. Esperaria pela noite para desabafar. Permaneceu sentado estoicamente, vendo o filme da sua vida a avançar em tempo real. Voltou a viver o momento em que recebera a chamada telefónica, o choque emocional, o funeral, a dor e a tristeza; seguiu-se a licitação da casa, do armazém e das terras, assim como a venda do equipamento da fazenda do pai, incluindo o velho tractor. Reviveu a visão dos pertences do pai e da mãe, as fotos dos seus melhores tempos, os retratos do casamento e, inclusive, descobriu algumas cartas que ambos trocaram quando se apaixonaram. Permaneceu muito quieto tentando enganar os sentimentos. Disciplinara a mente para erguer um muro entre ele e as emoções mas, ali sentado na poltrona, sentia-se vitimizado. Sentiu as convulsões involuntárias da dor, que tentava manifestar-se em grandes vagas, contraindo-lhe todo o corpo. Ansiava que a sua dor se expressasse através de uma explosão de lágrimas e angústia. A apresentação foi impecável e o seu realismo um verdadeiro suplício. Esta era a coisa mais difícil que lhe tinham pedido em toda a sua vida. Tinha sido o centro de uma brincadeira de mau gosto, através do que estivera a ver durante horas seguidas. Naquela sala estavam a assediá-lo e a castigá-lo. Não era justo. Qual era a intenção?

Quando acabou o episódio da morte dos pais, suspirou aliviado. Já não podia vir nada pior do que aquilo. Sentiu-se menosprezado e estava encharcado em suor. Apesar de tudo, o tema impusera-se de tal forma que o levou a permanecer ali, diante do ecrã, sem desviar o olhar. Ah! Como era real!

Quando viu a "Grilo" (a alcunha que pusera a Shirley), soube que ia afligir-se outra vez. A história que começou a ser projectada era a da última relação amorosa em Los Angeles e da sua rápida decomposição. Ele tinha-se envolvido totalmente na relação e, bem pelo contrário, Grilo tinha-a vivido ligeiramente. A situação não implicava nenhuma morte embora, de facto, se pudesse dizer que sim, uma vez que significou a morte do seu próprio coração. Uma vez mais, tentou endurecer o coração enquanto observava as imagens no ecrã. Que bom aspecto que ela tinha! Que notável que era a sua voz! O episódio, contudo, era muito recente. No fundo, fora a causa da depressão, da falta de auto-estima e, conseqüentemente, de acabar num emprego desgraçado. Observou e voltou a viver os pormenores do segundo incidente mais deprimente da sua vida.

Os episódios avançaram até chegar ao lugar onde trabalhara, quando vivia em Los Angeles. Um dos papéis mais negativamente destacáveis pertencia ao director do escritório, pois gostava de ofender verbalmente os subordinados. Também surgiu o claustrofóbico cubículo onde trabalhara com tanto entusiasmo.

A projecção dos filmes terminou às quatro horas em ponto, e as últimas cenas mostraram a mudança de casa e o assalto do apartamento. O filme acabou na cena em que o levavam para o hospital.

Quando o ecrã ficou em branco, ouviu o som intermitente provocado por um pedaço de couro a bater ruidosamente na bobina, indicando que o rolo de fita chegara ao fim. O ruído continuou e as luzes continuaram apagadas. Levantou-se e colocou uma mão à guisa de pala, para proteger os olhos da forte luz do projector, tentando ver se Violeta continuava no fundo da sala. Não estava lá.

O fim do filme também indicava que, naquele dia, a lição terminara. Estava sozinho, tão sozinho como estivera nos filmes. O projector continuou a fazer ruído, enquanto saía da sala. Percorreu o caminho até aos seus aposentos. Não tinha vontade de jantar. Estava deprimido. Fora golpeado emocionalmente, pelo que caiu redondo na cama sem sequer se despir. Violeta não apareceu para lhe dar as boas-noites. Sabia que o Anjo, sabiamente, o deixaria sozinho naquela noite. Ele não estava para conversas.

Enquanto dormia, continuou a ver o filme, em sonhos. Reviu o episódio do brutamontes da escola, o dos pais e o de Grilo. Não o deixavam em paz. Finalmente, quebrou as resistências e soluçou incontrolavelmente na almofada. A imagem dos pais, tão vivas e vibrantes, somente aumentavam a sua dor. Esta era a segunda vez que naquela terra sagrada, angélica e unguida, se sentia totalmente sozinho e desconsolado: uma vítima da vida. Agora, ali estavam os filmes para o confirmar!

\* \* \*

Pela manhã estava melhor, embora ainda pensativo. Como tinha fome, comeu bem ao pequeno-almoço. Continuava a sentir-se vitimizado pela situação do dia anterior, mas já se convencera de que o pior tinha passado. Era forte e, apesar de não compreender a necessidade de viver tudo aquilo, tomara a firme decisão de não voltar a cair novamente na penumbra da depressão. Fosse o que fosse que estivesse preparado para aquele dia, teria de ser melhor.

Após o pequeno-almoço vestiu-se. Tinham-lhe proporcionado roupa limpa, de cor violeta, para substituir aquela com que dormira. Não tardou a estar pronto. Violeta surgiu no umbral da porta e ali permaneceu em silêncio, como que dando tempo para ele reagir e expressar qualquer coisa que precisasse de dizer ou repreendê-lo pela dolorosa experiência do dia anterior. Mike sabia que ela estava ali. Violeta fitou-o por uns momentos e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, tens algo para dizer ou perguntar?
  - Sim... Há mais filmes para ver? - perguntou, adoptando numa atitude estóica.
  - Há sim - respondeu Violeta docemente.
  - Nesse caso, quanto mais depressa os virmos, melhor.
- Pôs-se de pé e esperou que Violeta se movesse.

Estava surpreendida. As experiências que tivera com os outros seres humanos naquela Morada em nada se pareciam com esta. Verde tinha razão: este ser humano era especial. Era bem provável que conseguisse o que pretendia. Era possível que se contasse entre os poucos que conseguem percorrer todo o Caminho. Jamais lidara com tamanha decisão, nem com uma tão rápida mudança de vibração. Isso levou-o a concluir que a parte do treino que lhe correspondia ministrar era especial. Por esse motivo, gostava imenso dele. Deu meia volta e conduziu-o novamente ao auditório.

Este já sabia o que fazer: sentar-se na grande poltrona acolchoada violeta da primeira fila, como um prisioneiro se senta na cadeira eléctrica, esperando que a electricidade seja ligada. Neste caso, esperava que as luzes diminuíssem e se desse início à projecção. Estava decidido, tinha propósito e determinação. Nada poderia impedi-lo de chegar a Casa. **Nada!**

Novamente a sua vida passou à sua frente sob a forma de filme, começando pela infância. Desta vez, o tema era diferente, algo de que se apercebeu imediatamente. Intitulou-o "Todas as coisas erradas que fiz na minha vida". Os episódios da infância foram divertidos e riu-se imenso com muitos deles. Rir fazia-lhe bem, embora ainda tivesse as costelas doridas de tanto ter chorado na noite anterior.

À medida que, no filme, a sua idade foi aumentando, algumas das coisas que fizera - exibidas com pormenores - começaram a envergonhá-lo. Seguramente que Violeta conhecia os factos, mas ele não queria vivê-los novamente. Deslizou na poltrona enquanto estavam a ser projectados. Encolheu-se e sentiu-se desconfortável.

No filme, tinha dez anos e estava na igreja gozando o pastor e passando papelinhos contendo desenhos obscenos e patetas das partes íntimas do corpo. Ele e os seus companheiros da Escola Dominical achavam muito divertido desenhar aquelas coisas, depois metiam esses desenhos nos subscritos destinados à recolha do dinheiro da colecta. Uma vez isto feito, depositavam-nos no cesto que circulava pelos presentes. Farta-

vam-se de rir, imaginando a cara das velhotas que abriam os subscritos e contavam o dinheiro recolhido naquele dia.

Noutro filme, tinha doze anos. Era uma manhã de domingo e os pais tinham ido à igreja. Saiu de casa sorrateiramente e pôs o tractor do pai a trabalhar. Como não sabia pô-lo a andar, tentou accionar todos os manípulos e carregar nos pedais, mas não conseguiu. O problema é que não sabia conduzir com transmissão manual. Julgava que o tractor tinha transmissão automática, como a do carro familiar que só tinha dois pedais: um para acelerar e outro para travar. Não tardou a ouvir-se um forte estampido, que se prolongou durante algum tempo. A sua aventura terminara avariando a transmissão do tractor. Quando o pai descobriu a avaria foi falar com ele e pediu-lhe a verdade:

- Mike, tentaste conduzir o tractor?

- Não, pai - mentiu.

Envergonhou-se naquela altura e voltou a envergonhar-se agora. De alguma forma, o pai sabia a verdade e Mike percebeu isso no olhar dele. Essa foi uma das ocasiões em que aprendeu o que se sentia quando se quebrava a integridade da família. Como não era uma sensação agradável, recordaria o episódio durante o resto da vida. A factura da reparação foi elevada, pelo que tomou consciência, pela primeira vez, quanto custara aos pais a sua imprudência. Depois do sucedido, durante semanas apenas comeram feijões e carne de porco de conserva, para compensar a despesa feita. Cada vez que se sentava à mesa, via os resultados daquela insensatez e, durante um tempo, "saboreou", literalmente, a sua mentira. Agora, voltava a experimentar a mesma sensação... a cores e em formato tridimensional! Afundou-se ainda mais na poltrona. Ah! Como parecia real!

À medida que ia crescendo em idade e estatura, ia ficando cada vez mais forte. No sistema escolar daquele tempo muitos estudantes eram transferidos de uma escola para outra, a qual frequentavam enquanto a família residisse naquele distrito. Foi assim que Henry, o "matulão" da escola primária foi transferido, juntamente com todos os outros. Embora a escola primária fosse propícia à sua actuação, o "abusador" deixou de ser importante quando chegou o bacharelato. Os corpos da maioria dos outros rapazes já tinham alcançado o nível de desenvolvimento precoce do "matulão", pelo que o tipo de brincadeiras dos adolescentes estava mais nivelado. Henry, o abusador, não tinha aproveitamento na escola e passou à tangente... e Mike aproveitou todas as oportunidades para lhe complicar a vida escolar. Utilizava a sua estatura e popularidade como instrumento de intimidação, achincalhando-o pessoalmente com frequência ou fazendo-lhe ameaças. No último ano do bacharelato, usou o seu poder de presidente do curso para excluir o ex-gorila de todas as actividades e diversões benéficas que a escola tinha para oferecer. Manejou a sua influência como faria um profissional e, assim, o antigo rufia viu-se privado de todos os eventos e actividades gratificantes e divertidas (desde impedir-lhe a entrada nos bailes organizados no colégio até boicotar-lhe o acesso às cadeiras opcionais para as quais tinha aptidão). Jamais comentara o que andava a fazer, mas adorava empenhar-se a fundo para lhe estragar os anos do bacharelato. Embora Henry soubesse o que se passava, nada podia fazer para evitar. Mais tarde, conseguiu vingar-se mas Mike só soube disso quando, sentado naquela poltrona, viu, no filme, como os acontecimentos tinham ocorrido. Afinal, fora Henry quem orquestrara a difamação contra si no último ano da faculdade! Fora ele que iniciara os maldosos rumores que anularam todas as possibilidades de vir a ser presidente. Posteriormente, na vida real, ficou a saber que Henry, já adulto, se transformara num verdadeiro delinquente e que estava preso. Mike perguntava-se frequentemente se as coisas teriam levado outro rumo se tivesse deixado Henry em paz durante os anos de bacharelato. Sentia-se envergonhado pelo que fizera, enquanto ia revendo no filme como as coisas tinham acontecido.

Começava a sentir-se um cretino. Este era um longo filme sobre os erros que cometera na puberdade e na adolescência, e quão pouco ético tinha sido esse período da sua vida! Até onde tinha atropelado as oportunidades na vida daquele homem? Sentou-se realmente humilhado. Mas continuou a ver o filme.

Durante o último ano da Faculdade, falsificou um exame. As notas eram altas mas teve problemas com a cadeira de História. Culpabilizava o professor porque era antipático. Então, copiou o exame com antecedência, valendo-se da cópia de uma chave à qual tivera acesso no ano anterior por ser o presidente da turma. Pensava que, de algum modo, se tratava de um caso de justiça poética, pois lembrava-se perfeitamente de já ter sido "castigado" pela infracção que agora cometia. Referia-se àquela vez em que, na escola primária, fora acusado de ter copiado, estando inocente. Assim, no seu modo de ver, o acto estava justificado. Mas a coisa complicou-se. Quis o destino que o professor, desconfiando daquela súbita "sabedoria", o acusasse de ter feito exactamente o que fizera. Usando a sua carismática personalidade e apelando, quer para as excelentes notas obtidas nas outras cadeiras, quer para a reputação que ganhara, apresentou queixa do professor junto da administração do colégio. Com isto conseguiu que o castigassem. Esta sanção, que foi registada



na sua ficha, decerto comprometeria futuras promoções. Mas não soube disto até que o viu no filme, sentado na poltrona acolchoada.

“Maldição! Isto dói! Se ser tratado injustamente pela vida já é bastante desagradável, bem pior é ver-se a si mesmo mentindo e falsificando.” Não queria ver mais episódios sobre aquele tema e desejou que a projecção acabasse naquele momento. E assim foi. De facto, já faltava pouco, praticamente nada, para se ver já adulto. Toda a sua vida mudara com a morte dos pais. Esse acontecimento tinha-o feito crescer rapidamente e despertado nele a sólida integridade que agora, já adulto, reivindicava. Era como se tivesse o nome da família escrito na sua frente e, com ele, o árduo trabalho dos pais.

Deu um profundo suspiro de alívio ao ouvir o ruído intermitente da bobina vazia. O projector parou e as luzes acenderam-se gradualmente. Violeta veio ao seu encontro, desde o fundo da sala.

- Michael vem comigo, por favor - disse com muita suavidade.

Sem dizer nada, obedeceu e, ao pôr-se em pé, sentiu-se cansado. Tinha passado ali imensas horas! Esperava não ter de voltar a ver tudo aquilo e detestava o lugar onde tinham projectado os filmes da sua vida. Enquanto era conduzido para fora da sala, voltou-se para olhar para a parte posterior dela, onde estava o projector. Esperava ver dezenas de bobinas empilhadas por todo o lado, já que tinham sido dois dias seguidos de projecção. Mas não havia nada, a sala estava limpa e desimpedida.

Violeta era o ser mais bondoso que jamais conhecera. Não é que fosse melhor do que Azul, Laranja ou até de Verde, o seu camarada angélico. Violeta era diferente. Cada um dos Anjos tinha qualidades intrínsecas que ele adorava. Este Anjo, em concreto, emanava carinho e interesse. Mike queria permanecer ali e viver sob o guarda-chuva da paz materno/paternal! Era uma sensação maravilhosa sentar-se diante dela e ouvi-la falar. Tudo era fantástico quando ela estava presente. Não tinha “esquecido” essa sensação e percebeu que era a mesma de quando era criança e não tinha responsabilidades. Portanto, era muito adequado que tivessem atribuído a Violeta a “Morada da Responsabilidade” porque ali ela representava o progenitor e ele era novamente a criança. Sentia uma libertação de vida.

Violeta conduziu-o para uma grande sala. Noutra situação, teria dito que se tratava de uma sala de conferências mas, neste caso, tinha apenas duas cadeiras. Numa das paredes havia uma espécie de armário, ao passo que as outras estavam cheias de símbolos e grafismos. Nas outras Moradas, os Anjos não costumavam permanecer sentados durante muito tempo. Ao contrário dos Humanos, não se cansavam, não precisavam de dormir, nem sequer de se sentar. Costumavam fazê-lo apenas para agradar ao ser humano, como neste caso. Com elegância, Violeta sentou-se diante dele e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, como te sentes?

Começava a conversa com uma pergunta que lhe permitia desabafar os sentimentos despertados pelo visionamento dos filmes. Ele assim fez, acrescentando algo em que estivera a pensar durante a noite:

- Querida Violeta - gostava realmente desse grande Anjo, tão respeitado - sei que causar dor, sofrimento, dúvida ou medo não concorda com a tua consciência angélica mas, ao projectares aqueles filmes, desencadeaste todos esses sentimentos em mim. Sei que deves ter uma boa razão para teres agido assim. Perguntas-me como me sinto... - fez uma pausa e reflectiu um pouco, tentando ser totalmente honesto acerca das emoções que experimentara durante os últimos dias - ... sinto-me violado... sinto-me mal, vitimizado, afligido pelos meus próprios erros, culpado pelo que fiz e aborrecido por aquilo que os outros me fizeram. Sinto-me afundado na tristeza, devido à dor que me causaram certas circunstâncias que escapavam ao meu controlo. Além disso, também me sinto maltratado e introspectivo.

Continuou a desabafar um coração que já quase não continha emoções porque explodira na noite anterior. Tentava explicar, o melhor que podia, o que a sua parte humana sentia. As palavras foram fluindo até que começou a repetir-se... mas o Anjo não o interrompeu. Aquela catarse começava a abrandar a tensão que sentia. Expressara-se, tinha-se queixado de tudo e, depois, tinha-se queixado novamente. Em nenhum momento perguntou por que fora necessário ver os filmes. Intuitivamente, sabia que Violeta permitiria que ele viesse a saber a razão. E estava certo ao pensar assim.

Quando acabou sentiu necessidade de beber água e só então reparou que lhe tinham trazido, ainda que não soubesse como tal fora possível. Bebeu alguns goles e fez um gesto à sua silenciosa acompanhante, dando-lhe a entender que acabara o discurso. Violeta pôs-se de pé e, amavelmente, começou a dar-lhe uma explicação:

- Michael - disse, olhando-o no mais fundo da alma com uma carinhosa intensidade, que ele reconheceu como vinda da mente de Deus - enquanto ser humano em fase de treino para regressar a Casa, esta é a última vez que experimentarás qualquer destes sentimentos. Deixou-o reflectir durante uns instantes, enquanto se levantava e se dirigia para uma parede, aparentemente lisa e sem adornos. Puxou para baixo uma espécie de tela que estava enrolada perto do tecto. Mike lembrou-se dos mapas das salas de aula que

se enrolam quando já não são precisos, para deixar livre o espaço do quadro negro. O que surgiu, quando a tela foi desenrolada, foi algo escrito com os mesmos caracteres de aparência árabe, que vira nas etiquetas da Morada dos Mapas. Não conseguiu decifrá-los.

- Estou aqui para te explicar que **tu e as outras pessoas que aparecem na tua vida planearam cuidadosamente o potencial de tudo o que viste** no Teatro da Vida ao longo dos últimos dias.

Mike deixou que aquelas palavras entrassem nele profundamente... embora não conseguisse entender como tal coisa poderia ser possível.

- Planeámos?

- Sim.

- Não pode ser. Houve acidentes, coincidências, coisas que simplesmente sucederam, milhares de factores criados pelo acaso.

- Planeaste tudo isso com eles, Michael.

- Como?

- Michael Thomas, sabes já que és um ser eterno. Estás aqui procurando a permissão e o treino para regressares a Casa, um lugar de sacralidade onde intuis que haverá respostas, paz e propósito, segundo a tua própria definição. Até agora isso era um mistério para ti; agora, porém, já sabes que estiveste na Terra em muitas ocasiões e te manifestaste através do corpo de muitos seres humanos de diferentes tipos e tamanhos. Desta vez és Michael Thomas.

Mike conhecia a teoria das vidas anteriores mas, agora, o tema era confirmado por alguém em que ele depositava toda a confiança. Portanto, aceitou aquelas palavras e ficou maravilhado perante tais ideias.

- Quando não estás na Terra, as lições para a tua próxima encarnação são planeadas pela única entidade que sabe, precisamente, do que precisas: Tu! Tu e os outros estabelecem os potenciais para a tua aprendizagem. Algumas dessas pessoas concordaram em picar-te e impulsionar-te, outras concordaram em perturbar-te durante anos! Algumas aceitaram fazer-te companhia e, sim Michael, outras concordaram morrer prematuramente para facilitar tanto as tuas necessidades como as deles.

Mike sentiu-se estarecido por esta informação e perguntou:

- Violeta... Então, os meus pais... Eles sabiam que...?

- **Todos sabiam!** Assim, todos tiveram a maior prenda da sua vida.

Os olhos de Violeta eram os mais compassivos que já vira. E quanto sabia a seu respeito! Estava disposta a explicar-lhe tudo, esperava pelas suas emoções e dispunha-se a responder a qualquer pergunta. Era surpreendente.

- Isto é complexo, Michael. Cada encarnação de um ser humano está relacionada com a de todos os outros e implica uma relação com eles. Há "contratos" que se estabelecem inclusive antes de chegar, que estabelecem os potenciais de aprendizagem e de evolução. **Tu podes ser o espinho doloroso de outra pessoa, assim como uma pérola valiosíssima.** As situações a que chamas "acidentes e coincidências" estavam planeadas com esmero.

- Isso soa a predestinação.

- Nada disso! Sempre tens várias escolhas à tua disposição. Um trajecto é planificado, mas podes escolher percorrê-lo ou não. Ou criar um novo, se assim o desejares. – E, após uma pausa para dar efeito às suas palavras. - É isso o que estás a fazer precisamente agora: **quando expressaste a intenção de percorrer o Caminho desfizeste-te do contrato que tinhas estabelecido com os outros.** Foste além do mundo que planearas acerca do que poderia acontecer para proporcionar as lições normais e, alterando o rumo, decidiste partir em busca do ouro, Michael Thomas. Agora conseguiste vê-lo e passaste a entender a perspectiva geral.

Mas Mike tinha de fazer a pergunta:

- Então qual foi a razão de ser do visionamento dos filmes, Violeta?

- Permitir-te contemplar cada aspecto aparentemente negativo da tua vida, Michael, e levar-te a compreender que tu ajudaste a criá-los e a planificá-los e que agiste precisamente como estava planeado. Dito de outro modo, és responsável pelo que aconteceu.

Mike ficou espantado ao ouvir aquelas palavras, mas continuava sem entender a dinâmica da coisa.

- E se eu quisesse alterar o "contrato", Violeta? Como é possível que tenha escolhido tantos problemas e tragédias?

- Quando não estás aqui, Michael, tens a mente de Deus. De momento, isso é algo oculto para ti, mas é assim. A morte e as circunstâncias emocionais são energia de Deus. Tu és eterno e as idas e vindas dos seres humanos têm um propósito bastante mais elevado do que imaginas. Um dia compreenderás isso, quando adoptares a forma que tenho agora. Para já, chega compreenderes que **aquilo a que chamas "tragédia", embora horrível na tua mentalidade actual, pode ser o catalizador da mudança pla-**

**netária e do incremento vibratório...** além de ser um dom incalculável. O importante é a perspectiva de conjunto, não o acontecimento em si mesmo. Sei que parece confuso, mas é assim.

O Anjo Violeta fez uma pausa para permitir que ele reflectisse, depois continuou:

- No que diz respeito a queres alterar o "contrato", sempre tiveste essa opção e essa oportunidade, mas isso também está velado para a maioria dos seres humanos. Tudo isto faz parte do exame da vida, Michael. Vê a coisa da seguinte forma: quando abandonares este lugar, a tua tendência natural será para continuares no Caminho. O Caminho é a via mais natural, é fácil e não tens de pensar muito para onde tens de te dirigir. Já existe, mostrando-te a direcção. Portanto, não há razão para não seguir por ele. A verdade é que, nesta terra das Sete Moradas, o Caminho aponta sempre na mesma direcção... embora possa serpentear um pouco. Portanto, poderias chegar mais depressa se, simplesmente, fosses nessa direcção... mas sem seguir pela estrada. Se escolheres outras vias, provavelmente descobrirás coisas novas e maravilhosas, ao longo do trajecto. Ora, na vida humana acontece o mesmo, o trajecto representa o teu plano potencial com outras pessoas. Pode serpentear mas levar-te-á na mesma direcção, rumo ao futuro. A maioria dos seres humanos segue essa via, nunca se apercebendo que têm a opção de não ir por ali se assim desejarem. Quando um ser humano sai da via comum as coisas mudam, especialmente o seu futuro. Assim que expressa o propósito de sair da via comum começa, realmente, a escrever um futuro novo. Encontra a paz por passar a ter a capacidade de gerir melhor a sua vida, experimenta o que é "ter intenção". São alguns desses seres humanos que recebemos aqui, Michael.

Violeta sorriu intencionalmente e Mike perguntou:

- Qual é a função da Morada da Responsabilidade?

- É aqui que aprendes que **tu**, Michael Thomas de Propósito Puro, és o responsável directo por tudo o que acontece na tua vida: da tristeza, da aflicção, daquilo que aparentemente são acidentes, da perda, da dor, do que os outros te fazem e, sim, da morte. Já o sabias quando chegaste, ajudaste a planificá-lo juntamente com os outros e tens representado esse papel até agora.

- E qual é o propósito de tudo isto?

- O amor, Michael. O amor, no seu nível mais elevado. O plano sublime é algo que conhecerás em seu devido tempo. Por agora, entende somente que tudo isto está certo e faz parte de uma visão de conjunto do amor, que já conheces e na qual estás a participar neste momento. As coisas nem sempre são o que parecem.

Aquelas palavras ressoaram-lhe nos ouvidos. "As coisas nem sempre são o que parecem". Estas tinham sido as palavras pronunciadas pelo primeiro Anjo, aquele que surgiu na visão posterior ao assalto do apartamento. E, ao longo da Viagem, ouvira a mesma frase da boca dos outros Anjos. Dava volta aos miolos ao pensar nestes novos conceitos. E logo se lembrou das palavras de Azul na Morada dos Mapas: "Estás a ver os contratos de todos os seres humanos que estão no planeta." Dentro daqueles pequenos compartimentos que Azul geria (havia milhões deles!) estavam os planos potenciais de toda a humanidade, planificados por cada indivíduo e prontos para serem modificados, se os Humanos assim o desejassem.

Subitamente, a verdadeira mensagem de tudo isto repercutiu na sua mente como uma martelada: sim, poderia ter sabido de tudo isto quando era jovem! Poderia ter entendido muito mais acerca da vida, poderia ter alterado o seu futuro, poderia ter encontrado a paz e ter a visão de conjunto. As mortes, o amor perdido, a depressão... Quanta esperança e sabedoria poderia ter-lhe proporcionado esta informação! Ficava espantado ao pensar que dispunha da opção de mudar a sua vida. Violeta tinha razão! Teria ele percorrido a trajectória da sua vida como se fosse um caminho, permitindo que as coisas se desenrolassem segundo **o que planeava?** Era um conceito difícil de assimilar. Significava que ele era o responsável por tudo o que aconteceria. Isto dava-lhe uma perspectiva totalmente nova acerca de tudo. Poderia ter usado esta informação! A sua vida teria sido muito diferente. Mas ninguém ligado à Igreja lhe tinha explicado isto. Amava Deus, sempre reconhecera o carácter sagrado daquele lugar mas sempre lhe tinham dito que ele era uma ovelha que seguia um pastor. Nenhum mestre espiritual lhe dissera que ele tinha este poder.

- Violeta, se isto é tal como tu dizes, porque é que na Igreja não me ensinaram nada a este respeito?

- A igreja não explicou tudo, Michael. Por vezes, ensinou-te sobre os seres humanos e sobre o seu conceito de Deus.

Violeta não criticava nem julgava nenhum ser humano; simplesmente era objectiva e verdadeira.

- Então a Igreja estava enganada?

- Michael, a verdade continua a ser a verdade, e há partes dela em todos os vossos sistemas espirituais. Todos eles são respeitados por procurarem a verdade de Deus. O amor, os milagres e os mecanismos da forma como as coisas funcionam estão representados, até certo ponto, nos vossos lugares de culto. Essa é a razão por que sentias o Espírito de Deus quando ias à igreja, Michael. O Espírito honra a procura, inclusive quando não se conhecem todos os factos. Lembra-te de que a tua verdadeira essência te está velada, inclu-

sive agora enquanto ouves a verdade. A tua Igreja e todas as vias espirituais do vosso planeta, são respeitadas porque representam a procura de Deus e da verdade espiritual. O que é triste é quando os seres humanos controlam essa busca, a limitam para evitar que escape ao seu controle e afastam, através do medo, aqueles que estão sob o seu poder. A honra reside na busca e não em toda a estrutura que criaram à volta dela. Portanto, o carácter sagrado do vosso planeta reside dentro daqueles que nele vivem e não nos edifícios repletos de pináculos e capitéis.

Violeta aproximou-se do gráfico que desenrolara há pouco e prosseguiu:

- Crês que as vossas sagradas escrituras são sagradas? Repara nisto - disse, apontando para o texto criptico da tela - este é o Registo Akáshico da humanidade. Contém os registos das vossas vidas e dos vossos contratos potenciais. Michael, este é o texto mais sagrado existente no Universo, redigido e executado por aqueles que decidiram empreender a viagem **como seres humanos!**

Pela primeira vez, Violeta olhou directamente para ele, o que não lhe passou despercebido. Depressa viu que a atitude do Anjo denotava respeito em relação a ele. Um respeito espiritual! Que os papéis estivessem a inverter-se era surpreendente. Desejava saber mais sobre o assunto... e ela forneceu-lhe as informações de que necessitava.

Os dias subsequentes que passou na Morada da Responsabilidade foram assombrosos devido à profundidade da mensagem de vida e de humanidade que contiveram. Não somente aprendeu mais acerca de quem ele era, mas também acerca de quem tinha sido. Tudo foi encaixando como um quebra-cabeças gigantesco. O Anjo Violeta mostrou-lhe os registos e os "contratos" dos pais e os das outras pessoas que integravam o que fora a sua vida até ao momento. Não recebera nada injusto e não conseguiu ver nada que pudesse alterar o que ia acontecer. Bem pelo contrário, uma ampla perspectiva da sua existência começava a tomar forma. Mas qual foi a informação mais assombrosa? **A de que os Humanos eram, na realidade, parte de Deus, que habitavam o planeta sem terem conhecimento deste facto para levarem a cabo um processo de aprendizagem que, de alguma forma, alterava os aspectos espirituais e a própria vibração da Terra!**

Violeta referia-se continuamente aos seres humanos como "os elevados". Os seres humanos eram grandes entidades que mudariam a estrutura da realidade, mudariam tudo o que sucedera a grande escala, e tudo isso estava centrado nas lições aprendidas na Terra... as quais todos juntos tinham planeado!

Finalmente, chegou a hora de partir. Sentia-se transformado numa nova criatura. Os seus conhecimentos acerca de como funcionam as coisas na realidade tinham-se centuplicado. Integrara tudo e sentia como se a verdade lhe tivesse outorgado mais poder. Enquanto punha o equipamento de combate para empreender o trajecto até à Morada seguinte, as palavras do Anjo Laranja ressoaram nos seus ouvidos: "A Espada da Verdade... o Escudo do Conhecimento... a Armadura da Consciência". As coisas começavam a encaixar-se de uma forma que, espiritualmente, fazia muito sentido. Reconheceu que as armas eram cerimoniais e que tinham um propósito. Grande parte da linguagem fora repetida, explicada e, finalmente, estava a ser compreendida. Violeta conduziu-o até à porta principal da Morada e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, sentirei a tua falta.

- Violeta... sinto como se estivesse a abandonar a minha própria casa e não a dirigir-me para ela!

Fora bem recebido e o Anjo Violeta convertera-se num membro da Família. Primeiro conhecera três bons irmãos angélicos e, agora, uma mãe angélica. "O que virá a seguir?", perguntou-se.

- Mais Família, Michael - disse Violeta, respondendo àqueles pensamentos.

Já à porta, viu que os seus sapatos continuavam exactamente onde os tinha deixado. Isso fê-lo recordar que tinha uma pergunta sem resposta acerca deles. Olhou para os sapatos e, depois, para o Anjo:

- Ainda não acabámos, Violeta. Gostaria que me explicasses por que me pediste para tirar os sapatos.

- Sim, Michael, lembro-me. Mas agora **serás tu** quem me dará a resposta - disse o Anjo a sorrir. E ficou à espera, pacientemente. Mike sabia a resposta, mas incomodava-o dá-la. Parecia-lhe demasiado presunçoso.

- Fala, Michael - insistiu Violeta, desempenhando novamente o seu papel de mestra.

- Porque o ser humano é sagrado... - já estava tudo dito mas acrescentou - e porque nesta Morada os Humanos passam para uma vibração mais elevada.

Violeta suspirou, visivelmente comovida, e comentou:

- Não podia esperar menos da tua resposta, Michael Thomas de Propósito Puro. **É, de facto, a presença do ser humano e não a do Anjo que torna este lugar sagrado.** De facto, és um ser humano muito especial. Honro o Deus que está dentro de ti! E agora tenho de te fazer outra pergunta.

Mike sabia qual era mas deixou que Violeta a fizesse.

- Michael, amas Deus?

- Sim, Violeta.

Mike começava a chorar, sem medo que Violeta notasse o seu estado emocional. Lamentava abandonar este lugar violeta, onde reencontrara uma energia que julgava perdida há muito tempo, desde que os pais tinham morrido. Afastou-se alguns passos, voltou-se para o Anjo e disse:

- Também eu sentirei a tua falta... mas estarás sempre no meu coração.

Dito isto, retomou o Caminho para a Morada seguinte. Novamente se voltou para dizer outra coisa ao Anjo, que o observava:

- Violeta, olha para mim!

Com um estilo teatral e fazendo movimentos pueris, abandonou o caminho principal com grande resolução, metendo pelo campo coberto de erva exuberante. Olhou para trás e gritou:

- Vê! Decidi criar o meu próprio caminho!

Riu-se da metáfora que criara, saltitou ao longo da inesperada topografia e logo deixou de avistar a Morada Violeta.

A Anjo continuou a observar o seu amigo até o perder de vista. Estava orgulhosa, como uma mãe, desse grande ser chamado Michael Thomas. Depois, entrou e fechou a porta. Voltou a adoptar a sua forma original, que não era a humana mas, mesmo assim, bastante magnífica. E falou para os outros:

- Se este é um exemplo da nova raça de seres humanos... estamos, realmente, numa Viagem espiritual frenética!

\* \* \*

Pouco menos de quinhentos metros adiante, uma repugnante criatura tinha-se plantado à espera. Preparara cuidadosamente a emboscada e pensava que Michael Thomas não perceberia a armadilha que o esperava. Aquilo sabia que Mike tinha saído da Morada Violeta e estava de novo a caminho. Podia senti-lo. Aquilo estava entusiasmado! "Já não te sobra muito tempo!", pensou. "Quando Michael Thomas me procurar atrás de si... eu atacarei pela frente. Nem perceberá donde veio o ataque!" O imundo ser riu-se sufocadamente por quão eficiente se tornara desde que estava neste país de fadas. Em qualquer momento...

Mas a sua espera foi longa. Michael Thomas já não seguia pelo caminho esperado.

## 9 - A Quinta Morada

Não passou muito tempo até se aperceber de que não seguir o caminho estabelecido também implicava desafios. Devia verificar constantemente a posição do Sol para rectificar a direcção a seguir. Além disso, consultava constantemente o mapa para evitar a possibilidade de passar ao lado da Morada seguinte. Também era uma viagem lenta devido às incertezas sobre a sua posição. Apesar de todos estes desafios, apercebeu-se que, pelo menos desta vez, a viagem era divertida. Estava a tornar-se real o desejo de que o Anjo Violeta se sentisse orgulhosa dele; também estava fazendo isso por ela, para demonstrar que podia recusar qualquer manifestação comum, inclusivamente numa terra espiritual. Mas começava a sentir que... uma vez era suficiente. Nas próximas oportunidades, depois de encontrar a Morada seguinte, decerto voltaria a utilizar o caminho principal. Era mais fácil e não comprometia nenhuma das suas decisões. De facto, agora mais do que nunca, sentia que a decisão de seguir o caminho, numa futura ocasião, se baseava no facto de conhecer as consequências de o não seguir! Agora, que tivera algumas experiências, sentia que podia escolher convenientemente qual delas podia escolher, em vez de se sentir obrigado, pelo hábito, a seguir o percurso que lhe ofereciam.

Também se apercebeu que desaparecera a sensação de estar a ser observado. Teria acabado o castigo da implacável perseguição de que era objecto? Ter-se-ia esfumado, simplesmente, essa coisa sinistra e ameaçadora que, aparentemente, o seguia durante a Viagem? Não. Mike era prudente. Supôs, acertadamente que, ao mudar a rotina de ir pela estrada, tinha desorientado essa vil criatura que o perseguira desde o início. Sem dúvida que Aquilo acabaria por se aperceber do que sucedera e iria à sua procura. Tal significava que teria de ser cauteloso e estar atento às surpresas que poderiam surgir, tanto na retaguarda como pela frente.

Depois de percorrer a planície durante quatro horas, o céu começou a escurecer. Sabia claramente o que isso significava. Aproximava-se outra anomalia meteorológica estranha, aterradora e violenta, das que costumavam irromper naquele lugar. O melhor a fazer era explorar as redondezas para encontrar um refúgio imediatamente. Lembrou-se da vez em que, dez minutos depois de a tempestade se ter desencadeado, um terrível vento ululante o tinha obrigado a deitar-se no chão, enquanto rezava para conservar a vida. Inspeccionou o mapa novamente para conhecer a sua localização com precisão. Como era habitual, lá estava o ponto vermelho mostrando precisamente onde estava. Indicava que acabara de passar um montículo com um refúgio parecido com uma caverna. Lembrava-se de ter reparado nele mas tinha passado pelo lado que não mostrava haver ali uma gruta. Guardou apressadamente o mapa no bolso e começou a andar em sentido contrário até avistar as rochas que assinalavam o lugar.

Enquanto retrocedia até ao potencial refúgio, o que levou somente uns minutos, a tempestade tinha evoluído ameaçadoramente. O céu estava a pôr-se negro e os ventos ciclónicos começavam a uivar. A chuva já começara a cair quando viu a entrada da gruta e acelerou o passo. No momento em que entrou, a natureza manifestou-se selvaticamente. Teve de permanecer no fundo da gruta para evitar molhar-se ou ser engolido pela violência estrondosa do exterior. Mais uma vez se surpreendeu com a intensidade do acontecimento e sussurrou um agradecimento ao Anjo Azul por ele lhe ter dado o mapa que o protegia de qualquer acidente... embora aparentemente no último momento. Uma vez mais, o carácter "actual" do mapa tinha-se alinhado com a sua necessidade.

A partir do interior da gruta continuou a observar o espectáculo, sem deixar de vigiar o processo de constante mudança daquele ruidoso caos. Era incrível! Sentia-se contente por não estar à mercê da intempérie. "Porque permitirão que haja tempestades assim num lugar sagrado como este?" questionou-se em voz alta. Então a voz de Azul ressoou... Seria na sua cabeça?

- Michael Thomas, não há tempestades nesta terra a menos que um ser humano esteja a fazer a sua Viagem de aprendizagem.

- Queres dizer que se eu não estivesse aqui não haveria tempestade?

- Sim.

- Mas não estou dentro nela. Não me afecta.

- Exactamente! - riu Azul. - Tu aprendeste a usar o mapa! Acredites ou não, houve seres humanos que, ao fazerem a Viagem como tu, desprezaram prematuramente o mapa, pensando que se tratava de uma espécie de brincadeira. Tu sabes o que ele representa. E a sua característica de estar sempre actualizado converteu-se na tua maneira de viver. Tens um pé na estrutura espiritual do "agora" mas também estás a aprender a medir o tempo linear que se contrapõe, enquanto realizas esta Viagem. Por conseguinte, enquanto se manifesta a lição da tempestade, escapas completamente dela e esperas em paz que amaine. Ah! Michael, como te amamos!

Michael sorriu perante esta ideia. Tudo aquilo era por sua causa! Toda aquela energia. Toda aquela planificação! Olhou para fora e gritou ao vento:

- Já podes parar! Estou a salvo!

E riu-se muito. A tempestade durou mais um par de horas e, ao crepúsculo, começou a acalmar.

Mike não sabia se teria tempo de chegar à próxima Morada, não sabia se poderia encontrá-la sem a luz do Sol. Apesar de tudo, sentia-se a salvo e com plena capacidade para se defender se fosse necessário. Assim que saiu da gruta olhou, pela última vez nesse dia, para o lugar onde o Sol estava a pôr-se. Depois, dirigiu-se na direcção que sabia ser o norte. Continuou a passo lento e, entretanto, ia anoitecendo. Apercebeu-se que, desde que estava naquela terra, nunca tinha estado ao ar livre durante a noite. Haveria estrelas ou uma lua? Mas logo verificou que não havia nenhuma dessas coisas. Quando os últimos vestígios do crepúsculo desapareceram no horizonte, ficou completamente às escuras. E que escuridão! Sem nenhum tipo de iluminação, nem sequer consultar o mapa. Então reconheceu que deveria ter ficado na gruta. Não estava preparado para este tipo de escuridão! Sentou-se, já que não queria tropeçar em algum obstáculo imperceptível do caminho. Sentado na escuridão, levou cerca de uma hora a aperceber-se que ou os seus olhos estavam a funcionar de um modo estranho ou algo anormal estava a ocorrer. Há pouco, o Sol tinha-se posto inequivocamente no oeste, tal como esperava que acontecesse. Baseando-se nisto, marcou onde estava o norte e identificou o topo de uma colina, com a intenção de que esse ponto fosse um indicador que lhe servisse quando chegasse a luz da Lua. Mas, quando nem a luz da Lua nem a das estrelas surgiram, esse indicador não estava a servir... até àquele preciso momento. Estranhamente, na direcção norte distinguiu o ténue perfil do indicador que marcara antes. O mesmo resplendor vermelho do pôr-do-sol estendia-se para norte, de tal maneira que iluminava esse ponto concreto. Ali, algo emitia luz!

Levantou-se com muita precaução e em estado de alerta. Progressivamente, o ténue resplendor vermelho, que provinha do norte, permitia que os seus olhos reconhecessem o espaço que o rodeava. Moveu-se lenta e silenciosamente na direcção da refulgente luz vermelha. Avançava pisando cuidadosamente a erva, para não ser surpreendido por uma mudança brusca na configuração do terreno ou por uma pedra. Avançava a passo de tartaruga, curvado e forçando a vista para ir reconhecendo o ténue perfil do terreno que estava directamente sob os seus pés. Apesar deste método, que consistia em avançar agachado e passo a passo, esteve quase a tropeçar e a cair, ao encontrar-se subitamente com uma mudança na natureza do terreno, que se tornara plano. Era o Caminho! Riu entre dentes por causa da metáfora: embora tivesse optado por deixar o Caminho, este tinha vindo ao seu encontro quando mais dele necessitava! Que lugar aquele!

Verificou então que o Caminho corria obliquamente em relação ao seu marcador do norte, mas pensou que levaria à Morada seguinte, que ainda não tinha ficado para trás. Além do mais, notou que o clarão vermelho provinha da zona para onde o Caminho conduzia. Colocou-se no que percebeu ser a parte central da estrada e, lentamente, foi recuperando o ritmo da marcha. Ainda assim, continuava a andar a um ritmo muito lento. Tentava manter-se na parte central da estrada mas, de vez em quando, desviava-se na direcção de uma das bermas. Riu-se. "Isto é pior do que o nevoeiro da costa de Santa Mónica no mês de Junho!" pensou. Lembrou-se que quando andava de bicicleta durante a noite, no meio do nevoeiro, somente via a linha branca do centro da estrada. Agora, teria dado tudo para esta estrada ter uma linha branca no meio! Apercebeu-se que, à medida que se aproximava da zona refulgente, ia conseguindo ver mais claramente. Devagar, o Caminho foi-se iluminando quase totalmente, o que lhe permitiu andar erguido e de uma forma normal. Contudo, continuava a ter precaução. Não sabia que luz era aquela e queria estar preparado para qualquer eventualidade. Quando passou a curva pôde ver de onde provinha o clarão... Não podia acreditar no que via. Ali, no bosque, estava a Morada seguinte... de cor vermelha brilhante! Surpreendeu-se com o facto de que enquanto as outras pareciam resplandecer desde o interior, era isso que realmente acontecia com esta. Enquanto se aproximava da Morada Vermelha, permitiu-se acelerar o passo até alcançar um ritmo quase normal. A luz que emanava envolveu-o com um esplendor avermelhado. Analisou o lugar e posou o olhar na tabuleta vermelha, colocada no carreiro que se desviava em direcção à Morada; tinha inscrito "Morada das Relações". Ai, deteve-se.

- Oh, meu Deus! - disse com um suspiro. - Este é um tema em que fracassei! Será que vamos ver mais filmes?

- Pois claro que sim! - O jovem Anjo Vermelho surgiu do nada, sobre os degraus que conduziam à porta. - Bem-vindo Michael Thomas de Propósito Puro. Pensávamos que te tínhamos perdido!

- Não tive essa sorte, meu bom amigo vermelho. Apenas me dei algum tempo! Suponho que não tenho pressa para ver os novos filmes. São como os de Violeta?

- Não, Michael. Não são iguais.

O Anjo Vermelho era realmente bonito. Fazia lembrar uma estrela de cinema ou um impressionante herói de filmes de acção. Era enorme! A sua personalidade era extrovertida e agradável, de modo que o seu tamanho não provocava inquietação (não mais do que a de qualquer dos outros Anjos). A sua indumentária vermelha parecia dotá-lo de um ar de sacralidade. Lembrou-se de ter visto essa cor na roupa de altos cargos eclesiásticos.

- Tens fome, Michael?

- Tenho sim, senhor.

O Anjo Vermelho conduziu-o ao interior da Morada mas, antes, fez-lhe um sinal para tirar os sapatos. Piscou-lhe o olho, como se estivesse a recordar-lhe que o terreno era sagrado. Voltou a sentir timidez ao ser honrado desse modo, mas não disse nada. Tirou os sapatos em silêncio e deixou-os junto da porta.

Como em todas as Moradas anteriores, a aparência externa desta não indicava como era o interior. Esta era grande, tinha escadas e arcos, e as janelas abriam-se para paisagens que não podiam ser vistas a partir do exterior. Nunca se acostumaria a estas aparentes inconsistências entre a Física e a realidade. Recordou-se da história de *Alice no País das Maravilhas* e questionou-se se Lewis Carroll teria estado ali em sonhos. Que ideia mais divertida! Deveria começar a procurar pelo Coelho Branco?

- O branco será o próximo, Michael - disse-lhe o Anjo Vermelho sorrindo - embora... sem coelho!

Mike riu-se. Quer dizer que a Morada seguinte seria branca? "A Morada Branca!" pensou, divertido. Ao Anjo também lhe agradou e Mike teve uma agradável sensação em relação ao tipo de lições que ali lhe seriam ministradas. Sentia que Vermelho era da sua Família. Tal como Verde, o Anjo Vermelho era um irmão, quem sabe se importante. Azul e Laranja eram como seus tios e Violeta, claro, era a Mãe. Morria de vontade de conhecer o Pai!

- Sentes que somos a tua Família, Michael?

Vermelho parara numa zona de hospedagem e alimentação, pois percebeu o odor da comida que lhe tinham preparado.

- Sim, Vermelho, sinto.

- Ainda bem, pois disso trata esta Morada.

O Anjo começou a andar e acompanhou-o ao restaurante. Como de costume, esperava-o uma fantástica refeição.

- Voltarei a ver-te pela manhã, Michael Thomas. Dorme bem e assimila tranquilamente o ensinamento que receberás aqui.

Deu meia volta para sair, mas voltou-se para lhe dizer adeus, antes de fechar a porta.

Mike riu-se para si mesmo, pensando em quão educados se tinham tornado os Anjos ao longo da Viagem. Realmente, sentia-se tranquilo. Sabia que Vermelho sabia das lições recebidas na Morada Violeta, das intensas emoções e da comoção que lhe tinham criado no fundo da alma. Também tivera a deferência de lhe dizer que as lições seguintes iriam ser distintas.

Mike comeu como um leão! Não tinha almoçado quando estivera na planície e, para além disso, viajar na escuridão tinha consumido uma grande quantidade de energia, mais do que pudera imaginar. Estava cansado e, depois de cear, logo se deixou dormir. Dormiu profunda e tranquilamente, quase como se já tivesse estado naquele lugar.

\* \* \*

Nessa noite, mais tarde, enquanto Michael Thomas dormia, uma empapada, contrariada, hedionda e esverdeada criatura avançava para a Morada Vermelha, procurando ocultar-se. Prestou atenção e soube que Michael Thomas estava ali. Tinha-se cansado de esperar que surgisse no Caminho, mas ele não lhe tinha dado essa satisfação. Por isso, sentia-se furioso e consumido pela ira. Estava confuso! Como é que Michael Thomas se apercebera de que ele estava à sua espera? Seguramente tinha dado uma volta, saindo do Caminho! Conseguira chegar à Morada Vermelha sem ser pelo Caminho! Como o conseguira? Sabia que os Anjos não tinham permissão para intervir, pelo que não podiam ter avisado Michael que ele o esperava ali. Agora teria de repensar os seus planos porque, ao adiantar-se, perdera Michael. Por conseguinte, deveria voltar a segui-lo outra vez? Pelo menos saberia onde ele estava. Que estratégia devia seguir?

Tal como fizera nas ocasiões anteriores, Aquilo ficou entre as árvores, vigiando, enquanto esperava que Mike saísse da Morada Vermelha. Isso satisfazia-o, desde que soubesse onde ele estava. Passou o tempo desfrutando, de antemão, a ideia da confrontação final com ele. Repetidamente estudou diversos planos, idealizando e descartando estratégias. Deveria empregar uma grande quantidade de energia e, também, um pouco de astúcia. Mas Aquilo conhecia muito bem Michael Thomas. Sabia como raciocinava e como pensava.



Então, começou a praticar as técnicas que poderiam ser necessárias para o plano funcionar. A confrontação teria lugar no caminho que dava para a última Morada, essa seria a ocasião em que Mike estaria mais vulnerável. “O engano é a chave”, pensou. Teria de fingir e adoptar outra forma: uma aparência que pudesse manter durante alguns minutos. Esses poucos minutos seriam mais do que suficientes.

\* \* \*

Tal como fizera nas outras Moradas, levantou-se e vestiu-se com a roupa que lhe tinham deixado no armário. A roupa era fresca, limpa... e vermelha. Novamente se lembrou das palavras do Anjo Laranja, que lhe dissera que ele não teria eliminações produzidas pela comida. Também se apercebeu que não lhe crescia a barba, desde que empreendera a Viagem. Era como se tudo estivesse, de algum modo, suspenso no tempo, impedindo que o seu lado físico envelhecesse ou funcionasse como funcionava antes de chegar ali. Que lugar aquele!

Na sala adjacente desfrutou do delicioso pequeno-almoço preparado para ele. Estava sentado a pensar na sua Viagem, quando ouviu que batiam à porta, e logo o Anjo Vermelho entrou.

- Vejo que descansaste bem e que já estás pronto, Michael Thomas.

- Sim, Vermelho. - Sentia-se bem e mostrava-se afectuoso. De novo ficou impressionado com a sua beleza.

- Obrigada pela tua hospitalidade.

- Tu mereces, Michael Thomas de Propósito Puro.

Vermelho sorriu e, com um gesto, pediu-lhe para se levantar e acompanhá-lo onde não tinham estado na noite anterior.

A Morada era muito diferente das outras. Todo aquele vermelho fazia-o sentir-se vivo e energizado. Era uma sensação extraordinária. Finalmente, chegaram a um grande auditório e entraram. O ecrã panorâmico era igual ao da Morada Violeta. Também havia uma cadeira acolchoada... desta vez vermelha, igualmente situada perto do ecrã. Vermelho sabia que esse lugar podia angustiar o visitante, depois da experiência na Morada anterior.

- Não é o que pensas, Michael - disse-lhe, tranquilizando-o.

- Obrigado, amigo. Queres que ocupe o meu lugar?

- Sim.

Tal como Violeta, o Anjo Vermelho dirigiu-se para a parte posterior da sala e começou a manipular o equipamento de projecção. Mike sentou-se na cadeira de honra... e o espectáculo começou.

Desta vez não havia som acoplado à imagem. Em seu lugar, o Anjo ia expondo e explicando o que se via no ecrã. A projecção, apesar de vigorosa, educativa, ilustrativa e surpreendente, não lhe provocava sentimentos, nem retrospectivas tristes. Parecia mais uma passagem de diapositivos do que um filme.

- Mike, tudo isto trata da Família - começou a explicar o Anjo Vermelho, enquanto apareciam algumas imagens fixas no ecrã. - Já viste, na Morada anterior, que podes interpretar vários papéis no teu planeta, tal como aqueles que estão contigo. Mesmo assim, aprendeste que todos os seres humanos determinam e planificam as potenciais direcções da sua vida, antes de chegarem à Terra. Já é hora de compreenderes as relações existentes entre os diversos participantes. Começamos, então, com a identificação da Família.

Incrédulo, permaneceu sentado enquanto o Anjo Vermelho projectava 27 bonitas caras, mencionando os longos e respectivos nomes, que nunca tinha ouvido. Como os nomes soavam a angélicos, pensou que deviam ser difíceis de soletrar. Eram nomes tais como Angenon, Aleeilu, Vereefon, Kooigre e outros deste estilo. Depois, apresentou um esquema resumido com a linhagem de cada um deles. Este esquema continha, na parte superior, nomes terrenos e caras que reconhecia e, à medida que se ia ramificando para baixo, mostrava outros nomes e caras desconhecidas. Na parte superior estavam os seus pais, os amigos da igreja e da escola, alguns colegas de trabalho, e muita gente que apenas conhecia. Também estavam alguns desconhecidos. Depois, identificando cada um deles, reconheceu os professores que o tinham marcado. Também viu Henry, o abusador, e Carol, o seu primeiro amor verdadeiro! Reconheceu ainda o seu amigo John. E lá estava, igualmente, o assaltante que quase o matara no assalto ao apartamento! De seguida, viu Shirley, a mulher que amara e perdera em Los Angeles. Uma das pessoas que desconhecia chamou-lhe especialmente a atenção: uma mulher bonita, com um maravilhoso sorriso, loira e com olhos verdes. Uma combinação encantadora. Sentia uma energia especial envolvendo a sua imagem, mas não sabia porquê.

A imagem seguinte pôs-lhe os cabelos em pé: era a mulher que, conduzindo embriagada, chocou com o carro dos pais, naquele dia fatídico. Também ela morrera no acidente... o que fora merecido, pensava ele.

Por que estava ela ali? Bom... E, agora, surgia a sua própria imagem! Sob a fila superior de fotografias, e ligadas por linhas como num organograma, havia mais imagens de pessoas formando outras filas horizontais.

- Cada linha horizontal corresponde a uma vida, Michael Thomas - clarificou o Anjo Vermelho, enquanto ele examinava o conjunto. São os mesmos protagonistas, repetidamente. Os nomes mudam e o gênero varia, mas são os mesmos seres, a tua verdadeira família. Como grupo, viajam livremente através do tempo; alguns vão e voltam, mas todos formam uma família. E chegou o momento de conheceres a sua história.

O que ocorreu a seguir foi um dos acontecimentos mais surpreendentes e revolucionários que alguma vez experimentara. Não estava preparado para o que aconteceu naquele auditório vermelho, com aquelas cadeiras vermelhas e o maravilhoso Anjo Vermelho. Ficou totalmente petrificado e sem fala, sentado na cadeira vermelha e vestido de vermelho: de repente, a primeira imagem da parte superior esquerda do esquema aumentou até adquirir um tamanho normal e manifestou vida! Shirley, o amor da sua vida, ganhou vida na tela, saiu dela e entrou na sua realidade, colocando-se à sua frente. Era real, já não era parte de um filme ou de uma representação! Chamou-o pelo seu nome e começou a narrar a sua história, enquanto permanecia literalmente junto dele, como alguém perfeitamente tangível:

- Michael Thomas, sou Reenuel, do Quadrante Cinco. Sou da tua família e quero-te muitíssimo! Sou Shirley, como me conheces nesta vida. Na vida anterior a esta, no século passado, fui Fred, o teu irmão. Antes de ser Fred, na vida anterior a essa, fui Cynthia, tua mulher. Michael Thomas de Propósito Puro, temos um Contrato, a cuja energia se chama carma. Planeámos juntos reencontrarmo-nos nesta vida, e assim fizemos. Tu e eu concluímos algo, que iniciámos há séculos atrás. E fizemo-lo bem. Concordámos em gerar em ti sentimentos que te levariam a estas encruzilhadas da vida. Esse é o presente que te dou e que tu me dás. Fizemo-lo juntos!

Mike ficou boquiaberto. Ela não era uma imagem da tela. Era real! Estava a ouvir um ser que lhe era muito familiar, que lhe dizia ser Shirley... e que, antes disso, fora outra pessoa que ele conheceu... e antes disso... etc. Que apresentação mais extraordinária! Cada palavra estava cheia de verdade e de propósito, cada explicação mostrava ser fidedigna e absoluta. Que história! Que sítio! Não sabia se Shirley conseguia ouvi-lo enquanto ali estava mas a sólida imagem, que tinha na sua frente, pediu-lhe que falasse.

- Obrigado, querida Shirley! – disse, fazendo uma reverência àquela que conhecera e amara.

Aquela experiência deu-lhe uma perspectiva totalmente nova sobre a sua relação. Agora, via-a mais como a sua melhor amiga do que como a mulher que lhe arruinara a vida.

Então, Shirley desapareceu gradualmente como se esfumasse no espaço.

A imagem seguinte também saiu da tela e contou-lhe uma história de amor, intriga e relações complexas. Tratava-se do senhor Burroughs, o seu professor preferido na escola secundária. Explicou-lhe que já estivera na sua vida muitas vezes, encarnando muitas pessoas. Desta vez, esteve presente só para se encontrar com ele durante a sua etapa educativa. Tinham-se ajudado mutuamente de várias maneiras, das quais não era consciente. Também tinham um Contrato e uma energia de aprendizagem chamada carma, apesar de muito ligeira. Expressou-lhe o seu agradecimento verbalmente, e a imagem do senhor Burroughs desvaneceu-se, tal como a anterior.

De repente, tão grande como na vida real, viu a imagem do pai. Não se sentiu triste: o pai estava vivo! A figura desceu da tela e colocou-se, como um ser vivo, na sua frente. Era amável e tinha exactamente as mesmas feições. Começou a contar a sua história, que ouviu com grande prazer:

- Michael Thomas, eu não sou quem pensas que sou. Sou Annehu, do Quadrante Cinco, e sou a tua verdadeira família. A cara que estás a ver agora é a do teu pai. Interpretei o meu papel na vida humana exactamente como tinha planeado com a tua mãe e contigo, antes de ir para a Terra. Tudo o que aconteceu foi correcto. Deixámos-te cedo para podermos levar a cabo mais Contratos noutras zonas espirituais. Quando te deixámos para realizar o nosso trabalho, facilitámos-te a maior prenda que te foi dada, Michael. A nossa morte foi o catalizador da tua iluminação. Entrámos na tua vida com uma difícil lição cármica de morte, e interpretámo-la perfeitamente. Se estás sentado aqui é graças a isso. Amamos-te muito pela viagem que estás a empreender e por agora reconheces a dádiva.

Mike sentia intensamente que esta entidade estava viva e a falar com ele pessoalmente. Memorizou o nome: Annehu. Desejava que, a partir daquele momento, o nome ressoasse na sua vida. Como podia haver tristeza à volta da morte do pai, quando a verdade estava ali? As palavras “a maior prenda” ressoaram-lhe nos ouvidos, enquanto aquele que fora seu pai continuou a falar. Falou-lhe das guerras em que tinham combatido juntos e tinham sido irmãos – e, por conseguinte, também irmãs – desde há muitíssimo tempo atrás,

quando os continentes ainda não existiam na Terra. Quando concluiu a sua explicação, sorriu e desvaneceu-se tal como os outros. Mike estava comovido, mas nem triste nem preocupado. Estava emocionado! Falou para a imagem do pai, enquanto esta se desvanecia.

- Pai, estou-te muito agradecido pela dádiva.

Sabia que aquelas palavras eram absolutamente certas e, ao dizê-las, inclinou a cabeça em sinal de respeito.

A imagem seguinte foi a sua mãe. Mike ficou colado à cadeira, com a boca aberta, ouvindo a história de lição cármica que ela lhe explicou, referente a ele e a outros que fizeram parte da sua vida.

- Chamo-me Eleeuin e também provenho do Quadrante Cinco. Quero-te muito e tive muitas caras diferentes ao longo das tuas vidas passadas.

E continuou explicando os papéis que protagonizara vida após vida, inclusive aquela em que o assassinara, quando ambos eram mulheres e irmãs! Falou-lhe da energia criada com as acções de uma vida, e de como ela é utilizada na planificação das lições de interacção para a vida seguinte.

Esta entidade não lhe provocou emoções, nem criou nenhum tipo de melancolia na alma. Limitou-se a dar-lhe informação, através de uma apresentação muito bonita. Ela era real... estava viva!

Quando a imagem começou a desvanecer-se, disse:

- Obrigado pelo teu presente, Eleeuin.

Mike considerou ser apropriado recordar os verdadeiros nomes dos pais. Recordar todos os nomes estava para além da sua capacidade, mas comprometeu-se a conservar estes dois na memória, para sempre.

Uns após outros, os rostos foram ocupando o seu lugar como indivíduos de carne e osso. Apresentavam-se e comunicavam-lhe o grande amor que sentiam por ele. Quase sempre falavam da família – todos eram de um estranho lugar chamado “Quadrante Cinco” – o que quer que isso significasse.

Nesse dia, só houve tempo para 9 dos 27 seres exporem a sua história. Quando a sessão terminou, acenderam-se as luzes. Permaneceu sentado, em silêncio, reparando que já passara a hora da refeição sem se aperceber. Do fundo da sala, o Anjo Vermelho veio ao seu encontro.

- Estás cansado?

- Não. Estou cheio de júbilo! Temos de terminar já?

O Anjo riu com vontade. Fazendo um sinal com a mão para se levantar e o seguir até ao refeitório, acrescentou:

- Ainda restam dois dias neste plano, Michael. Há tempo para a maior parte da Família poder falar.

Um milhão de perguntas surgiram, enquanto se encaminhava para o refeitório.

- Vermelho, ficas para comer? O que quero dizer é... Já sei que não comes, mas queria fazer umas perguntas.

- Claro!

O Anjo divertia-se. Mike pensou que ele, provavelmente, teria outras coisas para fazer. Não percebia que Vermelho estava ali unicamente para ele e para outros, que percorriam o Caminho naquele momento.

Entraram no refeitório, onde dois lugares estavam preparados. Olhando para a mesa com surpresa, disse:

- Quem mais estará connosco?

- Se não estou enganado, tu convidaste-me - respondeu o Anjo Vermelho num tom trocista.

- Mas, se tu não comes!

- Quem te disse isso?

Vermelho divertiu-se imenso quando se sentou à mesa, defronte do seu hóspede, e se serviu de uma refrescante bebida de frutas. Mike estava desconcertado.

- É que eu nunca... Quero dizer... Nenhum dos outros Anjos comia. Simplesmente, pensei que...

- Michael - interrompeu-o Vermelho - nós os Anjos não necessitamos de comer, mas junto-me a ti nesta necessidade humana, porque te é agradável teres um companheiro que te acompanhe. Não é assim?

- É, sim.

Mike não podia discutir aquilo, pois há semanas que comia sozinho. A última vez que experimentara algo parecido a comer acompanhado fora quando Verde esteve com ele, olhando-o enquanto comia; pelo menos tivera companhia. Que divertido era este Anjo Vermelho! Quem sabe se seria o mais humano de todos.

- Sinto-me honrado que penses isso - respondeu Vermelho, mastigando pão e lendo-lhe os pensamentos.

Mike comeu com interrupções, porque continuamente fazia perguntas.

- Vermelho, o que acaba de acontecer foi real? Refiro-me a quando aqueles seres falaram comigo. Trata-se de uma nova técnica de projecção que ainda não conheço?

Vermelho riu de novo, enquanto limpava a barba com um guardanapo.

- Porque será que os Humanos desejam desesperadamente confundir realidade e ilusão? Mesmo que, por vezes a verdade esteja presente, sempre a negam, crendo tratar-se de um engano. Nunca compreenderei isso.

- Qual é a resposta?

- Tudo foi absolutamente real. Mais real do que a tua própria realidade na Terra, Michael. Eles estão aqui em pessoa, nesta Morada, por ti.

Mike não compreendia de todo, mas continuou a fazer perguntas.

- Todos aqueles nomes soam tão estranho!... Mas reparei que a minha imagem não tinha nome, só aquela estranha caligrafia, que já antes vira.

Preparando-se para dar outra dentada, respondeu:

- Claro que tens um nome, Michael, mas, por agora, está oculto. Se for adequado, um dia poderás conhecê-lo ou, pelo menos, a parte que possas pronunciar. Mas isso não tem a ver com a tua iluminação. Afinal, desconheceres o meu nome não te impediu de desfrutar da estadia aqui.

Mike nunca considerara o facto de desconhecer os nomes dos Anjos que encontrara nas diversas Moradas. Limitava-se a referi-los de acordo com a sua cor. Era o mais fácil para todos... e eles fomentavam tal prática.

- Vermelho, qual é o teu verdadeiro nome?

Estava verdadeiramente interessado. Enquanto esperava pela resposta, comeu outra garfada de salada.

- Dás por certo que um nome é um som, Michael.

Mike reparou que o Anjo era um comensal inapto. Podia afirmar-se que era a primeira vez que comia. A cada instante, a comida caía-lhe da boca para o prato. Já ia no quarto guardanapo, e tentava imitar o ser humano, o melhor que podia, nas maneiras e comportamentos relacionadas com o acto de comer. Realmente, era muito divertido. Mike, porém, estava demasiado absorto nas suas perguntas para reagir ao que tinha diante dos olhos. Mais tarde rir-se-ia às gargalhadas, mas não à custa de Vermelho, que prosseguiu com a sua explicação... depois de limpar a boca mais uma vez:

- Todos os nomes das entidades do Universo são energia, incluindo o teu e o meu. Têm cor, vibração, som... e, até, propósito! Não podem ser pronunciados totalmente como um som no ar, tal como acontece com os nomes da Terra. Inclusivamente, os nomes que hoje ouviste e viste escritos, são somente uma parte da energia real do nome completo de cada entidade. Pronunciaram-se o melhor possível para ti. Quando os seres espirituais se saúdam entre eles podem "ver" os seus nomes. Cada entidade leva consigo toda a sua linhagem e qualidades nas cores e vibrações dentro da sua Merkabah, que é o nome com que se denomina um corpo angélico. É bastante mais complexo do que poderás compreender neste momento, Michael, por ser interdimensional.

- Porque é que algumas imagens na fila superior não intervieram, quando chegou a sua vez de explicar as suas histórias?

Mike estava especialmente interessado na imagem da mulher, cuja energia o cativara desde o início. Estava na fileira superior, mas fora omitida.

- São seres humanos que não conheces, Michael – respondeu o Anjo Vermelho antes de dar uma golada no sumo. Como o líquido lhe escapou pelos cantos da boca, teve de usar novamente o guardanapo... pela sétima vez!

- Então, aqueles que não conheço não contam.

- Normalmente, aqui, não mostram Contratos por cumprir, Michael. Não poderias estabelecer uma relação com eles, pois não os conheceste nesta vida. Aqueles que se apresentam são, somente, os membros da Família que conheceste até agora.

Mike recostou-se comodamente e novamente reflectiu sobre uma ideia em que há muito tempo não pensava: a conveniência da Viagem a esta terra das sete Moradas. Se tivesse ficado em Los Angeles poderia ter interagido com mais pessoas, com planos espirituais para se encontrar com ele. Teria interrompido algum tipo de plano cósmico? Quais podiam ser as consequências?

Vermelho "ouvia" estes pensamentos e abordou as perguntas não verbalizadas.

- Ouve-me, Michael. Nem tudo aquilo em que pensas está dentro das três dimensões. Aqui, a tua mente não é a mente de Deus. Ainda não podes saber o que nós já sabemos. Continuas a ser um ser humano, e és muito amado precisamente por isso. Aqui estão a passar-se mais coisas do que as que tu sabes. Optaste por abandonar o Caminho e vir aqui, e é uma honra que o tenhas feito. **Nada do que decidas fazer é inapropriado.** Não poderíamos ajudar-te, como estamos a fazer, se não fosse abençoado o facto de estares aqui neste momento.

Mike nunca pensara que a sua escolha de estar no Caminho estivesse abençoada. Continuava a conceber a coisa como uma fuga. Mas treinava-se para regressar a Casa e, por alguma razão, aqueles seres angélicos honravam e abençoavam essa escolha. O Anjo Vermelho estava correcto. Não conseguia ver a perspectiva de conjunto.

- Alguma vez chegarei a compreender?

- Quando estiveres em frente da porta de Casa e a abrires, compreenderás.

O Anjo pôs-se de pé e retirou-se com elegância.

Quando a porta se fechou, levantou-se e observou a zona à volta da mesa e da cadeira onde Vermelho se sentara. Parecia ter estado ali uma criança de três anos: havia migalhas, sumo de fruta e pedaços de comida por todo lado. Soltou uma gargalhada.

- Gosto de ti, Vermelho!

Dava-se conta de que o Anjo fizera algo de invulgar ao jantar com ele. Pelo menos, tentara. “Pergunto-me se há coisas que os Anjos não podem fazer”, disse para si mesmo. Pensou um pouco e fez outra pergunta: “Se há coisas que os Anjos não podem fazer e se os Anjos fazem parte da Totalidade, pergunto-me se haverá coisas que Deus não pode fazer”. De imediato ouviu a resposta dentro da cabeça. Era o Anjo Violeta!

- Sim. Deus não pode mentir, nem odiar, nem tomar decisões imparciais fora do âmbito do Amor. Os Humanos têm lições na Terra para Deus dispor de provas imparciais.

Ena! Sabia que acabavam de lhe oferecer algo profundo, mas não compreendeu nada. “Quem sabe com o tempo até isto terá sentido”, pensou. Era bom voltar a ouvir a voz do Anjo Violeta! Que lugar!

Mike adormeceu, mas os nomes angélicos Anneehu e Eleeuin continuaram a aparecer na sua frente, com cores vivas e desenhos geométricos. Era maravilhoso! Mas dormiu bem, apesar do frequente espectáculo luminoso.

\* \* \*

No dia seguinte, ansiava por começar. Devorou o pequeno-almoço e seguiu o Anjo Vermelho até à sala de projecção. Correu, literalmente, para o grande cadeirão acolchoado e aguardou pelas apresentações e palavras ilustrativas da sua recém-descoberta Família. Desta vez, surgiram algumas personagens que tinham sido pouco amigáveis. Não obstante, tudo lhe pareceu muito apropriado.

Henry, o abusador, saiu da tela e pôs-se na sua frente. Falou-lhe do Contrato que ambos tinham estabelecido e da pesada carga da sua origem. Mike e Henry tinham sido camaradas a bordo de um barco num passado remoto, e a interacção das suas vidas naquele tempo gerara lições que ambos tinham de aprender juntos desta vez. Tudo isto era fascinante e, de alguma maneira, fazia sentido. Eram companheiros numa dança de energia, que estava em marcha. Depois, a imagem foi-se desvanecendo e Mike agradeceu-lhe por representar tão bem o seu papel.

A seguir, falou a mulher que matara os seus pais com o carro. Desfrutou ao dar a sua explicação, considerando-se como a “catalizadora para a conclusão”, uma expressão espiritual que Mike ainda era incapaz de compreender. Era como se tivesse encontro marcado com os seus pais para aquela noite, naquela fatídica estrada municipal, e tivesse lá chegado pontualmente. Falou da Sessão de Planificação e disse que todas as entidades tinham aplaudido de contentamento quando tudo acabara. A morte não trazia consigo a mesma energia para aqueles que estavam do outro lado. Era quase como uma peça de teatro! A mulher nunca pediu perdão pelo que fizera. Não tinha razão para o fazer, pois estava perfeitamente de acordo com o estipulado. Mike deixou de a julgar e disse-lho com toda a sinceridade:

- Obrigado pelo teu presente, valioso ser.

O desfile de elementos da Família chegou ao fim, por aquele dia, pelo que se levantou e foi jantar. Desta vez, nove seres tinham explicado as suas histórias e linhagens. Chegados à sala de jantar, não pediu ao Anjo que jantasse com ele... apenas que lhe fizesse companhia enquanto jantava! Tinha mais perguntas para fazer e não desejava distrair-se com a comida que saía disparada para todos os lados e com as bebidas deramadas.

- Vermelho, muitos destes seres continuam a viver agora na Terra. Como é que podem estar também diante de mim, explicando-me as suas histórias?

- Michael Thomas, estás a usar, novamente, a tua experiência humana para entender a realidade de Casa. O “verdadeiro Michael Thomas” pode estar em vários sítios. O teu “fragmento de Deus”, que é a parte mais elevada da tua alma, não está presente totalmente quando te encontras na Terra, também está noutros lugares fazendo outras coisas; por exemplo, agora que alteraste o teu caminho, realizando outros planos para os potenciais de energia com a família.

Vermelho terminou a frase sorrindo, enquanto o deixava reflectir no que acabara de dizer. E perguntou:

- Novos planos?

- Sim!

Mike estava atónito. Tudo começava a encaixar. As Sessões de Planificação não ocorriam apenas no princípio, antes da encarnação, mas também noutras situações. Eram o produto de suas iniciativas iluminadas; estavam a acontecer inclusivamente naquele momento, onde participava uma parte dele mesmo, da qual não era consciente!

- Isso faz-me ter uma espécie de personalidade múltipla?

- Fecha os olhos, Michael – O Anjo dava-lhe uma lição. - Concentra-te e relembra os acontecimentos deste dia. Imagina que estás, de novo, no auditório.

Mike obedeceu e Vermelho continuou:

- Diz-me onde estás agora.

- No auditório.

- Pois eu julguei que estavas aqui comigo, a comer!

Mike abriu os olhos e lançou sobre o Anjo um olhar de desgosto.

- Espera um momento. Trata-se apenas da minha imaginação. Não tem mais valor do que o dos meus sonhos. O meu corpo real está aqui e os meus pensamentos no auditório.

- Muito bem. Então diz-me, o que é real: o teu corpo ou os teus pensamentos?

- O meu corpo... creio.

O Anjo ficou calado. Inclinou-se para a frente e deu-lhe algo em que pensar:

- Ontem à noite, voltaste a encontrar-te com os teus familiares. Desta vez, mostraram-te a sua verdadeira energia e tu chamaste-os pelos seus nomes verdadeiros. Viajaste com eles para vários lugares e foi uma agradável experiência.

Mike parou de comer.

- Queres dizer que foi real?

- Sim.

- Mas, se eu estava a dormir... a sonhar!

- A tua parte humana não te deixa compreender a realidade do Espírito, Michael. A tua consciência é a verdadeira realidade. O físico é apenas temporal. A tua estrutura celular apesar de ser, em si mesma, um receptáculo sagrado, é só um lugar onde reside o Espírito da tua consciência. E tu podes levar esse Espírito onde quiseres. Portanto, onde estão os teus pensamentos está a tua realidade. Acredita em mim, pois é assim.

O Anjo sorria quando acabou a frase.

- Posso abandonar o meu corpo? – perguntou, um pouco confuso.

- Assim fazes a toda a hora, Michael! Isso permite-te estar em dois lugares ao mesmo tempo, como tu dizes. Não é tão raro como crês! Mas é adequado regressares ao teu receptáculo humano, sempre que te lembres. Prometeste trazer a tua consciência nesse recipiente enquanto estiveres na Terra, mas isso não te impede de continuar a viajar.

- Queres dizer que há uma parte de mim que não está aqui?

- Claro que há.

Vermelho sabia qual ia ser a pergunta seguinte.

- E onde está?

O Anjo levantou-se e dirigiu-se para a porta, permitindo que ele se retirasse para descansar. Voltou-se para responder à última pergunta.

- Está no lugar mais sagrado de todos. Está com todos os outros, no Templo da Física. Está com Deus.

E, dito isto, foi-se embora.

Mike acedia a informação nova de todos os tipos, e não conseguia decifrar nenhuma delas. “O Templo da Física? O que será isso? Soa a projecto científico de uma igreja, ou a filme protagonizado por Harrison Ford. O que pode significar?” Era como se cada resposta a uma pergunta gerasse mais perguntas.

Retirou-se para descansar. Imediatamente antes de adormecer lembrou-se que o Anjo Vermelho lhe dissera que os seus sonhos eram a sua realidade autêntica. Será que viajara, realmente, com a sua Família para

algum lado, a noite passada? Se era assim, por que não conseguia recordá-lo claramente? Tudo era novo... e muito surpreendente. Continuou a pensar sobre isto mesmo quando já estava meio a dormir, nesse estado em que abandonava o turvo pensamento humano acerca do que, na realidade, estava a acontecer. Depois viajou, uma vez mais, ao seu lugar preferido – onde tinha estado muitas vezes enquanto dormia – onde o Amor se encontra com a realidade e a Família se reúne para comentar coisas do passado, do presente e do futuro, e onde parece que se violam as leis da física, mas, na realidade, se criam. Mais tarde, seria incapaz de recordar tudo o que acontecera.

Mike, despertou para o último dia na Morada Vermelha. No auditório apresentaram-se mais algumas personagens astrais já que tinham participado nas suas vidas anteriores, tendo surgido outras cinco que, até ao momento, ainda não se tinham manifestado na actual existência. Reencontrou-se com o professor que o denunciara à administração escolar e com o ladrão que, aparentemente, desencadeara toda esta aventura graças ao assalto ao apartamento. Era como se tudo tivesse acontecido há muito tempo atrás.

Mike ouviu-os a todos. Honrou o facto de serem a sua Família e de todos estarem relacionados, de múltiplas maneiras, com as suas vidas actuais e passadas. Quando acabou, tinha adquirido uma perspectiva de conjunto sobre o tema, que só raros Humanos possuíam. Agora, a sua noção acerca da vida era muito mais ampla. Voltou a lamentar o facto de não poder levar consigo nada daquilo para Los Angeles... e de não ter tido acesso àquele conhecimento anteriormente!

Se tivesse compreendido a energia cármica dos Contratos teria ganho uma compreensão muito mais serena, inclusivamente das experiências mais fortes emocionalmente! Isso tê-lo-ia ajudado a converter-se no melhor ser humano do planeta. Era possível que os Humanos, na Terra, nunca tivessem acedido a este conhecimento? Seria esta a “lição” de que se falava, com tanta frequência? Era quase como estar na escuridão e ver se, apesar de tudo, se conseguia descobrir a luz! Ainda que se tratasse de um quebra-cabeças gigantesco, sentia-se agradecido por esta Viagem educativa e de iluminação.

Nessa noite dedicou algum tempo a fazer uma cerimónia com o seu corpo, tal como o Anjo Verde lhe ensinara. Sentiu que outra mudança se avizinhava, e fez exactamente como aquele Anjo lhe mostrara. Passadas umas quantas horas soube, com absoluta certeza, que se tinha graduado noutra nível. De algum modo, o seu organismo tinha-se fundido com o seu espírito. Era como se a aceitação do que aprendera, nas diversas Moradas, tivesse causado uma reacção psicológica nas suas células. Então, lembrou-se que o Anjo Verde lhe dissera que o seu verdadeiro espírito estava contido em cada célula. Fazia sentido.

Voltou a dormir bem, sem consciência das viagens astrais e reuniões familiares, e acordou descansado. Depois do pequeno-almoço armou-se com a sua Espada, o Escudo e a Armadura e foi procurar o Anjo Vermelho. Este já o esperava, pronto para o acompanhar à porta da Morada. Estava evidentemente comovido quando Mike se aproximou.

- Michael Thomas de Propósito Puro, tu mudaste!

Mike foi discreto em relação à cerimónia e à mudança que experimentara na noite anterior. Respondeu:

- Já sei... Mas... como soubeste? Como pode um Anjo saber se um Humano mudou a sua vibração?

Vermelho continuou a olhá-lo com uma expressão de respeito, e respondeu:

- As tuas cores revelam a tua transformação. Nunca um ser humano mudou tanto e tão rapidamente, Michael. Neste lugar, és único. Assimilaste tudo e compreendeste rapidamente quanto te foi apresentado. Realmente, és um ser humano muito especial!

O Anjo deu meia volta e reconduziu o visitante pelo labirinto de vestíbulos até à pequena porta de entrada da Morada Vermelha. Mike saiu para a luz da manhã e começou a calçar os sapatos, que encontrou onde os deixara. Não tinha compreendido aquela história das cores, mas não importava.

- Nunca esquecerei este lugar, meu amigo vermelho. Aqui conheci a minha Família, pela primeira vez.

O Anjo sorriu, pois sabia a verdade. Aquele visitante tinha conhecido a sua Família pela primeira vez, enquanto Michael Thomas, o ser humano. Mas, na realidade, já os conhecia muito bem, há muito tempo, enquanto Espírito.

- Michael Thomas, muitas surpresas te esperam ainda nas duas Moradas que te faltam visitar. A tua nova vibração fará com que todas essas vivências sejam ainda mais intensas. Estás preparado para as enfrentar?

Aquelas palavras soavam-lhe algo ameaçadoras, pelo que perguntou.

- Existe a possibilidade de surgir algum problema?

O Anjo Vermelho responder com seriedade:

- Terás de enfrentar alguns desafios físicos, espirituais e emocionas, antes de chegar à porta de Casa. Talvez sejam os maiores desafios que já enfrentaste, desde que estás nesta terra. Alguns porão em dúvida este

percurso e a sua realidade, outros deixar-te-ão assombrado pela sua envergadura, alguns ainda poderão até assustar-te.

Mike ergueu-se ao ouvir aquilo. Sabia que o esperava algum tipo de prova. Tal como antes, estava determinado. Não tinha chegado tão longe para desistir agora.

- Compreendo. Estou preparado.

- Claro que estás, meu amigo humano.

Olhando-o como se o visse pela primeira vez. Acrescentou:

- Tenho de te fazer uma pergunta. Vais ouvi-la agora e, posteriormente, duas vezes mais. A última vez será a mais importante.

“Até que enfim!”, pensou, contente por um Anjo lhe revelar a razão por que ouvira tal pergunta em todas as Moradas que visitara. A questão devia estar relacionada com a última Morada e o que ali encontraria.

- Estou pronto para responder à tua pergunta, Vermelho.

Mike sabia qual era a pergunta, mas queria dar ao Anjo a honra de a formular. Vermelho sabia-o e valorizava a concessão dessa honra. Por isso, perguntou:

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus?

- Tal como a ti e a todos os demais. Sim, amo Deus.

Mike aproximou-se do seu anfitrião e fez algo que nunca fizera antes: deu-lhe um abraço! O enorme ser era uma forma descomunal, pelo que os seus braços o rodearam na medida do possível. O Anjo Vermelho aceitou aquela despedida física. Baixou-se para Mike o ver à altura dos olhos e envolveu-o completamente com as suas leves roupagens vermelhas. Enquanto desfazia o abraço, disse emocionado:

- Isto tem um grande significado, Michael. Tal como me disseram Verde e Violeta, és o primeiro ser humano com uma vibração capaz de tocar um Anjo. Nunca antes tínhamos abraçado fisicamente um ser humano. Sempre recordarei este momento.

Mike aceitou o cumprimento com gratidão e decidiu-se a descer pelo carreiro que levava ao caminho principal. Mas estava perante um dilema: seguir pela via principal ou ir por um atalho? Sim, desta vez usaria a estrada para chegar à Morada seguinte... que já sabia que era branca.

Voltou-se para trás, uma vez mais, e acenou para se despedir. O Anjo Vermelho, lá estava, à porta da Morada Vermelha, esperando que ele se afastasse. Sentia-se maravilhado com os dons e os progressos daquele Humano e alegrava-se por Mike se fundir tão harmoniosamente com as armas que transportava. Nunca antes esta situação tinha acontecido de uma forma tão perfeita.

Foi só uma questão de minutos até Aquilo - a repugnante e ameaçadora criatura que levava com ela a pestilência da morte - surgir de entre as árvores e começar a seguir Mike até à Morada seguinte, sem deixar pegadas, enquanto se movia pelas margens do Caminho. Quando, na sua perseguição, passou perto do Anjo Vermelho, olhou-o ferozmente com os seus olhos abrasadores.

Pela primeira, vez o Anjo falou àquela aparição:

- Espectro! Não tens hipótese de o vencer!

Dito isto, deu meia volta e desapareceu no interior da sua Morada Vermelha.



## 10 - A Sexta Morada

O trajecto até à sexta Morada decorreu quase sem incidentes. Estava mais consciente do que nunca de estar a ser seguido. Mesmo assim, em vez de medo, apenas sentia a necessidade de ser prudente. Podia sentir claramente atrás de si, não muito longe, a energia sinistra que Aquilo exalava. Antes, fora incapaz de sentir a energia da criatura; era, pois, como se tivesse recebido um novo dom de clarividência. Seria um sexto sentido? Podia assegurar, com toda a certeza, que essa energia existia. Que significava aquilo? O quê ou quem era aquela coisa? Que pretendia? Por que não se dava, simplesmente, a conhecer? Por que o seguia permanentemente?

Recordou o episódio da tempestade, quando aquela figura, sinistra e esverdeada, saiu do esconderijo e o atacou, enquanto ele estava vulnerável. Depois, pareceu volatilizar-se, quando o raio caiu. Teria sentido medo de Michael? Se esse fora o caso, não tinha de se preocupar: limitar-se-ia a manter o espectro ao longe durante o resto do caminho para as duas últimas Moradas. Intuíra, contudo, que decerto chegaria o momento de ajustar contas com aquela coisa sinistra, que se convertera na sua sombra nos trajectos entre cada Morada. O Anjo Vermelho tinha-lhe dado a entender perfeitamente, e o seu novo sentido intuitivo dizia-lhe o mesmo. "Tem cuidado, Mike!", eram as palavras que escutava, uma e outra vez. Era a sua mente que falava? Se não era, quem seria? Começava a compreender que as vozes dos Anjos se fundiam com a sua, fornecendo informações sobre a Viagem.

Tudo isso era demasiado novo!

Continuou a andar e, ao olhar para trás, conseguiu ver Aquilo fugazmente, em duas ocasiões. Bem, pelo menos, continuava a persegui-lo. Considerou o facto de Aquilo ser astuto e poder adiantar-se no trajecto da sexta para a sétima Morada. Uma voz intuitiva falou-lhe claramente: "É melhor ficares atento".

Pegou no mapa para ver se ali aparecia a energia daquele espectro sombrio. Mas o mapa estava normal, mostrando, como sempre, tudo o que existia, num raio de duzentos metros, à volta do ponto vermelho com a inscrição: "Estás aqui". Examinando o lugar onde vira o movimento, apercebeu-se que Aquilo estava escondido para além do raio de alcance do mapa. Perguntou-se se o seu perseguidor, sabendo que poderia aparecer no mapa, se matinha a uma distância prudente. Teria de manter isso em mente, pois sentiu que era uma informação valiosa.

Encontrou a Morada Branca à uma hora da tarde. Era pequena e modesta, uma casa de campo exactamente como as outras. Aproximou-se e procurou um sinal que lhe daria uma pista sobre as lições que ali aprenderia. A sua curiosidade não o defraudou. Com efeito, ali estava o sinal com a inscrição: "Morada do Amor". Instantaneamente, sentiu curiosidade. O que seria? Que aprenderia ali? Sentira-se amado em todas as Moradas anteriores. Já tinha estado na Morada das Relações, mas, ainda assim, faltava-lhe visitar esta Morada completamente dedicada ao Amor.

Saiu da estrada e encaminhou-se para a porta de entrada, onde não havia nenhum Anjo para lhe dar as boas-vindas. Procurou um lugar para deixar os sapatos, enquanto se perguntava se teria de esperar pelo Anjo Branco. Decidiu que não. Tirou os sapatos, deixou-os no lugar adequado, abriu a porta e entrou.

De imediato ficou estonteado com o cheiro a flores... e recordou essa sensação. Estava num vestíbulo que conduzia a uma zona ampla, de uma brancura indefinida. Aproximou-se lentamente da entrada até chegar a um espaço branco, enorme e aberto. Recordava-se daquele lugar: era onde tivera a sua primeira visão, quando estava no hospital! Subitamente, o enorme Anjo Branco, que protagonizara aquela visão, apareceu na sua frente.

- Bem-vindo, Michael Thomas de Vontade Pura! Voltamos a encontrar-nos.

O sorriso do Anjo era impressionante. E que voz! Estava contentíssimo por ver esta maravilhosa entidade. E, novamente, sentia-se maravilhado com a qualidade vaporosa das suas vestes. O Anjo Branco parecia fundir-se com a Morada. Intuitivamente, notou que Branco - chamá-lo-ia assim - era diferente dos outros. Fluía; os outros andavam. Tinha um ar que o caracterizava mais como uma divindade - se é que tal pudesse ser possível. Os outros Anjos do Caminho tornaram-se seus amigos, converteram-se na sua Família; mas este era como um sacerdote. Resplandecia!

Intuiu imediatamente que não devia tocar-lhe e que recebia dele uma imensa energia. Um vez mais, os novos poderes estavam a funcionar na perfeição.

- Desta vez tens rosto – comentou, reparando no Anjo. Lembrava-se que, no encontro anterior, tudo nele era difuso.

- Claro que sim. És capaz de ver o meu rosto porque chegaste até aqui. Fizeste-o muito bem, Michael. A tua vibração está mais alta do que a de qualquer outro ser humano, que tenha viajado por esta terra. No teu nome já existem cores que o revelam, que permanecerão para sempre, independentemente do teu êxito, quer consigas chegar à próxima Morada, quer não.

De novo aquele tema. Tratava-se de uma advertência de que não conseguiria? Seria uma dúvida? O Anjo Vermelho transmitira-lhe a mesma sensação de que, no último momento dessa Viagem sagrada, talvez viesse a desistir. “O que poderá acontecer, para ser tão difícil?”

Relendo a energia do visitante, Branco disse:

- Esta Morada porá à prova a tua resolução de continuar. As coisas não são o que parecem. Usa esta observação como guia. Servir-te-á para o que está para vir.

Mike recordou-se que estava perante o Anjo que dissera essa frase pela primeira vez. E como tinha acertado! Era uma frase que aconselhava a não fazer suposições. Era uma advertência a ter em conta, que o ajudaria de um modo ou de outro. Queria saber mais sobre o Anjo Branco.

- Branco, tu és um Anjo diferente?

- Sim, Michael. Sou. Esta é a Morada do Amor. Praticamente é a Morada mais pura em que alguma vez entrarás. Não é uma Morada de lições, como as anteriores. É a Morada da Origem. É o Centro.

- Mas é a número seis, das sete Moradas da série!

- Volto a dizer-te que não é o que parece. Acredita, esta Morada é o Centro. A ordem das Moradas foi estabelecida só para as tuas lições, Michael. Essa distribuição só representa uma forma humana.

Sentindo curiosidade em saber mais sobre aquele lugar, perguntou:

- O que vai acontecer aqui?

- A revelação.

O Anjo aproximou-se flutuando. Tinha um rosto muito belo, imensamente tranquilo! Se o amor tivesse um rosto, seria este. Continuou com as suas respostas:

- É, também, uma viagem até à escolha. Uma reformulação de tudo o que isto significa. E a aquisição de outro campo vibratório, se assim quiseres.

- Quem és tu, realmente? Não és, eu sei, apenas o Anjo da sexta Morada.

- Eu sou conhecido por todos, Michael Thomas. E, como sou conhecido por todos, existo.

Esta resposta era idêntica à que recebera quando lhe fizera essa pergunta pela primeira vez. Mas, ainda não fazia sentido.

- Não compreendo bem a tua resposta. Sem dúvida, algum dia, irei compreendê-la. De todos os Anjos que conheci até agora, tu és o mais grandioso.

Dizia a verdade porque começara a compreender que, diante dele, estava uma criatura da mais alta importância espiritual e de potente energia.

- É possível que o seja, Michael Thomas. Mas virá um que é ainda mais grandioso do que todos nós.

O Anjo Branco esperou pacientemente que ele reflectisse sobre esta afirmação. Depois, deu meia volta, começou a flutuar, fazendo-lhe sinal para o seguir. Guiou-o através de um indescritível e confuso labirinto de falsos vestibulos. Mike não conseguia perceber os detalhes deste lugar! As salas e vestibulos, se é que o eram, deviam ter alguma forma mas não as conseguia distinguir.

- Parece-me que me falta a vista, Branco. Tudo se confunde com tudo.

- Grande parte do que vês está em dimensões mais elevadas, Michael Thomas, pelo que a tua mente é incapaz de discernir neste momento. Por essa razão não abri a porta, para te receber. Não posso sair facilmente deste lugar, porque as condições físicas do exterior não aceitariam a minha dimensão.

Mike sabia estar numa área de conhecimento que ainda não compreendia, e não tentou fazê-lo. O Anjo convidou-o a passar por uma porta, de aspecto familiar, que pôde apreciar em todos os detalhes. E disse:

- Os teus aposentos e a cozinha estão na tua dimensão. Deves entrar sozinho. Virei buscar-te aqui, de manhã, depois do pequeno-almoço.

Branco era muito elegante. Abriu-se num grande sorriso, fazendo com que se sentisse verdadeiramente bem. Alguma coisa naquela voz provocava o desejo de a ouvir incessantemente. Que voz tão bonita ele tinha! Lembrava-se de como reagira quando vira o sorriso do Anjo, pela primeira vez. Queria continuar a ter o prazer da sua companhia.

- Tens de te ir embora, já?
- Sim, mas não faz mal. Estarei aqui, pela manhã.
- Sentirei a tua falta.

Mike sentiu como se estivesse a despedir-se de um parente, perdido há muito tempo atrás. Realmente, não queria que aquele Anjo se fosse embora. A energia que havia entre ambos provocava-lhe dependência! Reconheceu que isso era insólito. Expressou-o em algumas palavras, formulando uma pergunta. O Anjo já sabia que ele a faria:

- Branco, o que é que estou a sentir? Podes explicar-me de maneira a que possa entender?

O Anjo foi honesto. Sorrindo, disse:

- Não, não posso. Mas responderei, mesmo assim.

O magnífico Anjo estava sempre disposto a tratar de todo o tipo de assuntos, incluindo aqueles que, espiritualmente, eram muito avançados para ele. Continuando, disse:

- Represento a fonte de toda a matéria. Existo, logo existo, e sou a razão pela qual existe o Universo. Vivo nos mais elevados paradoxos científicos imagináveis, mas sou o responsável pelas emoções de um único coração humano. Sou a parte mais pequena da Física e a parte maior do Universo. Represento toda a Luz. Sou o espaço entre o núcleo do átomo, e a nuvens de electrões. Sou a força mais abundante do Universo e a fonte de energia mais poderosa. Venho da força mais distante, mas mais poderosa do Universo. Sou a areia da clepsidra e sou, também, o Centro, onde não existe o tempo. Sou a força criativa que permite à Física responder à Consciência. Portanto, sou um milagre: Eu sou o Amor.

Mike não compreendeu nada mas, de qualquer maneira, sentiu um respeito reverencial pela mensagem. O Anjo branco era um santo. Estava perante uma parte de Deus, sagrada e ungida. Desta vez, não estava perante um mestre, mas frente a uma personalidade, uma celebridade que possuía uma voz como nunca ouvira antes. Já sentira a mesma coisa na primeira vez que estivera com este Anjo.

- Obrigado, Branco, obrigado.

O Anjo olhou-o durante uns momentos antes de prosseguir. A sua voz sedosa deslizou pelos seus ouvidos como a geada matinal flui pela húmida pétala de uma flor.

- Não passarás muito tempo aqui, Michael Thomas. Amanhã explicar-te-ei as quatro qualidades do amor e, depois, apresentar-te-ei a alguém.

Pela maneira como o Anjo o olhou, pressentiu que estava para acontecer algo poderoso. Sentiu o seu amor e a sua compaixão.

Branco saiu, deixando-o com vontade de saber mais acerca de tudo: mais sobre essa voz maravilhosa, mais informação, mais paz! O Anjo irradiava paz quando estava perto, mas essa paz permaneceu apesar se ter saído. Que sensação!

Mike esqueceu-se de como estava esfomeado até detectar o aroma da comida, que o aguardava no aposento contíguo. Conhecia a rotina: rapidamente, guardou os seus pertences no armário, lavou-se e preparou-se para jantar e dormir cedo. Depois da ceia, dormiu como nunca dormira em toda a sua vida. Aquilo superava qualquer experiência similar, nas outras Moradas. A sensação de paz era tão densa, que podia saboreá-la e cheirá-la. A serenidade era imponente e gerara um descanso total e profundo.

\* \* \*

Quando o repugnante e vil ser, de olhos vermelhos, chegou à Morada Branca, não se deteve para se refugiar numa árvore ou para se acocorar por detrás de uma rocha. Como Mike já entrara, Aquilo sabia que não havia nenhum perigo, pelo que podia passar sem ser visto. Assim, avançou, motivado pelo propósito sinistro que o impulsionava a continuar. Durante aproximadamente uma hora, andou rapidamente pelo caminho que conduzia à Morada seguinte, até encontrar um lugar perfeito para fazer a emboscada. Explorou o terreno e pensou em todas as vias de fuga que Michael Thomas podia tentar. Instalou-se e iniciou a espera, praticando o que ia fazer, convencido de que o logro seria perfeito. Mike não teria oportunidade para reagir e baixaria a guarda. Se o leitor fosse um viajante, transitando por aquela estrada na penumbra desse dia limite da armadilha, teria visto, debaixo de uma árvore, um homem solitário, repetindo as mesmas palavras, como se praticasse um discurso. Se acaso se tivesse aproximado dessa pessoa aparentemente simpática, teria observado que tinha a aparência de um honrado camponês, e teria escutado a voz de um pai amante: o pai de Michael Thomas.

Mike acordou cedo e preparou-se. Os seus aposentos eram iguais aos das outras Moradas, excepto que, nesta ocasião, eram totalmente brancos. Com frequência considerava que o “branco sobre branco” parecia uma decoração de cariz feminino, mas esta experiência fê-lo mudar de opinião. Neste lugar, toda a brancura transmitia uma sensação de paz e serenidade. Encontrou roupa branca para vestir, acompanhada por umas sandálias brancas... se tivesse querido calçá-las.

Comeu e... que comida! Não só era saborosa, como tinha um aspecto sensacional. Sentou-se à mesa, coberta por uma toalha branca, com uma jarra de porcelana branca, com chávenas brancas, copos brancos e até guardanapos brancos. A cor da comida contrastava espectacularmente com a brancura, dando a todo o conjunto o aspecto de uma galeria de arte. Comeu pausadamente, captando toda a elegância que o rodeava. Tanto branco levava-o a sentir-se num palácio e entre a realeza.

Quando acabou de comer, respirou profundamente. Tinha a certeza absoluta que o magnífico Anjo Branco estava do outro lado da porta, à espera. “O que irá acontecer aqui?” Se o Amor era o maior poder do Universo e se ele estava a aumentar a sua vibração desde que chegara a esta terra, o que poderia levá-lo a desistir do Caminho? Abriu a porta e atravessou o belo vestibulo da Morada Branca. Estava certo: o Anjo esperava-o exactamente onde o deixara na noite anterior.

- Bom dia, Michael Thomas - saudou o enorme ser. Mike, imediatamente sentiu a grandeza da sua energia.
- Bom dia, Branco.
- Estás pronto para continuar?
- Estou, sim.

Adorava a sensação daquele lugar, apesar de estar um pouco apreensivo. O Anjo conduziu-o para uma sala e convidou-o a sentar-se. Ali não havia material didáctico, nem ecrãs ou quadros sinópticos, só uma sala branca com a cadeira onde estava sentado. O Anjo colocou-se na sua frente e começou o intercâmbio de informação:

- Michael Thomas de Vontade Pura, estou aqui para te apresentar as quatro qualidades do amor. Quando o amor puro de Deus penetrar no teu ser, todas as tuas células vibrarão com a sua integridade. Verás as coisas de outra maneira; tratarás os outros de um modo diferente; terás um discernimento poderoso. É a essência de toda a criação. Mas, mesmo que pareça estranho, a tua linguagem só tem uma palavra para designar esta imensa propriedade. Desejo mostrar-te como funciona. Por favor, vem comigo.

O Anjo sorria, quando terminou.

Mike surpreendeu-se com o que se seguiu. Pensava ter tido grandes experiências nas primeiras cinco Moradas e que vira tudo. Surpreendentemente, porém, o Anjo levava-o a viajar! Ali sentado, levava-o rapidamente para uma realidade interdimensional. Ambos pareciam reais, mas tudo à sua volta se transformou num sonho. Tinha a sensação de movimento, mas estava agoniado. A branca e difusa Morada transformou-se num labirinto de cores e sons, que mudavam continuamente ante os seus olhos. Sentado na cadeira, era ser levado a outro lugar. Mas, mesmo surpreendido, não tinha medo. Tudo era demasiado maravilhoso!

Após um momento, ambos “chegaram” finalmente ao destino pretendido. A confusão da mudança dimensional começou a desvanecer-se, e viu-se num ambiente de hospital, o que o surpreendeu. Tinha pensado que Branco o levaria a algum lugar celestial para ver o amor divino. No entanto, via apenas um quarto de hospital, como tantos outros. Na cama, estava um paciente, ligado a vários tubos e sondas. Identificou o lugar como a zona denominada “cuidados intensivos”.

Como era real! Podia ouvir tudo e, até, cheirar o anti-séptico usado nos hospitais para limpar o chão e as paredes. Depois de tanto tempo naquela caminhada sagrada numa terra espiritual, aqueles sons e cheiros agrediram-lhe os sentidos e fizeram-no estremecer. Tudo era muito diferente, apesar de continuar a ser-lhe familiar.

Os dois viajantes colocaram-se num local onde podiam observar tudo o que acontecia no quarto. Parados num canto, pareciam flutuar de uma maneira estática. O ambiente era tranquilo e Mike permaneceu em silêncio. A única coisa que parecia evidente era os sons intermitentes, agudos e contínuos dos aparelhos médicos. Olhou à volta. Era inegável que o homem acamado era de idade avançada. Estava pálido, com um tom cinzento, e parecia muito velho e muito doente. Tinha os olhos fechados.

- O que se passa? – disse, em voz baixa, como se o paciente o pudesse ouvir.
- Está a morrer - respondeu o Anjo Branco. Ia fazer outra pergunta quando uma mulher, de pouco mais de quarenta anos, entrou sozinha no quarto. Ficou a observar, por um momento, o homem que jazia na cama, mas apercebeu-se que ela era especial. A sua intuição continuava alerta, incluindo nesta visão.

- Quem é ela?

- É a filha do homem moribundo. A história que estás a presenciar diz respeito a ela, realmente. Chama-se Mary e tem todas as razões do mundo para desprezar o homem que jaz na cama.

- Por que havia de odiar o seu pai?

- Porque ele abusou dela, repetidamente, quando ainda era uma menina. Isso marcou-a, física e emocionalmente. Arruinou-lhe a vida.

O Anjo fez uma pausa e ambos olharam para Mary, que se aproximava da cama. A mãe nunca soube de nada, porque Mary estava demasiado aterrorizada e não sabia como lhe dizer. Isso afectou a relação entre mãe e filha, e Mary saiu de casa assim que pôde, para ficar longe do seu lascivo pai. A mãe pensou que a filha não a queria, e nunca foram capazes de trocar qualquer tipo de amizade adulta. Mary nunca lhe falou no assunto e a mãe morreu pensando que a sua filha a detestava.

- Isso é terrível, Branco!

Mike estava verdadeiramente aflito. Reconhecia a injustiça da situação e sentia muita pena por Mary. O Anjo olhou-o com ironia.

- Eles são da mesma Família, Michael... Parece que já esqueceste as lições da Morada Vermelha!

Mike ficou envergonhado. Não, não esquecera aquelas lições, mas era a primeira vez que tentava aplicar, noutra ser humano, o que aprendera sobre a sua própria família espiritual. Apercebeu-se que Branco fizera alusão ao facto de o pai e a filha terem um Contrato cármico, exactamente como os que ele tinha com a sua própria família espiritual. Mas o Anjo continuou:

- A coisa piorou. Sempre que tentava ter uma relação encontrar um marido, as experiências da infância com o pai estragavam as suas iniciativas. Nunca foi capaz de se casar e ser feliz, nem de ter filhos.

- Que acordo! - disse, suspirando.

Sentia-se acabrunhado pela dureza do que Mary fora obrigada a viver. O Anjo olhou-o com admiração. Não tinha de dizer nada, pois esta era a forma de o levar a testar o que aprendera, até ao momento, na Viagem.

- Compreendes, Michael Thomas, que o que aconteceu entre Mary e o seu pai era um Contrato de um amor incrível?

- Compreendo. Mas, como ser humano, continuo a pensar que é um conceito difícil de entender e aceitar.

- É difícil porque a tua dualidade está a funcionar, Michael. É possível que nunca aceites completamente algumas destas coisas, enquanto tiveres forma humana... o que é muito compreensível.

Mike continuou a observar a situação no quarto do hospital. Mary permanecia em silêncio ao lado do pai, talvez esperando que ele despertasse. Pousou a mala na mesa-de-cabeceira.

- Deve odiá-lo muito - comentou, em voz baixa e com tristeza.

- Não, Mike. Ela quer-lhe muitíssimo.

Espantado com a afirmação, interrogou:

- Depois de tudo o que ele lhe fez?

O Anjo Branco voltou-se, olhou-o de frente e respondeu:

- Mary tem algo em comum contigo, Michael Thomas. E, também, algo que não partilham.

O Anjo deteve-se e olhou intensamente para o seu acompanhante para ver a sua reacção. Este limita-se a ouvi-lo:

- Ao contrário de ti, ela está agora na Terra. Mas, tal como tu, adquiriu uma maior compreensão da informação que já recebeste nas primeiras cinco Moradas.

Mike estava atónito! Pensara que o caminho espiritual era algo que um ser humano só recebia após fazer a Viagem a que ele se entregava, naquele momento. Não soube o que dizer. "Como era possível?" O Anjo viu a sua angústia e confusão, mas continuou a explicar:

- Mary operou as suas próprias mudanças vibratórias, Michael, o que consumiu quase nove anos da sua vida. Tu fizeste as tuas, apenas em algumas semanas! És realmente especial. No entanto, a informação que compilaste nas primeiras cinco Moradas, mais a informação que vais encontrar nesta e na última Morada, tem estado na Terra há muitíssimo tempo. Para um ser humano aceder a essa informação só tem que se aperceber da sua dualidade e encontrar a verdade da existência. Escreveu-se muito acerca de como funcionam essas coisas, e há muitos mestres humanos que podem ajudar a conseguir esta compreensão.

Mike estava muito calado. Esta era uma informação realmente nova, que tinha de assimilar lentamente para entender o que significava. Estava a começar a sentir-se inquieto. Será que, naquela visão, quando ele próprio estivera no hospital, errara ao pedir a Branco que lhe permitisse deixar a Terra para regressar a Casa? Agora, apercebia-se que tudo o que aprendera, também podia ser alcançado se tivesse ficado!

- Branco, por que demorou ela nove anos?

- Porque foi o seu próprio ritmo, Michael, o qual foi respeitado. Ela não teve o privilégio, que tu tiveste, de contar com Anjos como professores. Não teve a honra, que tu tiveste, de te encontrares com a tua Família, frente a frente. Em relação a ti, ela não sabe os nomes angélicos dos membros da sua Família. Levou-lhe muito tempo, porque continua na vibração da terceira dimensão e vive numa energia mais densa. Portanto, por causa disso, a sua dualidade é mais forte e a sua consciência e iluminação tardaram mais.

Mike sentou-se e olhou para Mary. Ali estava ela, vibrando num nível muito alto, mesmo aparentando ser pequena e frágil.

O Anjo Branco, ao ler-lhe, novamente, a energia, disse:

- Não deixes que as aparências te enganem, Michael. As coisas não são o que parecem. Ela é uma Guerreira da Luz. Matou o gigante e é poderosa!

Mike começava a sentir-se realmente incomodado. O que significava aquilo exactamente? Começava a questionar-se sobre o assunto quando Branco falou outra vez:

- Michael Thomas de Intenção Pura, estamos aqui para observar como esta mulher, aparentemente insignificante, te ensina as quatro qualidades do amor.

Mike estava muito quieto. Intuitivamente sabia que havia muito para aprender. Mesmo agora, pensando que chegava a Casa, as coisas estavam a complicar-se ainda mais. O Anjo continuou a falar:

- Toma atenção, porque ela traz consigo o mesmo poder que eu. Ela compreende o Amor, Michael, e uma parte de mim mora nela, por causa disso. Não existe maior poder do que este. Ela também aceitou o Ser Dourado.

Mike sabia que não era o momento de mais perguntas. Olhava a cena, enquanto o Anjo Branco continuava a explicar os acontecimentos:

- Michael Thomas, a primeira qualidade do Amor é este: **o Amor é silencioso**. Deves ter notado que ela não entrou no quarto com tambores e apitos. O pai pedófilo está muito doente. Não pode defender-se e está débil. Esta, seria a sua grande oportunidade para se vingar. Ela podia ter entrado fazendo escândalo, anunciando-se para o atemorizar. Ele sabe o que fez, Michael, e, por isso, sente-se culpado e envergonhado. Isto também afectou a vida dele, já que, durante anos, lidou muito mal com o tema. Espiritualmente, não sabe o que ela sabe, nem tem o novo poder que ela tem. Repara como ela está tranquila, Michael Thomas.

Mike e o Anjo Branco observaram, silenciosamente, como Mary aconchegava os lençóis da cama do pai e se sentava ao lado dele, apoiando delicadamente a cabeça sobre o peito dele. Podia sentir o que ela sentia! De alguma maneira, a Anjo apercebia-se. Havia paz e serenidade, tanto na mente como na atitude dela, e, no seu coração, não havia nenhuma intenção de represália. Perdoara ao pai tão decididamente que, na sua mente e coração, não havia sentimentos de vitimização ou cólera. Que mulher! Compreendeu a compaixão que ela experimentava por esse homem que cumprira o seu Contrato com tanta eficiência, deixando uma marca pesada e grave na vida dela.

Passou algum tempo, até que, finalmente, o pai abriu os olhos e se apercebeu da presença da filha. Ao ver que ele despertava, Mary levantou-se. O pai abriu os olhos desmesuradamente, denotando sentimentos instantâneos de surpresa e temor. Ela estava ali! O que viera fazer? Não a vira durante muitos anos! Iria vociferar contra ele... ou fazer-lhe algo pior? Começou a reagir à situação, e os instrumentos, que mediam os seus sentidos vitais, começaram a aumentar de actividade. Os sons intermitentes, agudos, contínuos e sibilantes aceleraram.

A voz de Branco era doce e maravilhosa:

- Repara, Michael. Esta é a segunda qualidade do amor puro: **o Amor não tem planos**. Neste momento, ela podia pedir o que quisesse porque ele está débil e sente-se culpado. É um homem rico. Podia pedir-lhe riqueza ou uma indemnização legal pelo que fez, ou que se limitasse a retractar-se, em voz alta, da sua conduta do passado, para ela puder ouvi-lo. Podia ameaçá-lo com prejuízos e com a delapidação do património... ou ambas as coisas. Mas... observa-a, Michael.

Mary colocou uma mão na cabeça de seu pai e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. Imediatamente, a actividade dos instrumentos voltou a ser normal. O doente suspirou. Mike reparou como se lhe enchiam os olhos de lágrimas.

- Que lhe disse ela, Branco?

- Disse-lhe: "Gosto muito de ti, pai, e perdoo-te de todo o coração".

Mike estava impressionado por este drama estar a desenrolar-se perante os seus olhos. Perguntou-se se teria tido o poder da sabedoria para fazer o mesmo, se estivesse naquela situação. Sentiu uma grande admiração por Mary.

- Ela não lhe pediu nada?

- Não, Michael. Ela está simplesmente contente por **ser**.

De novo sentiu o que Mary sentia. Tudo estava concluído e se desenrolava de acordo com o carma existente entre eles. Ela era clara, e estava dando ao pai, com a mesma clareza e sentido de conclusão, um aspecto importante da sua vida comum: acabava de desarmar algo que consumira o seu pai, com culpa e aflição, durante mais de trinta e cinco anos! Podia ver-se, perfeitamente, no rosto dele. Mary, em vez de lhe pedir algo como compensação, tinha-lhe dado um presente. Agora, as suas lágrimas eram abundantes e fluíam silenciosamente pelo rosto. Mary sentou-se, de novo, e estreitou entre os braços aquele homem tão querido que era o seu pai, e voltou a apoiar a cabeça contra o seu peito. Já não houve mais diálogo. Não era necessário.

- Michael Thomas, a terceira qualidade do amor é: **o amor não se orgulha de si mesmo**. Agora, que ela demonstrou que a sua maturidade é gloriosa, não diz nada. Agora, ele deve-lhe muito pela sua divina reconciliação, mas ela guarda silêncio. Podia ter usado o seu poder para se levantar, orgulhosa por ter sido capaz de o perdoar, mas guarda silêncio. Tinha todo o direito do mundo para se pôr de pé arrogantemente orgulhosa dos nove anos, que empregou para chegar onde está, mas guarda silêncio.

Mike sentia respeito por esta mulher. Realmente, era uma Guerreira da Luz, e sabia coisas que ele só agora começava a aprender. Quem iria imaginar tal coisa? Ela continuava na Terra... e possuía esse conhecimento! Que vida tão rica e cheia de paz devia ter! Estava introspectivo, enquanto captava plenamente a cena que se desenrolava à sua frente.

Não havia nada que o pai pudesse dizer. A filha perdoara-lhe tudo e sentia uma paz e uma libertação maravilhosas no mais profundo do ser. Mary não fizera nada espiritual pelo pai: somente se tinha superado a si mesma, o que se repercutia nele. Todavia, algo ainda estava por esclarecer. Sabia estar a ver algo de grande significado.

Por um momento, o pai contemplou a sua maravilhosa filha e fechou os olhos com suavidade. O seu sorriso era de pura paz. Ela tinha-lhe dado a dádiva de uma vida... mesmo a tempo. Os instrumentos, a que o pai estava ligado, começaram a fazer ruídos alternados e em diferentes volumes de som. Os sinais terminaram, e Mike soube que aquele homem acabava de morrer. O pessoal médico precipitou-se para o quarto, mas já não havia nada a fazer. Depois de muita actividade e das acções finais, cobriram-lhe a cabeça com o lençol e deixaram-no só, com Mary.

O Anjo Branco falou novamente:

- Michael Thomas, a quarta qualidade do amor puro é: **o amor tem a sabedoria para usar perfeitamente os outros três atributos!** Mary calculou tudo perfeitamente e chegou no momento oportuno. Para saber exactamente quando devia vir visitar o pai, usou um mapa intuitivo. Agora, olha bem para o que ela faz.

Mike deslocou a atenção para a cena do quarto. Mary não soluçava incontrolavelmente por ter perdido o pai, nem estava cheia de aflição, apesar de o amor por esse homem ser enorme. Pedira permissão ao pessoal médico para ficar ali com ele. Reparou que ela colocava a mão sobre o peito da figura coberta, que fora o seu pai, a semente da sua existência. Levantou a cabeça e olhou para o canto do quarto onde estavam o Anjo Branco e Mike! Parecia falar directamente com eles! Pela primeira vez, ouviam a potente voz de Mary, cheia de autoridade:

- Que a Terra recorde este homem, a quem tanto quero. Ele veio e cumpriu o seu Contrato perfeitamente. Aceito a sua dádiva! Celebro o seu regresso a Casa.

Depois, pausadamente, baixou os olhos, recolheu as suas coisas e saiu do quarto.

Mike estava boquiaberto com o que acabava de presenciar. Sentia a força do momento e estava emocionado. Acabava de contemplar a finalização e a conclusão do Contrato de uma vida. E que final!

- Foi a sabedoria do Amor o que permitiu a Mary celebrar esta morte, em vez de chorá-la - finalizou, muito sabiamente, o Anjo Branco. Olhou-o e perguntou-lhe qual era a sua reacção:

- O que sentes, Michael Tomas de Propósito Puro?

O Anjo não estava impaciente, e esperou que o seu acompanhante recuperasse a serenidade.

Aclarando a garganta, disse:

- Sinto... que esta mulher me ensinou, em pouco tempo, tanto como os Anjos durante toda a minha Viagem até aqui. Não é que não aprecie o trabalho dos Anjos...

Branco levantou a mão etérica e interrompeu-o.

- A tua resposta é perfeita, Michael Thomas. Perfeita. Foi o ser humano quem teve a capacidade de criar a diferença. Assim é como deve ser, e assim será, também, na próxima prova.

Naquele instante, a cena tornou-se difusa, e novamente teve a sensação de ser transportado. Num ápice regressaram ao quarto branco da Morada Branca, o seu ponto de partida. Porque permanecesse muito calado, o Anjo Branco questionou:

- Queres perguntar alguma coisa, Michael Thomas?

Pensou que era isso o que realmente queria. Sabia que não era tão poderoso como Mary e que, apesar já ter compreendido muitíssimo sobre o funcionamento das coisas, não possuía o sereno poder daquela mulher. Tinha armas, um mapa mágico e muito conhecimento, tinha uma elevada vibração e experimentara muitas coisas. Mas carecia do Amor que ela mostrava. Então, fez a pergunta mágica:

- Posso vir a ter esse poderoso amor, Branco?

- É a tua intenção que seja assim, Michael Thomas?

- É.

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus?

Ergueu-se, pensando ser essa a razão por que todos os Anjos lhe tinham feito aquela pergunta: para que, quando chegasse o momento preciso, ele pudesse estar ali a responder.

- Sim, Branco - respondeu, muito formal.

- Então, permite que o teu propósito puro crie esse poder!

Mike não sabe do que aconteceu a seguir. Perdeu a consciência como ser humano e teve sonhos. De alguma maneira, foi transportado para outro lugar... Houve uma cerimónia... Houve uma celebração... Deram-lhe algo... um dom que podia levar na estrutura celular biológica. Ali estavam, outra vez, os seus pais! Tudo era muito difuso... muito maravilhoso.

Quando despertou, jazia numa cama branca, nos seus aposentos brancos. Era noite e estava exausto. Sentia que participara numa espécie de prova cerimonial enorme. A sua mente estava adormecida e não conseguia concentrar-se. O que tinha acontecido? Podia resolver isso mais tarde. Agora, queria dormir. Arrastou-se até conseguir meter-se debaixo dos lençóis e adormeceu num instante.

Como antes, dormiu muito bem.

\* \* \*

Quando se levantou na manhã seguinte, sabia que, uma vez mais, se produzira uma mudança no seu organismo. Ficou sentado na beira da cama durante um momento, pensando em tudo o que acontecera. Estava repousado e tranquilo. Sentia-se como novo! Embora não pudesse caracterizar o estado em que se encontrava, sentia que possuía mais sabedoria em relação ao seu ser. Sabia muitíssimo mais... e era nisso que se encontrava a ameaça!

Não conseguia deixar de pensar na imagem de Mary e do pai. Ela estava na Terra, mas já era um maravilhoso ser espiritual. Conseguira mudanças enormes na sua vibração e tinha uma intervenção poderosa na sua vida. Ela tinha ficado, não pedira para ir para a Casa, tinha suportado a vida na Terra e percorrido todo o trajecto. Ele, pelo contrário, tinha-se assustado!

Em que parte de tudo isto estava a integridade? Começava agora a detectar onde a sua nova sabedoria criava um tipo de introspecção e de avaliação da integridade nunca atingido. Ele era honesto, talvez um dos homens mais honestos. Tinha valido a pena viver na quinta e ser educado por uns pais maravilhosos, mas isso não lhe proporcionara sentimentos como os que agora experimentava. A honestidade terrena não era a mesma que a honestidade espiritual. A honestidade espiritual parecia incluir a sabedoria em várias dimensões, antes que a verificação da integridade terminasse. Começava a compreender o que Vermelho e Branco tinham querido dizer a respeito da sua opção de continuar ou não a fazer o Caminho. Com a sabedoria recém-descoberta, a sua maneira de pensar começava a mudar. Era correcto o que fazia? Havia uma busca espiritual maior do que a que pedira?

Continuou a pensar em tudo isto enquanto se levantava, vestia e tomava o pequeno-almoço. Quando chegasse o Anjo Branco, far-lhe-ia algumas perguntas mais precisas. O Anjo podia ajudá-lo nestas questões. Sabia que ele podia ajudá-lo.

Branco estava à espera, como habitualmente, do outro lado da porta. Foi ao seu encontro, mas sem nada dizer. O Anjo esperou que ele se apercebesse do que havia de novo em tudo o que o rodeava. Toda a imprecisão das paredes, dos chãos e dos vestíbulos tornara-se nítida. Viu a intrincada concepção, que não tinha compreendido antes. Era lindo! Mas isso não era tudo. A sensação de entrar dentro da luz do Anjo era surpreendente! Ele e esse ente branco partilhavam algo que comunicava associação. Sentia que, de alguma maneira, fazia parte do que Branco era. Desejara-o e, por isso, sentiu que a respiração se acelerava.



- Esta é a tua nova percepção visual, Michael Thomas. Este é o início de uma mudança dimensional e biológica. É igual à de Mary. Estás a experimentá-la porque a desejaste com uma pureza que raramente vimos.

- Branco, tenho de te fazer algumas perguntas muito importantes.

Tentou estar tranquilo e ser muito respeitoso na forma de expressar esta afirmação, mas ficou emocionado ao ouvir como soava a sua própria voz! Era mais sonora, ou mais forte? Não. Era estranhamente diferente, e sentiu-se incomodado com a mudança. Era quase como uma violação da sua pessoa. Ficou angustiado.

Com uma voz compassiva e reconfortante, o Anjo pediu-lhe:

- Michael, fica quieto um momento. O que ouves quando a minha voz te fala? Ela tem um complemento de amor e paz, que te afectou desde o início da nossa associação. Lembras-te que até me questionaste sobre isso? Parecia que a tua intenção de avançar podia roubar-te preciosas coisas pessoais. Este é um elemento essencial da tua Viagem. Lembras-te do que comentou Azul? Disse-te que a tua vibração anterior era confortável e que te custaria um pouco a acostumares-te à nova. Quando saíste da Morada de Laranja também aprendeste um pouco sobre isso, quando te viste obrigado a desfazeres-te dos teus antigos pertences. Lamentaste e chorastes a sua perda, mas foi necessário para poderes avançar. Rapidamente deixaste de pensar neles. Ontem, propuseste-te realizar uma transformação maiúscula e, em resposta ao teu pedido, fizeste uma grande mudança, que será mais pessoal à medida que fores avançando, Michael. A tua visão, a tua voz e os teus pensamentos assumirão uma dimensão maior. Estás a tornar-te um Guerreiro da Luz, exactamente como Mary.

Mike sentiu que uma corrente de sabedoria e compreensão fluía das palavras do Anjo. Porém, a informação recebida também potenciou a sua necessidade de o questionar sobre a sua busca espiritual. Ignorando, o melhor que pôde, o novo timbre estranho da sua voz, disse:

- Obrigado, Branco. Eu entendo. Estou agradecido pela dádiva. Usá-la-ei como fiz com os outros atributos. Mas, por favor, precisamos de falar. Necessito de conselhos.

O Anjo, sabendo que isso aconteceria, disse:

- É muito o que posso dizer-te, Michael, e responderei a tudo o que me for possível. Também há uma área destinada exclusivamente à tua sabedoria. A tua vontade deu-te o poder da escolha fundamental e do discernimento sábio. Estas opções são sagradas e contêm a tua própria essência. Elas dão forma ao teu futuro e criam a tua realidade. Afectam os que te rodeiam, sendo por esse motivo que as deves utilizar.

Mike esperava esta resposta. Desde o início da Viagem sabia que os Anjos não fariam a aprendizagem por si próprio. Sabia que as lições eram suas e que, fizesse o que fizesse, seria um processo da sua própria mente. Contudo, tentaria extrair algum conhecimento que o ajudasse a compreender melhor o que estava a acontecer, e o que deveria continuar a fazer.

- És um bom mestre, Branco.

A sua nova voz soava diferente. Recordou-se da primeira vez em que escutou a sua voz, gravada numa cassete, quando era criança. "É assim que soa a minha voz?", perguntara-se. "Não pode ser!". A situação actual era similar.

Rapidamente, antes que aquele Humano perguntasse mais alguma coisa, o Anjo Branco deu meia volta e dirigiu-se à cozinha. Seguiu o enorme ser flutuante... como se estivesse a percorrer uma Morada completamente nova. As coisas estavam muito diferentes. A beleza era espantosa e espectacular. Parecia uma maravilhosa galeria de arquitectura e escultura, ao mesmo tempo. Em todos os lados havia coisas surpreendentes para ver! Tinha perdido tudo aquilo por causa da sua percepção visual anterior. E perguntou-se o que estaria a perder naquele momento, ou seja, o que viria a ver em dimensões mais elevadas.

- As cores, Michael - respondeu-lhe Branco sem sequer se voltar.

- Desculpa?

Mike não entendeu a frase e continuou a andar.

- O que estás a perder são as cores.

- Mas esta Morada é branca.

O Anjo soltou uma gargalhada, que se expandiu pelos corredores e fê-lo sorrir.

- Só para os olhos humanos. A verdadeira cor do Amor está muito para além da vibração que compreendes. E não é branca, como a vês. Para ti, é branco porque não consegues aceder a nenhuma das outras vibrações universais. Para ti está desprovido de cor. Na realidade, a cor resplandece como uma capa sobreposta de todas as vibrações universais juntas. É pura e encontra-se na parte superior do espectro. É a cor de uma luz interdimensional, tão grande que tem substância e espessura. É um bilião de vezes mais brilhante do que o Sol do sistema a que pertence a Terra. É a cor da verdade. É muito o que não podes ver por seres humano.

- Adoro este lugar! - exclamou.

- Já veremos se esse sentimento se mantém.

Novamente reagiu com curiosidade à insinuação do Anjo, a respeito de uma hipotética mudança. Tinha mais perguntas para fazer, mas continuaram a percorrer os labirínticos vestibulos até que, finalmente, chegaram a uma sala com janelas e uma cadeira.

- Trata-se de outra Viagem?

- Não exactamente. Mas vai levar-te a um destino.

O Anjo colocou-se na sua frente e dispôs-se para continuar com o assunto.

- Michael Tomas de Propósito Puro, o que queres saber?

Mike já sabia todas as perguntas que ia formular.

- Branco, desde o mais profundo da tua sabedoria e de uma maneira que eu possa entender, podes dizer-me se a minha procura nesta grandiosa terra é espiritualmente apropriada?

Mike necessitava saber, directamente da Fonte, se o que fizera estava correcto.

- Claro que posso.

O Anjo Branco permaneceu em silêncio durante um momento, como se fosse responder simplesmente com um "sim" ou "não". Depois prosseguiu, antes que Mike pudesse pressioná-lo mais.

- Desde o início te comentei que o que estavas a fazer é o correcto para a tua vida. Por outro lado, seria impossível que todos estivéssemos a apoiar alguma coisa que não fosse adequado para ti.

- Mas... E Mary? – soltou, impulsivamente, utilizando a sua voz incontrolável. - Ela tem todos os dons, mas continua na Terra. Não é isso melhor? Não representa uma vontade espiritual mais elevada?

- Para ela, sim - respondeu sensatamente a Anjo Branco.

- Mas eu estou a treinar-me para servir a mim mesmo, Branco! Vou para a Casa onde reside o Amor. Pedi uma coisa egoísta. Como vai isso servir a Terra? Estou num caminho que parece não trazer nada, excepto o que eu quero.

- Parece?

- Sim, parece isso.

Mike estava exasperado. Ficou em silêncio.

- Desde quando te interessa servir a Terra, Michael?

Branco divertia-se com a conversa. Mike, apanhado de surpresa pela pergunta, não conseguiu responder imediatamente.

- Não sei... Suponho que tudo isto faz parte do meu novo eu.

- Que te disse eu, quando nos conhecemos, a respeito do que se parecem as coisas?

- Que as coisas nem sempre são o que parecem!

Este, estava a ser o assunto recorrente da Viagem. E, tanto Azul como Violeta, tinham dito as mesmas palavras. Com Branco, já três Anjos tinham dito o mesmo.

- Muito bem - aprovou Branco. - Que mais?

Mike ficou em silêncio. Não se lembrava. Mas o Anjo acrescentou:

- O desejo de voltar para Casa não é egoísta; é natural, e não se contrapõe ao desejo de honrar o teu propósito como ser humano. Tendo tu chegado até aqui, dir-te-ei o seguinte: Actualmente, no teu planeta, há uma Nova Energia que vibra com a mudança potencial e um propósito maravilhoso. O teu pedido de fazeres a Viagem para Casa é louvado, devido a essa Nova Energia. Por isso, a tua Viagem é algo que poucos seres humanos empreenderam já que, até agora, não era possível. Tu, Michael Thomas, és um precursor deste processo. Esta é a razão pela qual celebramos tanto o teu êxito e sabedoria.

Mike ficou em silêncio durante bastante tempo. Finalmente falou:

- De acordo. Então a coisa está autorizada!

Mike estava a ser lógico, pois avaliava os factos à medida que os ia conhecendo. Continuou:

Mas... não seria melhor para mim voltar à Terra e fazer o que Mary fez?

- Para ti? - Branco abanou a cabeça. - Não estaremos a ser egoístas?

- Não estou a falar nesse sentido...

Mike apercebeu-se que um argumento lógico não funcionaria com o Mestre do Amor.

Quero dizer... Onde deveria estar eu, realmente? Como deveria actuar para conseguir o melhor bem para tudo e todos? É esta a minha verdadeira pergunta.

Esta franqueza gerou no Anjo um sentimento de grande orgulho. Sorriu abertamente e disse com seriedade:

- Ao fazeres esta pergunta, Michael Thomas, demonstras que estás a começar a compreender verdadeiramente como funcionam as coisas. A tua sabedoria começa a manifestar-se.

- Obrigado, Branco, mas qual é a resposta?

Mike, ignorando o cumprimento, estremeceu ao pressionar o Anjo para lhe dar mais informação. Era incómodo ser tão agressivo com uma entidade que era a personificação da gentileza.

- O maior bem? É a tua própria realidade, Michael. E tu, como ser humano que vibra com uma nova intensidade, irás criá-la para ti. Não existe um único ser em todo o Universo que o possa fazer por ti.

O Anjo Branco, que se afastara enquanto falava, chegou à porta. Mike compreendeu que entrara numa discussão sem saída. Este era o género de perguntas que os Anjos não queriam ou não podiam responder. Tentou uma nova tática.

- Branco, serei capaz de discernir o que é o bem supremo para tudo e todos?

- No próximo passo poderás vir a sabê-lo.

O Anjo abriu a porta e dispôs-se a sair. Mike perguntou-se para onde iria o Anjo, que continuou a explicar:

- Ainda não tens toda a informação, Michael. Esta é a Morada do Amor. Ainda te falta ver muito, por aqui.

Dito isto, saiu para o corredor. E enquanto fechava a porta atrás de si, acrescentou:

- Michael, a partir de agora, as coisas serão mais difíceis para ti.

E saiu, fechando a porta sem fazer ruído.

Mike ouviu o som da porta a fechar-se e tudo ficou em silêncio. Sabia que alguma coisa estava para acontecer, algo poderoso. O que poderia fazer mais? O que podia acontecer-lhe que causasse, na sua alma, uma inquietação ainda maior do que a conveniência daquela Viagem? Voltou-se na cadeira e olhou para o local onde o Anjo estivera. Esperou pacientemente. Estava consciente que o que iria acontecer seria sem a participação dele. Fosse o que fosse, era necessário enfrentá-lo sozinho e, obviamente, Branco queria que assim fosse.

Todo o aposento parecia estar a mudar paulatinamente e a luz envolvente mudou. O branco das paredes tornou-se ténue e, em frente da cadeira onde estava, a aproximadamente quatro metros, apareceu uma névoa refulgente que, lentamente, foi tomando a forma de uma figura. Estava muito atento, pois ia conhecer alguém. Lembrou-se que o Anjo Branco comentara que isto aconteceria. A figura começou a definir-se. Como um cenário intensamente iluminado, a zona que rodeava a figura emergente tornou-se cada vez mais brilhante para ele poder ver quem ganhava forma. Como estava a acostumar-se a esta maneira mágica de apresentar as coisas, continuou sentado na beira da cadeira, observando, detalhadamente, o espaço que se transformava à sua frente.

Era uma silhueta feminina! Gradualmente, a figura começou a tomar forma sob o seu olhar atento, que respirava profundamente à medida que a apreensão aumentava. A intuição estava a funcionar em pleno e todas as células do corpo vibravam excitadas, comunicando-lhe que estava perante algo extraordinário. Os novos dons do discernimento diziam-lhe que ia surgir algo único e poderoso. Finalmente, a imagem materializou-se completamente. A visitante estava ali!

A visão daquela mulher deixou-o sem fôlego. Nela, havia mais do que simples encanto. Teve uma sensação instantânea de familiaridade, de ligação, e isso transtornou o seu interior. Ela era espectacular! E ele, o que sentia? Por que dispararam os alarmes do seu coração?

O chamejante cabelo loiro emoldurava um rosto perfeito de compaixão e de uma beleza incrível. Ela sorriu e o coração quase lhe saltou do peito. Os seus olhos verdes refulgiam como esmeraldas, contrastando com o perfeito marfim da pele. Teria jurado que, novamente, cheirava a violetas. À sua mente chegou todo o tipo de pensamentos. Quem sabe se ela não era a Deusa do Amor, como as sereias das lendas ancestrais? Tinha dificuldade em respirar, até que percebeu que sustinha a respiração! O que estava a acontecer? Olhou-a espantado. O que o desfalecia daquela maneira? Por que trabalhava assim o seu coração? Sentia o cérebro macio e espesso pelo que, perante a visão daquela criatura maravilhosa, suspirou profundamente.

Já vira muitos Anjos no decorrer da Viagem, mas este era o mais excelso de todos. Talvez fosse isto que Branco referira, quando lhe revelou a existência de alguém ainda mais magnífico. Não conseguiu proferir uma palavra. A ligação entre o coração dessa mulher e o seu era espantosa. Sentia como se estivesse numa reunião, prestes a dar as boas-vindas a um amor perdido há muito tempo atrás. Agora, a névoa dissipara-se completamente e ela estava, com toda a sua magnificência, na mesma dimensão que ele.

Estava maravilhado. Em toda a sua experiência, nunca se sentira a vibrar daquela maneira. Não conseguia concentrar-se nas palavras que queria dizer. Não sabia o que perguntar. Conhecia-a... ou tinha conhecido? Como era possível que a sua presença o afectasse daquela maneira? Por que tinha aquele sentimento de recordação? Apercebeu-se então que a tinha reconhecido! O rosto dela constava do esquema da sua Família, na Morada Vermelha; era um dos que não tinham emergido na sua vida. Tratava-se da imagem de uma mulher loira, cuja energia captara imediatamente o seu interesse. Porque não se tinha apresentado até

então? O que foi que o Anjo Vermelho lhe dissera sobre as pessoas que ainda não tinha conhecido? O que eram “Contratos que ainda não se tinham cumprido”? O que significava isso?

A revelação desprende-se lentamente da sua mente, enquanto ambos se continuavam a olhar num silêncio denso. “Se ela consta do quadro da Morada Vermelha, então não é um Anjo, mas sim uma parte da minha família cármica!” Começava a surgir uma sensação de mal-estar com este encontro, porque a sua alma cantava uma canção completamente nova para ele. Era uma canção que falava de prazer, vontade e amor. Que dicotomia de sentimentos! Parte do cérebro dizia-lhe que estava prestes a ter problemas, e outra parte estava contente. A parte que estava feliz parecia a de uma criança de vista à Disneylândia, pela primeira vez, depois de ter contado os dias e suportado a agonia da espera até chegar a grande recompensa.

O seu coração era a parte inquieta. Sentia-se como se estivesse dentro de um espremedor! Sentia-se como um pateta e, novamente, percebeu que respirava inadequadamente. A figura à sua frente afectava-lhe a fisiologia. A visão da sua magnificência provocava-lhe reacções no organismo. “Por que estou a suar das mãos?” Ela não era um Anjo, mas, estar ali, na sua frente, afectava cada uma das células do corpo. Já não sabia se dispunha de força física para falar. Sentia os olhos rasos de lágrimas e estava emocionado, como se visse um amigo, que se tivesse perdido há muito tempo atrás e que considerava morto. Esta era, certamente, uma experiência realmente memorável. Por sorte, foi ela a primeira a falar.

- Mike, sou eu.

A familiaridade e a bondade da sua voz deixaram-no praticamente fora de combate. Alegrou-se por estar sentado, porque os joelhos fraquejavam e as pernas tremiam como se fossem de algodão. Todo o corpo reagiu à voz, indiscutivelmente conhecida. Mas, quem era ela? Os seus olhos brilhantes e a sua expressão suplicavam-lhe que a reconhecesse. Tinha de falar. Estava a segregar adrenalina como um colegial que reage perante a rapariga mais bonita, que atravessa a sala para falar com ele. O corpo físico dela era esplêndido e a roupa assentava-lhe como uma luva. Imaginava o que seria abraçá-la. Oh, Deus! Com incómodo e desgosto, deu consigo a pensar nas primeiras etapas do desejo físico! O que é que Verde dissera sobre isso? Dissera que, no amor puro, as reacções íntimas, físicas, representavam o catalisador para a iluminação. A sua humanidade fazia com os pensamentos parecessem fora de lugar; a verdade, porém, é que estavam a acontecer e os sentimentos pareciam ser apropriados e espiritualmente perfeitos. Logo escutou o riso do Anjo Verde, mas ignorou-o. Juntando todas as forças, disse com uma voz trémula.

- Tens uma roupa muito bonita.

Deus meu! O que estava ele a dizer? Que coisa mais sem interesse, trivial, inapropriada, néscia e insonsa tinha dito! Esta criatura magnífica aparece na Morada do Amor, provoca-lhe um respeito reverencial... e aquilo era a única coisa que lhe ocorria dizer? Ficou mortificado pela sua estupidez. Ela sorriu-lhe; ele derreteu-se.

- Obrigada, Mike - disse ela, piscando-lhe o olho. - Sou Anolee e represento o teu Contrato amoroso.

De alguma forma, já o sabia. O seu coração batia com muita força ao ouvir a voz dela. Secou as mãos suadas nas calças... e percebeu que ela reparou no seu gesto. Ela aproximou-se, acompanhada da luz que a banhava, enquanto ele se encolhia na cadeira, tentando desaparecer, ao mesmo tempo que fazia um esforço para retroceder. Em resposta, ouviu-se o ranger do almofadado da cadeira. Queria levantar-se, mas sabia que o mais provável era cair, e não queria correr o risco dela o presenciar. Já fora ridículo o suficiente. A sua timidez fê-la sorrir, mas não comentou nada. Ele estava acabrunhado pela sua presença. Quando ela se aproximou, viu-a a andar e reconheceu a sua maneira de se mover. Realmente, uma parte dele conhecia-a intimamente. A sua proximidade só avivou a consciência de quem ela era. Anolee continuou a falar:

- Se tivesses ficado na Terra, Mike, havia um potencial para o nosso encontro. Lembra-te de que o planeámos juntos?

Mike não se recordava e não queria saber disso. Ela viu o início da expressão sua dolorosa e o seu coração apreensivo.

- Não há problema. Estou aqui para te dizer que respeitamos o que estás a fazer. A Família está orgulhosa e todos estamos a celebrar. Eu, em especial.

Mike não podia deixar passar o que era evidente. Não lhe importava que não “houvesse problemas”. Não lhe importava que a Família estivesse a celebrar tudo aquilo. Ela era tudo o que ele queria! Tinha passado a vida inteira procurando pelo verdadeiro amor. Toda a vida em busca disso. Sabia que o amor perfeito era possível, que podia estabelecer uma associação que estivesse predestinada e que fosse correcta perante Deus. Tinha rezado por isso quando era criança, ao observar como os pais estavam apaixonados e como se tratavam mutuamente. Ao tornar-se adulto tivera essa expectativa e, por essa razão, se sentira deprimido

após a ruptura da relação amorosa. Esse episódio fora o motivo da sua busca de realização na Terra. Fora o seu Contrato! Agora, manifestava-se na sua frente. Era-lhe permitido dar as boas-vindas... e saber que sempre estivera ali. Compreender isto foi como receber uma martelada no coração. **Saíra da Terra demasiado cedo!**

Então, outro pensamento fê-lo crisar-se, e viu-se obrigado a perguntar:

- Anolee, no Contrato, estabelecemos que teríamos filhos?
- Deveriam ser três.

Esta resposta aniquilou-o. Não conseguia falar. Deixou que ela continuasse a dizer-lhe os nomes espirituais dos filhos, mas ouvir cada uma das palavras era uma agonia. Mesmo que ela estivesse ali para o honrar através do Amor, era uma tortura. O coração destroçava-se, pedaço a pedaço, com cada palavra, ao dar-se conta do que perdera. As crianças que não tinham nascido! As experiências! O que tinha feito ele, Santo Deus?

Começou a perder o controle e as emoções começaram a aparecer. Queria abraçá-la, dizer-lhe o quanto sentia por não ter ficado na Terra. Mesmo que esse não fosse o motivo da presença dela ali, ele queria fazê-lo, fosse como fosse. As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto e começou a tremer. Ela tinha terminado de contar a sua história e dera-lhe a informação que tinha de dar.

Anolee permaneceu em silêncio, em frente de Michael Thomas. A energia potencial que existia entre eles era tão densa que podia ser cortada com uma faca. Perante ele estava um esplêndido ser feminino, mais belo do que alguém pudesse imaginar, e a única coisa que era capaz de fazer era estar sentado naquela cadeira a soluçar. Era patético. Todos os seus sentidos estavam saturados da essência do fracasso.

A electricidade da atmosfera chispava com a energia da vontade espiritual e do amor, mesmo que, aparentemente, não tivesse sido realizado e perdido para sempre. O cheiro da ironia era acre. A única rosa prevista para a sua vida jamais viria a ser admirada e amada pela sua beleza. A sua fragrância passaria despercebida e a rosa preciosa murcharia sozinha, sem que a abraçassem ou a adorassem pela sua perfeita beleza e elegância naturais.

O Contrato entre eles fora poderoso, e aperceber-se disto destroçava-lhe o espírito e o coração, enquanto permanecia sentado na cadeira branca da Morada do Amor. A realidade dela começou a desvanecer-se e ele reagiu instantaneamente, gritando:

- Não! Não te vás, por favor! Por favor!

Sentia que nunca mais voltaria a vê-la. Só pedia mais uns minutos. As palavras que ela pronunciou como despedida soaram como outro enigma angélico.

- Michael, as coisas não são o que parecem.

A resplandecente e magnífica mulher que representava o poder do amor na vida de Michael Thomas desvaneceu-se perante os seus olhos, dizendo as palavras aparentemente usadas, que já ouvira antes. Com ela desvaneceram-se as esperanças de uma vida humana. Ele tinha presenciado e ouvido como é que os seus sonhos de prazer se despedaçavam contra as rochas do denominado "propósito espiritual". Ficou petrificado pela aflição, sem conseguir mexer-se. Continuou ali, durante horas, como uma estátua, com a débil esperança de que aquele ser precioso voltasse a materializar-se no mesmo lugar que ocupara, um lugar que se tornara sagrado só com a sua presença. Rogou a Deus que lhe concedesse somente mais uns minutos para estar com a companheira perdida.

Ao fim do dia, a luz do quarto diminuiu de intensidade e mudou de cor. Finalmente, transformou-se numa escuridão que imitava a noite sem lua que estava no exterior e, no interior, era um reflexo do abatimento do seu coração. Estava sentado no escuro silêncio de quem fora firme e decisivamente derrotado. Não sentia alegria no coração. A paz da Viagem espiritual fora substituída pela agonia do mal e pela escura e torturante sensação de perda. A sua energia estava minada pela intensidade de um coração ferido e de uma revelação profunda. Finalmente, adormeceu. Continuou imóvel, enquanto os seus sonhos representavam, uma e outra vez, a angústia do potente e trágico encontro.

Tinha o coração despedaçado.

\* \* \*

Amanheceu, e o novo dia encheu o quarto de luz. Despertou na cadeira onde permanecera toda a noite. Sentia-se como se tivesse corrido uma maratona e doíam-lhe as articulações, não por falta de actividade,

mas por ter estado na mesma posição durante muitas horas. Precisava de comer, mas não tinha apetite. No entanto, fez um esforço para se levantar lentamente da cadeira e dirigiu-se aos seus aposentos.

Como era habitual, a comida estava preparada. Comeu mecanicamente, sem apreciar a delicada beleza que o rodeava, ou o incrível sabor da comida. Quando acabou, dirigiu-se ao quarto, onde a cama estava feita, pois ninguém dormira nela. Abriu o armário, e ali, tal como as tinha deixado, estavam as dádivas que os Anjos lhe tinham dado com amor, quando visitara as suas Moradas, para aprender. Um triste sentimento de sabedoria derramou-se sobre ele. Recordou a pergunta que fizera ao Anjo Branco: "Serei capaz de discernir o que é para o bem supremo de tudo e todos?"

Agora compreendia a prova. A essência da sua existência clamava para voltar à Terra, nesse mesmo momento. Tudo o que havia a fazer era fechar o armário, sair da Morada Branca e tomar o caminho da esquerda, para trás, em vez de o da direita. Sabia que podia expressar o seu propósito de interromper a Viagem e regressar. Branco dissera-lhe que não havia crítica, nem culpa, nem, portanto, iluminação. Sabia bem demais o que era o correcto. Até Anolee lhe tinha dito que todos estavam orgulhosos dele, mas ele dava-se conta de que, possivelmente, também ela tinha o coração ferido. No entanto, tinha-o animado a seguir em frente. Ele sabia qual era o máximo bem para tudo e todos. **Virar para a esquerda, significava servir somente a si mesmo e aos seus desejos Humanos de amor.** Branco prevenira-o de que o seu discernimento da verdade podia ser agudo. E era-o. Não duvidava sobre qual era o caminho correcto... mas sentia um impulso irremovível de não seguir por ele. O seu coração pedia-lhe, gritando, que se submetesse à situação e regressasse à Terra. Ninguém sairia a perder, ele poderia seguir com a sua vida e encontrar Anolee. Então, a existência na Terra poderia ser boa.

Pegou no mapa e aproximou-o cerrando os olhos, enquanto rememorava o tempo que vivera na Morada Azul. Lentamente, colocou a Armadura e sentiu o poder que esta lhe outorgava. Deu graças a Deus pelo precioso símbolo que ela representava. Pegou no Escudo e estreitou-o com ambas as mãos contra o peito, deleitando-se com o que significava para ele. Colocou-o na posição de transporte, e colocou a Espada de maneira a que pudesse empunhá-la rapidamente, em caso de necessidade. Como se fosse um guerreiro preparando-se para o combate, empunhou a Espada e levantou-a. Ouviu o silvar da deslocação do ar, enquanto a afiada lâmina cortava o espaço. Recordou a cerimónia que vivera com o Anjo Laranja e, também, o que a Espada representava. Então, agradeceu-lhe e fê-la deslizar destramente para dentro da bainha. Estava guardada, mas pronta para ser utilizada em caso de necessidade. Continuou de pé, vestido com a sua bonita roupa de viagem, e deixou resolutamente o quarto.

O Anjo Branco estava presente quando ele saiu. Viu a Armadura, o Escudo e a Espada, e imediatamente soube qual era a sua resolução. Sorriu-lhe e fez-lhe uma reverência, colocando as mãos em posição de oração - uma honra que Mike desperdiçou completamente. Depois falou:

- Michael Thomas da Propósito Puro, como te sentes?

- É difícil, Branco... Estavas certo. Não sabia que ia ser tão duro. Foi a coisa mais difícil que me vi obrigado a fazer na minha vida. Continuo sem me sentir bem... mas sei que isto é o apropriado e o correcto. Por favor, desejo partir deste lugar. Não tenho dele recordações muito agradáveis.

- Assim será.

Branco deu meia volta e conduziu o seu visitante para a entrada. Enquanto andavam, disse-lhe por cima do ombro, enquanto flutuava para o grande vestíbulo que conduzia à porta de entrada:

- Isto ainda não acabou, meu amigo humano.

- Já sei.

Mike desconhecia os detalhes, mas a sua intuição dizia-lhe que ainda havia muito para ver e por fazer na Viagem, mesmo que só faltasse visitar uma Morada. De novo, a sua intuição estava certa.

Enquanto calçava os sapatos, o Anjo Branco permaneceu junto ao umbral da porta, do lado interior da Morada. Fazendo um balanço, não tinha gostado muito da Morada Branca. O Anjo previra acertadamente o que poderia vir a sentir. Na verdade, estava contente por partir. Branco sabia-o mas não julgava aqueles sentimentos. Pelo contrário, sentia um respeito reverencial por aquele ser humano. Os outros tinham razão: Mike era diferente. Conseguiria o seu objectivo, se fosse capaz de superar o trajecto final daquela Viagem. Era enorme o seu discernimento, e a resolução ainda maior.

Com os sapatos já calçados, saiu e deu alguns passos. Mas deteve-se e voltou-se para a porta. Branco falou-lhe donde estava, do lado de dentro da porta, pois não podia aventurar-se a sair.

- Michael Thomas da Propósito Puro, não existe amor maior que este: **um ser humano decidir sacrificar o seu coração em benefício da Totalidade.**

Sorriu-lhe e fechou lentamente a porta da Morada. As suas últimas palavras só foram audíveis enquanto fechava a porta:

- Nada é o que parece! Já o verás... Já o verás... És muitíssimo amado...

Mike começou a percorrer o trilho da Morada Branca, lenta e cansadamente, aproximando-se do caminho principal. Aquela Morada não fora propriamente a sua preferida, e começava a cansar-se de que aquela frase fosse dita com tanta frequência. Parecia que toda a gente já a tinha dito... várias vezes. Sentia que aquele lugar branco tinha extraído muito dele, mas a verdade era que obtivera muito dela. Permaneceu imenso tempo junto da cancela da cerca branca, olhando alternadamente para a esquerda e para a direita. Finalmente, abriu-a, colocou-se no meio do caminho e ficou quieto. Olhou para a esquerda e fechou os olhos, tendo o cuidado de não dar um único passo nessa direcção. Estava a fazer uma pequena cerimónia consigo mesmo e iniciou-a em silêncio, pedindo aos Anjos que conhecia que estivessem presentes e escutassem a sua declaração. Assim, disse em voz alta:

- Isto não implica nenhum sacrifício, Anolee, porque voltarei a encontrar-te. Estaremos frente a frente e conhecerei os meus filhos que ainda não nasceram. Tudo isso a seu tempo, quando terminar a Viagem e chegar a Casa.

Estava a tomar, do seu coração, os ensinamentos dos Anjos sobre a natureza temporal na Terra e a absoluta realidade do Espírito. A sua afirmação tinha implícita uma promessa de um tipo de amor diferente, num lugar diferente mas, ao fim e ao cabo, era a promessa de um reencontro. Tinha resolvido que o seu coração se agarraria à realidade de um futuro encontro sagrado, em que voltaria a ver o amor da sua vida, a sua maravilhosa companheira. Então, poderia dedicar-se a amá-la. E ela a ele.

Suspirou e deu meia volta. Com largas passadas decididas, recomeçou a Viagem até à última Morada. Enquanto caminhava sob a luz do Sol, a Armadura fazia um subtil som metálico. Estava consciente que deixava para trás uma das maiores promessas de felicidade que jamais tivera. Ir na direcção contrária a essa experiência, mesmo que interiormente lhe doesse ter tomado essa decisão, tinha como consolo a promessa do incrível amor de Deus, assim como a absoluta certeza que voltaria a ver Anolee. Ia pensativo, resolutivo e sério. Aprendera muitíssimo sobre o amor. A Morada Branca ensinara-lhe o máximo sobre si mesmo e sobre Deus. Fora a única Morada que lhe espremera a alma até o fazer chorar lágrimas de verdade e de discernimento, para que as pudesse identificar.

Desta vez não olhou para trás. Não havia indecisão nas suas passadas firmes. Apesar de estar um pouco cansado, sentia-se fortalecido e a salvo. Agora, esta era a sua terra. Sentia-a como própria. Tinha pago um preço por esse direito. Merecia-o. Depressa saberia se era realmente assim porque, uma hora de caminho mais à frente, outro grande desafio o aguardava. Aquilo oferecer-lhe-ia a oportunidade de travar uma batalha pela sua própria alma.

## 11 - A Sétima Morada

O clima, embora ameno, não estava o ideal. Já se acostumara tanto a um tempo soalheiro de suave temperatura, como ao ataque dos elementos, que podia ocorrer quase num instante e esmagar uma melancia em menos de dez minutos. Nesse dia específico, o céu estava encoberto e, gradualmente, ia tomando um tom cinza metálico, uniformizando o aspecto de tudo quanto havia por ali. A temperatura baixara um pouco, e soprava uma ligeira brisa que se percebia amenizadora, devido à sua intermitência, como se fosse um mensageiro rítmico. As nuvens não evoluíam para um aspecto inquietante, mas também não davam sinal de quererem dispersar. Estava no Caminho há mais ou menos uma hora. Não se sentia preocupado com o clima, mas estava consciente da mudança.

Tinha vindo a funcionar em modo “automático” durante grande parte do trajecto para a próxima Morada. Seguia vigilante, olhando por cima do ombro, para ver se detectava algum problema. A mente, porém, estava cheia de pensamentos acerca da decisão que tomara. Ao iniciar o percurso para a última Morada teve a forte sensação de ter passado um indicador espiritual invisível, um ponto de demarcação na Viagem. Todavia, não abandonara a visão de se ver, na Terra, com Anolee e as crianças, todos juntos e sorrindo. Quando os pensamentos iam até esse ponto, o coração reanimava-se e sentia-se relaxado; já quando olhava para a frente e via a estrada sinuosa que o conduzia a um desafio desconhecido, sentia-se só, com o coração pesado e com uma profunda sensação de perda permanente. Ninguém tinha morrido, mas uma parte do seu coração afligia-se. Apesar de tudo, continuou a andar, envolto nos seus pensamentos, sem notar que o terreno ia mudando lenta, mas espectacularmente.

Passou uma curva especialmente apertada e viu que tinha entrado numa espécie de desfiladeiro de vertentes escarpadas, que se erguiam abruptamente de ambos os lados da passagem. Observou, pela primeira vez, que, em lugar de colinas ondulantes e erva exuberante, estava rodeado por uma paisagem quase desértica, com acidentes geológicos formados por enormes escarpas, apenas com uma ou outra árvore enorme acentuando a aridez da paisagem. Reconheceu que a mudança da topografia lhe passara completamente despercebida, por vir preocupado e absorto nos seus pensamentos. O caminho conduzia, pois, a um desfiladeiro de vertentes muito íngremes onde a luz do sol, devido à hora, ainda não entrara. Com as nuvens cinzentas ajudando a diminuir o nível de luz, mais parecia um crepúsculo do que o início de uma manhã. Sentia-se estimulado pela intuição, pois o que se via ao longe não era claro. Seriam rochas?

“Vigia mais! Fica atento ao perigo!”

Rapidamente se apercebeu que estivera mentalmente aturdido durante a última hora. Parou e fez várias respirações profundas, e, com elas, despejou a mente. Sentia uma sensação de formigueiro. O que significava isso? Obedecendo aos instintos, olhou à sua volta para detectar possíveis problemas. Verificou a retaguarda, procurando alguém que estivesse a segui-lo. Mas não viu nada. Não havia movimento. À cinzenta uniformidade da hora anterior e à sua letargia mental, somara-se um falso sentimento de segurança.

Independentemente do estranho clima e do novo aspecto da paisagem que o rodeava, não conseguiu detectar nada anormal ou ameaçador, embora os seus instintos lhe dissessem que estava a ser preparado para algo. Deu graças por o seu novo poder vibratório cumprir a sua função. Tirou o mapa, pois talvez revelasse alguma coisa. Realmente, algo de estranho se passava: mostrava o estreito desfiladeiro onde estava e a zona circundante, mas havia algo diferente. Olhou mais de perto. Ali! Aproximadamente a cem metros, pelo caminho do mapa, justamente fora do alcance visual de onde ele se encontrava, havia um espaço em branco. Não era normal. Habitualmente, o estranho mas muito útil mapa mostrava o que rodeava o ponto vermelho com a legenda “Estás aqui”. Não revelava, por isso, grande coisa a respeito do passado e do futuro. O que mostrava agora, porém, era exacto e via-se em grande detalhe. Parecia haver um espaço em branco, um pouco adiante, como se algo tivesse sido apagado. O que podia significar?

- Azul, o que significa um espaço em branco no mapa?

O Anjo Azul não respondeu, mas sim a sua intuição. A resposta chegou quase imediatamente. Recordou-se de que a “coisa” que o tinha vindo a perseguir se mantivera fora do alcance do mapa. Talvez por isso aparecia como uma mancha em branco! Azul explicara que o mapa era compatível com o “agora”. Representava o tipo de energia do “presente” que circundava uma viagem sagrada, e reflectia uma certa vibração. Havia alguma coisa à sua frente que não pertencia ao presente. Esse algo estava, justamente, num ângulo invisível ao alto índice vibratório do mapa. A falta de informação do mapa devia-se, pois, a que essa “coisa” não vibrava no mesmo nível da terra sagrada circundante. Sentia que a sua análise estava certa. A “coisa” insta-



lara-se e esperava-o. Deveria ter estado mais alerta! O que teria feito se não tivesse sido alertado pelos seus novos poderes? Em voz baixa, maldisse a sua mente romântica, aparentemente inútil, e concentrou-se na mente do novo Guerreiro Interior. Depressa sentiu uma paz e um poder que reforçavam o seu propósito. Estava a despertar todas as suas células com a mensagem de que algo estava para suceder; algo importante. “Vamos! Despertem todas!” Sorriu perante a ideia de falar para o seu organismo, e, de novo, pareceu-lhe ouvir o riso do Anjo Verde. Sentia falta daquele Anjo. O humor era um remédio maravilhoso naquela etapa de preparação. Preparação? Para quê? Para uma batalha?

Subitamente, teve uma revelação. Como se fosse um enorme maremoto de compreensão, os pensamentos e visualizações chocaram dentro dele com o peso horrível de ter de tomar consciência de algo. Ficou imóvel. Verbalizou o seu novo medo a quem quer que o estivesse a ouvir.

- Deus meu! E se, realmente, tiver de usar estas armas?

Estava perturbado e sentiu a ansiedade a percorrer-lhe o corpo. Não! Tal não seria possível. E, enquanto olhava para o céu e ia girando, como se esperasse ver algum dos seus amigos Anjos escondido nas fragas do desfiladeiro escassamente iluminado, gritou:

- Não passam de símbolos da Nova Era que identificam um Guerreiro de Luz! **Símbolos!**

O eco devolveu-lhe a sua própria voz.

- Laranja! Não me ensinaste a lutar. Por isso, admiti que não usaria realmente estas armas...

Deteve-se a meio da frase. Ouviu-se a gritar, com o eco da voz a reverberar nas paredes do desfiladeiro. Uma infinidade de pensamentos chegaram-lhe à mente, e as palavras daqueles que encontrara ao longo do Caminho começaram a soar na cabeça. Recordou que o Anjo Vermelho o advertira que algumas das provas iriam assustá-lo, mas julgara que o Anjo se referia à tempestade que tivera de enfrentar. Agora, apercebia-se que o Anjo aludia a coisas que iriam ocorrer, e não a coisas ocorridas no passado. O que iria acontecer? Recordou-se das recentes palavras do Anjo Branco quando descreveu Mary, no quarto do hospital: “Não deixes que as aparências te enganem, Michael. Ela é uma Guerreira de Luz. Matou o gigante e é poderosa!” Matar o gigante? Então, lembrou-se das palavras que o Anjo pronunciara quando partira Morada Branca: “Isto ainda não acabou, meu amigo humano.”

“Tantas advertências! Estará prestes a surgir uma batalha?” Sentou-se. As pernas fraquejavam devido ao medo e ao pânico. Ele não era um guerreiro; não um guerreiro de verdade.

Dirigindo-se ao céu cinzento e às ameaçadoras paredes do desfiladeiro, disse:

- Anjos, vocês não me prepararam para isto! Não entendo! Por que tem de ser assim? As batalhas reais e as armas reais representam uma vibração antiga. Representam uma velha maneira de pensar. Aqui são escusadas!

Produziu-se uma extrema calma; o vento cessou. Reinava uma quietude sepulcral, quando ouviu claramente a voz do Anjo Laranja: “As armas são escusadas, a menos que estejas prestes a lutar contra a velha energia”. Levantou-se instantaneamente, olhando à sua volta e tentando identificar o lugar de onde provinha. A voz continuou: “As armas são escusadas, a não ser que estejas prestes a lutar com um organismo que não vibra tão alto como o teu.” Aqui, reconheceu a voz do Anjo Verde.

As vozes dos Anjos provinham do seu interior: “As armas são escusadas, a não ser que estejas pronto a encontrar alguém que realmente não faz parte da tua Família, Michael!” Agora, era a voz do Anjo Vermelho! “As armas são escusadas, a menos que não haja amor na situação, Michael!” Desta vez, era a voz acariciadora e maravilhosa do Anjo Branco!

Mike gritou, angustiado:

- **Não sabia!** Branco, eu não sou um verdadeiro guerreiro!

“Também Mary não era, Michael.” - A voz de Branco era reconfortante.

“A velha energia responde ao velho paradigma, Michael. É isso que ela entende.” Agora, era a adorável voz feminina de Violeta!

- Laranja, diz-me como lutar! – pediu, num tom aflito.

“Eu disse-te! Estás preparado, Michael Thomas de Propósito Puro. Estás preparado.”

- O que devo fazer? – gritou para as paredes do desfiladeiro. Porém, só ouviu silêncio como resposta. Mas logo identificou a voz do Anjo Azul: “Lembra-te de que as coisas talvez não sejam o que parecem!”

As palavras ressoaram como nunca antes. Levavam implícita uma advertência, um conselho e uma recomendação que podiam ser necessários, justamente naquele momento! Todo o séquito de Anjos estava ali com ele. Pensou: “Se, em meu auxílio, vem um poder como este, é porque deve haver algo verdadeiramente especial ali adiante.”

Estava nervoso, porque sabia que não possuía treino de combate, embora os Anjos lhe tivessem garantido o contrário. Tinha de confiar neles porque, depois de tudo, que outra coisa podia fazer? Estava ali, na primeira linha. De novo olhou à sua volta e abanou a cabeça sarcasticamente. “Não há maneira de escapar”, pensou. Qualquer coisa ou quem quer que fosse que estivesse à sua espera elegera um bom lugar para desferir o ataque: as paredes eram demasiado altas para escalar, e havia poucas possibilidades de fugir, dado que o desfiladeiro era muito estreito. Era uma caça fácil. Tudo tinha sido perfeitamente calculado. Pelo menos sabia onde estava o que o esperava, pelo que essa “coisa” não o apanharia de surpresa. Quanto mais pensava no assunto, mais seguro de si mesmo se sentia para afrontar a terrível experiência que o aguardava. A sua nova vibração ajudava-o. E ele sabia-o.

Começou a experimentar uma sensação de paz, que reconhecia não ser lógica, mas espiritual. Começava a sentir-se preparado, apesar de não saber exactamente o que teria de enfrentar nem como o faria. Pensou: “Está certo. No fundo, é o estilo deste lugar”. Fez uma análise: “Não tenho acesso ao conhecimento do futuro mas, de alguma maneira, isto já ocorreu na mente de Deus. Por conseguinte, a solução desta situação já foi revelada. O que se passa é que eu ainda não a conheço. Tal como antes, irei conhecê-la quando se manifestar. Tenho o conhecimento e o poder, e esta é a minha terra. Tenho a vantagem de jogar em casa”.

E disse, em voz alta:

- Muito bem. Fui varrido por uma tempestade, um Anjo deu-me uma pisadela brutal, perdi os meus bens, as minhas emoções foram ultrajadas repetidamente, a minha biologia foi elevada e modificada, arrancaram o meu coração, examinaram-no e o voltaram a pô-lo, embora mais contraído. O que mais me espera? Tenho o que aprendi. Estou preparado.

Reflectiu um momento, e concluiu:

- Só desejaria saber como lutar!

Então, suspirou e olhou na direcção do desafio iminente.

Decidiu então fazer algo que, algumas semanas antes, lhe teria parecido ridículo e insensato: pôs-se de joelhos e efectuou uma pequena cerimónia perante a iminência do que estava prestes a ocorrer. Tocou cada peça do equipamento de combate e referiu o seu propósito. Reviu o que o Anjo Laranja lhe ensinara sobre o equilíbrio. Dedicou quase vinte minutos a agradecer ter sido eleito para combater com a “coisa”, que o esperava depois da curva, fosse lá o que fosse. Honrou aquela terra e a sua própria existência. Reconheceu o lugar que ocupava na Família do Espírito. Depois, pôs-se de pé, preparado para combater até onde lhe fosse possível, dadas as circunstâncias.

Retomou a marcha. Passou a curva do Caminho, o que lhe revelou a grande distância que tinha pela frente. As escarpadas paredes do desfiladeiro convertiam aquela passagem num túnel mortal, escuro e fatídico. Sabia que Aquilo estava mais adiante; o mapa mostrara-o com clareza. Em condições normais, todo este episódio teria deixado o seu organismo em estado de choque. Todos os seus alarmes do medo teriam soado, convertendo-o numa massa trémula. Afinal, ele era apenas um vendedor, não um guerreiro preparado para enfrentar um demónio sinistro e descomunal! Em vez disso, os sentidos estavam alerta. Sentia-se cheio de empenho, não de medo. Todos os seus poderes vibratórios e os novos dons começavam a activar-se. A sua intuição dominava e ele escutava-a a cada passo, sabendo que não falharia.

Nada.

Então, finalmente, detectou movimentos à sua esquerda! Voltou-se rapidamente e detectou uma grande árvore na orla do caminho, a uns trinta metros de distância. De onde provinha o movimento? Ah! Aquela maldita escuridão em pleno dia! Seria parte da prova? Por que é que o Espírito não proporcionava mais luz? De novo algo se mexeu, mas localizou o movimento mesmo debaixo da ramagem da árvore. Com voz enérgica e imperativa, gritou:

- Quem estiver aí que saia! Se não sair, irei buscá-lo!

Esperou, com cada uma das células em estado de alerta. Então, um homem de aspecto normal saiu calmamente debaixo da árvore, detendo-se ao nível dos ramos mais externos. Estava vestido como um camponês, à excepção dos pés, que estavam descalços. Levantou as mãos fazendo um movimento de rejeição, com as palmas voltadas para ele, e disse:

- Mike, por favor, não me faças mal! Saio já.

O homem tornou-se progressivamente visível ao sair debaixo da árvore, e avançou. À medida que se aproximava e a sua imagem se tornava mais nítida, Mike ficou com a sensação que conhecia aquele jeito de andar. Não! Não era possível! Agora, a cara do homem era claramente identificável.

- Pai?

A figura percorreu lentamente o espaço que os separava e deteve-se a cerca de dois metros. Mike juraria estar a sentir o cheiro familiar da granja, que se desprendia do homem.

- Sim, filho, sou eu. Por favor, não me faças mal.

Mike não era tonto, e sabia que aquilo podia ser um engano. Afinal, as coisas nem sempre são o que parecem. O homem que, aparentemente, era o seu pai, na realidade podia ser outro ser; decerto havia fortes probabilidades de que assim fosse. Portanto, manteve-se vigilante e permaneceu alerta para detectar qualquer embuste, enquanto conversavam.

- Estás exactamente no lugar onde eu imaginei que deveria estar o meu inimigo. Não te aproximes mais.

- Já sei, Mike. Esse que procuras está um pouco mais adiante. Estão a enganar-te! A coisa que te espera vai capturar a tua alma. Tudo isto está mal! Por favor, acredita em mim.

Mike continuava sem acreditar.

- O que estás a fazer aqui?

- Por Deus, estou aqui para te deter, antes que seja demasiado tarde. Permitiram-me regressar a este lugar para te advertir! Tenho estado à espera, há já alguns dias, pois sabia que acabarias por passar por aqui. Todos os que se aventurarem a ir mais longe serão derrotados pela besta! Muitos têm percorrido este Caminho... mas estão todos mortos. Esta é uma terra maligna. Estão a enganar-te!

Mike continuava sem acreditar que aquele fosse o seu pai. Afinal, era demasiada casualidade.

- Perdoe-me pai, mas preciso de provas. Diz qual era meu apelido de menino.

O homem respondeu imediatamente:

- Mykee-Wykee.

Mike estremeceu, porque estava certo.

- Que sucedeu na fazenda do Sr. Connell em 1964?

- Celebrou-se uma grande festa pelo nascimento das raparigas, a que deram os nomes de Sarah e Helen.

Mike analisava tudo o que aquele homem dizia convictamente. A voz e a figura eram perfeitas... mas continuou o exame. Pediu-lhe mais explicações sobre a sua infância (colégios, amigos, maneira de vestir e acontecimentos). Assim estiveram, um em frente do outro, durante meia hora, com o pai a falar monotonamente, relatando perfeita e precisamente cada etapa do seu passado. Então, começou a relaxar progressivamente. Sim, aquela criatura conhecia todos os detalhes. Realmente, tinha estado lá. Nenhum ser maligno poderia memorizar coisas que somente ele sabia. A sua intuição estava em estado de alerta... mas este era verdadeiramente o seu progenitor! O seu pai... que começara a suar.

- Mas, pai, o que se passa? Não estou a entender.

- Michael, quero-te tanto! Estavas numa cama de hospital, com graves lesões no pescoço. Recordas-te?.. Certamente te lembras do que se passou no teu apartamento. Tens estado a flutuar até agora, em coma, vulnerável às acções do diabo. Tudo isto é um país de fantasia. É uma farsa. Nada do que existe aqui é real. Tudo o que te mostraram, todas as Moradas primorosamente coloridas, não passa de um engano para te despojarem da tua alma!

A respiração do homem tornou-se fatigada. Mike sabia que aquele discurso não podia ser verdade. Era tudo tão confuso! Sabia perfeitamente quem era e o que experimentara, mas aquelas palavras pareciam ressoar com autoridade. E aquele homem sabia tanto! Mas, por que mostrava problemas de saúde? Acaso também ele não era um espírito? Afinal, já estava morto e vinha de outro lugar. Não havia razão para apresentar problemas físicos.

- Pai, sentes-te bem?

- Sim, filho, mas não posso ficar muito mais tempo. Este lugar é maligno e eu venho de um lugar celestial. E sabes que ambos não se ligam.

- Já me disseram isso, sim.

- Mike, vem comigo. Debaixo da árvore há um portal celestial. Posso fazer com que voltes. Podes recuperar o plano de consciência na Terra e sair do coma. Salvarei a tua vida e a tua alma. Por favor, vem comigo!

O homem estava cada vez mais debilitado, e Mike ficou com a sensação de que a imagem dele começava a diluir-se perante os seus olhos. Sentia-se atormentado pela indecisão. Sabia que tinha razão para não confiar. Todas as partes do organismo lhe diziam isso mesmo, mas ali estava o seu leal pai, com uma história mais que credível. E se aquela terra fosse um engano? Não era! O seu ser interior sabia-o. Então, decidiu fazer uma prova mais. Qual era o nome? Tinha-o memorizado. Recordou-o e disse-o instantaneamente, olhando para o pai:

- Anneehu!

A criatura devolveu-lhe o olhar e perguntou:

- O quê, filho?

- Anneehu! – repetiu, enquanto retrocedia lentamente.
- É alguma palavra mágica que aprendeste aqui, rapaz?

O homem estava visivelmente nervoso. O suor começava a molhar-lhe a roupa.

Mike ficou muito quieto. Sentiu calafrios a percorrer-lhe as costas. O pai nunca lhe chamara “rapaz”. Agora, aguardava, preparado. Tinha chegado o momento. Sentiu que a Armadura que levava posta começava a vibrar. O Escudo, que trazia às costas, começou a oscilar, como se quisesse que o tirassem. Mike tinha a resposta adequada.

- Não, senhor. Anneehu é o teu nome celestial... e tu não o reconheces!

As duas figuras observaram-se mutuamente, num frente-a-frente que pareceu durar uma eternidade, mas que, na realidade, durou apenas uns quantos segundos. O jogo começara. O engano não tinha funcionado como esperava, e Aquilo foi incapaz de sustentar a energia para continuar. Aquilo estava pronto para lutar.

- **Basta!**

Com um grito com o volume das vozes de dez homens, a figura com a imagem do seu pai começou a transformar-se completamente. De um modo gradual, o fazendeiro converteu-se numa figura descomunal, ameaçadora e diabólica. Mike retrocedeu rapidamente, alerta e pronto para entrar em acção, à medida que Aquilo ia crescendo. Media pelo menos cinco metros e tinha uns olhos vermelhos aterradores. A pele manchada estava coberta de verrugas, e era de uma horrível cor verde. Era como se não tomasse banho há milénios. Tinha umas mãos enormes, com unhas largas e sujas, e os braços eram demasiado compridos para o tamanho do corpo. Além disso, tresandava! As pernas, curtas e disformes, contribuíam para lhe dar uma aparência estranha, embora Mike soubesse até que ponto podiam ser velozes. A distância que o separava da horrível criatura aumentara para uns três metros, e ele iria mantê-la durante mais um pouco, e talvez até viesse a aumentá-la. Sentia repugnância pela coisa que se expandia diante dele, que não era nem uma fera, nem um ser humano. Era antinatural e não pertencia a nenhuma dimensão em que tivesse estado. O seu odor era incrível! A enorme cabeça calva tinha feições que mudavam constantemente de uma forma horrível para outra similar.

Quando Aquilo abriu a boca, Mike pôde ver como era grande, com dentes como navalhas. Quando a boca se fechou, a espantosa cavidade desapareceu, perdida numa feia massa de pele e verrugas. Era evidente que aquele nariz abatado não funcionava, pois Aquilo não podia ter vivido consigo mesmo com aquele fedor. Essa criatura personificava o mais repugnante e nauseabundo que um ser humano podia imaginar. Mas... era real ou tratava-se de uma ilusão? Não sabia. Fosse o que fosse, era uma terrível revelação da energia das coisas e das formas antigas. Representava a antítese da paz e do amor. A perversidade e o ódio daquela consciência eram arrasadores.

Aquilo olhou-o com desprezo, como se fosse uma formiga que tinha de pisar, sem contemplação nem remorsos. A criatura era animada pelo ódio que sentia pelo seu mundo, e projectava essa energia directamente sobre este, que se convertera no ponto fulcral de sua cólera. Mike mal conseguia olhá-lo. Sentia aversão e repugnância, assim como o ódio que a criatura projectava sobre ele. Mas, quando se apercebeu que reagia precisamente como Aquilo pretendia, suprimiu a sensação de náusea. “Nem tudo é o que parece”, repetiu para si mesmo. Então, apercebeu-se que Aquilo se vangloriava por ter criado a ilusão de ser uma figura espectral e desalmada, só para o impressionar. O seu corpo respondeu instintivamente à situação. O nível vibratório do seu novo ser estava plenamente alerta. Como um guerreiro experimentado, veterano de numerosos combates, sentiu-se preparado para qualquer movimento do espantoso ser de pele esverdeada, que tinha na sua frente. Embora o seu corpo fervesse de força e vitalidade, permaneceu imóvel. A Espada começou a vibrar. Podia ouvi-la! O zumbido subtil da nota Fá começava a soar. Mas não ouviu nada, pois a sua curiosidade era demasiado grande. Necessitava de saber mais. Agora, chegara a sua vez de enganar. Fingindo medo, exclamou:

- Que grande que tu és!

Encolhendo-se de terror, levantou as armas defensivamente para cobrir a cara. Tremendo a voz convicentemente, acrescentou:

- És um autêntico monstro. Estás aqui para levar a minha alma?

As pregas de pele verde com verrugas separaram-se quando a criatura abriu a cavidade da boca para falar. Pela primeira vez, ouviu a verdadeira voz da criatura, soando desdenhosamente:

- Que débil! Já sabia!

A voz era profunda e ameaçadora. Tinha a impressão que Aquilo era uma personagem de um filme de terror. Implorou:

- Por favor! Farei tudo o que quiseres! Queres que vá para a árvore? Para o portal?

A Espada saltava para baixo e cima, dentro da bainha, mas esperava que a criatura não se apercebesse daquele ruído metálico.

- Não sejas ridículo. Estou aqui para te matar.

A criatura parecia ter crescido mais... se é que tal seria possível! Apercebendo-se que Aquilo conseguia adoptar facilmente qualquer tamanho que quisesse, gritou:

- Quem és tu?

Esperava que a sua actuação não fosse demasiado desajeitada, mas a criatura parecia acreditar completamente. Que ego grande tinha Aquilo! E vangloriou-se:

- Sou a parte de ti, Mykee-Wykee, que é o verdadeiro Michael Thomas! Sou a parte mais forte. Observa o teu próprio poder. Sou a essência do teu intelecto e a base da tua lógica. Adoptar a aparência do teu pai foi somente um disfarce, mas as palavras eram autênticas, rapaz. De facto, estás deitado na cama de um hospital, em estado de coma, e eu estou aqui para tirar-te desta terra de fantasia de seres descabelados e de bruxas boazinhas, e devolver-te à vida real. Para te tirar daqui tenho de destruir o ridículo espírito duende em que te converteste!

Mike apercebeu-se que, de certo modo, o que aquela coisa demoníaca acabara de dizer era exacto. Aquilo realmente fazia parte dele, uma parte que queria deixar para sempre, uma parte velha e feia, que reconhecia e que esperava não voltar a ver nunca mais. Estremeceu e encolheu-se um pouco. "Não exageres!", advertiu-o uma voz interior. Mas perguntou em voz alta:

- E vais ter de me matar?

Nesta altura, a Espada sacudia-se violentamente dentro da bainha, mas percebeu que o ruído se integrava na sua simulação de medo.

- Em sentido figurado, sim. A tua morte neste país de fadas imbecis acabará com o teu auto-engano e levar-te-á directamente de regresso ao mundo real. Conheço a tua insensatez desde que entraste nesta terra. Mas, por sorte, consegui entrar sorrateiramente atrás de ti. Desde então tenho estado a tentar levar-te de regresso à realidade.

Aquilo tinha começado a avançar para ele. Mantendo-se firme, perguntou:

- Estou assim tão mal?

Pensou: "Faz com que Aquilo continue a falar" E dirigindo-se à arma: "Espada, continua a vibrar. Isso ajuda a manter o engano".

- Por causa da tua debilidade física, aceitaste estes disparates e a toda esta ridícula insensatez. Nada aqui é real. Tens estado tão cego pelas ilusões deste lugar, que devo destruir completamente essa tua parte para poder salvar a tua mente e a tua alma. Detesto aquilo em que te converteste.

Mike, sentindo que tinha de actuar rapidamente, disse:

- Antes de me matares, podes provar que é verdade o que estás a dizer? Se és assim tão lógico e inteligente, podias ajudar-me a ver a lógica de tudo isto.

Sabia que a horrível coisa não ia esperar mais para entrar em acção, mas pensou que podia ganhar um pouco de tempo se apelasse ao monstruoso ego da criatura. Encolheu-se um pouco mais e começou a tremer convincentemente. A Espada vibrante contribuía para o engano.

- Pois claro que posso fazê-lo.

Aquilo sabia que tinha o controlo, e que estava prestes a acabar, para sempre, com este país mágico da Nova Energia. Odiava aquela terra de sonho. Aquilo, sim, representava o mundo real, onde não havia indivíduos patéticos e débeis como Michael Thomas. Aquilo aferrava-se à lógica e ao pragmatismo, a um sistema de crenças baseado nas experiências anteriores, corroborado por reputados homens de Ciência e de História. Então, erguendo-se bem alto, sentenciou:

**- Quem tem a razão tem o poder absoluto. A lógica e a razão representam a verdade! Eis por que posso existir neste mundo virtual: porque eu sou a verdade. Aqui, nada tem poder sobre mim!**

Deixou escapar um rugido que perturbou os ouvidos de Mike e que pareceu dobrar a erva à volta dos seus pés, tornando-a imediatamente acastanhada, uma cor que ligava com o tom da horrível sua pele.

Sorrindo gentilmente para a besta, Mike perguntou:

- De verdade?

E, mudando rapidamente de atitude, levantou-se, ergueu-se tanto quanto lhe era possível e declarou.

- Então, permite que comece a prova!

Mike nunca se apercebera que podia mover-se tão rapidamente. Usando o equilíbrio e a velocidade resultantes dos treinos na Morada Laranja, subiu para uma rocha de quase dois metros, a uns escassos cinco metros da besta. Avançara para o monstro! A Espada saltava literalmente dentro da bainha. Quando a

empunhou firmemente, logo começou a emitir a nota fundamental Fá, com um acompanhamento harmónico: era um som estranho mas cheio de força e potencial. Empunhou a Espada, mas não apontou para a criatura, apontou-a para o céu. Apercebeu-se, então, que também empunhava o Escudo com a mão esquerda. O que se passara é que, enquanto subira rapidamente para a rocha, o Escudo viera ao encontro da sua mão. Agora, mantinha-o ao alto, com as suas vistosas incrustações de prata, orientadas na direcção da besta. Michael Thomas, o Guerreiro, permaneceu em guarda.

Dizer que a criatura foi tomada de surpresa seria pouco. Aquilo observou a situação: subitamente, a sua assustadiça e mentalmente débil presa tinha-se convertido numa ameaça, e estava a fazer coisas inesperadas. O rapaz iria atacar? “Que loucura!”, pensou. Afastaria este insolente muito facilmente, como se fosse um incómodo mosquito. Mas a proximidade do seu adversário tornava necessário que retrocedesse para poder usar os seus longos e monstruosos braços. E assim fez: cerrando, num punho, os seus poderosos dedos, preparou-se para atacar. Quando se preparava para investir, ouviu Mike a dizer:

**- Eis aqui a Espada da Verdade. Deixemo-la determinar quem tem o poder!**

Assim que acabou de falar, a besta atacou. Mike sentiu como se estivesse a ver um transatlântico a aproximar-se a toda a velocidade. Fez um esforço enorme para não fechar os olhos! Nesse momento, uma luz de incrível intensidade pareceu saltar da ponta da Espada para atingir o monstro com incrível força. O golpe não deteve o seu avanço, mas serviu para lhe desviar o ataque. Apesar de a criatura ter perdido o equilíbrio, ainda foi capaz de lançar um golpe. Levantou automaticamente o Escudo para se proteger, embora estivesse seguro de que aquele poderoso murro os faria em puré, a ele e ao Escudo. Porém, o Escudo e a Armadura funcionaram, tal como o tinham feito na primeira tempestade, apesar de não se ter apercebido disso. A Armadura envolveu-o instantaneamente com uma bolha de luz protectora; o Escudo disparou, em direcção ao braço que desferira o ataque, uma série de intensas pulsações, similares a dardos. A luz parecia explodir ao seu redor, voando em todas as direcções! O ar ionizado e a interacção da matéria com a antimatéria desprendiam um acre odor a ozono. Pensou que o murro estava prestes a cair sobre si, mas a monstruosa extremidade foi repelida instantaneamente por uma luz protectora. Tão poderosa era esta força, que conseguiu levantar a criatura do solo e atirá-la para trás, a certa distância. Mike, ileso, ficou onde estava.

A luz era linda e Michael Thomas estava assombrado com os dons que possuía! Tinham funcionado perfeitamente coordenados, repelindo o ataque do gigante. Notou que, se aquela luz lhe era agradável, já a volumosa besta tinha de cobrir os olhos para se proteger da sua intensidade. A luz continuava a agir a seu favor, uma vez que a criatura, acostumada à semi-escuridão daquele dia cinzento, estava a ter problemas para se adaptar àquela intensidade luminosa. Sorriu em reconhecimento da dádiva que o clima lhe dava. Realmente, pisava o chão da sua terra! Falou ao monstro com segurança, algo que o Anjo Laranja lhe dissera:

- Acaso o Escudo do Conhecimento te perturba, meu horrível adversário verde? A escuridão não pode existir onde há conhecimento. Não há segredo capaz de sobreviver à Luz, e a Luz surgirá sempre que a Verdade se revele.

Ao ouvir estas palavras, a criatura pôs-se em pé e investiu novamente, com uma rapidez ameaçadora. Mike pensou que, desta vez, não conseguiria deter o ataque. Parar um braço era uma coisa, mas conseguiria deter todo aquele corpanzil? Esperou até ao último momento possível para saltar da rocha justamente quando a criatura chegava junto dela. De novo, avançou em vez de retroceder e, uma vez mais, criou uma situação inesperada, em que estava demasiado perto para ser capturado e vencido facilmente. O tamanho e o peso da besta estavam a actuar a seu favor.

Mike fugiu entre as enormes pernas do gigante. Quando passou por baixo dele, estendeu o braço e empunhou a Espada de tal modo que a lâmina despedaçou os genitais do monstro com um esplêndido disparo de Luz. Além disso, deu-lhe uma forte pancada na perna com o Escudo. Aquela extremidade coberta de pele verde foi repelida com imensa força, como um íman a embater num outro maior, de polaridade oposta. Uma repentina explosão de luz, procedente do Escudo, desequilibrou a criatura, que voou literalmente para trás, contorcendo-se no ar, como se fosse um ginasta executando um duplo mortal. Aterrou no duro chão, sentindo uma brusca e indigna dor. Contorceu-se e rugiu protestando, acabando por se converter numa uivante massa fumegante. De entre as pernas, do lugar onde a Espada o atingira, ainda saíam chispas.

- Não haverá monstrosinhos pequenos, de pele verde, no teu futuro - declarou, pronunciando as palavras com calma e satisfação. Então, lenta e cautelosamente, aproximou-se do enorme e repugnante ogre, empunhando a Espada ao alto. A repulsiva besta jazia no chão, mas Mike deteve-se fora do alcance do seu braço colossal.

- Rendes-te? Quem é que possui a verdade aqui? Afinal, onde está o poder exactamente?

- Antes morto! – rugiu a infeliz criatura, numa voz que era um gemido áspero.

- Assim será! – anunciou um intrépido Michael Thomas, ignorando o crescente fedor da besta ferida.

Mas a pestilenta criatura ainda não estava acabada. Não era um ser espiritual; tal como Mike, era um ente biológico nesta estranha terra de Anjos coloridos e Espadas luminosas. Sentia dor e sangrava. Mike reparou na grave ferida que a Espada mágica infligira no último ataque, e contraiu o rosto, pois uma substância negra e pegajosa saía aos borbotões do golpe, tingindo de negro a pele das pernas do gigante, já por si feia e de aparência doentia. Pensou que a criatura devia estar a sofrer uma incrível dor... mas estava a levantar-se! Uma vez de pé, cambaleou um pouco. Agora, os olhos pareciam linhas estreitas, pois a luz que o rodeava era demasiado brilhante para a suportar. Mike sabia que ganhara.

Matar não estava na sua natureza. Jamais matara nada nem ninguém, deliberadamente. Inclusive, na granja, negara-se a matar frangos. Porém, sabia que matar, naquele sítio, seria simbólico, e que aquela abominável coisa não ia morrer realmente. Seria apenas derrotada, de uma maneira dolorosa e definitiva. O combate daquelas duas entidades era uma cena clássica.

A luz proveniente das explosões pirotécnicas iniciais, vinda da Espada, do Escudo e da Armadura, continuava a pairar no ar. As chispas continuavam a crepitar e a saltar das diferentes partes do húmido corpo de Aquilo, enquanto este recuperava, preparando-se para o ataque final. A Armadura começou a entoar um canto de vitória. As sombras nítidas e perfeitamente perfiladas, criadas pela luz da Verdade, do Conhecimento e da Sabedoria, revelavam a visão tenebrosa, espantosa, de uma criatura enorme, vil, cambaleante e ferida, prestes a sacrificar-se, com desespero, ao poder das armas de Mike. Eram como David e Golias, uma visão surrealista projectada sobre as paredes do estreito desfiladeiro de onde não havia fuga. Os dois guerreiros, tão desiguais em todos os aspectos, estavam separados por uns escassos nove metros, cada um defendendo firmemente o seu terreno.

De novo, foi Mike quem se moveu primeiro. Sendo demasiado rápido para a monstruosa criatura ferida, concentrou a sua atenção nas zonas mais vulneráveis e, antes que o imenso monstro pudesse reagir, já actuava através da penetrante luz da Espada e da polaridade do maravilhoso Escudo. Aquilo, numa tentativa desesperada e irracional de afastar o seu atacante, debateu-se selvaticamente, e, com isso, acabou por fazer ainda mais estragos ferindo-se nas armas espirituais e invencíveis da Luz, da Verdade e do Conhecimento. O espectáculo era digno de ser visto. Não só era um espectáculo de luz de proporções incríveis; também os sons produzidos eram assustadores! As armas espirituais de combate elevaram juntas as suas vozes, fundindo-as numa canção de vitória harmoniosa e bem audível.

O Anjo Laranja não referira que todas as armas cantavam!

A escaramuça final terminou em menos de um minuto. A energia que a Espada e o Escudo descarregavam venceu rapidamente o monstro. O seu corpo enorme e nauseabundo ficou estendido no chão, diante do adversário, como se fosse um monte de carne putrefacta, trémula e em decomposição. O odor a sangue que brotava das múltiplas feridas agredia-lhe o olfacto. Subitamente, as armas de combate cessaram o seu canto, e a coisa latejante de pele verde, que jazia no chão, começou a perder a essência.

- Não partirei, Michael Thomas. Voltarei outro dia – grunhiu, enquanto começava a desvanecer-se.

- Eu sei – disse, enquanto olhava os olhos vermelhos do repugnante titã.

Sabia que a morte da maligna criatura era simbólica. Mas também sabia que o combate fora extremamente real. Estremeceu ao pensar que o desenlace podia ter sido o inverso. Podia ter sido ele a ficar ferido de morte. Se não fossem as armas espirituais, podia ter sido ele quem se desvaneceria na escuridão. Estava contente pela forma como tudo acabara. Lentamente, colocou na bainha a sua maravilhosa Espada da Verdade, mas, antes, agradeceu em voz alta. Fez o mesmo com o Escudo, e colocou-o no gancho da parte posterior da Armadura. Abraçou a Armadura e celebrou a forma como ela funcionara.

Então aconteceu! Mike sentiu que os três dons começavam a deixá-lo. Estavam a esfumar-se, tal como o monstro. Gritou:

- Não! Preciso de vós! Por favor! Não!

Todavia, a sua biologia absorvia as armas. Estava a ser realizada uma fusão, só possível graças ao propósito do próprio cerimonial a que procedera e à vitória que as armas lhe tinham facilitado. Estava surpreendido. Gritou pedindo uma explicação:

- E agora? Por que estão a abandonar-me?

“Michael Thomas de Propósito Puro, os teus maravilhosos dons continuam aí, só que, agora, estão dentro de ti!”

Era a poderosa voz do Anjo Laranja, aquele que, inicialmente, lhe dera os dons. O continuou: "Ganhaste o direito de os assimilar. Agora, fazem parte de ti, Michael Thomas, e residirão dentro das tuas células."

Sentando-se numa rocha, perguntou a Laranja:

- E a próxima batalha?

"Será ganha da mesma maneira, Michael, mas sem a presença tangível das armas. Agora, a Verdade reside dentro de ti, tal como o poder do Conhecimento e a Sabedoria. Não existe monstro algum que tas possa arrebatá-la jamais."

Meditou nas palavras do Anjo Laranja, e logo invocou outro Anjo:

- Verde, mudei outra vez?

"Sim. Michael. Ao absorveres os dons, tornaste-te perfeito. Somente te falta conhecer o último Anjo."

Era reconfortante voltar a ouvir a voz do Anjo Verde. Como não queria esperar até chegar à última Morada, perguntou:

- E quem será?

"O Anjo mais esplêndido de todos. Michael. Logo o verás".

Levantou-se. Sentia-se estranho, pois tudo acontecera com imensa rapidez: o encontro com a criatura transformada em seu pai, a compreensão de que devia enfrentar uma batalha real, vencer um monstro, e, agora, a aparente desaparecimento dos dons a que já se acostumara. Novamente se sentou e começou a repensar nos acontecimentos dos últimos vinte minutos. Sentindo, intuitivamente, que o Anjo Branco daria a resposta mais esclarecedora, perguntou:

- Quem era realmente o monstro?

**"Era a parte de ti sem amor, Michael. Era a parte humana que sempre está presente e com que tens de lidar. Se não for controlada, a parte humana sem amor cria escuridão."**

A voz do Anjo Branco era admirável e tranquilizou-o imediatamente. Mas ainda perguntou:

- Regressará?

"Enquanto fores humano, estará sempre pronta para atacar inesperadamente. O amor, porém, mantém-na débil!"

Inesperadamente, ficou introspectivo. Pensou: "Só me falta uma lição. Depois, posso desfazer-me da minha forma humana". Ansiava abrir a porta de Casa. Essa porta mágica era a sua meta final. Considerou o que significava: uma existência plena de amor e paz, uma existência com propósito espiritual. Naquele momento, apercebeu-se que a atmosfera do lugar onde estava ficara totalmente limpa de nuvens. Examinou o cenário do combate sob a luz do Sol e viu as marcas chamuscadas onde as poderosas armas tinham derrotado o inimigo. Tocou-se na cintura, onde estivera o cinturão da Espada, e no peito que estivera coberto pela Armadura. Sentia a falta deles, mas sabia que aquilo que os Anjos lhe tinham dito estava certo. Não se sentia nem diferente nem mais leve. Agora, levava o poder dentro de si, e isso convertia-o num poderoso Guerreiro do Amor, tal como Mary, no hospital. Sorriu ao pensar na força dela, e agradeceu mentalmente por aquela visão. Então, apalpando novamente o peito, apercebeu-se que também o mapa desaparecera. Sentindo-se desapontado, exclamou, em voz alta:

- O mapa!

"Também está dentro de ti, Michael! A tua intuição continuará a ser valiosa."

Era o Anjo Azul quem lhe falava outra vez. Mas sentindo-se nu. Pensou: "Está bem. Não serei humano por muito mais tempo. Não necessitarei destes dons quando entrar no céu e regressar a Casa. Afinal, só falta uma Morada!"

Não tardou a sair do desfiladeiro, e havia uma magnífica visão à sua espera, enquanto avançava, aproximando-se do limite do escarpado perfil das montanhas. Quando começou a vislumbrar o final do estreito desfiladeiro, pôde ver, ao longe, que uma paisagem mais serena o esperava. Então, reparou num esplêndido arco-íris que se arqueava sobre a zona. Resplandecia, contrastando com o céu cada vez mais claro e azul daquela terra mágica; marcava o final do desfiladeiro e simbolizava o final da Viagem. Avançou, admirado pela magnificência daquele arco-íris, olhando só de vez em quando para o chão para ver por onde ia caminhando. Então, apercebeu-se do que era o arco-íris: seis amigos enormes, de intensas cores, estavam no céu, diante dele. Ah! Como se mostravam tão imponentes e tão orgulhosos! De mãos dadas, formavam um arco-íris de celebração pelo ser humano a quem chamavam Michael Thomas de Propósito Puro!

Passou por debaixo deles e, emocionado, chamou cada um pela sua cor, agradecendo-lhes. Ali estavam: o Azul, que lhe entregara o mapa e a direcção da Viagem; o Laranja, que lhe proporcionara os maravilhosos



dons espirituais que tinham vencido o gigante; o Verde, o seu amigo cómico, que lhe explicara biologia, que lhe dera uma forte pisadela no dedo e lhe facilitara a experiência da primeira mudança vibratória; o Violeta, o Anjo maternal, que lhe mostrara as lições da sua vida e revelara a responsabilidade que tinha em todas elas; o Vermelho, o péssimo comensal e maravilhoso apresentador da sua Família espiritual; e o amoroso Branco, a essência da pureza, de quem aprendera acerca do amor verdadeiro, observando uma mulher pura, de incrível força e sentira a agonia de uma oportunidade perdida. Sabia que aquela era a forma como eles celebravam a sua vitória, porque a Morada seguinte seria a última e ele não voltaria a necessitar deles, nesta terra. O seu treino estava quase concluído. Aprendera bem e passara uma grande prova, vencendo o monstro sozinho. Sabia que estavam a dizer-lhe adeus.

- Respeito-vos, meus amigos!

Olhou para cima e reparou como aquelas esplêndidas cores se esvaeciam, descobrindo outra vez um céu absolutamente azul.

\* \* \*

Mike não teve de andar muito para encontrar a Morada seguinte... que era bem diferente. Na realidade, não era uma Morada, mas uma enorme mansão! À medida que se aproximava, reparou não só que o tamanho era inusual, mas também que o que lhe parecera ser uma construção castanha, revelou-se, pouco a pouco, como sendo de ouro! Conforme se foi aproximando, a percepção do seu tamanho começou a mudar. O que parecia ser uma grande estrutura, de um só piso, converteu-se gradualmente num edifício colossal, de múltiplos andares e enormes proporções. Não só era dourada, parecia ser feita de ouro.

Um vasto e bem cuidado jardim de relva fazia ressaltar o edifício dando-lhe grandiosidade. Estava rodeado de numerosas fontes sumptuosas, assim como de múltiplos ribeiros de esplêndidos sons. Tudo isto estava equilibrado com vistosas flores de quase todos os tipos concebíveis, arrumadas em grupos de cores extraordinárias. Viu ainda algo mais que, momentaneamente, lhe susteve a respiração: o Caminho acabava na entrada da Morada! Sem dúvida, a meta final devia estar lá dentro! Aquela, não era somente uma Morada, era também um portal, uma entrada para o próprio céu. Era a porta que conduzia a Casa. Apercebeu-se, então, que sentia ansiedade e respirava com dificuldade, enquanto abandonava cautelosamente o caminho principal e começava a percorrer o longa e sinuosa vereda até à porta do enorme palácio dourado.

Finalmente, chegou à grande porta adornada, feita totalmente de ouro. Perguntou-se como poderia abri-la, pois parecia ser imensamente pesada. Abaixou-se, tirou os sapatos, colocando-os no lugar destinado a esse fim, e esperou. Sabia que não voltaria a vê-los nunca mais. Mas não apareceu nenhum Anjo.

Perguntou-se se seria correcto tentar abrir aquela gigantesca porta e entrar. Lembrou-se, então, que isto já lhe sucedera na sexta Morada, quando o Anjo Branco não quis arriscar-se a sair para o alpendre. Assim, decidiu-se e empurrou a enorme porta dourada. Era demasiado grande e alta para qualquer uso prático, mas verificou que se abria facilmente. Entrou e ficou completamente estupefacto. Tudo era de ouro! As paredes, as colunas, o chão. Por toda a parte havia uma sumptuosa decoração. Era extraordinário! E, outra vez, aquele odor a flores! A fragrância de mil lilases estava no seu olfacto, enchendo-o de um maravilhoso sentimento de amor. Era um lugar verdadeiramente sagrado e surpreendente.

Então, entendeu imediatamente a ironia: enquanto as outras Moradas desta grande terra pareciam pequenas quando vistas do exterior, mas eram imensas internamente, esta era enorme quando vista do exterior, mas o seu interior, embora esplendoroso, era pequeno. Não havia um labirinto de divisões sucedendo-se umas às outras, como nas outras; pelo contrário, todas as portas e vestíbulos davam para um lugar comum. Não se podia escolher em que direcção ir, pois só era possível tomar uma. O trajecto através da Morada era simples: elegante, sumptuoso, esplêndido e refinado, mas simples. Não havia divisões auxiliares nem aposentos destinados ao seu alojamento. Em nada se parecia com as outras Moradas, e provocava sensação diferente. Tentava identificar o que sentia, enquanto percorria lentamente aquele espaço. Reconheceu que era a mesma sensação de quando entrava num grande espaço de culto: sentia reverência. Era majestoso, como um santuário sagrado.

Não sabia o que esperar, pois ainda não surgira nenhum Anjo. Esta era a primeira e única vez que entrava numa Morada sem que lhe dessem as boas-vindas. Depois do grande combate e de toda a agitação vivida, deveria estar com fome, mas não estava. Sentia-se demasiado emocionado. Continuou a avançar até chegar a uma porta que parecia diferente, pois tinha um nome gravado. As letras eram aqueles caracteres estranhos, de tipo árabe, que vira nas etiquetas da Morada dos Mapas e que, mais tarde, voltou a ver no Plano da

Família do Anjo Violeta. Sabia que aquele nome devia ser o do Anjo Dourado, onde quer que esse estivesse. Abriu a porta e entrou.

As boas-vindas que recebeu foram daquelas que não mais se esquecem: encontrou-se num enorme salão de majestosa beleza, um grande salão de culto ou algo parecido. Assemelhava-se a uma catedral e, nas paredes, podiam ver-se vitrais multicolores delicadamente trabalhados. Em cada esplêndido vitral, a luz filtrada do exterior convertia-se em vários arco-íris, que se derramavam sobre o imenso chão dourado, formando manchas de cores ondulantes; quando olhou para cima, pôde ver uma zona dourada infinita. As paredes do salão eram circulares, e reparou que a porta por onde entrara era o único acesso ao salão. Uma névoa dourada enchia delicadamente todo o espaço, gerando um cenário que dava a sensação de uma ambiência de alvorada, quando tudo é fresco. A névoa interactuava com a luz de uma maneira extraordinariamente vistosa: cada vez que se envolvia na luz, fazia uns estalidos de brilhantes cores e convertia o ar húmido num arco-íris subtil, pintando a área com os tons de todo o espectro das cores. Apercebeu-se que estava a receber alimento e obrigou-se a respirar.

Lentamente, tornou-se consciente de que tudo – a luz, a decoração e a concepção da arquitectura – pretendia honrar o centro ovalado do santuário. Um grandioso escadaria partiam da grande abóbada, mas conduziam apenas a umas varandas viradas para o centro daquele espaço. Concentrando-se no enorme salão, notou que o seu centro estava repleto de uma nuvem dourada... mas ali havia algo mais. Começou a andar, consciente de estar a chegar ao final da Viagem.

Enquanto se dirigia para o centro da zona de névoa dourada, apercebeu-se que santuário era bastante maior do que julgara ao princípio. Todo o ouro e a sua notável concepção faziam com que a percepção do olho humano se distorcesse. Caminhou para o centro e notou que demorava bastante mais do que o previsto. Finalmente, a uns quantos passos do ponto central, deteve-se. O que havia ali? Dentro da névoa havia algo sólido. Seria outra estrutura?

Quase tinha chegado ao centro quando foi atingido por uma assombrosa explosão de energia. Subitamente, estava de joelhos! Uma sensação de incrível sacralidade e santidade tinha descido sobre ele, com tal poder que exigira que se ajoelhasse. Suspendeu a respiração e baixou os olhos para não violar o protocolo tácito e sagrado. O seu corpo começava a sacudir-se com uma surpreendente vibração, que só podia provir da presença de Deus. Tinha chegado o momento! Estava a aproximar-se da porta final do céu! Talvez ali não morasse nenhum Anjo, embora os outros lhe tivessem dito que estava prestes a encontrar o ente mais grandioso de todos. Percebeu que, ali, se encontrava frente a uma presença que infundia um respeitoso temor: a sagrada e milagrosa presença do próprio Deus.

Com sérias dificuldades em respirar, elevou o olhar e viu que a névoa se dissipava. Continuou ajoelhado, mas numa postura mais direita para ver o que acontecia. A névoa, ao desaparecer, deixou a descoberto uma estrutura parecida com um enorme bloco dourado. Ao desvanecer-se ainda mais, mostrou alguns degraus: uma escadaria conduzia à parte superior. Estaria no final da escada a porta que conduzia a Casa?

A energia tornava-se mais intensa, mas não se sentia digno de estar ali. Há ocasiões em que um ser humano sabe qual é o seu lugar. Independentemente do que tivera de passar, não estava à altura da santidade e da grandeza do que tinha diante de si. Encontrava-se diante do portal do céu e sentia-se como se fosse um boneco de borracha, imobilizado pelo poder do Espírito e pelo resplendor de Deus. Sabia que, a uns quantos passos, estava algo mais poderoso do que qualquer outra coisa imaginada, uma energia tão poderosamente amorosa e espectacular na sua beleza que representava a própria criação.

Sentiu que se esforçava para absorver oxigénio, mas manteve a cabeça bem alto. Precisava de vê-lo! Sabia agora que, realmente, havia uma entidade por conhecer: a mais grandiosa de todas, segundo lhe tinham dito. Que estupenda criatura poderia emanar tal energia? Teve a esperança de poder sobreviver à intensidade daquela vibração o tempo suficiente para a conhecer. Mesmo que, nos minutos seguintes, fosse atomizado por uma explosão de luz celestial multidimensional, **tinha de a ver**. Lembrou-se dos relatos acerca do que acontecera a quem tocara a Arca da Aliança, na história dos Judeus: tinham-se esfumado numa explosão de vapor, por terem tocado em Deus. Pensou que também podia suceder-lhe o mesmo, se a energia do momento aumentasse demasiado. Sentiu-se como se as suas células fossem rebentar. Todas elas tentavam celebrar ao mesmo tempo e tinha uma sensação de expansão desde o seu interior. Começava a sentir medo, não pela sua vida, mas por não chegar a ver a entidade que residia nesta última e incrível Morada. A névoa continuou a dissipar-se.

O bloco dourado e ornamentado com escadas, tornou-se mais nítido. Não era um simples bloco, era um trono! Adornado e luminosamente indescritível, construído com magistralidade e indiscutivelmente feito de ouro, parecia resplandecer com a sua própria sacralidade. O Anjo devia estar sentado nele. Quem podia ser?

Nesse instante, viu-se a soluçar! Com a sua biologia a romper-se com a grandeza desta energia sagrada, sentiu ondas de gratidão e amor a fluir do coração. Simplesmente, não podia controlar a comoção. A energia que pairava sobre ele era densa, e sabia que a entidade dourada, por quem esperava, já estava a descer as escadas. O Anjo mais grandioso de todos estava prestes a surgir por entre a névoa dourada, que ocultava a parte superior do trono. Estava a aproximar-se. Sabia-o! Talvez estivesse prestes a conhecer o guardião da porta que conduzia a Casa, aquele que desejara encontrar desde sempre - aquele que sabia tudo!

Sentia-se como se estivesse a desmoronar-se. Não queria que o vissem assim, queria ser forte, mas nem sequer conseguia pôr-se em pé. Queria que o Anjo Dourado soubesse que ele passara nas provas e que venceria o gigante, mas nem sequer conseguia falar. Sentia-se pueril e incapaz de controlar as emoções. O peito estava cheio de gratidão e respeito... e com falta de oxigénio! Começava a doer-lhe a cabeça. Quem era este Ser que se aproximava e que possuía tal poder? Que entidade no Universo representava a força de Deus de um modo tão espectacular?

- Não temas, Michael Thomas de Propósito Puro. Temos estado à tua espera – disse o enorme Anjo, cujo vulto ia aparecendo difusamente enquanto descia pela escada.

A voz era familiar. Quem era? Apesar de denotar uma sacralidade do mais elevado nível, a voz era tranquila e cheia de paz. O Ser que se aproximava era, talvez, o mais elevado de todos, mas o encontro iniciara-se de forma tranquila, sem pretensões, com uma mensagem de encorajadora segurança. Apesar da mensagem, não pôde usar adequadamente a sua voz naquele momento. Estava demasiado comovido para falar, e o aparente sobressalto do seu estado emocional não dava mostras de melhorar. Continuou a observar, enquanto punha a mão no peito cobrindo o coração, não fosse ele sair do corpo com a expectativa que sentia diante do Mestre Dourado do Amor, que agora lhe falava. Não queria perder o que estava a acontecer, e tinha a esperança de viver aquela experiência até ao fim. A visão começou a tornar-se pouco nítida.

O esplêndido Anjo celestial baixou flutuando pelos degraus esculpidos, reluzentes de ouro, e foi-se aproximando lentamente de Michael Thomas que, ajoelhado, tremia. Apesar do estado de êxtase, reparou no aparente contra-senso de os degraus existirem para um Ser que não precisava deles!

O que viu primeiro foi o magnífico corpo fulgurante, já que a sua cabeça ainda estava oculta por uma névoa da mesma cor. O Anjo deteve-se um momento; a sua cara continuava oculta. Viu que era enorme, maior do que os outros Anjos que conhecera. O matiz dourado das vestes era tão brilhante que os botões pareciam eléctricos. Agora, já podia ver a parte inferior das asas. Ele sabia que o Anjo teria asas! Vibravam como dez mil borboletas, mas sem emitir qualquer som. Estava seguro de que, quando a cabeça se tornasse visível, o Anjo teria uma aura majestosa, tal era o sentimento que consagrava a esta grande criatura!

Embora não estivesse habituado a esta energia, apercebeu-se que algo estava a passar-se consigo quando o Anjo parou. Estavam a dar-lhe uma prenda, e ele sabia-o: uma bolha de ténue luz branca formava-se à sua volta, protegendo-o e criando, no seu interior, sensações tranquilizadoras. Suspirou aliviado, pois sabia que seria incapaz de continuar a absorver aquela energia divina que se aproximara. Lentamente, como resultado da bolha protectora, começou a respirar com normalidade, enquanto se sentava no chão. O banho emocional de intenso amor converteu-se num banho de paz e, lentamente, recuperou o seu normal equilíbrio humano. Passaram dez minutos e o Anjo permaneceu estático. Recuperava forças e sabia que o Anjo tinha criado um espaço para ele, protegendo-o com essa bolha de luz, onde a vibração humana podia coexistir com a vibração divina daquela estupenda criatura vinda do céu.

Finalmente, sem se levantar e respirando profundamente, disse:

- Obrigado, grande Anjo Dourado. Não tenho medo.

- Sei exactamente o que estás a sentir, Michael, e, de facto, não tens medo.

Mike tentava aclarar a voz, enquanto o Anjo continuou imóvel. Tinha o mesmo tipo de serena energia do Anjo Branco, e tentava reconfortar-lhe a alma quando a escutava. Era uma voz intensa, que enchia todo o espaço que o rodeava, mas, ao mesmo tempo, tranquilizadora. Sabia que já a ouvira antes, mas onde? Em que outra zona desse grande lugar espiritual a ouvira? Quando sentiu que podia falar outra vez, perguntou reverentemente:

- Conheço-te, grande ser sagrado?

- Evidentemente. Conhecemo-nos muito bem.

Mike só podia vê-lo parcialmente, mas a majestade da voz era poderosa, plena de glória e esplendor. Não entendia, mas não quis forçar a situação, que transpirava protocolo e cerimónia. Era melhor sentar-se e deixar que lhe falassem nesse nível de energia, pois respeitava a diferença de vibração existente entre ambos.

O Anjo voltou a falar:

- O tempo total que compartilharemos nesta Morada, Michael Thomas, não passará de uns poucos minutos. Mas esse período estará cheio de propósito e revelação. A diferença vibratória entre nós é tão grande que não podemos manter o encontro durante muito tempo; apenas o suficiente.

“O suficiente para quê?”, pensou. O Anjo prosseguiu, e o esplêndido ritmo da sua voz novamente lhe invadiu todas as moléculas do organismo, enquanto lhe chegava aos ouvidos e era absorvida pela sua biologia interna.

- Michael Thomas de Propósito Puro... amas Deus?

As suas células estremeçeram perante esta questão. Outra vez a mesma pergunta! Calafrios de compreensão percorreram-lhe as costas. Pensara que o Anjo Branco seria o último a perguntar-lhe aquilo, mas enganara-se. Estavam a perguntar-lhe novamente. Este era o momento. As suas células começavam a querer falar todas as mesmo tempo. “Diz-lhe que sim!”, suplicaram. Talvez a resposta que desse ao Anjo Dourado significasse o seu passaporte para transpor a porta de Casa. Esta era a última vez que lhe fariam essa pergunta... a mais importante. Desejava que aquele momento fosse profundo. Fez, pois, uma pausa... mas não conseguia imaginar uma resposta suficientemente eloquente. A mente estava vazia e a única coisa que nela cabia era a honra de estar naquele lugar, perante aquele ser divino.

- Sim! – disse. E a sua voz era honesta, pura, e não tremia.

E a maravilhosa voz, vinda da cara invisível que permanecia envolta na neblina, acrescentou:

- Michael Thomas de Propósito Puro, queres ver o rosto de Deus? Esse ser por quem professas amor?

Mike ficou paralisado ante a possibilidade sugerida por aquelas palavras sagradas. O que significavam? Qual seria a revelação? Como iria acabar tudo aquilo? As suas células voltaram a pedir que dissesse que sim. Respondeu automática e sinceramente.

- Sim, quero.

Desta vez, a sua voz tremeu, e sabia que o Anjo se apercebera disso.

Descendo os restos dos degraus, o Anjo Dourado, disse:

- Então, Michael Thomas de Propósito Puro, contempla o rosto de Deus, aquele que, segundo nos assegura-te oito vezes, amas.

A reluzente magnificência do mais sagrado de todos os seres aproximou-se. Contudo, apesar da bolha protectora que lhe tinham proporcionado, sentia como aumentava o nível de energia à medida que o Ser começava a emergir da espessa névoa dourada e a descer os degraus dourados para chegar ao seu nível. Era tão alto que, enquanto descia, uma parte da névoa continuava agarrada a ele. Quando se aproximou, e enquanto a névoa se dissipava gradualmente das feições, disse:

- Levanta-te, Michael. Precisas de estar de pé.

Mike sabia que ia suceder algo transcendental. Lentamente, ergueu-se sobre as suas pernas tremelicantes e, com os olhos e a mente abertos, procurou, entre a névoa que se dissipava, o lugar de onde podia surgir a cara do Anjo. Finalmente apareceu, e Michael Thomas de Propósito Puro – o ser humano que vivera intensamente tudo o que estivera relacionado com a sua Viagem, que enfrentara e aniquilara o mostro, que percorrera o Caminho melhor do que qualquer outro ser humano, naquele lugar espiritual – ficou desarmado ante a revelação que teve. O assombro encheu-lhe os olhos de lágrimas. A compreensão começava a surgir na sua mente lógica e espiritual, enquanto tentava discernir o que via e o significado que poderia ter. As suas emoções paralisaram, incapazes de processar a informação que os seus olhos agora lhe revelavam. As pernas começaram a fraquejar e, involuntariamente, caiu de joelhos, pela segunda vez, neste salão sagrado envolto em ouro. O rosto da grande entidade que descera pela escada cinzelada do grande trono dourado, era o de Michael Thomas! Não era uma ilusão, pertencia ao Anjo. Era o Anjo. **O Anjo era Michael!**

- Por conseguinte, se amas a Deus, amas-me a mim.

O Ser Dourado sabia que, na realidade, ele não o ouvia. A mente estava confusa, pois uma enorme comoção chegava a todas as suas células. Continuava a tentar encontrar uma explicação. “O que significa isto? É real?” O Anjo continuou a falar. Mike, de pé e imóvel, era incapaz de compreender fosse o que fosse.

- É chegado o momento de te dar outra prenda, Michael.

A voz do Anjo continuava tranquilizadora e reconfortante, transmitindo-lhe paz e compreensão.

- Dou-te a dádiva do discernimento, enquanto ouves a minha explicação.

A mente começou a abrir-se e novamente se apercebeu que o Anjo proporcionava uma ajuda consciente à sua própria compreensão, com o intuito de anular qualquer predisposição ou preconceito humano. O Anjo voltou a falar:

- Há algo dentro de cada ser humano que luta dramaticamente até à última sinapse lógica da matéria cerebral, para te impedir de acreditares que és algo mais do que um ser humano, Michael.

O Anjo sorriu, e Mike novamente teve a sensação de estar a ver-se ao espelho e a sorrir para si mesmo. A voz do Anjo era a sua própria voz, mas não a tinha reconhecido. A única circunstância em que os Humanos podem ouvir a sua própria voz, com absoluta precisão, é numa gravação, algo que ele fizera raras vezes. Como precisava de ouvir o que o Anjo lhe dizia, a mente estava a desanuviar-se. O Anjo prosseguiu:

- Eu **sou** o teu **eu** mais elevado, Michael Thomas, a parte de Deus que reside em ti enquanto vives no planeta Terra. Esta é a tua última revelação e lição, antes de continuares o caminho até à meta. Esta é a informação final que tens de absorver. É a verdade mais elevada e poderosa para toda a Humanidade, a que está mais bem guardada e que é mais difícil de aceitar.

Ouvir o Anjo era fascinante, mas olhar para ele distraía-o porque tinha a sua cara! Apesar disso, a informação interessava-lhe e desejava aprender o que significava. Devia avançar, pois precisava de saber mais. O Anjo flutuou ligeiramente para um lado, deixando ver algo mais na parte superior do lugar que ocupava previamente na escada cinzelada. E continuou:

- Esta é a Morada Dourada da auto-estima, Michael. **Nada te deterá mais rapidamente na Viagem de iluminação do que o sentimento de não seres digno dela.** Por conseguinte, decidimos revelar-te quem és, realmente. Tu és uma parte de mim, Michael. Somos um Anjo do mais alto nível, tal como todos os outros seres humanos. Somos os que elegemos visitar o planeta Terra, passar por provas de vida humana e elevar a vibração do planeta através das lições e da experiência da nossa viagem. Somos os que podemos fazer algo por toda a Humanidade, e também pelo Universo. Acredita-me Michael Thomas: o que fizeste na Terra provocou grandes mudanças noutras áreas.

- Mas não fiquei lá! – disse, impulsivamente, ao ouvir esta informação e ao sentir, de novo, que se rendera demasiado cedo.

- E não aprendi nada!

- Não importa, Michael. O que te dignifica tão grandemente é o **propósito** de fazer uma Viagem e a aceitação inicial de participar no sacrifício. A tua simples presença no planeta já é digna e correcta. Não te apercebes? Alguma vez escutaste a história do filho pródigo? Todas as culturas a têm, sabias?

Mike conhecia a história, mas não sabia como aplicá-la a esta situação. Lembrava-se que o filho da história fora bem recebido e amado pelo seu pai, apesar de não ter respeitado os costumes da família. O Anjo voltou a mover-se e prosseguiu a explicação:

- Michael, os demais Anjos adoram-te! Acaso não te questionaste por que és merecedor desse amor? Agora já sabes: nós, tu e eu, pertencemos a um grupo de elite. Estamos entre aqueles que são sumamente amados e honrados, que escolheram vir à Terra viver na sua biologia inferior sem terem consciência disso, porque tal está oculto. Tu, realmente, és uma parte de Deus, que está no planeta para aprender. A razão disso obedece a um propósito maior, e, agora, estás a ver essa parte diante de ti!

Mike sentiu-se estupefacto por tudo quanto lhe era revelado. Pensou, então, no que ocorrera durante as últimas semanas: achava surpreendentes os ensinamentos recebidos sobre os Contratos e a Família na Morada Violeta; a Família que lhe tinham apresentado na Morada do Anjo Vermelho era assombrosa. Mas, agora, ali estava a revelação de que o humano Michael Thomas podia contar-se entre os Anjos mais elevados. E os outros Humanos também? Realmente, acaso podia ele ser tão grandioso?

- Sim, és, Michael! Sim, somos! Chegou o momento de compreenderes e de te aperceberes que és digno de estar na Terra. Tu planeaste vir e, de facto, aguardaste para o poderes fazer! És respeitado, entre todos os seres, pelo que fizeste, e agora mereces passar à fase seguinte. Dado que, ao longo da Viagem, tantas vezes garantiste que amas Deus, **também deves amar-te a ti mesmo!** Pensa nisso, Michael Thomas, porque a verdade que encerra haverá de mudar a tua perspectiva e a essência de teu propósito humano.

Agora, estava bastante mais atento à informação, dado que o Anjo lhe concedera a dádiva da calma e do discernimento. Estava aberto. Esta informação era verdadeiramente difícil de digerir. O Anjo continuou:

- Agora, o passo final - que seria o mesmo se tivesses continuado na Terra - consistirá em absorver esta parceria. Deves saber que é real. Sente a divindade e o mérito de tua humanidade. Sabes agora que, na realidade, és um ser sagrado do céu. Sente o que significa pertenceres a este lugar e seres eterno! Assume a insígnia de ouro que te está a ser oferecida.

Mike lembrou-se então do tempo que passara na Morada Branca, quando o Anjo lhe mostrara a visão de Mary no hospital. Recordava agora algo que permanecera oculto na mente: o Anjo Branco pronunciara umas palavras que só agora ganhavam significado. Dissera que Mary tinha aceite o Ser Dourado!

- Mary sabia que tu existes?

- Mary conhecia o seu próprio Eu Superior, Michael, se é isso o que queres saber. Ela estava acompanhada pelo seu Eu Superior durante todo o tempo em que a observaste. Foi isso o que sentiste. Ela sabia quem era, e sabia que existia o Salão Dourado e o Trono Dourado. Sabia que era sagrada e que merecia estar na Terra. Tinha integrado o seu próprio carácter sagrado.

De novo, sentiu um respeito reverencial por Mary, essa pequena mulher, que tanto lhe ensinara e que nunca viria a saber da sua existência.

- Mas ela conhece-te, Michael – garantiu o Anjo Dourado.

- Conhece-me? Como é isso?

- Da mesma maneira que todos nós nos conhecemos! Ela estava totalmente consciente e sabia que a prenda que dava ao pai, naquele dia, tinha efeitos profundos noutros seres. A sua intuição dizia-lhe isso. Inclusivamente, sabia que era observada. Tal como tu, possuía, no seu interior, todos os dons, instrumentos e mapas, e também a dádiva dourada do conhecimento divino que estou transmitir-te agora. Tal é o poder de um ser esclarecido na Terra.

- Caramba! Então, ela sabia! A sua intuição dizia-lhe que as suas acções estavam a ser observadas e utilizadas para me ajudar.

Mike estava a aprender muito, e o respeito que sentia por Mary ia aumentando.

- Chegou o momento da prova, Michael Thomas.

O Anjo ia ao encontro do centro da questão, e Mike sabia que tinha de se submeter a uma espécie de prova. Mas, qual seria? Como poderia esta entidade, com a sua cara e a sua alma, saber se o humano Michael Thomas aceitara ou não a realidade de sua auto-estima?

- Só há uma maneira de averiguar – disse o Anjo, desviando-se para um lado. – Não te assustes, mas devo suprimir a tua protecção vibratória durante o resto do tempo que estaremos juntos. Talvez tenhas absorvido a verdade... ou talvez não. Esta prova, aparentemente, não é difícil, mas é impossível superá-la a menos que sejas puro e tenhas aceite a verdade da nossa parceria.

- Eu sei – disse, inquieto.

O que iria fazer o Anjo Dourado? A bolha branca começou a esfumar-se à sua volta, e voltou a sentir-se acometido pela vibração da santidade da força de Deus que o rodeava. Ali estava, outra vez, todo aquele amor, toda aquela energia de propósito e concentração proveniente de milhões de seres. Todavia, desta vez, sentiu algo mais: um ligeiro estremecimento por fazer parte de tudo isso. Seria isso a prova?

- Estou a sentir!

Tinha a certeza que era isso. Era possível que a prova, qualquer que fosse, já tivesse acabado? Nem pensar. Em vez disso, o enorme Anjo Dourado com a cara de Michael Thomas aproximou-se.

- Michael Thomas de Propósito Puro, senta-te no terceiro degrau.

Voltou a ter dificuldades com a respiração. As suas células não se reconheciam numa vibração demasiado elevada. Falou para o seu corpo em voz alta, sem considerar a presença do Anjo Dourado. Tinha de controlar o seu organismo e as suas células naquele momento:

- **Estamos** bem. Não reajam com medo! Não o merecemos. **Somos** dignos disto!

Estava a conseguir e tinha consciência disso. Fazia, automaticamente, o que o Anjo Verde lhe ensinara... e estava a alcançar resultados imediatos. Sentou-se no terceiro degrau do Trono Dourado e começou a acalmar-se. Naquele momento, apercebeu-se que o Anjo Dourado o olhava fixamente, e viu que a face dourada esboçava um imenso sorriso:

- Realmente, já sabes o que deves fazer, meu equivalente humano. Isso é algo que eu não poderia transmitir-te, mas que aprendeste bem com os outros. Agora, deixa ver se absorveste bem o que te dei.

O que aconteceu a seguir emocionou Michael Thomas muito mais do que a descoberta da cara do Anjo, minutos antes. O grande Ser Dourado, que acabara de representar a força de Deus, começava agora a ajoelhar-se diante Michael Thomas. A magnificente entidade dourada abriu as asas e abriu-as regiamente, como se fosse uma capa de ouro, que se abria com os seus movimentos. Os dois admiráveis apêndices abriram-se em leque o suficiente para permitir que o enorme corpo se baixasse graciosamente, sem que as asas tocassem no chão. Mike reagiu fortemente, mas, desta vez, não ficou incapacitado. Em vez disso, apenas se surpreendeu, enquanto continuava a observar o que o Anjo fazia. Enquanto se ajoelhava, o magnífico Anjo tirou, quem sabe de onde, uma grande bacia dourada e susteve-a suavemente diante dele em atitude cerimonial. Olhou-o directamente e disse estas cerimoniais palavras:

- Esta grande bacia contém, de forma simbólica, as lágrimas da minha alegria por **ti**, Michael Thomas. Com isto, desejo ungi e lavar os teus pés, porque és digno desta honra.

“Oh, não! Este ser divino vai realmente tocar-me!” Agora compreendia em que consistia a prova: um só toque desse Ser Dourado determinaria se as suas células tinham entendido realmente o tema do mérito, e se

o seu corpo estava verdadeiramente consciente da sua linhagem sagrada. Como seria de esperar, nesta prova não cabia o fingimento. Essa era a prova! Então, o Anjo deteve-se um momento, antes de tocar o pé esquerdo de Michael Thomas, e respondeu às perguntas que ele formulava mentalmente.

- Esta não é uma prova de mudança vibratória, Michael, porque tu e eu nunca teremos a mesma vibração até nos fundirmos outra vez, no final. Esta é uma prova de tua fé humana. Temos de assumir o facto de que, enquanto Deus, **somos** dignos de ser humanos. Isto comprovará se terás compreendido verdadeiramente que mereces que o próprio Espírito te lave os pés, e se o amor que sentes por Deus está reflectido no amor que sentes por ti mesmo.

Mike relaxou-se. Conhecia a sua mente e sabia que aceitara aquela ideia e aquela a lição do esplêndido ser. Subitamente, percebeu que a prova iria revelar isso ao Anjo. Estava preparado. Continuava ali, sentado na frente do ser mais grandioso entre todos os seres grandiosos. O Anjo, apesar das enormes proporções, colocara-se abaixo do nível dos seus olhos. A cerimónia não lhe passou despercebida, e sentiu uma onda de emoção devido ao que estava a ocorrer.

O nobre ser tomou delicadamente o seu pé, provocando um incrível formigueiro em todo o corpo, que lhe subiu ao coração e à mente. Sentia-se transbordante de compaixão, e as lágrimas começaram a correr. Não disse nada enquanto o Anjo lhe lavava, delicadamente, o pé. Sentiu que era amado ilimitadamente. Não desapareceu nem se desvaneceu, num relâmpago de energia. Sentia a pressão da energia vibratória existente entre ambos e, embora apenas tivesse começado a assimilar a situação, estava consciente de que merecia aquele tratamento. Permaneceu em silêncio, porque sabia que o amor é silencioso; também sabia que o amor puro é desinteressado, de modo que o esplêndido Ser de Ouro não ia pedir nada em troca; sabia ainda que o amor não é arrogante, e que o Anjo não estava acompanhado por uma legião de hóspedes celestiais para presenciarem a ocorrência. Isto era pessoal, e o Anjo pedia-lhe, silenciosamente, que aceitasse aquela honra e se limitasse a **ser**.

O sentimento que experimentava era indescritível. Dos seus olhos continuavam a cair lágrimas de enorme gratidão, mas não estava envergonhado. Sabia que o Anjo compreendia que, embora pudesse parecer estranho, aquela era a sua maneira humana de agradecer.

Finalmente, o Anjo voltou a falar, e a sua voz estava cheia de um profundo orgulho por Michael.

- Michael Thomas de Propósito Puro, realmente passaste esta grande prova, uma das maiores de todas. Mas, agora, mostrar-te-ei algo ainda maior. Já que superaste todas as provas, e continuas preparado para te dirigires à porta de Casa, lavar-te-ei o outro pé. É uma honra para mim fazê-lo, e exemplifica o amor que Deus te dedica. Já não é uma prova, nem há nada para ganhar com ela. Faça-o porque te amo. Não esqueças, nunca, este momento.

Mike não podia imaginar um momento mais sagrado na sua vida. As lágrimas persistiam em cair-lhe dos olhos, e ambos os seres, que pertenciam à mesma força espiritual, continuavam a partilhar o amor, enquanto o enorme Anjo Dourado lhe lavava, delicadamente, o outro pé... que parecia muito pequeno entre as suas enormes mãos!

Finalmente, tudo acabou. A grande bacia esfumou-se magicamente, o Anjo pôs-se de pé e as suas asas voltaram a colar-se ao corpo.

- Agora, já podes levantar-te Michael Thomas. O teu propósito demonstrou ser verdadeiramente puro. Estás pronto para retornares ao Lar.

Mike pôs-se de pé, olhou à sua volta e, depois, encarou o Anjo. Como se lesse a sua mente, este pegou-lhe na mão e apontou para algo atrás dele.

- Sobe a escada, Michael.

O Anjo sorria de novo. Mike voltou-se e olhou para cima, para onde se encontrava a névoa dourada. Os degraus do trono dourado chamavam-no para outro lugar desconhecido, de grande propósito. Voltou-se e olhou para o Anjo, como que a confirmar que ia subir as escadas.

- A porta que procuras está ali, Michael... Ah! E lembra-te disto: as coisas nem sempre são o que parecem!

Tendo chegado a este ponto, nada inquiriu sobre tal frase, que mais parecia o mantra daquele lugar. Tinha consciência de que não podia permanecer muito tempo ali. O Anjo também o sabia e, com delicadeza, colocou-se ao lado de Michael... desta vez rodeando-lhe os ombros com o seu enorme braço. Com uma voz suave e encorajadora, pronunciou as suas últimas palavras:

- Eu acabo de sair dali, Michael. Está tudo bem. Agora, debes ir até lá. O objectivo está ao alcance da tua mão. Em breve estaremos de novo juntos. Nunca devemos dizer adeus, dado que somos um.

Mike sabia que tinha de sair daquela potente energia. Deu meia volta e começou a subir as escadas rapidamente. Nesse momento, entendeu por que havia ali uma escada: não era para o Anjo... era para o humano! E os degraus estavam perfeitamente adaptados ao tamanho dos seus pés. Tudo começava a fazer sentido, mas não queria analisar mais nada. Chegara o momento de se graduar! Chegara o momento de entrar naquele lugar chamado Casa. Subiu os degraus do grande trono, dourado e ornamentado. Deteve-se a olhar, uma vez mais, para o Anjo Dourado, a parte de Deus que era ele, aquele que, agora, adoptava uma atitude régia com as mãos juntas e lhe sorria do fundo da escada. O Anjo tinha razão: não experimentava nenhuma sensação de despedida. Verdadeiramente, fazia parte dele.

Mike começou a aperceber-se que, naquele último dia, encontrara duas partes de si mesmo: uma delas, sem amor; a outra, com amor. Em algum ponto entre elas residia a consciência humana, o que, para ele, significava escolher onde colocar-se. Então, deu a volta e começou a subir a escada. A espessa névoa escondia o que havia imediatamente acima dele, e o seu campo de visão somente conseguia abarcar uns dez degraus dourados de cada vez. Prestava muita atenção aos passos que dava, pois a última coisa que queria era cair daquela torre, no final de sua Viagem sagrada. Riu-se ao imaginar a vergonhosa queda para a base do trono, e como se desculparia perante o seu esplêndido Eu Superior por ser tão trôpego. Imediatamente, este humor o relaxou.

Estava consciente de que já subira, pelo menos, dois pisos. Então, justamente em frente, havia uma espécie de patamar. "Que trono mais sumptuoso!", pensou. Era realmente imenso! E era seu!

Finalmente, chegou ao final das escadas... e não se sentiu decepcionado: ali, junto a uma cadeira dourada, profundamente ornada e regiamente lavrada, viu porta que tanto ansiara ver durante todas aquelas semanas. Agora, a sua visão, de há tanto tempo atrás, surgia perante ele e, por fim, estava ao seu alcance. A porta estava bem iluminada e parecia estar suspensa no ar, pois não só não havia paredes a demarcá-la, como também não se percebia onde a sua realidade se juntava à realidade do trono. Apercebeu-se que aquela porta não fazia parte da Morada da Auto-estima, nem da estrutura em que se encontrava. Era um portal e, portanto, possuía um atributo dimensional diferente. Tinha muitas coisas escritas na sua superfície, algumas das quais não conseguiu interpretar; mas entendeu a palavra Casa.

Esperara muito tempo por isto; passara por muitas coisas, aprendera muito e alterara a sua própria estrutura celular, preparando-se para o que o esperava do outro lado daquele portal. Agora, quase parecia fora do contexto. Permaneceu ali, pensando no que lhe sucedera e no belíssimo Anjo Dourado, que ficara na base da escadaria. Pensou no que lhe acontecera no terceiro degrau, um pouco antes. E esta última experiência fora, indubitavelmente, o contributo final para aquilo que sentia agora. Então, postou-se diante da porta, numa atitude cerimoniosa.

- Eu mereço-o! - disse, seguro de si mesmo. - E agradeço ao Universo por me permitir fazer o que estou prestes a fazer. Com pleno amor, entro no lugar onde que pedi para estar.

A cerimónia tinha terminado. Michael Thomas inspirou uma última golfada gigantesca de ar humano e, corajosamente, abriu a porta que tinha escrito Casa.

Depois, vomitou.



## 12. Transpondo a porta para Casa

- Mantém-lhe a cabeça virada para a esquerda, na direcção da bandeja! – pediu a enfermeira ao ajudante  
– Ele está a vomitar.

Nessa noite, como acontecia todas as sextas-feiras, a sala das Urgências estava cheia. A lua cheia tinha alterado tudo.

- Ele está consciente? – perguntou o vizinho, que o acompanhara às urgências.

O enfermeiro, vestido de branco, inclinou-se para examinar de perto os seus olhos.

- Sim. Está a acordar. Quando conseguir falar com ele, não permita que se ponha direito. Tem um golpe muito feio na cabeça, que suturámos com vários pontos. Não queremos que se soltem.

O enfermeiro saiu do cubículo, um espaço limitado por uma cortina que deslizava por um suporte semicircular, oferecendo uma certa privacidade em relação às outras pessoas que estavam na sala.

Mike abriu os olhos, e logo se apercebeu onde estava: regressara à Terra e estava no hospital onde tudo começara. A iluminação fluorescente, que banhava a zona das Urgências com uma luz brilhante e estéril, obrigava-o a fechar os olhos. Fazia frio na sala e sentiu a necessidade de uma manta. O assistente voltou com uma, como se tivesse escutado mentalmente o seu pedido silencioso, e voltou a sair.

- Você esteve inconsciente durante um bom bocado - disse o vizinho, um tanto incomodado por não saber o nome do doente. - Deram-lhe uns quantos pontos na cabeça. Tente não falar.

O homem deu-lhe umas palmaditas nervosas no peito e saiu para a sala de espera.

Mike ficou só. A sua cabeça flutuava perante a realidade do que sucedera. Fora tudo um sonho. A vil e feia criatura, que derrotara na visão do desfiladeiro, tivera razão desde o princípio: afinal, tinha permanecido na Terra durante todo o tempo, estendido no hospital, aturdido, em coma, e nenhuma das coisas maravilhosas que experimentara eram reais. Sentiu vontade de vomitar novamente, desta vez devido à crua realidade da situação. Tinha regressado! A Casa não passara de um sonho impossível e o País dos Anjos era exactamente o que o monstro lhe dissera: uma quantidade de fantasias disparatadas. Nada daquilo sucedera realmente, e ele jamais saíra do hospital! Nada do que vira e do que lhe tinham ensinado possuía solidez ou validade. Fechou os olhos e desejou morrer.

A enfermeira entrou no cubículo e inclinou-se sobre ele. Sentiu o seu perfume subtil entre os odores dos vários desinfetantes daquele ambiente. Examinou-lhe a ligadura da cabeça e tocou-lhe ao de leve.

- Senhor Thomas, está acordado?

- Sim - respondeu, débil e deprimido.

- Já pode ir. Levou uns pontos na ferida e fizemos o penso. Agora, já está bem. Pode ir-se embora, tranquilo.

Mike notou uma variação na situação.

- Como está o meu maxilar e a minha garganta?

- Estão óptimos, Senhor Thomas. Havia algum problema que não tenhamos detectado?

Moveu o maxilar e apalçou o pescoço, perante o olhar intrigado da enfermeira. Aparentemente tudo estava em ordem.

- Não. Suponho que tenha sonhado. - Regressara à realidade. Meditou brevemente sobre a situação e perguntou - Enfermeira, quanto tempo estive aqui?

- Um três horas, Senhor Thomas – respondeu a enfermeira sorrindo amavelmente.

- E a conta do hospital? - perguntou, reconhecendo que precisava de se inteirar da situação.

- Está coberta pelo seguro do dono do seu apartamento, senhor. Terá apenas de assinar alguns papéis, mas não tem nada a pagar.

- Obrigado, senhora enfermeira.

A enfermeira saiu do cubículo e Mike voltou a ficar só. Havia algo ali que não encaixava. Embora tivesse a sensação de terem passado alguns meses desde o acidente, lembrava-se claramente que o ladrão lhe apertara a garganta durante a luta. Todas as suas feridas eram anteriores à visão, ou sonho, ou o que fosse. Portanto, nada do que pudesse ter sonhado podia alterar aquelas lesões. Todavia, o maxilar e a garganta não apresentavam qualquer problema. Teria sido outro sonho? Não. Sentia-se incomodado pela pressão na bexiga. Tinha de ir à cada de banho. Isto era uma clara manifestação do “regresso à realidade elementar” da Terra, que só podia ter como ser humano real.

Levantou-se, ignorando a dor de cabeça. Enquanto andava, apercebeu-se que ainda trazia vestida a roupa da rua. Depressa encontrou a casa de banho, típica de um hospital: individual, pequena, extremamente limpa e com um forte odor a desinfectante. Aliviou a sua urgência, vivendo-a como algo pouco familiar, como se estivesse estado meses sem fazer tal coisa. Pareceu-lhe interminável.

Estava a lavar as mãos quando viu o seu reflexo no espelho. Algo mudara na sua cara. Aproximou-se do espelho e, durante um bom bocado, olhou para dentro dos seus olhos, perguntando-se o que via. Estava de pé e sentia-se bem. Quem sabe se as três horas de descanso no hospital não teriam sido, precisamente, o que precisava? Saiu devagar da enfermaria, e o vizinho, que o esperava, foi recebê-lo. Mike olhou-o e deu-lhe o braço.

- Obrigado, Senhor... - Mike não sabia o nome dele.

- Por favor, chame-me Hal.

O vizinho estava alegre por ver que Mike se levantara e estava melhor.

- Hal, ficaste comigo durante todo este tempo?

- Não foi nada, senhor...

- Por favor, chama-me Mike.

- Muito bem, Mike. O meu carro está ali fora. Vamos para casa.

Mike reagiu subitamente à palavra "casa", sentindo uma pancada na boca do estômago, que lhe recordou a triste decepção que o sonho lhe causara.

- Ótimo. Hal.

Mike estava sinceramente agradecido. Enquanto Hal foi buscar o carro, tratou dos papéis e saiu, ficando à espera.

No caminho para casa interrogou o vizinho acerca do incidente. Tudo parecia ser tal como se lembrava, excepto as lesões. "Terei imaginado?", perguntou-se. Uma vez chegado a casa, despediu-se do vizinho e voltou a agradecer-lhe pela sua solidariedade. Então, como era habitual, abriu a porta do apartamento, acendeu uma pequena luz, entrou e fechou a porta.

Sentiu-se incomodado com o cheiro e o aspecto, que deveriam ter-lhe parecido familiares, mas, na realidade, não eram. Apesar de haver uma grande desordem para arrumar e uma aparelhagem sonora para reinstalar, o aquário não estava partido, tal como se lembrava. Havia ali algo muito incoerente. Sentia-se como se estivesse a visitar a uma pessoa pobre para a ajudar a limpar o apartamento!

Parou a observar tudo quanto o rodeava... Este lugar não lhe pertencia! Por que criara aquilo? Por que estava tão escuro? Há três horas ainda era a sua casa e, agora, parecia pertencer a um indivíduo proveniente de um mundo completamente diferente. O que estava a acontecer?

Percebeu que a sua consciência não coincidia com a do homem que vivera ali. Inclusivamente, sentia que pensar em dormir naquele lugar era estranho e inapropriado. Foi verificar o caixote onde guardava as coisas. Ali, tal como o tinha deixado, estava o seu cartão de crédito, que nunca pensara utilizar. "Comprar a crédito sai caro. Não preciso de comprar coisas bonitas". Colocou o cartão de crédito na carteira e verificou se tinha dinheiro em notas. Recolheu alguns pertences e artigos de higiene e, finalmente, apagou a luz e saiu do apartamento. Sabia que devia voltar para buscar as suas coisas pessoais e o peixe, mas decidiu avisar imediatamente que iria deixar o apartamento. Depois, foi ao apartamento de Hal e explicou-lhe brevemente o que pensava fazer, para o caso de, mais tarde, a polícia precisar dele para fazer um relatório da ocorrência.

Tomou um táxi para a melhor zona da cidade, onde imediatamente se registou num bom hotel. Suspirou aliviado enquanto apreciava o requintado mobiliário, a brilhante iluminação e a decoração ornamental da zona do vestíbulo. Aquilo era muito melhor. Pela manhã procuraria outro apartamento, depois de conseguir um novo emprego, como merecia.

Enquanto cruzava o vestíbulo em direcção aos elevadores, todos se voltavam para olhar para ele. Tinha uma presença positiva que se impunha e chamava a atenção. Seria alguém especial? Talvez uma estrela de cinema?

Estava a descansar no quarto do hotel, quando começou a questionar-se sobre o que lhe acontecera. Sentia-se maravilhosamente e em paz. Tinha a absoluta certeza que, no dia seguinte, encontraria um bom emprego. E conseguiu-lo-ia num só dia – apesar de estar numa cidade como Los Angeles – porque era muito bom no que fazia. Tinha grandes desejos de conhecer gente e poder dar de si mesmo. Talvez até pudesse iniciar uma grande carreira profissional.

Então aconteceu. Pensou em Shirley, o seu amor perdido, e não sentiu nem dor nem punhalada por ter perdido uma relação tão preciosa. Não se sentiu patético nem teve o impulso de se esconder. Esboçou um sorriso pela pessoa que tinha sido até há pouco tempo. "Caramba! Em que estaria a pensar para me ter

comportado daquela maneira? Ela somente cumprira o seu Contrato. Sou tão responsável como ela por tudo o que aconteceu.” Essa agora! O que estava ele a pensar? Mas era verdade. Então, fez algo que, apenas umas horas antes, o teria mortificado: pegou no telefone e marcou um número, sobejamente conhecido. Tocou uma vez, depois outra, até que uma deliciosa voz feminina se fez ouvir do outro lado da linha:

- Faz favor?
  - Shirley! – Sentia-se eufórico por ouvir aquela voz.
  - Mike? – Shirley não parecia muito contente por ouvir a sua.
  - Espera! Só queria saber se estás bem, e dizer que me sinto verdadeiramente bem com tudo o que se passou connosco.
  - Mike? De verdade, és tu? Pareces mudado.
  - Ouve: só quero que fiquemos amigos, e desejar-te que tenhas uma boa vida. Tu mereces, e penso que és, de facto, uma mulher estupenda.
  - Não podes ser tu quem está a dizer essas coisas!
  - Claro que sou eu.
  - Arranjaste uma namorada nova?
  - Não, Shirley. De verdade, estou a falar a sério. Só liguei para te dizer que estou bem, e que te desejo sorte em tudo o que queiras para o futuro. Tivemos bons momentos, e espero que guardes uma boa recordação de mim.
  - O que te aconteceu?
  - Agora não posso dizer-te; talvez outro dia. Adeus!
  - Isto é uma brincadeira, não é verdade?
- Mike desligou o telefone com uma maravilhosa sensação de serenidade. Tinha encerrado essa parte da sua vida e sentia-se sumamente satisfeito por ter arrumado o assunto. O som da voz de Shirley não lhe provocara quaisquer sentimentos negativos, mas sim a tranquilidade de finalizar uma etapa e a sensação de poder seguir em frente.

Sentia-se estranho. Tudo tinha mudado. Estava a fazer coisas que não eram próprias do anterior Mike. Captava a energia do momento e não se preocupava por estar num hotel, gastando cem dólares por noite. Tinha a absoluta certeza que poderia cobrir os gastos de alojamento com os ganhos do novo emprego... que ainda não tinha. Este não era o mesmo Mike; este era um Mike “actual” que compreendia o significado da auto-estima e o funcionamento universal das coisas. Sentia como se tivesse voltado a nascer, e experimentava todos os sentimentos sãos e firmes do homem que se sente feliz consigo mesmo.

Então, sentiu uns calafrios a percorrer-lhe a coluna e, de certo modo, intuiu o que significavam: foi directamente à porta do quarto e abriu. Ali estava o seu amigo John, com o punho em posição de bater na porta!

- Olá, John! – disse, abraçando o seu amigo.
- Como sabias que estava aqui?
- Intuição, suponho.
- És um tipo difícil de localizar! Soube do roubo da tua casa e vim ver-te assim que acabei o turno de noite. O teu vizinho disse-me que estavas aqui. Estás bem? Como está a tua cabeça? O que se passa com o teu apartamento? Por que estás neste hotel?

Mike levantou as mãos como para parar o questionário, que parecia sair disparado, e sorriu.

- A minha cabeça está bem. Já não encaixo naquela choça onde vivia. E também já não encaixo no emprego que tenho. Ambos sabemos disso.

John estava mudo de assombro. Tivera a esperança de que o amigo, finalmente, decidisse deixar aquele emprego, mas não esperava vir a encontrar-se com alguém que se convertera num super-homem, de um dia para o outro.

- Michael, o que aconteceu? Estás muito mudado!
- Eu sei. Não posso explicar porquê, mas sei que assim é. Sinto-me perfeitamente harmonizado com tudo, tranquilo e cheio de energia em relação à vida.

John absorvia tudo, pelo que quase não falou.

- Queria convidar-te a beber algo fresco, mas acabei de chegar. Queres ir lá abaixo jantar?
- No restaurante?
- Sim. Eu convido.
- Ok! – John olhou intensamente o amigo – Rapaz, como estás mudado!

Os dois homens saíram do quarto e foram ao elegante restaurante, contíguo ao vestíbulo do hotel. Ali, Mike falou de tudo, excepto do sonho. Explicou que terminara em paz com Shirley, que tinha planos para

encontrar um novo emprego e, também, da nova perspectiva que actualmente tinha da vida. Falou com eloquência sobre o facto da verdade sempre ganhar, e de como o perdão e a integridade criam paz em qualquer vida. Agora, ao falar favoravelmente de tudo o que antes criticava, também aceitava as diferenças de opinião. Comentou que um ser humano não tem de aceitar simplesmente tudo o que surge na sua vida e, ainda, que uma pessoa podia criar a sua própria realidade.

John não disse nada. Estava totalmente pasmado. Deixou que o amigo continuasse a conversa durante o jantar – que foi longo e muito agradável – e continuasse a dissertar, enquanto tomavam a sobremesa e, depois, durante o café. Parecia estar a ouvir uma conferência sobre “como sentir-se bem”. Tudo fazia sentido. Finalmente, aproveitando um momento em que o amigo tinha a boca cheia, disse:

- Mike, tiveste uma dessas experiências de quase-morte... ou algo parecido?

John falava a sério. Apenas há um dia, era um homem sem auto-estima, disposto a ficar sem casa, que se sentia desanimado e se comprazia com o seu próprio sofrimento.

- Não, John. Suponho que tive uma experiência de quase-vida!

Ambos riram e, com isso, libertaram a tensão do momento. Apesar de a situação ser cómica, Mike também constatava, na prática, o que experimentara. Ainda não estava preparado para afirmar que a sua visão fora real, mas sentia-se bem com a vida.

John não tinha pressa de se despedir, porque estava a beneficiar da energia que rodeava o amigo, e sabia disso. Inclusivamente, tinha-se convencido da necessidade de também ele encontrar um novo emprego. Mike já lhe transmitira a ideia que ele merecia mais. E ele concordava. Sentia que o entusiasmo do amigo e a sua recém-descoberta personalidade positiva o enchiam de energia. Esta atitude optimista era contagiante. E em relação às suas ideias altruístas? Bom, não estava muito seguro, mas ouvir não fazia mal. Mike levava-o a pensar que era merecedor de muitas coisas boas.

Os dois amigos desejaram-se boas-noites e, de novo, Mike deu um forte abraço ao amigo. Este apercebeu-se que ele nunca fizera isso e, agora, numa só noite, já era a segunda vez. O que acontecera a este homem? Que bom amigo era! Era como se tivesse estado noutra mundo, ou como se ainda lá permanecesse, cheio de paz e amor por toda a Humanidade em geral. Não fazia juízos e estava feliz. Que tipo! Que mudança!

Voltou ao quarto do hotel e sentou-se na cama. Atrever-se-ia a crer, pelo menos durante um minuto, que o sonho da Viagem fora real? Se o tinha sido, por que regressara à Terra? Nada parecia encaixar. Nada parecia ser o que parecia ser. O quê? As coisas não são o que parecem?

Então, começou a sentir uma presença inexplicável, mas familiar. A sua intuição convidava-o a segui-la e o seu corpo falava-lhe. Levantou-se, atravessou o quarto em direcção a uma cadeira e sentou-se. Ali fez algo que lhe pareceu totalmente normal. Fechou os olhos, pousou as mãos e falou cerimoniosamente em voz alta:

- Em nome do Espírito, peço que me seja mostrado o que necessito saber a respeito desta situação. Celebro-a, embora não a compreenda.

Permaneceu em silêncio e manteve os olhos fechados. Então, deu-se uma explosão de luz brilhante. Rapidamente, foi transportado através do portal de dimensionalidade para um lugar preparado para ele, e exclusivamente para ele. Era o lugar sagrado interior onde se dava a comunicação entre Michael Thomas e o Espírito, um lugar onde regressaria frequentemente nas suas meditações. Ali, flutuava no espaço, totalmente consciente de estar novamente num estado de sonho. E se este estado não fosse verdadeiramente um sonho?

- “Não, não é sonho, Michael Thomas.”

Era a voz do Anjo Branco. Atrever-se-ia a abrir os olhos? Não queria retirar-se daquele lugar, pois tinha consciência de se encontrar numa dimensão onde era somente um visitante. Não pretendia ser devolvido abruptamente àquela cadeira, enquanto não estivesse preparado. Continuou a ouvir a voz do enorme Anjo:

- “Este é, simplesmente, um estado de realidade modificada. Qual é a mais real para ti neste momento, Michael?”

- Branco! - exclamou em voz alta.

- “Sim, Michael.”

- É tão bom voltar a ouvir a tua voz!

Mike estava muito emocionado. Quase gritava:

- Não foi um sonho! Eu sabia!

- “Não foi um sonho, Michael.”

- O que aconteceu? Por que não estou no céu? Houve algum erro?

Mike estava muito contente por falar novamente com o seu amigo espiritual!

- “Abre os olhos, Michael. Temos companhia.”

Mike fez o que o lhe pediam e, gradualmente, abriu os olhos. O portal interdimensional permanecia estável e não foi retirado do seu estado meditativo. Encontrava-se a flutuar na posição de lótus, dentro de um espaço de incrível brancura, que lhe recordou o branco lugar onde encontrara o enorme Anjo do Amor. Abaixo, mas à sua volta, havia sete entidades em círculo. Diante dos olhos começavam a formar-se sete agrupamentos nebulosos coloridos. Cada grupo era como uma nuvem ténue que, lentamente, se adensava e ia tomando forma. Sabia o que estava a ocorrer, e o coração saltava de alegria. Abaixo dele, as sete nuvens de tons subtis intensificaram a sua cor e, finalmente, resplandeceram com magnificência, descobrindo as suas brilhantes e autênticas personalidades. Ali estavam Azul, Laranja, Verde, Violeta, Vermelho, Branco e até Dourado! Equilibradamente espaçadas, as pequenas nuvens cresciam pouco a pouco, convertendo-se nas sólidas formas angélicas que conhecera e com as quais estivera, aparentemente, no dia anterior. Alegrou-se muito, pois os seus amigos estavam ali. Foi prudente para não quebrar o vínculo espiritual que continuava a ligá-lo à Humanidade, no quarto do hotel. De novo, estava em dois lugares ao mesmo tempo.

Os sete seres angélicos permaneceram naquele santuário por uns instantes, com as mãos elevadas cerimoniosamente para ele. Mike celebrou com eles. Experimentou um incrível sentimento sagrado que provinha do círculo, e honrou-o guardando silêncio. O primeiro a falar foi o Anjo Dourado:

- Michael Thomas de Propósito Puro, damos-te as boas-vindas.

- E eu a vós – disse, agradecido e tranquilo.

- O que desejas saber, Michael?

O Anjo Dourado quase se ria. Sabia o que Mike sentia e, portanto, que ansiava por compreender o que corraera mal. Por que estava novamente na Terra? Desta vez foi o Anjo Branco quem respondeu à sua pergunta mental.

- Acaso desejas rever o teu pedido original, Michael?

Não sabia a que se referia o Anjo Branco, mas continuou calado enquanto o grande Anjo falava. Como se fosse uma gravação em vídeo, apresentaram-lhe uma reprodução literal de outro ponto no tempo, aquele em que explicara a Branco a sua noção de “Casa”. Escutou a sua voz a dizer:

**“Quero ser amado e estar rodeado de amor. Desejo tranquilidade na minha existência. Não quero preocupações nem dificuldades nas relações com quem me rodeia. Não quero preocupar-me com o dinheiro. Quero sentir-me livre! Estou cansado de estar sozinho! Quero significar algo para os outros seres do Universo. Quero saber por que existo, e cumprir o meu papel: ser uma parte correcta e adequada do plano de Deus. Na verdade, não quero ser o humano que tenho sido. Quero ser como tu!”**

Aquela era a descrição das suas expectativas a respeito de Casa; aquelas tinham sido as suas palavras quando o Anjo Branco lhe pedira para definir “Casa”!

Depois, foi o Anjo Azul quem falou:

- Presta bem atenção à tua vida, Michael Thomas. Tens o mapa intuitivo que te permitirá levar uma existência pacífica, pois compreendes que o Espírito funciona no Agora.

Compreendeu que Azul tinha razão. Não estava preocupado por ter de encontrar trabalho no dia seguinte: tinha o seu mapa, e este ajudá-lo-ia a encontrar o emprego correcto.

Depois, ouviu a voz do Anjo Laranja:

- Os dons e os instrumentos de tua alta vibração no planeta manter-te-ão equilibrado **e fora do drama dos que te rodeiam**, se assim o quiseres. Neste processo, tens o poder de eliminar qualquer coisa negativa que alguma vez tente interpor-se no teu caminho!

Sabia que o Anjo Laranja dizia a verdade. Não se preocupava com nenhum antigo drama da sua vida. O incidente com Shirley desaparecera-lhe da consciência, como se nunca tivesse existido.

De seguida, surgiu a voz do Anjo Verde. Era inconfundível e estava cheia de sentido de humor:

- A tua biologia dar-te-á a liberdade de que necessitas, Michael. Agora estás repleto de sabedoria e conhecimento.

Mike nunca se tinha sentido melhor, e sabia como manter-se em forma. Os ensinamentos do Anjo Verde tinham sido decisivos.

Depois, chegou a vez do Anjo Violeta. A sua doce voz fluiu até aos seus ouvidos:

- Agora, fazes parte do plano de Deus, Michael, com propósito e responsabilidade. Crias a tua própria realidade, e não precisas de voltar a ter um só momento de preocupação. A Família rodeia-te!

Sabia que o Anjo Violeta tinha razão. Certamente criaria o seu próprio futuro sem preocupação, pois sabia que a Família estava ali para apoiar, e que sempre estaria no sítio exacto no momento certo.

A voz do Anjo Vermelho disse, então, o seguinte:

- Nunca voltarás a ser o humano que foste, Michael. O teu propósito mudou para sempre.

Aquelas palavras também estavam certas. Jamais poderia regredir. Já não era o mesmo homem. O seu apartamento pertencia a uma pessoa lamentável, que deixara de existir. Inclusivamente, deveria desfazer-se da roupa. Já não era o mesmo homem.

Depois, voltou a ouvir a voz espectacular do Anjo Branco:

- És uma parte adequada e correcta do plano do Amor, Michael. És amado sem limites e tens a capacidade dar esse mesmo amor a outros seres. Ainda tens de te aperceber do dom que tens diante de ti!

O que significava aquilo? Por que seria que Branco era sempre o único a afirmar algo que gerava uma incógnita?

Por último escutou a voz do Anjo Dourado, ampla, potente, sagrada e doce:

- Queres converter-te num Anjo, Michael? O que aprendeste na minha Morada? Tu és uma maravilhosa parte de Deus, que caminha pelo planeta com uma vibração muito elevada. Um Anjo disfarçado, um dos poucos que o sabem, e um ungido por Deus.

Era certo que pedira para ser como os Anjos, mas jamais lhe ocorreria que, na realidade, já o era.

Subitamente, todos falaram como se fossem um só, manifestando um pensamento aos seus ouvidos:

- Isto é estar em Casa, Michael Thomas. Estás aqui porque o pediste. É o lugar a que pertences e onde podes fazer algo pelo planeta. Cada coisa que pediste está agora no seu lugar. Tu és um Guerreiro da Luz. Tal como Mary, o teu equivalente humano, emites a vibração de Deus. Mataste o gigante, aceitaste o Ser Dourado e tens a sabedoria dos séculos!

Mas aquilo não era tudo, e Michael Thomas sabia-o. Os seres angélicos perderam a sua forma uma vez mais, e sete pequenas nuvens de tom brilhante fundiram-se numa zona vibratória brilhante de luz diamantina. A iridiscência e o fulgor da nuvem eram espectaculares, impossíveis de descrever com palavras. Os Anjos estavam em concílio. Sabia-o intuitivamente. Pouco depois, voltou a escutá-los, como se fossem um só:

- Michael Thomas, vamos dar-te uma nova designação para a entidade que és. Enquanto percorrias o Caminho, eras conhecido como Michael Thomas de Propósito Puro. Hoje, estás aqui como graduado, como uma entidade de alta vibração, não completamente humana nem completamente angélica. Por conseguinte, passarás a ser **Michael Thomas, o Actual**. Isto representa a vibração do Agora, e é um dos atributos mais notáveis que podemos conceder.

Mike pensou que tudo aquilo parecia muito excêntrico, mas sabia que os Anjos honravam muito seriamente a sua nova vibração. A espectacular nuvem diamantina adoptou progressivamente uma forma de diamante, que pareceu elevar-se e envolvê-lo, abarcando, com a sua luz refulgente, todo o espaço em que se encontrava. Estava sendo envolvido pelo Amor, e voltou a sentir-se trespassado pela presença de Deus. Cada uma das células do seu cérebro celebrou e o organismo respondeu com emoção e agradecimento. O Amor impregnou-lhe cada poro do corpo. Depois... apercebeu-se que estava na hora de regressar à cadeira do hotel. Mas os Anjos tinham ainda outra mensagem. Enquanto regressava à cadeira de meditação, as palavras das suas energias colectivas ressoaram nos seus ouvidos:

- Michael, o Actual, és muito amado!

Permaneceu sentado mais um pouco na cadeira, voltando daquela Viagem de compreensão meditativa. Tudo o que experimentara nas Moradas de treino espiritual fora real. Os ensinamentos eram válidos, e o conhecimento e o poder continuavam com ele, enquanto permanecia naquele quarto do hotel em Los Angeles. Aquela ideia estonteava-o, e perguntou quantos mais seres humanos haveria como ele.

Sentia-se exausto. Quase adormeceu no banho, mas, finalmente, conseguiu chegar à cama. Estava demasiado cansado para pensar no que estaria por vir. Tinha que dormir... e dormiu muito bem.

No dia seguinte, estava pronto para enfrentar a vida. Foi até à varanda e contemplou a zona. Não havia limites para o que poderia fazer. Iria, verdadeiramente, modificar as coisas à sua volta, onde quer que fosse. Sabia que o futuro lhe reservara muitos potenciais. Havia muito para fazer e para aprender, especialmente

**como integrar a sua nova vibração estando rodeado pela velha vibração dos outros Humanos.** Não estava preocupado. Trazia, na alma, o amor e a inteligência da sabedoria dos séculos. O seu Anjo interior se encarregaria disso, pelo que saberia sempre o que fazer em cada situação.

Encontrar um novo emprego foi mais fácil do que imaginara. As grandes empresas sempre precisam de bons vendedores com integridade, e ele expressava bem quem era, com cada palavra e cada atitude. Comprou um novo guarda-roupa e propusera-se metas ambiciosas. Entrou na maior empresa a que os seus conhecimentos técnicos poderiam interessar, passando por um cartaz que dizia: "Precisamos de colaboradores". Conseguiu o emprego em questão de minutos e abandonou o edifício desejoso de realizar outra cerimónia para celebrar a possibilidade que os Humanos têm de criar sua própria realidade.

Preocupava-se com tudo o que havia de novo em si. O facto de o lugar onde se encontrava a cada minuto ser a Casa começava finalmente a fazer parte da sua consciência. O novo emprego estava assegurado e começava a procurar um lugar onde viver. Na manhã do terceiro dia, no duche, houve uma ideia que, de súbito, se tornou muito clara. O que é que o Anjo Branco assegurara que ele não entendera?

"Michael, ainda tens de compreender o dom que está diante de ti".

Os olhos encheram-se-lhe então de lágrimas de compreensão. Era o dom maior de todos. Só poderia tê-lo recebido como ser humano, e não se apercebera dele durante todos os acontecimentos espectaculares dos últimos dias. Mas era transcendental nas suas implicações. Ainda na casa de banho, ajoelhou-se e deu graças pela verdade daquela revelação. Estremeceu perante o seu potencial, e procurou na memória a informação de que necessitava. O seu coração batia com força, enquanto pensava em tudo o que aquilo significava.

\* \* \*

Deixemos Michael Thomas neste ponto da história. Há algo que ele vai ter de procurar. Graças aos seus novos dons e ferramentas, sabe que não está completo. O seu mapa irá guiá-lo na direcção certa e a Espada interior da Verdade será a sua luz na escuridão, uma frequência cardíaca vibratória que fará ressoar a nota Fá e cantará a sua alegria no momento certo. Mike formou uma imagem nítida na Morada do Anjo Branco, que está gravada nas células mais ternas do coração e da mente. Nada poderá impedir Michael, o Actual de encontrar a dádiva sagrada, que o espera no mar de humanidade que o rodeia. O seu sorriso é o maior sorriso que qualquer ser humano pode dar perante a absoluta certeza que a sua busca culminará com êxito: a única coisa que tem de fazer é **iniciá-la!**

Apercebeu-se que lhe tinham dado a dádiva de uma segunda oportunidade de encontrar algo precioso: o amor da sua vida, um Contrato tão poderoso que seria como um íman para ambos, impossibilitando-os de continuarem a ter existências separadas no mesmo planeta.

Mike anda à procura de uma mulher loira, com pele como marfim e olhos como esmeraldas. Não sabe o nome que ela tem na Terra, mas isso não importa. A energia de Anolee será como um farol na escuridão da sua alma. Pensou nos filhos que ainda não tinham nascido, e isso potenciou a sua resolução de encontrar essa flor da sua vida.

Havia no ar uma electricidade que chispava com a energia do propósito espiritual e do amor, pronta para se realizar e permanecer preciosa. O odor da vitória era aromático. A única rosa planeada para a sua vida estava prestes de ser encontrada, admirada e amada pela sua beleza. A sua fragrância seria apreciada durante toda uma vida - conservada e adorada pela sua formosura perfeita e pela sua elegância natural.

Ela já andava por aí, em algum lugar, e ele iria encontrá-la.

Os Anjos sorriam e sabiam que conseguiria o seu objectivo.

Michael Thomas encontrava-se realmente em Casa.

## Epílogo

Nas páginas desta história de Michael Thomas e dos sete Anjos, estão ocultas muitas metáforas e verdades espirituais da Nova Era. Desde o número de capítulos até à numerologia dos nomes espirituais, há muitas mais lições a aprender, para quem as deseje encontrar.

As cores também têm energias conhecidas, e podem ajudar a compreender melhor a mensagem que aqui se apresenta - que é muito mais do que o texto leva a crer.

Seguidamente, apresentamos algumas perguntas que talvez seja divertido formular num grupo de estudo:

1 - Qual era a verdadeira mensagem por detrás do estranho mapa que deram a Michael Thomas na Morada Azul? Como é que você poderia aplicá-la na sua vida quotidiana?

2 - Qual o significado da comida que apodreceu durante o caminho? Qual é o "alimento do Espírito" e por que não pode existir fora do prato em que é servida?

3- Porque é que nenhum dos Anjos discutiu com Michael nem o obrigou a seguir instruções quando o viam dirigir-se para situações que lhe iriam trazer problemas?

4 - Qual a verdadeira lição por detrás do "nós" da nossa biologia?

5 - Será que o aumento vibratório de um ser humano representa realmente um desafio? Onde é que já se falou disto?

6 - Porque é que as armas da velha energia de Michael Thomas eram necessárias num território espiritual? Porque é que os Anjos lhe chamaram Guerreiro da Luz? Não será este um conceito da velha energia?

7 - Quem era na realidade Aquilo? O que é o lado obscuro?

Tenho de confessar uma coisa: o verdadeiro atributo metafísico representado por esta história nunca é mencionado neste livro. É uma palavra que não aparece no texto. Sabem qual é?

Enquanto fecha este livro, pergunte-se: Estarei eu em Casa, como Michael Thomas?

O meu grande desejo é que cada um de vocês encontre esse lugar.

Lee Carroll

P.S - Este livro foi escrito em vários quartos de hotéis dos Estados Unidos e do Canadá. Os meus agradecimentos às energias de Chicago; Washington D.C.; Mesa, Arizona; Houston; Gainesville e Orlando, Florida; Indianápolis; Montreal; Milwaukee; Seattle; Atlanta; Tucson e Kansas City e a todos os outros Estados sobre os quais voei, enquanto escrevia no meu fiel computador portátil, no avião.



## Índice

Introdução - 3

1 - Michael Thomas - 3

2 - A Visão - 7

3 - A Preparação - 12

4 - A Primeira Morada - 16

5 - A Segunda Morada - 23

6 - A Grande Tempestade - 32

7 - A Terceira Morada - 37

8 - A Quarta Morada - 51

9 - A Quinta Morada - 65

10 - A Sexta Morada - 76

11 - A Sétima Morada - 91

12 - Transpondo a Porta de Casa - 108

Epílogo - 115